

Parte III do Volume I (“A Doutrina Secreta”)

Adendos ao Volume I A Ciência e a Doutrina Secreta Comparadas

“O conhecimento deste mundo inferior,
 Diga, amigo, o que é ele, verdadeiro ou falso?
 Se falso - que mortal se interessa por conhecê-lo?
 Se verdadeiro - qual mortal o conheceu jamais?” ¹

Conteúdo

1. Razões Para Estes Adendos	499
2. Os Físicos Modernos Estão Jogando o Jogo da Cabra-Cega.....	504
3. “An Luman Sit Corpus, Nec Non”	506
4. A Gravitação é uma Lei?	512
5. As Teorias Científicas da Rotação	521
6. As Máscaras da Ciência	528
7. Um Cientista Ataca a Teoria Científica da Força	543
8. Vida, Força, ou Gravidade?	549
9. A Teoria Solar	560
10. A Próxima Força	574

¹ Palavras de Said bin Salim citadas por Richard F. Burton em seu livro “Zanzibar; City, Island and Coast”, Londres, Reino Unido, Tinsley Brothers, 1872, volume I, p. 481. (Nota do Tradutor)

11. Sobre os Elementos e os Átomos	587
12. Pensamento Antigo em Roupagem Moderna	598
13. A Teoria Nebular Moderna	607
14. Forças - Modos de Movimento ou Inteligências?.....	619
15. Deuses, Mônadas e Átomos	627
16. A Evolução Cíclica e o Carma,.....	649
17. O Zodíaco e a Sua Antiguidade	661
18. Resumo das Posições Mútuas.....	680

Parte III do Volume I ("A Doutrina Secreta")

Adendos ao Volume I A Ciência e a Doutrina Secreta Comparadas

1. Razões para Estes Adendos [\(Volte para o Sumário\)](#)

Quando muitas das doutrinas contidas nas Sete Estâncias e nos Comentários vistos acima foram examinadas criticamente por alguns teosofistas ocidentais, certos ensinamentos ocultos, presentes nelas, pareceram estar incompletos desde o ponto de vista convencional do conhecimento científico moderno. Parecia haver dificuldades insuperáveis para a aceitação destas doutrinas, e aparentemente elas deviam ser reexaminadas à luz das críticas científicas. Alguns amigos tiveram a tentação de lamentar a necessidade de questionar com tanta frequência as afirmações da Ciência moderna. Parecia a eles - e aqui eu apenas repito os seus argumentos - que "entrar em choque com os ensinamentos dos expoentes mais destacados da ciência seria provocar um desconforto prematuro aos olhos do Mundo Ocidental."

É desejável, portanto, definir de uma vez por todas a posição que a autora - que neste ponto não concorda com seus amigos - pretende manter. Enquanto a ciência permanecer sendo aquilo que ela é, segundo as palavras do professor Huxley, isto é, "sentido comum organizado"; e na medida em que as suas deduções tenham como base premissas corretas, e as suas generalizações descansem sobre uma base puramente indutiva, todo Teosofista e Ocultista dará respeitosamente, com sincera admiração, as boas-vindas às contribuições da ciência ao domínio da lei cosmológica. Não há possibilidade de conflito entre os ensinamentos da Ciência oculta e da assim-chamada Ciência exata, enquanto as conclusões desta última tiverem como base um substrato de fatos inquestionáveis. É só quando os seus expoentes mais fervorosos, ultrapassando o

limite dos fenômenos observados para penetrar nos segredos da Existência, tentam afastar a formação do Cosmos e das suas forças *vivas* para longe do Espírito, atribuindo todas as coisas à matéria cega, que os Ocultistas reivindicam o direito de discutir e questionar as teorias deles.² Devido à própria natureza das coisas, a ciência não pode desvelar o mistério do universo ao nosso redor. É verdade que a ciência pode coletar, classificar fenômenos e fazer generalizações sobre eles; mas o ocultista, argumentando a partir de dados metafísicos aceitos, declara que o explorador audacioso, capaz de conhecer os segredos mais internos da Natureza, deve transcender as limitações estreitas dos sentidos e transferir a sua consciência até a região dos númenos³ e até a esfera das causas primordiais. Para realizar isso, ele deve desenvolver faculdades que estão absolutamente adormecidas - exceto em alguns poucos casos raros e excepcionais - na constituição das ramificações da nossa atual Quinta raça-Raiz na Europa e na América. Ele não tem outra maneira de coletar os fatos que possam servir de base para as suas especulações. Isso não é claro a partir dos princípios tanto da Lógica Indutiva como da Metafísica?

De outro lado, seja o que for que a autora faça, ela nunca será capaz de satisfazer ao mesmo tempo a Verdade e a Ciência. Oferecer ao leitor uma versão sistemática e ininterrupta das Estâncias Arcaicas seria impossível. Uma lacuna de 43 versos ou *Slokas* precisa ser colocada entre a sétima Estância (já dada) e a estância de número 51, que é o tema do volume II, embora no segundo volume as estâncias sejam numeradas a partir do número 1, para facilitar a leitura e as referências. Só a aparição do homem na Terra ocupa um igual número de estâncias, que descrevem minuciosamente a sua evolução primordial a partir dos Dhyan Chohans humanos; o estado do globo naquele tempo, etc., etc. Um grande número de termos que se referem a substâncias químicas e outros compostos, os quais agora deixaram de combinar-se e são portanto desconhecidos das ramificações mais recentes da nossa Quinta Raça, ocupam um espaço considerável. Como eles são simplesmente intraduzíveis, e permaneceriam inexplicáveis de qualquer modo, são omitidos, assim como aqueles que não podem tornar-se públicos. No entanto, mesmo o pouco que é revelado irá irritar qualquer seguidor da Ciência dogmática materialista que por acaso o leia.

² Aqui cabe mencionar algumas implicações práticas de pensar que “a evolução universal obedece a impulsos cegos de uma matéria que nada enxerga”, isto é, de uma matéria *destituída de espírito*. Se o universo for, de fato, regido por forças meramente materiais, então a ciência “exata” não precisa de ética, e pode estar livremente a serviço da busca de dinheiro e do poder pessoal, sem perder a sua eficiência. Porém, se a verdade sobre o universo for inseparável do Espírito, e se for um fato que a Verdade jamais se afasta da Ética e da Alma Espiritual, então a ciência que não tem ética, nem alma, nem espírito, a ciência que se distancia da Verdade moral, perde também contato com a realidade, no seu sentido amplo, e leva a sociedade humana a desastres inenarráveis. Exemplos disso são a produção de armas nucleares, de armas biológicas, de armas sofisticadas em geral, e a produção de meios eletrônicos de controle mental de multidões ao redor do mundo, entre outros desdobramentos do problema da prostituição moral da ciência moderna. Na mesma linha, infelizmente, existem pseudoteosofistas gravemente desinformados, para quem o caminho espiritual não precisa ter como base a ética e o altruísmo. É oportuno resgatar o princípio universal básico segundo o qual a verdade (assim como a verdadeira ciência) é inseparável da honestidade e da boa vontade. (Nota do Tradutor)

³ Númeno: o objeto em si, independentemente da percepção que alguém possa ter dele. (Nota do Tradutor)

Antes de avançar para outras Estâncias, devemos, portanto, defender aquelas que já foram dadas. Elas não estão em perfeito acordo e harmonia com a Ciência moderna - isto todos nós sabemos. No entanto, ainda que elas estivessem tão em harmonia com os pontos de vista do conhecimento moderno quanto uma palestra do Sir W. Thomson, elas seriam rejeitadas de igual modo. Porque elas ensinam a crer em Poderes e Entidades Espirituais conscientes; em Forças terrestres semi-inteligentes, e Forças altamente intelectuais em outros planos ⁴; e em outros Seres que vivem ao nosso redor em esferas imperceptíveis, tanto para o telescópio como para o microscópio. Daí a necessidade de examinar as crenças da Ciência materialista: de comparar os seus pontos de vista sobre os “Elementos” com as opiniões dos antigos, e de analisar as Forças físicas tal como elas existem na percepção moderna, antes de os Ocultistas admitirem que estão errados. Nós abordaremos a constituição do Sol e dos planetas, e as características ocultas dos que são chamados de *Devas* e *Gênios*, e agora são denominados pela ciência como Forças, ou “modos de movimento”, e veremos se a crença esotérica é defensável ou não. (Veja mais adiante “*Deuses, Mônadas e Átomos*”). Apesar dos esforços feitos no sentido contrário, uma mente não-preconceituosa descobrirá sob o “agente, material ou imaterial” de Newton (da sua terceira carta para Bentley) o agente que *causa a gravidade*, e, no seu Deus pessoal *operativo*, descobrirá a mesma quantidade de *devas* e *gênios* metafísicos que no *angelus rector* que conduz cada planeta, segundo Kepler, e a *species immateriata* ⁵ pela qual os corpos celestes eram carregados ao longo das suas trajetórias, segundo aquele astrônomo.

No volume II, nós teremos que examinar abertamente temas perigosos. Precisamos enfrentar corajosamente a Ciência e declarar diante do saber materialista, do Idealismo, do Hylo-Idealismo, do Positivismo e da moderna Psicologia que nega-tudo, que o verdadeiro Ocultista acredita nos “Senhores da Luz”, que ele acredita em um Sol que, longe de ser simplesmente “uma lâmpada do dia” movimentando-se de acordo com a lei física, e longe de ser apenas um daqueles Sóis que de acordo com Richter “..... são girassóis de uma luz mais elevada” - é, como bilhões de outros Sóis, a moradia ou o veículo de um deus, e de uma hoste de deuses. ⁶

Nesta questão, naturalmente, são os Ocultistas que saem prejudicados. Eles serão vistos no aspecto superficial da discussão como ignorantes, e serão rotulados com mais de um

⁴ Naturalmente, a sua atividade intelectual tem uma natureza completamente diferente de qualquer atividade intelectual que possamos conceber na Terra. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁵ Entre as traduções possíveis da expressão “*species immateriata*” estão “emanação imaterial” e “forma imaterial”. Ver o ensaio “Was Kepler’s *Species Imateriata* Substantial?”, de Sheila J. Rabin, em “Journal of the History of Astronomy”, vol. 36, No. 122, pp. 49-56 (2005). (Nota do Tradutor)

⁶ “Deus é a Luz”, afirma em 1895 o filósofo brasileiro Farias Brito. Em outro trecho ele diz: “A vida da humanidade é um esforço constante, uma ascensão gradativa para a verdade e a luz”. Farias Brito examina a relação direta entre Luz e Mundo Divino no capítulo XIX do volume primeiro da sua obra “Finalidade do Mundo”, cujo subtítulo geral é “Estudos de Filosofia e Teleologia Naturalista”. O primeiro volume é dedicado ao tema “A Filosofia Como Atividade Permanente do Espírito”. Na edição fac-similar do primeiro volume, publicada pelo Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957, 347 pp., ver, especialmente pp. 317, 318, e seguintes. Na edição do [Senado Federal do Brasil](#), que temos disponível nos [websites da Loja Independente](#), veja-se a página 238 e seguintes, mais especialmente as pp. 239 (“a vida da humanidade é um esforço constante...”) e 241 (“Deus é a Luz”). (Nota do Tradutor)

dos adjetivos usualmente lançados contra aqueles a quem o público, julgando pelas aparências, e ele próprio ignorando as grandes verdades que estão na base da natureza, acusa de acreditar em superstições medievais. Que assim seja. Os Ocultistas, submetendo-se antecipadamente a todo tipo de crítica para avançar com suas tarefas, pedem apenas o privilégio de mostrar que os físicos estão tanto em contradição com eles mesmos, em suas especulações, quanto as suas especulações estão em contradição com os ensinamentos do Ocultismo.

O Sol é matéria, e o Sol é Espírito. Nossos ancestrais, os “pagãos”, junto com os seus sucessores modernos, os parsis, eram, e são, suficientemente sábios para ver no Sol o símbolo da Divindade, e ao mesmo tempo para sentir internamente, oculto pelo Símbolo físico, o brilhante Deus da Luz Espiritual e terrestre. Esta crença é agora vista como uma superstição apenas pelo materialismo mais ostensivo, que nega Divindade, Espírito, Alma, e não admite inteligência alguma fora da mente humana. Mas, se é verdade que um excesso de superstições erradas geradas pelo “igrejismo”⁷ - como diz Lawrence Oliphant - “transforma um homem num idiota”, por outro lado, um excesso de ceticismo torna-o doido. Preferimos ser vistos como tolos, que acreditam demasiado, do que como loucos que negam tudo, como fazem o Materialismo e o Idealismo.⁸ Portanto, os Ocultistas estão totalmente preparados para o que lhes cabe receber da parte do Materialismo, e para enfrentar as críticas adversas que serão lançadas contra esta autora, não por escrever a presente obra, *mas por acreditar no seu conteúdo*.

Assim, as descobertas, as hipóteses, e as inevitáveis objeções que serão feitas pelos críticos científicos devem ser antecipadas e rebatidas. Também é preciso mostrar até que ponto os ensinamentos ocultos se afastam da real ciência, e quais são as teorias mais corretas logicamente e filosoficamente, as antigas ou as modernas. A unidade e as relações mútuas de todas as partes do Universo eram do conhecimento dos antigos, antes de serem evidentes para os astrônomos e filósofos modernos. E se mesmo as porções externas e visíveis do universo e as suas relações mútuas não podem ser explicadas em quaisquer outros termos além dos termos dos seguidores da teoria mecânica do Universo na ciência física, a conclusão é que nenhum materialista, que nega a existência da Alma do Cosmos (a qual pertence à filosofia metafísica), tem o direito de atravessar o seu limite e ingressar no domínio da metafísica. O fato de que a ciência física está tentando invadir, e realmente está invadindo aquele terreno, é apenas mais uma prova de que “vale o poder do mais forte”, e o resto não é levado em conta.

Outra boa razão para estes Adendos é a seguinte. Já que apenas uma certa porção dos ensinamentos Secretos pode ser dada na era atual, se eles fossem publicados sem quaisquer explicações ou comentários, as doutrinas nunca seriam compreendidas nem pelos teosofistas. Portanto estes ensinamentos devem ser comparados com as especulações da ciência moderna. Axiomas arcaicos devem ser colocados ao lado das hipóteses modernas, e a comparação ficará a cargo do leitor sagaz.

⁷ Igrejismo - “Churchianity” no original em inglês: uma mistura irônica das palavras “church”, igreja, e “christianity”, cristianismo, para significar *o cristianismo distorcido pela burocracia sacerdotal*. (Nota do Tradutor)

⁸ Nem todo idealismo filosófico “nega tudo”, mas há setores do pensamento idealista que negam a realidade do mundo objetivo. (Nota do Tradutor)

Sobre a questão dos “Sete Governantes”, como Hermes chama os “Sete Construtores”, os Espíritos que guiam as operações da natureza, cujos átomos animados são as sombras, no seu mundo, dos seus Primordiais nos reinos astrais - esta obra terá contra si, naturalmente, além dos cientistas, os materialistas todos. Mas esta oposição pode ser, no máximo, apenas temporária. As pessoas têm rido de tudo e desprezado toda ideia impopular, no início, mais tarde acabando por aceitá-la. O materialismo e o ceticismo são males que devem permanecer no mundo enquanto o homem não tiver abandonado a sua forma externa grosseira atual para usar a forma que tinha na primeira raça e na segunda raça desta Ronda. A menos que o ceticismo e a nossa ignorância natural do tempo presente sejam compensados pela intuição e por uma espiritualidade natural, todos os seres afligidos por tais sentimentos não verão em si mesmos mais do que um pacote de carne, ossos, e músculos, com um sótão vazio dentro dele que serve para guardar as suas sensações e sentimentos. Sir Humphry Davy foi um grande cientista, tão profundamente versado em Física quanto qualquer teórico do nosso tempo; no entanto ele sentia repugnância pelo materialismo. “Escutei com desagrado”, diz ele, “nas salas de dissecação, o plano do fisiologista, da gradual secreção da matéria até adquirir irritabilidade, e o seu amadurecimento para nascer a sensibilidade, e adquirindo os órgãos necessários pelas suas próprias forças inerentes, e afinal surgindo para a existência intelectual.” No entanto, os fisiologistas não são os principais culpados pelo erro de falar apenas do que eles podem ver, fazendo suas estimativas com base nos seus sentidos físicos. Os astrônomos e físicos são, segundo nós consideramos, muito mais ilógicos em seus pontos de vista materialistas do que mesmo os fisiologistas, e isso deve ser comprovado. A

“Luz Etérea, a primeira das coisas, a quintessência pura”

de Milton se transformou entre os materialistas apenas na

..... “fonte primordial de alegria, a luz, o primeiro e o principal de todos os seres materiais”.

Para os ocultistas, ela é tanto Espírito como Matéria. Por trás do “modo de movimento”, hoje visto como “propriedade da matéria” e nada mais, eles percebem o númeno radiante. Ele é o “Espírito da Luz”, o primogênito do Elemento Eterno puro, cuja energia (ou emanção) é estocada no Sol, a grande Fonte-de-Vida do mundo físico, assim como o Sol Espiritual Escondido e oculto é a Fonte-de-Luz e a Fonte-de-Vida do Reino Espiritual e do Reino Psíquico. Bacon foi um dos primeiros a fazer soar a nota-chave do materialismo, não só pelo seu método indutivo (renovado a partir de um Aristóteles mal digerido), mas pelo conteúdo geral dos seus escritos. Ele inverte a ordem da Evolução mental ao dizer que “a primeira Criação de Deus foi a luz do sentido; a última foi a luz da razão; e o seu trabalho no Sabbath, desde então, é a iluminação do Espírito.” Ocorre exatamente o contrário. A luz do espírito é o eterno Sabbath do místico ou ocultista, e o ocultista dá pouca atenção à luz do mero sentido. O verdadeiro significado da frase alegórica “*Fiat Lux*” - quando interpretado esotericamente - é “Que existam os *Filhos da Luz*”, ou os númenos de todos os fenômenos. Assim, os católicos romanos interpretam corretamente a passagem como referindo-se a Anjos, e erradamente como significando Poderes criados por um Deus antropomórfico, que eles personificam como o Jeová, o qual está sempre lançando castigos e trovões.

Estes seres são os “Filhos da Luz”, porque emanam do infinito Oceano de Luz, e são autogerados naquele Oceano, um de cujos polos é o puro *Espírito* perdido no aspecto absoluto do Não-Ser, e o outro, a *matéria* na qual ele se condensa, cristalizando-se numa estrutura que se torna gradualmente mais densa, na medida em que ele desce para a manifestação. Portanto, embora a matéria, desde um ponto de vista, seja feita apenas de resíduos ilusórios daquela Luz cujos órgãos são as Forças Criativas, ela contém em si no entanto a completa presença da Alma daquele Princípio que nenhum ser - nem mesmo os “Filhos da Luz”, que surgiram da ABSOLUTA ESCURIDÃO - jamais conhecerá. A ideia é expressada de modo tão belo como verdadeiro por Milton que saúda a Luz sagrada, que é

“..... Filha primogênita do Céu
E do raio de luz eterno coeterno;
..... Porque Deus é Luz
E nunca viveu desde a Eternidade exceto na Luz
Que jamais foi abordada; viveu portanto em Ti,
Emanação brilhante, cuja clara essência não foi criada jamais.” ⁹

2. Os Físicos Modernos Estão Jogando o Jogo da Cabra-Cega [\(Volte para o Sumário\)](#)

E agora o Ocultismo coloca perante a Ciência a seguinte pergunta: “A luz é um corpo, ou não é?” Seja qual for a resposta da Ciência, o Ocultismo está preparado para mostrar que, até hoje, os principais físicos não conhecem nem uma coisa nem outra. Para saber o que é a luz, e se ela é de fato uma substância ou apenas uma ondulação do “meio etéreo”, a Ciência tem primeiro de perceber o que são na realidade Matéria, Átomo, Éter, e Força. No entanto a verdade é que *a Ciência não sabe nada sobre qualquer um destes itens*, e o admite. A ciência nem sequer chegou a um acordo sobre o que ela deve acreditar, pois dezenas de hipóteses emanando de vários cientistas muito eminentes, sobre o mesmo tema, são mutuamente antagônicas e com frequência contradizem a si mesmas. Assim, as suas eruditas especulações, se houver extrema boa vontade, podem ser aceitas como “hipóteses de trabalho” num sentido secundário, como afirma Stallo. Mas como são radicalmente incoerentes entre si, elas devem finalmente terminar por destruírem-se mutuamente. Conforme declarou o autor de “Concepts of Modern Physics” ¹⁰:

⁹ No original em inglês: “..... Offspring of Heaven, first-born, // And of th’ Eternal co-eternal beam; // Since God is light, // And never but in unapproached Light // Dwelt from Eternity, dwelt then in thee // Bright effluence, of bright essence increate.” (Nota do Tradutor)

¹⁰ O título completo da obra é “The Concepts and Theories of Modern Physics”, e o nome todo do autor é Johann Bernhard Stallo. Em 2023 o livro estava à venda pela Harvard University Press. (Nota do Tradutor)

“Não devemos esquecer que os vários departamentos da ciência são simplesmente *divisões arbitrárias do trabalho*. Nestes vários departamentos o mesmo objeto físico pode ser observado sob diferentes aspectos. O físico pode estudar as suas relações moleculares, enquanto o químico determina a sua constituição atômica. Mas quando ambos lidam com o mesmo elemento ou agente, este não pode ter um conjunto de propriedades em física, e um outro conjunto, contraditório ao primeiro, em química. Se o físico e o químico adotam igualmente a ideia da existência de átomos primordiais absolutamente invariáveis em volume e peso, *o átomo não pode ser um cubo ou um esferoide oblato em Física, e uma esfera em Química. Um grupo de átomos constantes não pode ser um agregado de massas contínuas e absolutamente inertes e impenetráveis em um cadinho ou uma retorta, e um sistema de meros centros de força como parte de um ímã ou uma pilha de Clamond. O Éter Universal não pode ser plástico e flexível para agradar o químico, e rígido-elástico para satisfazer o físico; não pode ser contínuo para obedecer à ordem de Sir William Thomson, e descontínuo para seguir a sugestão de Cauchy ou Fresnel.*” ¹¹

De modo semelhante, o eminente físico G. A. Hirn pode ser citado porque diz o mesmo no volume 43 das *Mémoires de l'Académie Royale de Belgique*, que nós traduzimos do francês, segundo o indicado: “Quando nós vemos a segurança com que são hoje afirmadas doutrinas que atribuem o caráter coletivo e universal dos fenômenos apenas ao movimento dos átomos, temos o direito de esperar que haja do mesmo modo unanimidade em relação às qualidades descritas deste ser único, base de tudo o que existe. No entanto, desde o primeiro exame dos sistemas específicos propostos, sentimos a mais estranha das decepções; percebemos que o átomo do químico, o átomo do físico, o átomo do metafísico, e o átomo do matemático não têm *absolutamente nada em comum, exceto o nome!* O resultado inevitável é a subdivisão existente das nossas ciências, cada uma das quais, no seu pequeno mundo, constrói um átomo que satisfaça as necessidades dos fenômenos que ela estuda, sem preocupar-se nem um pouco com as exigências próprias dos fenômenos do pequeno mundo situado ao lado. O metafísico bane os princípios da atração e da repulsão como se fossem sonhos; o matemático, que analisa as leis da elasticidade e as leis da propagação da luz, admite-as implicitamente, sem nem sequer dar nome a elas O químico não pode explicar o agrupamento dos átomos, nas moléculas frequentemente complicadas dele, sem atribuir aos seus átomos qualidades específicas que as distinguem; *para o físico e o metafísico, partidários das doutrinas modernas, o átomo é, ao contrário, sempre e por toda parte o mesmo.* O que estou querendo dizer? NÃO HÁ ACORDO NEM SEQUER NA MESMA CIÊNCIA EM RELAÇÃO ÀS PROPRIEDADES DO ÁTOMO. Cada um constrói um átomo que seja adequado à sua própria fantasia, para explicar algum fenômeno especial no qual tem um particular interesse.” ¹²

Temos acima a imagem fotograficamente correta da ciência e da Física modernas. “O pré-requisito daquela dinâmica incessante da ‘imaginação científica’”, que encontramos com tanta frequência nos eloquentes discursos do professor Tyndall, é algo realmente *vívido*, conforme foi demonstrado por Stallo, e em termos de variedade contraditória, deixa muito para trás quaisquer “fantasias” de ocultismo. Seja como for, se as teorias

¹¹ “Concepts of Modern Physics”, pp. xi-xii, Introdução à segunda edição. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹² “*Recherches expérimentales sur la relation qui existe entre la résistance de l'air et sa température*”, p. 68. (Nota de H. P. Blavatsky)

físicas são confessadamente “apenas mecanismos formais, explicativos, didáticos”, e se “o atomismo é apenas um sistema gráfico simbólico” ¹³, então o ocultista dificilmente poderá ser visto como alguém que exagera, quando ele coloca, ao lado destes *mecanismos* e “sistemas simbólicos” da ciência moderna, os símbolos e mecanismos dos ensinamentos Arcaicos.

3. “An Lumen Sit Corpus, Nec Non?” ¹⁴

(Volte para o Sumário)

Decididamente, a luz não é um corpo, afirma-se. As Ciências Físicas dizem que a Luz é uma Força, uma vibração, a ondulação do éter. É uma propriedade ou qualidade da matéria, ou mesmo uma tendência dela - nunca *um corpo*!

Exatamente. Esta descoberta, o conhecimento - seja qual for a sua importância - de que a luz ou o calor não é um movimento de *partículas materiais*, é algo que a ciência deve, principalmente, se não de modo exclusivo, a Sir W. Grove. Foi ele o primeiro a mostrar, em uma palestra na Instituição de Londres, em 1842, que “a luz, o calor, etc., etc. ¹⁵ são *tendências* da própria matéria, e não um fluido distinto, etéreo, ‘imponderável’ (um estado da matéria, *agora*) que a permeia.” (Ver “*Correlation of the Physical Forces*”, *Preface*.) No entanto, talvez, para alguns físicos - como para Oersted, um cientista muito eminente - FORÇA e FORÇAS eram tacitamente “Espírito (*e portanto Espíritos*) *na Natureza*.” O que vários cientistas de algum modo místicos ensinaram é que a luz, o calor, o magnetismo, a eletricidade e a gravidade, etc., não eram as *causas* finais dos fenômenos visíveis, incluindo a movimentação planetária, mas eram, eles mesmos, *efeitos Secundários de outras Causas*, às quais a ciência dos dias atuais dá muito pouca atenção, mas nas quais o Ocultismo acredita, porque os Ocultistas mostraram provas da

¹³ Da crítica a “Concepts of Modern Physics”, em *Nature*. Ver a obra de Stallo, p. XVI, *Introduction*. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴ “É A LUZ UM CORPO, OU NÃO?” (Nota do Tradutor)

¹⁵ O sr. Robert Ward, ao discutir as questões de Calor e Luz no *Journal of Science* de Novembro de 1881, mostra como a ciência está completamente desinformada em relação a um dos fatos mais comuns da Natureza - o calor do Sol. Ele diz: “A questão da temperatura do Sol tem sido assunto de investigação por parte de muitos cientistas: Newton, um dos primeiros investigadores deste problema, tentou determiná-la, e depois dele todos os cientistas que se dedicaram à calorimetria seguiram o seu exemplo. *Todos se consideraram exitosos*, e formularam os seus resultados com grande confiança. Na ordem cronológica da publicação dos resultados, estas são as temperaturas (em graus centígrados) descobertas por cada um deles: Newton, 1.699.300 graus; Pouillet, 1.461 graus; Tollner, 102.200 graus; Secchi, 5.344.840 graus; Ericsson, 2.726.700 graus; Fizeau, 7.500 graus; Waterston, 9.000.000 graus; Spoëren, 27.000 graus; Deville, 9.500 graus; Soret, 5.801.846 graus; Vicaire, 1.500 graus; Rosetti, 20.000 graus. Os resultados oscilam de 1.400 graus a 9.000.000 graus, ou seja, uma diferença de 8.998.600 graus! Provavelmente não existe na ciência uma contradição mais assombrosa do que a revelada nestes números. E no entanto, sem dúvida, se um *Ocultista* fosse divulgar a sua estimativa, cada um daqueles cavalheiros protestaria veementemente, em nome da ciência ‘EXATA’, contra a rejeição do seu resultado particular.” (De “*The Theosophist*”). (Nota de H. P. Blavatsky)

validade das suas afirmações em todas as épocas. E em que época não houve *Ocultistas* nem ADEPTOS?

Sir Isaac Newton defendeu a teoria corpuscular dos pitagóricos, e também estava inclinado a admitir as suas consequências, o que fez com que o conde de Maistre tivesse esperanças, em certa ocasião, de que Newton em última instância levasse a ciência a reconhecer outra vez o fato de que as *Forças* e os corpos Celestes *eram impulsionados e guiados por Inteligências* (*Soirées*, vol. II). Mas Maistre não levou em conta o processo coletivo. Os pensamentos e as ideias de Newton que tinham mais profundidade foram distorcidos, e do seu grande conhecimento matemático só a casca exterior foi levada em conta. Se o pobre Sir Isaac tivesse previsto o uso que os seus sucessores e seguidores dariam ao seu conceito de “gravidade” ¹⁶, aquele homem piedoso e religioso teria seguramente comido a sua maçã silenciosamente, jamais dizendo uma só palavra sobre o processo mecânico relacionado com a sua queda.

Há um grande desprezo por metafísica em geral e especialmente pela metafísica ontológica. Mas nós observamos, sempre que os Ocultistas têm audácia suficiente para erguer as suas cabeças humilhadas, que a ciência materialista e física está repleta de metafísica ¹⁷; que os seus princípios mais fundamentais, ao mesmo tempo que estão

¹⁶ De acordo com um idealista ateu - Dr. Lewins - “Quando Sir Isaac, em 1687 mostrou que a massa e o átomo agiam sobre por atividade inata..... ele efetivamente rejeitou Espírito, Alma, ou Divindade, como coisas supérfluas.” (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷ Para qualquer pessoa inclinada a duvidar desta afirmação, recomenda-se a obra de Stallo citada acima, “Concepts of Modern Physics”, um volume que recebeu protestos e críticas radicais. “O antagonismo ostensivo da ciência em relação à metafísica”, escreve ele, “levou a maior parte dos cientistas especializados a pensar que os métodos e resultados da pesquisa empírica são totalmente independentes do controle das leis do pensamento. Eles, ou silenciosamente ignoram, ou abertamente repudiam os princípios mais básicos da lógica, incluindo as leis da não-contradição e reagem, com a maior veemência, contra qualquer aplicação da lei da coerência às suas hipóteses e teorias e eles veem um exame (de suas hipóteses e teorias) à luz destas leis como uma intrusão impertinente ‘de princípios e métodos *a priori*’ no domínio da ciência empírica. Pessoas com esta atitude mental não veem dificuldade alguma em defender a ideia de que os átomos são absolutamente inertes, e ao mesmo tempo afirmar que estes átomos são perfeitamente elásticos; ou em alegar que o universo físico, em última análise, é feito de matéria ‘morta’ e de movimento; e no entanto negam que toda energia física é na verdade cinética; e não veem dificuldade em proclamar que todas as diferenças fenomênicas no mundo objetivo são em última instância devidas às várias movimentações de unidades materiais absolutamente simples, e no entanto repudiam a proposição de que estas unidades são iguais”(p. xix) “A cegueira de cientistas eminentes diante de algumas das consequências mais óbvias das suas próprias teorias é assombrosa Quando o professor Tait, conjuntamente com o professor Stewart, anuncia que ‘a matéria é simplesmente passiva’ (*The Unseen Universe*, sec. 104), e em seguida, conjuntamente com Sir W. Thomson, declara que ‘a matéria tem um poder inato de resistir a influências externas’ (*Treat. On Nat. Phil.*, vol. I, sec. 216), dificilmente será impertinente perguntar de que modo estas afirmações podem ser reconciliadas. Quando o professor Du Bois Reymond insiste na necessidade de reduzir todos os processos da natureza a movimentações de um substrato substancial indiferente, *inteiramente destituído de qualidade* (‘*Ueber die Grenzen des Naturerkennens*’, p. 5), tendo declarado pouco antes na mesma palestra que ‘a explicação de todas as mudanças no mundo material como movimentações de átomos *causadas pelas suas forças centrais constantes* seria a completação da ciência natural’, nós chegamos a uma perplexidade da qual precisamos libertar-nos.” (Pref., XLIII) (Nota de H. P. Blavatsky)

inseparavelmente ligados ao transcendentalismo, são, no entanto, para que a ciência moderna seja apresentada como separada de tais “sonhos”, maltratada e com frequência ignorada no amontoado confuso de teorias e hipóteses. Uma excelente confirmação disso está no fato de que a ciência sente-se absolutamente compelida a aceitar o “hipotético” Éter e a tentar explicá-lo no terreno materialista das leis átomo-mecânicas. Esta tentativa levou diretamente às discrepâncias mais fatais e radicais entre a natureza presumida do Éter e as suas ações físicas. Uma segunda prova é encontrada nas muitas afirmações contraditórias sobre o átomo - o objeto mais metafísico na criação.

Deste modo, o que sabe a moderna ciência da física a respeito do Éter, sobre o qual o primeiro conceito pertence inegavelmente aos filósofos antigos, sendo que os gregos o tomaram emprestado dos Arianos hindus, enquanto a origem do Éter moderno é encontrada no AKASHA, sendo uma *distorção* dele? Alega-se que esta *distorção* é uma modificação e um refinamento da ideia de Lucrécio. Examinemos o conceito moderno a partir de vários volumes científicos que contêm confissões dos próprios físicos.

A existência do Éter é aceita pela astronomia física, na física comum, e na química. Os astrônomos, que começaram por ver inicialmente o Éter como um fluido de extrema rarefação e mobilidade, não oferecendo resistência sensível aos movimentos dos corpos celestiais, não pensaram nem por um momento na sua continuidade ou descontinuidade. “A sua principal função na astronomia moderna tem sido servir como base para teorias hidrodinâmicas de gravitação. Em física este fluido apareceu durante algum tempo em várias *funções* relacionadas com os ‘imponderáveis’ ” - eliminados de modo tão cruel por Sir W. Grove. Alguns físicos até mesmo identificaram o éter do espaço com aqueles “imponderáveis”. Depois vieram as suas teorias cinéticas; e desde o surgimento da teoria dinâmica do calor, ele foi escolhido em ótica como um substrato para ondulações luminosas. Então, para explicar a dispersão e a polarização da luz, os físicos tiveram que recorrer mais uma vez à sua “imaginação científica” e dotaram o Éter de - (a) uma estrutura atômica ou molecular, e (b) uma enorme elasticidade, “de modo que a sua resistência à deformação era maior que a resistência dos mais rígidos corpos elásticos” (*Stallo*). Isso necessitava da *teoria da descontinuidade essencial da matéria*, portanto do Éter. Depois de ter aceitado esta descontinuidade, para explicar a dispersão e a polarização, foram descobertas as impossibilidades teóricas relativas a estas dispersões.¹⁸ A “imaginação científica” de Cauchy via nos átomos “pontos materiais sem extensão”, e para evitar os obstáculos mais formidáveis diante da teoria ondulatória (concretamente, alguns teoremas mecânicos bem conhecidos que bloqueavam o caminho), ele propôs adotar-se a ideia de que o meio etéreo de propagação, ao invés de ser contínuo, deveria consistir de partículas separadas por distâncias sensíveis. Fresnel prestou o mesmo serviço aos fenômenos da polarização. E.B. Hunt frustrou as teorias de ambos (*Silliman's Journal*, vol. VIII, p. 364 *et. seq.*). Há agora cientistas que se referem a eles como “materialmente falaciosos”, enquanto outros - os “átomo-mecanicistas” - agarram-se a eles com uma tenacidade desesperada. A suposição de uma *constituição atômica* ou *molecular* do éter é frustrada, além disso, pela termodinâmica, porque Clerk Maxwell demonstrou que um tal meio seria simplesmente *gás*.¹⁹ Fica assim

¹⁸ Idealmente, seria interessante estudar esta parte de “A Doutrina Secreta” lado a lado com um bom livro de História da Ciência. O mesmo ocorre com outras partes da DS, em relação a diversas áreas de conhecimento. (Nota do Tradutor)

¹⁹ Veja “Treatise on Electricity of Magnetism”, de Clerk Maxwell, e compare com “Mémoire sur la Dispersion de la Lumière”, de Cauchy. (Nota de H. P. Blavatsky)

comprovado que a hipótese dos “intervalos finitos” não tem validade como suplemento da teoria ondulatória. Além disso, os eclipses não mostram qualquer variação de cor, ao contrário do que foi suposto por Cauchy (com base na ideia de que os raios cromáticos são propagados com velocidades diferentes). A Astronomia tem assinalado mais de um fenômeno que contraria absolutamente esta teoria.

Assim, enquanto em um departamento da física a constituição átomo-molecular do éter é aceita como explicação de um conjunto de fenômenos especiais, em outro departamento esta constituição é vista como algo que desestabiliza numerosos fatos já confirmados, o que faz com que fiquem fundamentadas as acusações de Hirn (*veja acima*). A química considerava impossível conceder uma enorme elasticidade ao éter sem tirar dele outras propriedades, mas a crença nestas propriedades era indispensável para as teorias modernas da química. Isto levou a uma transformação final do éter. As exigências da teoria átomo-mecânica têm levado matemáticos e físicos notáveis a tentar substituir os tradicionais átomos de matéria por formas peculiares de *movimento vortical* em um “meio material universal, homogêneo, incompreensível e *contínuo*”, ou Éter. (*Veja Stallo*.)

A presente autora, que afirma não possuir uma grande formação científica, mas apenas uma familiaridade tolerável com teorias modernas, e uma maior familiaridade com as Ciências Ocultas, vai à luta contra os detratores do ensinamento esotérico usando as armas que estão no próprio arsenal da ciência moderna. As contradições gritantes, as hipóteses mutuamente destrutivas de cientistas de renome mundial, as acusações recíprocas, denúncias e disputas entre eles, mostram claramente que as teorias Ocultas, sejam aceitas ou não, têm tanto direito a serem ouvidas quanto quaisquer hipóteses supostamente eruditas e acadêmicas. Assim, que os seguidores da Royal Society decidam aceitar o éter como um fluido *contínuo* ou *descontínuo* é algo de pouca importância, e é indiferente para o nosso objetivo atual. Apontamos simplesmente para uma certeza: a Ciência Oficial *não sabe coisa alguma até hoje sobre a constituição do éter*. Que a ciência o chame de matéria, se quiser: simplesmente, nem como *akasha* nem como o sagrado *Aether* único dos gregos, ele não será encontrado em nenhum dos estados da matéria conhecidos pela ciência moderna. Ele é MATÉRIA em um plano de percepção e de existência bem diferente, e não pode ser nem analisado por aparelhos científicos, nem apreciado, nem mesmo concebido pela “imaginação científica”, a menos que os possuidores desta imaginação estudem as Ciências Ocultas. O que se verá a seguir comprova esta afirmação.

É claramente demonstrado por Stallo com relação aos problemas cruciais da física moderna (assim como foi feito por De Quatrefages e vários outros diante dos problemas cruciais da Antropologia, da Biologia, etc., etc.), que, em seus esforços por sustentar as suas hipóteses e sistemas individuais, a maior parte dos eminentes e eruditos materialistas com frequência formulam as maiores falácias. Vamos examinar um exemplo. A maior parte deles rejeita *actio in distans* ²⁰ (um dos princípios fundamentais na questão do Aether ou Akasha em Ocultismo), ao mesmo tempo que, conforme Stallo corretamente observa, não existe ação física, “que, examinada de perto, não seja reconhecida como *actio in distans*”; e ele o comprova.

²⁰ *Actio in distans* - ação à distância. (Nota do Tradutor)

Ora, as discussões metafísicas, para o professor Lodge (*Nature*, vol. XXVII, p. 304), são “apelos inconscientes à experiência”. E ele acrescenta que, se uma tal experiência *não é concebível*, então ela não existe, etc. Nas palavras dele: “...Se uma mente altamente desenvolvida, ou conjunto de mentes, considera que uma doutrina sobre uma questão comparativamente simples e fundamental é *absolutamente impensável*, esta é uma evidência de que *o estado impensável de coisas não tem existência*, etc.”

E então, perto do final da sua palestra, o professor Lodge afirma que a explicação da coesão, assim como a explicação da gravidade, “deve ser procurada na teoria do vórtice-do-átomo, de Sir William Thomson” (Stallo).

Não é necessário parar para perguntar-se se é para esta teoria-do-vórtice, também, que nós temos de olhar em relação à queda na Terra do primeiro germe de vida desde um meteoro ou cometa que vinha passando (hipótese de Sir William Thomson). Mas o sr. Lodge poderia ser lembrado da sábia crítica sobre a sua palestra que há na mesma obra “Concepts of Modern Physics”. Observando a declaração do professor de Londres, citada acima, o autor pergunta “se os elementos da teoria-do-vórtice são fatos de experiência *familiar*, ou mesmo possíveis. Porque, caso não sejam, *claramente aquela teoria é atingida pela mesma crítica que se afirma invalidar a presunção de ACTIO IN DISTANS*” (p. xxiv). E então, o hábil crítico mostra claramente o que o Éter *não é*, nem poderá jamais ser, apesar de todas as alegações científicas no sentido contrário. E assim ele abre amplamente, ainda que de modo inconsciente, a porta de entrada para os nossos ensinamentos ocultos. Porque, segundo ele diz:

“O meio no qual os movimentos-de-vórtice surgem, de acordo com a afirmação expressa do próprio professor Lodge (*NATURE*, vol. XXVII, p. 305), é ‘um corpo contínuo, perfeitamente homogêneo, incompressível, incapaz de ser convertido em elementos simples ou átomos: ele é, de fato, contínuo, não molecular.’ E depois de fazer esta afirmação o professor Lodge acrescenta: ‘*Não há outro corpo do qual possamos dizer isto, e por esse motivo as propriedades do éter devem ser de algum modo DIFERENTES das qualidades da matéria comum.*’ Parece, então, que toda a teoria do vórtice-do-átomo, que nos é oferecida para ocupar o lugar da ‘teoria metafísica’ *de actio in distans*, está baseada na hipótese da existência de um meio material que é totalmente *desconhecido no campo da experiência*, e que possui propriedades *de algum modo* diferentes ²¹ das propriedades da matéria comum. Daí que esta teoria, ao invés de ser, como se alega, uma redução de um fato de *experiência* não familiar à condição de um fato familiar, é, ao contrário, uma redução de um fato que é perfeitamente familiar à condição de um fato que não só não é familiar, mas totalmente desconhecido, não observado e impossível de observar. Além disso, o alegado movimento vortical do, ou melhor, no presumido meio etéreo é impossível, porque o movimento em um fluido perfeitamente homogêneo, incompressível, e portanto contínuo, não é movimento

²¹ “*De algum modo diferentes!*”, exclama Stallo. “A real importância deste ‘de algum modo’ é que o meio mencionado *não é, em nenhum sentido inteligível, material de modo algum*, porque não possui nenhuma das propriedades da matéria.” Todas as propriedades da matéria dependem de diferenças e mudanças, e o éter “hipotético” definido aqui não é apenas destituído de diferenças, mas também incapaz de diferenças e de mudança - (no sentido físico, devemos acrescentar). Isso prova que se o éter “é matéria”, *ele é “matéria”* como algo visível, tangível e existente apenas e somente para os sentidos *espirituais*; que ele é um ser de fato, mas não um ser do nosso plano: é o *Pater Aether*, ou *Akasha*. (Nota de H.P. Blavatsky)

sensível. Fica claro, portanto, que seja onde for que a teoria do vórtice-do-átomo possa nos levar, ela certamente *não nos leva a lugar algum na região da Física*, nem no domínio das *verae* ²² *causae*.²³ E eu posso acrescentar que, na medida em que o hipotético meio indiferenciado ²⁴ e indiferenciável é uma reificação involuntária do velho conceito ontológico de *puro ser*, a teoria de que estamos falando tem todos os atributos de um *fantasma metafísico incompreensível*.”

Um “fantasma”, de fato, que só o Ocultismo pode tornar compreensível. A distância entre esta metafísica científica e o Ocultismo é de no máximo um passo. Os físicos que defendem a visão segundo a qual a constituição atômica da matéria é coerente com a sua penetrabilidade não precisam fazer um grande esforço para poderem explicar os maiores fenômenos do Ocultismo, atualmente tão ridicularizados pelos cientistas físicos e pelos materialistas. Os “pontos materiais sem extensão” de Cauchy são as mônadas de Leibniz, e são ao mesmo tempo os materiais a partir dos quais os “Deuses” e outros poderes invisíveis se revestem em corpos (veja, mais adiante nesta parte III do volume I, a seção XV, intitulada “Deuses, Mônadas e Átomos”). A desintegração e reintegração de partículas “materiais” sem extensão como um fator central nas manifestações fenomênicas deveriam emergir facilmente como uma *clara possibilidade*, pelo menos para aquelas poucas mentes científicas que aceitam os pontos de vista do sr. Cauchy. Porque, resolvendo a questão daquela propriedade da matéria que eles chamam de impenetrabilidade simplesmente por decidirem ver os átomos como “pontos materiais que exercem uns sobre os outros atrações e repulsões que variam conforme as distâncias que os separam”, - o teórico francês explica: “Disso se segue que, se fosse agradável ao autor da natureza ²⁵ simplesmente *modificar* as leis segundo as quais os átomos atraem ou repelem um ao outro, *nós poderíamos ver instantaneamente os mais duros corpos penetrarem uns aos outros*, e as mais diminutas partículas de matéria *ocupando espaços imensos*, ou as maiores massas reduzindo-se aos menores volumes, e o universo inteiro concentrando-se, por assim dizer, em um só ponto.” (*Sept leçons de physique Générale*, p. 38 e seguintes, ed. Moigno.)

E aquele “ponto”, *invisível em nosso plano de percepção material*, é bastante visível para o olhar do adepto que pode vê-lo e observá-lo em outros planos.

²² *Verae causae* - Causas reconhecidas como tendo real existência na natureza e não sendo meras hipóteses nem resultado da imaginação. (Nota do Tradutor)

²³ As *verae causae* da ciência física são causas *maiávicas* ou ilusórias para o Ocultista, e vice-versa. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁴ Ao contrário, muito “diferenciado”, desde o momento em que ele abandonou a sua condição *laya*. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁵ Para os Ocultistas segundo os quais o autor da natureza *é a própria natureza*, algo idêntico à Divindade e inseparável dela, segue-se que aqueles que conhecem as *leis ocultas* da natureza, e sabem como mudar e provocar novas condições no éter, podem, *não* modificar as leis, mas trabalhar e realizar isso *de acordo* com aquelas leis *imutáveis*. (Nota de H.P. Blavatsky)

4. A Gravitação é uma Lei? [\(Volte para o Sumário\)](#)

A teoria corpuscular foi abandonada sem cuidado ou cerimônia; mas a gravitação - o princípio segundo o qual todos os corpos atraem uns aos outros com uma força diretamente proporcional às suas massas, e inversamente proporcional ao quadrado das distâncias entre eles - sobrevive até hoje e reina suprema como sempre, nas supostas ondas etéreas do Espaço. Vista como uma hipótese, ela havia sido ameaçada de morte pela sua incapacidade de incluir todos os fatos apresentados a ela; como uma *lei física*, ela é o Rei entre os falecidos fatores “Imponderáveis”, que no passado foram todo-poderosos. “Duvidar disso é pouco menos que uma blasfêmia um insulto à memória do grande Newton,” - esta é a exclamação de um comentador norte-americano de “*Ísis Sem Véu*”. Bem, o que é afinal este Deus *invisível* e *intangível* no qual nós deveríamos acreditar tendo por base a fé cega? Os astrônomos que veem na gravitação uma solução fácil para muitas coisas, e uma força *universal* que permite a eles calcular por intermédio dela os movimentos planetários, dão pouca importância à Causa da Atração. Eles chamam a Gravidade de lei, uma *causa* em si mesma. Nós chamamos as forças que atuam sob aquele nome de *efeitos*, e efeitos bastante secundários, aliás. Um dia será descoberto que a hipótese científica não tem validade, afinal de contas, e então ela seguirá a teoria corpuscular da luz e será colocada em descanso durante muitos *éons* científicos nos arquivos de todas as especulações abandonadas. O próprio Newton não tinha sérias dúvidas sobre a Natureza da Força e a corporalidade dos “Agentes”, como eles eram chamados na época? O mesmo fez Cuvier, outra luz científica brilhando na noite da pesquisa. Ele faz um alerta aos seus leitores, em “*Révolution du Globe*”, sobre a natureza duvidosa das chamadas Forças, dizendo que “não há muita certeza de que aqueles agentes não eram *Poderes Espirituais*, afinal de contas (*des agents spirituels*)”. No começo dos seus “*Principia*”, Sir Isaac Newton teve o maior cuidado para deixar claro para sua escola que ele não usava a palavra “atração” em relação à ação mútua dos corpos em um sentido físico. Ele disse que, para ele, era uma concepção puramente matemática, que não envolvia qualquer consideração sobre causas físicas reais e primárias. Em uma das passagens dos seus “*Principia*” (*Defin. 8, B. I. Prop. 69, “Scholium”*), ele afirma com toda clareza que, se as atrações forem consideradas fisicamente, será mais correto chamá-las de *impulsos*. Na seção XI (*Introdução*), ele expressa a opinião de que “*há algum espírito sutil através de cuja força e através de cuja ação todos os movimentos materiais são determinados*” (ver *Mod. Mater., do Rev. W.F. Wilkinson*); e na sua terceira Carta a Bentley, ele diz: “É inconcebível que uma matéria bruta inanimada possa, sem a mediação de alguma outra coisa *que não é material*, operar sobre e afetar outra matéria, sem contato mútuo, como deve fazer se a gravitação, no sentido de Epicuro, for essencial e inerente a ela A ideia de que a gravidade seja inata, inerente e essencial à matéria, de modo que um corpo possa atuar sobre outro a uma distância, através de um vácuo, sem a mediação de qualquer outra coisa pela qual ou através da qual a ação dos corpos seja transmitida de um para o outro, é um absurdo tão grande que eu não acredito que alguém, capaz de pensar eficientemente em questões filosóficas, possa jamais cair nisso. A gravidade deve ser causada por um agente que atua constantemente segundo certas leis; mas deixo à consideração dos meus leitores a questão sobre se *este agente é material ou imaterial*.”

Neste ponto, até mesmo os contemporâneos de Newton ficaram assustados - diante do aparente retorno das causas *ocultas* ao domínio da Física. Leibniz chamava o seu princípio da atração de “um poder incorpóreo e inexplicável”. A suposição de uma faculdade atrativa e um perfeito *vazio* foi qualificada por Bernouilli como “revoltante”, de modo que o princípio de *actio in distans* ²⁶ não foi melhor recebido naquela época do que é hoje. Euler, por outro lado, pensava que a ação da gravidade era devida, ou a um *Espírito*, ou a algum meio sutil. E no entanto Newton conhecia, mesmo que não aceitasse, o Éter dos antigos. Ele via o espaço intermediário entre os corpos siderais como *vácuo*. Portanto ele acreditava, tal como nós, que o “espírito sutil” e os *Espíritos* guiam a chamada atração. As palavras do grande homem que foram citadas acima produziram escassos resultados. A ideia do “absurdo” se transformou agora num dogma no caso do puro materialismo, que repete: “Não há matéria sem força, e não há força sem matéria; força e matéria são inseparáveis, eternas e indestrutíveis (*o que é verdade*); não pode haver força independente, já que toda força é *uma propriedade inerente e necessária da matéria (o que é falso)*; e consequentemente *não existe nenhum poder criativo imaterial.*” Ah, pobre Sir Isaac!

Se os Ocultistas deixassem de lado todos os outros destacados cientistas que tinham a mesma opinião de Euler e Leibniz, e mencionassem como suas autoridades e apoiadores apenas Sir Isaac Newton e Cuvier, conforme foi citado acima, eles teriam muito pouco a temer diante da Ciência moderna, e poderiam proclamar as suas crenças em alto e bom som e orgulhosamente. Mas a hesitação e as dúvidas das duas autoridades citadas acima, e de muitas outras que poderíamos citar, não impediram de modo algum a investigação científica de entregar-se a devaneios fantasiosos no campo da matéria bruta, tal como antes. Primeiro, era a matéria e um fluido imponderável diferente dela; depois veio o fluido *imponderável* tão criticado por Grove; e o Éter, que era no início *descontínuo* e depois se tornou contínuo; mais tarde vieram as Forças “mecânicas”. Estas agora se estabeleceram na vida como “modos de movimento”, e o éter se tornou mais misterioso e problemático do que nunca. Mais de um cientista rejeita estas visões grosseiramente materialistas. Mas desde a época de Platão, que repetidamente pede a seus leitores que não confundam Elementos *incorpóreos* com os seus PRINCÍPIOS - os Elementos transcendentais ou espirituais; desde os tempos dos grandes Alquimistas, que, como Paracelso, viam uma grande diferença entre o fenômeno e a sua causa, o Númeno; e desde Grove, que, embora ele não veja “nenhuma razão para tirar da matéria universalmente distribuída as *funções* comuns a toda matéria”, usa no entanto o termo *Forças* onde os seus críticos, “que não atribuem à palavra qualquer ideia de uma *ação específica*”, dizem Força - desde aqueles dias até hoje nada provou ser capaz de interromper a maré do materialismo brutal. A gravitação é a *única causa*, o Deus ativo, e a matéria é o seu profeta, diziam os cientistas apenas poucos anos atrás.

Eles mudaram seus pontos de vista várias vezes desde então. Mas será que os cientistas entendem hoje melhor do que antes a ideia mais profunda de Newton, um dos homens mais religiosos e de mentalidade mais espiritual do seu tempo? Certamente há que duvidar disso. Acredita-se que Newton deu um golpe mortal nos Vórtices Elementais de Descartes (que eram, aliás, uma ressurreição de uma ideia de Anaxágoras), embora os últimos “átomos vorticais” do Sir W. Thomson não sejam muito diferentes, na verdade, dos anteriores. No entanto, quando o seu discípulo Forbes escreveu no *Prefácio* da principal obra do seu Mestre uma frase declarando que “a atração era a *causa* do

²⁶ *Actio in distans* - “ação à distância”. (Nota do Tradutor)

sistema”, Newton foi o primeiro a protestar solenemente. Aquilo que na mente do grande matemático assumiu a vaga, mas firmemente instalada imagem de Deus como o *númeno* de tudo ²⁷, era chamado mais filosoficamente pelos Ocultistas e filósofos antigos (e modernos) de - “Deuses”, os Poderes *criativos*, formadores. Os modos de expressão podem ter sido diferentes, e as ideias foram enunciadas mais ou menos filosoficamente por toda a Antiguidade sagrada e profana; mas a ideia fundamental era a mesma. ²⁸ Para Pitágoras, as Forças eram Entidades Espirituais, deuses independentes de planetas e de Matéria tal como os vemos e conhecemos na Terra, sendo que os planetas eram os regentes do Céu Sideral. Platão descrevia os planetas como sendo movidos por um Reitor *intrínseco*, em unidade com a sua moradia, como “um barqueiro em seu barco”. Quanto a Aristóteles, ele chamava estes regentes de “substâncias *imateriais*” ²⁹, embora, como alguém que nunca foi iniciado, ele rejeitasse os deuses como *Entidades* (Veja Vossius, Vol. II, p. 528). Mas isso não impediu-o de reconhecer o fato de que as estrelas e os planetas “não são massas inanimadas mas corpos *ativos* e *vivos* de fato”. Como se “*espíritos siderais fossem a porção divina dos fenômenos deles, τὰ θειότερα τῶν φανερώων*” (*De Caelo.*, I. 9).

Se procurarmos uma corroboração nos tempos mais modernos e científicos, encontramos Tycho Brahe reconhecendo nas estrelas a existência de uma força tríplice, *divina, espiritual e vital*. Kepler, reunindo a expressão pitagórica “o Sol, guardião de Júpiter” com os versos de Davi “Ele colocou seu trono no Sol” e “O Senhor é o Sol”, etc., disse haver entendido perfeitamente por que os pitagóricos podiam acreditar que

²⁷ “Atração”, escreve Le Couturier, um materialista, “se transformou agora para o público naquilo que era para o próprio Newton - uma simples palavra, uma *ideia*” (*Panorama des Mondes*), já que a sua causa é desconhecida. Herschell diz virtualmente a mesma coisa, ao afirmar que, ao estudar o movimento dos corpos celestes e os fenômenos da atração, ele sempre se sente invadido pela ideia da “*existência de causas* que agem para nós sob um véu e disfarçando a *sua ação direta*.” (*Musée des Sciences*, agosto de 1856) (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁸ Se nós formos criticados por acreditar em “Deuses” e “Espíritos” operativos ao mesmo tempo que rejeitamos um *Deus pessoal*, nós responderemos aos teístas e monoteístas: “Admitam que o seu Jeová é *um dos Elohim*, e nós estaremos dispostos a reconhecê-lo. Transformem-no, como vocês fazem, no Infinito, no ÚNICO e *eterno* Deus, e nós nunca o aceitaremos com estas características.” Os Deuses *tribais* são muitos; a Divindade Una Universal é um princípio, uma Ideia-Raiz abstrata que nada tem a ver com o trabalho impuro da Forma finita. Nós não adoramos os Deuses, apenas os reverenciamos como seres superiores a nós. Nisso nós obedecemos ao mandamento Mosaico, enquanto os cristãos *desobedecem* à sua Bíblia - principalmente os missionários. “*Tu não blasfemarás contra os deuses*”, diz um deles - (Jeová) - em *Êxodo*, 22:28; mas ao mesmo tempo, no verso 20, é dado o mandamento “Aquele que fizer sacrifícios a *qualquer* deus além do Senhor será completamente destruído.” Porém nos *textos originais* não está “deus” e sim *Elohim* - e nós convidamos pareceres contrários -, e Jeová é um dos Elohim, tal como comprovado pelas suas próprias palavras em *Gênesis III*, 22, quando “o Senhor Deus disse: Eis que o homem se tornou *como um de nós*”, etc. Assim, aqueles que adoram e sacrificam para homenagear os *Elohim*, tanto quanto para homenagear os anjos, e Jeová, e aqueles que *blasfemam contra os deuses* dos seus semelhantes, são transgressores muito maiores que os Ocultistas ou qualquer teosofista. Enquanto isso, muitos destes últimos preferem acreditar em algum “Senhor” ou outro, e são convidados a fazer tal como acharem melhor. (Nota de H. P. Blavatsky)

²⁹ Dizer que as “espécies imateriais” são tão absurdas quanto a ideia de um “*ferro de madeira*”, ou rir de Spiller quando ele se refere a elas como “matéria incorpórea”, não resolve o mistério. (Veja “*Concepts of Modern Physics*”, p. 165 e seguintes.) (Nota de H. P. Blavatsky)

todos os globos disseminados pelo Espaço eram Inteligências racionais, *facultates ratiocinativae*, circulando ao redor do Sol, “no qual reside *um puro Espírito de fogo*; a fonte da harmonia geral” (*De Motibus planetarum harmonicis*, p. 248).

Quando um ocultista fala de Fohat - a inteligência energizadora e orientadora no Fluido Vital ou Elétrico Universal - isso é motivo de riso. No entanto, segundo é mostrado agora, nem a natureza da eletricidade, nem a natureza da Vida e nem mesmo a da Luz são compreendidas até hoje. O Ocultista vê, na manifestação de cada força da Natureza, a ação da qualidade, ou a característica especial do seu númeno; *númeno* este que é uma Individualidade distinta e inteligente *no outro lado do Universo mecânico manifestado*. O Ocultista não nega - ao contrário, ele apoia - a afirmação de que a luz, o calor, a eletricidade, etc., são *afeições* ³⁰ (não propriedades nem qualidades) da matéria. Para expressá-lo de maneira mais clara: a matéria é a condição - a base necessária ou veículo, um elemento indispensável - para a manifestação destas forças, ou destes agentes, neste plano.

Mas para vencer neste ponto os Ocultistas precisam examinar as credenciais da lei da gravidade, antes de mais nada, da “Gravitação, o Rei e Regente da Matéria” ³¹, sob qualquer forma. Para fazer isso de modo eficaz, é necessário trazer outra vez à mente a hipótese tal como apareceu pela primeira vez. Para começar, terá sido Newton o primeiro a descobri-la? O *Athenaeum* de 26 de janeiro de 1867 traz informações curiosas a este respeito. Diz que “evidências claras podem ser apresentadas no sentido de que Newton obteve todo o seu conhecimento da gravitação e das suas leis a partir de Boehme, para o qual a gravitação ou ATRAÇÃO é a primeira propriedade da Natureza” Porque para ele “o sistema (de Boehme) nos mostra o *interior* das coisas, enquanto a ciência física moderna prefere olhar o lado de fora”. Então, novamente, “a ciência da eletricidade, que ainda não existia quando ele (Boehme) escreveu, está lá antecipada (nos seus escritos); e não só Boehme descreve todos os fenômenos agora conhecidos daquela força, mas ele até mesmo nos indica a origem, a geração e o nascimento da eletricidade em si mesma, etc.”

Assim, Newton, cuja mente profunda leu facilmente nas entrelinhas e percebeu o pensamento espiritual do grande Vidente na sua linguagem mística, deve a sua grande descoberta a Jacob Boehme, o protegido dos espíritos (Nirmanakayas), que cuidavam dele e o guiavam, àquele de quem o autor do artigo em questão afirma com toda razão: “cada nova descoberta vem comprovar a *sua visão profunda e intuitiva dos aspectos mais secretos da Natureza*”. E tendo *descoberto* a gravidade, Newton, para tornar possível a noção da atração no espaço, tinha, digamos assim, que *aniquilar* todo obstáculo físico capaz de impedir a sua livre ação; o éter entre outros, embora ele tivesse mais de um pressentimento sobre a sua existência. Advogando a teoria corpuscular, ele fez um *absoluto vácuo* entre os corpos celestiais Sejam quais

³⁰ Afeições - “affections” no original em inglês. “Affections” pode significar também simpatia, amizade, sentimento, emoção, tendência, inclinação e até disposição (esta última vertente em inglês antigo ou arcaico). A amizade e harmonia entre corpos celestes, por exemplo, é um tema astrológico e pitagórico - “amizade universal”. Veja por exemplo a obra clássica “Diálogos de Amor”, de Leão Hebreu (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2001). (Nota do Tradutor)

³¹ Gravitação, o Rei - ficamos com o original em inglês, “King”. Gravitação é um princípio masculino e ativo na sua relação com a matéria, enquanto esta atua como princípio feminino, receptivo. (Nota do Tradutor)

fossem as suas possíveis suspeitas e convicções *internas* sobre o Éter, e embora ele possa ter confiado a muitos amigos os seus pensamentos mais secretos a respeito - como no caso da sua correspondência com Bentley -, os seus ensinamentos nunca mostraram que ele tivesse qualquer crença neste sentido. Se ele *estava* “persuadido de que o poder da atração não poderia ser exercido pela matéria através de um vácuo” ³², como é que em 1860, astrônomos franceses (Le Couturier, por exemplo) ainda combatiam “os resultados *desastrosos* da teoria do vácuo estabelecida pelo grande homem?” ³³. O professor Winchell escreve: “Estas passagens (carta para Bentley) mostram quais eram os seus pontos de vista sobre a natureza do meio interplanetário de comunicação. Embora declarando que os céus ‘*são vazios de matéria sensível*’, ele em outro texto abriu uma exceção para ‘*talvez alguns vapores, correntes e eflúvios muito tênues, surgindo da atmosfera da Terra, de planetas e cometas, e deles um tão excessivamente rarefeito meio etéreo como nós descrevemos em outro lugar*’.” (Newton, *Optics*, Book III, 1704, questão 28, citado em “*World-Life*”).

Isto apenas mostra que mesmo grandes homens como Newton nem sempre tiveram coragem para expressar suas opiniões. O Dr. T.S. Hunt “chamou atenção para algumas passagens há muito negligenciadas nas obras de Newton, através das quais parece ser que uma crença neste meio universal intercósmico gradualmente surgiu na mente dele.” (*Ibid.*) Mas esta atenção nunca foi dada às passagens mencionadas antes de 28 de novembro de 1881, quando o Dr. Hunt divulgou o seu trabalho “*Celestial Chemistry, from the time of Newton*” (“A Química Celestial, Desde o Tempo de Newton”). “Até lá era universal, mesmo entre os cientistas, a ideia de que Newton havia, ao mesmo tempo que proclamava a teoria corpuscular, pregado a existência de *um vazio*”, como diz Couturier. As passagens haviam sido “negligenciadas por muito tempo”, sem dúvida porque elas contradiziam e entravam em choque com as teorias favoritas daqueles dias, até que finalmente a teoria ondulatória imperiosamente exigiu a presença de um “meio etéreo” para explicá-la. Este é todo o segredo.

De qualquer modo, é a partir desta teoria de Newton sobre um vazio universal - uma teoria *ensinada* por ele, ainda que ele não acreditasse nela - que surge o imenso desprezo demonstrado hoje pelos modernos em relação à Física antiga. Os velhos sábios haviam dito que “a Natureza detesta o vácuo”, e os grandes matemáticos do mundo (leia-se, das nações ocidentais) descobriram esta antiquada “falácia”, e a desmascararam. E agora a ciência moderna dá legitimidade ao conhecimento arcaico, embora de modo desajeitado, tendo, além disso que reconhecer o valor do caráter e dos poderes de observação de Newton neste momento tardio, depois de haver passado um século e meio sem dar qualquer atenção a estas passagens muito importantes - talvez porque fosse mais sábio não chamar atenção para elas. Antes tarde do que nunca.

E agora o Pai Éter é *recebido outra vez* com os braços abertos; e casado com a gravitação, ficando ligado a ela na felicidade e na dor, até o dia em que ele, ou ambos,

³² *World-Life*, Prof. Winchell, pp. 49 e 50. (Nota de H.P. Blavatsky)

³³ “Il n’est plus possible aujourd’hui, *de soutenir comme Newton*, que les corps célestes se mouvent au milieu du VIDE immense des espaces Parmi les conséquences de la *théorie du vide établie* par ce grand homme, il ne reste plus debout *que le mot ‘attraction’*, et nous verrons le jour ou ce dernier mot disparaîtra du vocabulaire scientifique.” (“Panorama des mondes”, pp. 47 e 53.) (Nota de H.P. Blavatsky)

forem substituídos por alguma outra coisa. Trezentos anos atrás era o *plenum* por toda parte; depois o *plenum* se tornou uma triste *vacuidade*; mais tarde ainda, os leitos do oceano sideral, que a ciência tornou secos, colocaram em movimento mais uma vez as suas ondas etéreas. *Recede ut procedes* ³⁴ deve ser o lema da ciência exata - “exata”, principalmente, em revelar-se inexata a cada ano bissexto.

Mas nós não vamos discutir com os grandes homens. Eles tiveram que retroceder até os mais antigos “Deuses de Pitágoras e ao velho Kanada” ³⁵ para encontrar a própria espinha dorsal e a medula das suas correlações e das suas “mais novas” descobertas, e isso dá uma boa esperança para os Ocultistas no que se refere aos seus deuses menores. Porque nós acreditamos na profecia de Le Couturier sobre gravitação. Sabemos que se aproxima o dia em que os próprios cientistas exigirão uma *absoluta reforma* no modo atual de trabalhar da ciência - tal como foi feito por Sir W. Grove, F.R.S. Até lá, não há nada a fazer. Porque se a gravitação fosse destronada amanhã, no dia seguinte os cientistas iriam descobrir algum outro modo de movimento mecânico. ³⁶ Difícil e morro-acima é o caminho da verdadeira ciência, e a sua jornada traz inúmeros aborrecimentos para o Espírito. Mas diante das suas “mil” hipóteses contraditórias para explicar os fenômenos físicos, nunca houve uma hipótese melhor do que a do “movimento”, por mais paradoxalmente que seja interpretada pelo materialismo. Como se pode perceber nas primeiras páginas do volume I da presente obra, os Ocultistas seguramente nada têm contra o *movimento* ³⁷, a GRANDE RESPIRAÇÃO do “DESCONHECIDO” do sr. Herbert Spencer. Mas, acreditando que tudo na Terra é *sombra* de algo no *espaço* - os Ocultistas acreditam também em “Respirações” *menores*, as quais, vivas, inteligentes e independentes de tudo exceto a Lei, sopram em todas as direções durante os períodos Manvantáricos. E isso é negado pela Ciência. Mas seja o que for que substitua a atração, *também conhecida como* gravitação, o resultado será o mesmo. A ciência estará tão longe da solução das suas dificuldades quanto está hoje, a menos que se aproxime do Ocultismo e mesmo da Alquimia - uma suposição que será vista como uma impertinência, mas que mesmo assim continua sendo um fato. Faye afirma: “*Il manque quelque chose aux géologues pour faire la géologie de la Lune, c’est d’être astronomes. À la vérité il manque aussi quelque chose aux astronomes pour*

³⁴ “*Recede ut procedes*”, “volte do mesmo jeito como você vai”. (Nota do Tradutor)

³⁵ Kanada - filósofo indiano que viveu antes da era cristã. (Nota do Tradutor)

³⁶ Quando lidas desde um ponto de vista justo e imparcial, as obras de Sir Isaac Newton são um testemunho sempre disponível mostrando o quanto ele deve ter hesitado entre a gravitação e a atração, o impulso e alguma outra *causa desconhecida* para explicar o trajeto regular do movimento planetário. Mas veja *Treatise on Colour* (Vol. III, questão 31). Herschell nos diz que Newton deixou a seus sucessores o dever de tirar todas as conclusões científicas da sua descoberta. Quando lembramos da profunda religiosidade daquele grande homem, podemos compreender até que ponto a ciência moderna abusou do privilégio de construir as suas teorias mais recentes sobre a lei da gravitação. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁷ Há um raciocínio materialista segundo o qual, já que em Física um movimento real ou sensível é impossível no espaço puro ou *vácuo*, portanto, o MOVIMENTO eterno do Cosmo e no Cosmo (visto como espaço infinito) é uma *ficção*. Tal raciocínio mostra apenas, mais uma vez, que expressões como “puro espaço”, “puro Ser”, “o Absoluto”, etc., que pertencem à metafísica Oriental, nunca foram compreendidas no Ocidente. (Nota de H.P. Blavatsky)

aborder avec fruit cette étude, c'est d'être géologues." ³⁸ Mas ele poderia ter acrescentado, de modo ainda mais certo, "*Ce qui manque à tous les deux, c'est l'intuition du mystique.*"

Lembremos das sábias "observações finais" de Sir William Grove sobre a estrutura última da matéria, ou as minúcias das ações moleculares, que ele pensava que o homem jamais conhecerá.

"Muito prejuízo já foi causado por tentativas de hipoteticamente dissecar a matéria e discutir as formas, os tamanhos e os números dos átomos, e as suas atmosferas de calor, éter ou eletricidade Quer seja admissível ou não encarar a eletricidade, a luz, o magnetismo, etc., como simples movimentos de matéria comum, é certo que todas as teorias passadas enxergavam, e todas as teorias existentes enxergam, a ação destas forças como movimento. E quer seja verdade que devido à nossa familiaridade com o movimento nós vemos o movimento como referência diante de outros fatores, e como a linguagem mais facilmente compreendida e que é mais capaz de explicar tais fatores, quer seja verdade que esta é de fato a única maneira pela qual *a nossa mente, como algo que está em contraste com os nossos sentidos*, é capaz de *conceber agências materiais*, é certo que desde o período no qual as noções místicas de poderes espirituais ou misteriosos foram usadas para explicar fenômenos físicos, todas as hipóteses estruturadas para explicá-los os enxergam como MOVIMENTO."

E então o erudito cavalheiro expressa um princípio perfeitamente oculto:

"A expressão *movimento perpétuo*, que tenho usado com frequência nestas páginas, é em si mesma equívoca. Se as doutrinas aqui colocadas tiverem bons fundamentos, *todo movimento é, em um certo sentido, perpétuo*. Em massas cujo movimento é interrompido por um choque mútuo, é gerado calor ou movimentação das partículas; e deste modo o movimento continua; conseqüentemente, se pudéssemos aventurar-nos a ampliar estas ideias para o universo, nós poderíamos supor que há uma mesma quantidade de movimento afetando a mesma quantidade de matéria, eternamente." ³⁹

Assim, supondo que se deveria desistir da atração ou gravitação em favor da ideia de que o Sol é um *enorme ímã* - uma teoria que já é aceita por alguns físicos - um ímã que atua sobre os planetas do modo como hoje se supõe que é feito pela atração - que rumo tomariam, ou quão mais longe iriam os astrônomos, a partir de onde eles estão agora? Nem sequer uma polegada. Kepler chegou a esta "curiosa hipótese" cerca de 300 anos atrás. Ele não havia descoberto a teoria da atração e repulsão no cosmos, porque ela era

³⁸ Tradução do francês: "*Falta algo para os geólogos fazerem a geologia da Lua; é serem astrônomos. Na verdade, falta algo também aos astrônomos para fazer este estudo eficientemente; é ser geólogos.*" E logo em seguida temos outra frase em francês, da qual esta é a tradução: "*O que falta aos dois é a intuição do místico*". (Nota do Tradutor)

³⁹ "*Correl. Phys. Forces*", p. 173. Isso é precisamente o que sustenta o Ocultismo, e faz isso sobre o mesmo princípio de que "onde uma força é colocada em oposição a uma força, e produz equilíbrio estático, a balança do equilíbrio anterior é afetada, e *um novo movimento é começado*, equivalente a aquele que se retira para um estado de suspensão". Este processo tem intervalos no pralaya, mas é eterno e incessante, assim como a "Respiração", mesmo quando o Cosmos manifestado descansa. (Nota de H.P. Blavatsky)

conhecida desde os dias de Empédocles ⁴⁰, sendo que estas duas forças opostas eram chamadas de “amor” e “ódio” - o que significa o mesmo.⁴¹ Mas Kepler fez uma descrição bastante boa do magnetismo cósmico. Que um tal magnetismo existe na natureza, é tão certo quanto que a gravitação não existe; ela não existe, pelo menos, da maneira como é ensinada pela Ciência, que nunca levou em consideração os diferentes modos pelos quais a Força dual - que o Ocultismo chama de atração e repulsão - pode atuar dentro do nosso sistema solar, na atmosfera terrestre, *e mais além*, no Cosmos.⁴² Isso foi comprovado pelo próprio Newton; porque há muitos fenômenos em nosso sistema Solar, que ele confessou ser incapaz de explicar pela lei da gravitação. “Entre eles estavam a uniformidade nas direções dos movimentos planetários, a forma aproximadamente circular das órbitas, e a notável conformidade deles dentro de um plano” (*Prof. Winchell*). E se há uma única exceção, então a lei da gravitação não tem o direito de ser mencionada como uma *lei universal*. “Quanto a estes ajustamentos”, afirma-se, “Newton, em seu *Scholium* geral, declara que eles são ‘resultado do trabalho de um Ser inteligente e todo-poderoso’.” Inteligente aquele “Ser” pode realmente ser; mas temos todas as razões para duvidar que ele seja “todo-poderoso”. É um “Deus” pobre, esse, uma divindade que trabalha sobre detalhes pequenos, e deixa o que é mais importante para forças secundárias! A pobreza de argumento e de lógica, neste caso, só é ultrapassada pela pobreza de argumentação de Laplace, que, tentando muito corretamente colocar o movimento no lugar do “Ser todo-poderoso” de Newton, e não conhecendo a verdadeira natureza daquele movimento eterno, viu nele uma lei física cega. “Aqueles ajustes não poderiam ser um efeito das leis do movimento?”, pergunta ele, esquecendo, assim como todos os nossos cientistas modernos, que esta *lei* e este movimento são um círculo vicioso, na medida em que *a natureza de ambos* permanece inexplicada. A sua famosa resposta a Napoleão: “*Dieu est devenu une hypothèse inutile*”⁴³, seria correta só para quem segue a filosofia dos vedantinos. Ela se transforma em pura falácia, se excluirmos a interferência de seres operativos, inteligentes, poderosos (nunca “*todo-poderosos*”), que são chamados de “deuses”.

⁴⁰ Empédocles - filósofo grego nascido em torno do ano de 490 antes da era cristã, e que viveu até em torno de 430. (Webster's Unabridged) (Nota do Tradutor)

⁴¹ No primeiro parágrafo da Carta 70-C, em “Cartas dos Mahatmas”, um Mestre escreve que “**Amor e Ódio são os únicos sentimentos imortais**”. As palavras do instrutor indicam um fato magnético. (Nota do Tradutor)

⁴² “O Espaço Trans-solar”, escreve o grande Humboldt, “não mostra até aqui nenhum sistema análogo ao nosso sistema solar. É uma peculiaridade do *nosso* Sistema, que a matéria se tenha condensado dentro dele em anéis nebulosos, cujos núcleos se condensam formando Terras e Luas. Eu digo novamente, portanto, *nada semelhante foi jamais observado fora do nosso sistema planetário*.” (Veja *Revue Germanique* de 31 Dezembro 1860, art. “*Lettres et conversations d’Alexandre Humboldt*”). É verdade que desde 1860 surgiu a teoria nebular e, com mais conhecimento, *se supôs* serem observados alguns fenômenos idênticos fora do sistema solar. No entanto o grande homem está correto; e não há *Terras* ou *Luas* por serem descobertas - *exceto na aparência* - fora do nosso sistema, ou que tenham o mesmo tipo de matéria que é encontrada em nosso sistema. Este é o ensinamento Oculto. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁴³ *Dieu est devenu une hypothèse inutile* - Deus tornou-se uma hipótese inútil. (Nota do Tradutor)

Mas nós perguntaríamos aos críticos dos astrônomos medievais por que Kepler precisa ser denunciado como *extremamente não-científico*, por oferecer exatamente a mesma solução que Newton ofereceu, apenas sendo mais sincero, mais coerente, e mesmo mais lógico. Onde pode estar a diferença entre o “Ser todo-poderoso” de Newton e os “Rectores”⁴⁴ de Kepler, as Forças Cósmicas e siderais, ou Anjos, de Kepler? Kepler é também criticado por sua “curiosa hipótese que recorreu a um movimento vortical dentro do sistema solar”; por suas teorias em geral; por haver apoiado a ideia de Empédocles de atração e repulsão; e, especialmente, pela ideia de “magnetismo solar”. No entanto, vários cientistas modernos, como será demonstrado - Hunt (se Metcalfe tiver que ser excluído), Dr. Richardson, etc. - apoiam a ideia muito seriamente. Kepler é parcialmente desculpado, no entanto, com a alegação de que “na época de Kepler não havia sido reconhecida de modo nítido nenhuma interação entre massas de matéria que fosse *genericamente* diferente de magnetismo” (*World-Life*). E será que a diferença é *nitidamente* reconhecida agora? Não sabemos se o prof. Winchell reivindica para a Ciência qualquer conhecimento sério sobre a natureza da eletricidade ou a natureza do magnetismo - exceto que *ambos parecem ser efeitos de algum resultado surgindo de uma causa indeterminada*.

As ideias de Kepler, liberadas das suas tendências teológicas, são puramente ocultas. Ele viu que:

(I) O Sol é um grande ímã.⁴⁵ É nisso que acreditam alguns destacados cientistas modernos e os Ocultistas.

(II) A substância solar é imaterial.⁴⁶ (Veja “*Ísis Sem Véu*”, Ed. Pensamento, volume I, pp. 320 até 322.⁴⁷)

(III) Ele atribuiu o constante movimento e a constante restauração da energia do Sol e do movimento planetário ao cuidado perpétuo de um espírito, ou espíritos. Todo o mundo antigo acreditava nesta ideia. Os Ocultistas não usam a palavra Espírito, mas a expressão Forças *Criativas*, às quais eles *atribuem inteligência*. Mas nós também podemos chamá-las de espíritos.

Esta teoria é transformada num tabu muito mais por causa do espaço dado nela ao “Espírito”, do que por qualquer outro motivo. Herschell, o mais velho, também acreditava nela, e o mesmo fazem vários cientistas modernos. No entanto, o professor Winchell declara que “não existe uma hipótese mais fantasiosa do que esta, nem que esteja em mais dissonância do que ela com as exigências dos princípios da Física, nem nos tempos antigos, nem nos tempos modernos”. (*World-Life*, p. 554.)

⁴⁴ Rectores - “governantes” ou “regentes” em latim. (Nota do Tradutor)

⁴⁵ Mas veja *Astronomie du Moyen Age*, de Delambre. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁴⁶ No sentido, naturalmente, de que é feito de uma matéria que existe em estados desconhecidos para a Ciência. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁴⁷ Na edição em inglês de “*Isis Unveiled*”, veja o [volume I, pp. 270-271](#). (Nota do Tradutor)

O mesmo foi dito, certa vez, do Éter universal, e agora ele não só é aceito necessariamente mas defendido *como a única teoria possível* para explicar certos mistérios.

As ideias de Grove, quando ele as anunciou pela primeira vez em Londres em torno de 1840, foram chamadas de *não-científicas*, assim como as ideias acima; no entanto, os pontos de vista *de Grove* sobre a correlação de forças são hoje universalmente aceitos.⁴⁸ Seria necessário provavelmente alguém mais familiarizado com a ciência do que esta redatora, para combater com qualquer sucesso algumas das ideias que hoje prevalecem sobre gravitação e outras “soluções” similares para os Mistérios Cósmicos. Mas lembremos de algumas objeções levantadas por cientistas reconhecidos; por astrônomos e físicos eminentes que rejeitaram a teoria da rotação, assim como a da gravitação. Deste modo, podemos ler na *French Encyclopaedia* que “a Ciência concorda, através de todos os seus representantes, que é *impossível* explicar a origem *física* do movimento rotatório do sistema solar.”

Se for feita a pergunta “o que provoca a rotação?”, é-nos dada esta resposta: “É a Força centrífuga”. “E esta força, o que a produz?” “É a força da rotação”, diz a resposta em tom grave. (Veja *Godefroy*, ‘*Cosmogonie de la Révélation*’.)⁴⁹ Será bom, talvez, examinar estas duas teorias em sua conexão direta ou indireta.

5. As Teorias Científicas da Rotação

[\(Volte para o Sumário\)](#)

Levando em conta que “a causa final é considerada oficialmente uma quimera, e que a primeira Grande Causa é condenada a exilar-se na Esfera do Desconhecido” - segundo reclama corretamente um reverendo cavalheiro - o número de hipóteses levantadas, que constitui em si mesmo uma nebulosa, é extremamente notável. O estudante profano fica perplexo e não sabe em qual das teorias da ciência *exata* ele deve acreditar. Aqui nós temos hipóteses suficientes para atender a todos os gostos e os mais variados poderes do cérebro. Elas são todas extraídas de diversos livros científicos.

HIPÓTESES ATUAIS QUE EXPLICAM A ORIGEM DA ROTAÇÃO

A rotação foi originada por uma destas possibilidades:

⁴⁸ “Hoje” - em 1888, quando esta obra foi publicada. (Nota do Tradutor)

⁴⁹ Nós seremos acusados de estar em contradição. Será afirmado que, ao mesmo tempo que negamos *Deus*, admitimos Almas e *Espíritos operativos*, e serão citados autores católicos romanos fanáticos que apoiam o mesmo argumento nosso. A isso, replicamos: “Nós negamos a existência do deus *antropomórfico* dos monoteístas, mas jamais negamos o Princípio Divino na natureza. Combatemos Protestantes e Católicos Romanos em grande número de crenças teológicas dogmáticas, cuja origem é humana e sectária. Concordamos com eles na sua crença em Espíritos e poderes operativos *inteligentes*, embora não adoremos ‘Anjos’ como fazem os latinistas romanos.” (Nota de H.P. Blavatsky)

(a) Pela colisão de massas nebulares que vagueiam sem objetivo no espaço; ou por *atração*, “em casos em que um real impacto não acontece”.

(b) “Pela ação tangencial de correntes de matéria nebulosa (no caso de uma nebulosa amorfa), descendo de níveis mais elevados para níveis inferiores ⁵⁰, ou *simplesmente pela ação da gravidade central da massa.*” ⁵¹

“É um princípio fundamental em Física que *nenhuma rotação poderia ser gerada em uma tal massa pela ação das suas próprias partes.* É o mesmo que tentar mudar o rumo de um barco a vapor puxando com força o corrimão do convés”, destaca, neste ponto, o prof. Winchell em “World-Life”.

HIPÓTESES PARA A ORIGEM DOS SETE PLANETAS E DOS COMETAS

a) Devemos o nascimento dos Planetas (1) a uma explosão do Sol - um parto da sua massa central ⁵²; ou, (2) a algum tipo de ruptura dos anéis nebulares.

b) “Os Cometas são estranhos ao nosso sistema planetário” (*La Place*). “Os Cometas são inegavelmente gerados em nosso sistema Solar” (*Faye*).

c) As “estrelas *fixas* estão imóveis”, diz uma autoridade “Todas as estrelas estão, na verdade, em movimento”, responde outra autoridade “Indubitavelmente todas as estrelas estão em movimento” (*Wolf*).

d) “Durante mais de 350.000.000 anos, o lento e majestoso movimento do Sol ao redor do seu eixo não cessou nem por um instante” (*Panorama des Mondes, Le Couturier*).

e) E “como o Sol tem Alcione, nas Plêiades, como o centro da sua órbita, ele gasta 180.000.000 de anos para completar a sua revolução” (*Maedler*). ⁵³ E também:

f) Que “o Sol existe há não mais que 15.000.000 de anos, e emitirá calor durante não mais que 10.000.000 de anos no futuro” (*Palestra de Sir W. Thomson sobre “a teoria dinâmica latente em relação à provável origem, quantidade total de calor e duração do Sol”, 1887*).

⁵⁰ Os termos “elevado” e “inferior” são relativos apenas à posição do observador no Espaço; qualquer uso destes termos que possa transmitir a impressão de que eles significam realidades abstratas é necessariamente falacioso. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁵¹ *Jacob Ennis*, “The Origin of the Stars”, pp. 221 e seguintes. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁵² Neste caso, como a ciência explica o número comparativamente pequeno de planetas mais próximos do Sol? A teoria da agregação meteórica está apenas um passo mais distante da verdade do que a concepção nebular, e não possui nem sequer a qualidade desta última - o seu elemento metafísico. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁵³ Segundo a ciência das primeiras décadas do século 21, o Sol descreve uma órbita em torno do ponto central da Via Láctea. Aliás, o nosso sistema solar não faz isso sozinho. Toda a Galáxia - organizada em diversos “braços” ou “raios” e reunindo alguma coisa entre 100 bilhões e 400 bilhões de estrelas - gira em torno do seu próprio centro. (Nota do Tradutor)

Alguns anos atrás este eminente cientista estava dizendo para o mundo que o tempo necessário para a Terra esfriar desde a incrustação incipiente até o seu estado atual não podia exceder 80.000.000 de anos ⁵⁴ (*Thomson and Tait, Natural Philosophy*). Se a idade incrustada do planeta é de apenas 40 milhões de anos, ou metade da duração uma vez atribuída a ela, e a idade do Sol é de apenas 15 milhões, será que nós temos que pensar que a Terra foi em certa ocasião independente do Sol?

Já que as idades do Sol, dos planetas e da Terra, tal como se afirma nas muitas hipóteses científicas dos astrônomos e dos físicos, são dadas em outro lugar (*veja mais adiante*), nós já dissemos o suficiente para mostrar o desacordo entre os representantes da Ciência moderna. Quer nós aceitemos os *quinze* milhões de anos de Sir William Thomson ou os *mil* milhões do sr. Huxley, para a evolução rotacional do nosso sistema solar, o resultado sempre será o seguinte: ao aceitar a rotação *autogerada* dos corpos celestes compostos de matéria *inerte* e no entanto movimentados pelo *seu próprio movimento interno*, durante milhões de anos, este ensinamento da Ciência equivale a:

- a)** Uma evidente negação daquela lei física fundamental que afirma: “um corpo *em movimento tende constantemente à inércia* (isto é, a continuar no mesmo estado de movimento ou descanso) a menos que seja estimulado a uma nova ação *por uma força superior ativa*.”
- b)** Dizer que há um impulso original que culmina em um movimento inalterável, dentro de um éter *que apresenta resistência*, o que Newton havia declarado ser *incompatível com aquele movimento*.
- c)** Afirmar que a gravitação universal, sobre a qual nos ensinam que sempre tende para um centro em uma descida *retilínea* -, é, *só ela*, a causa da revolução de todo o sistema solar, que está realizando um eterno movimento giratório *duplo*, com cada corpo girando em torno do seu eixo e da sua órbita. Outra versão possível é:
- d)** Afirmar que haja um ímã no Sol; ou, que a revolução mencionada acima ocorre devido a uma força magnética, a qual atua, tal como faz a gravitação, em uma linha reta que varia na razão inversa do quadrado da distância. (Lei de Coulomb)
- e)** Afirmar que toda a atuação ocorre sob leis *invariáveis* e imutáveis, as quais são, no entanto, com frequência alteráveis, como durante alguns bem-conhecidos movimentos atípicos de planetas e de outros corpos celestes, e quando os cometas se aproximam ou se afastam do Sol.
- f)** Dizer que existe uma FORÇA MOTORA sempre *proporcional* à massa sobre a qual ela atua; mas que ela é *independente da natureza* específica daquela massa à qual ela é proporcional; o que equivale a afirmar, como faz Le Couturier, que, “sem aquela Força que é independente da massa mencionada e que tem uma natureza bastante diferente dela, a massa mencionada, quer seja tão grande como Saturno ou tão minúscula como

⁵⁴ E mesmo em relação a estes números Bischof discorda de Thomson, e calcula que seriam necessários 350 milhões de anos para a Terra esfriar de uma temperatura de 20.000 graus para 200 graus centígrados. (Nota de H.P. Blavatsky)

Ceres, iria sempre cair com a mesma rapidez” (*Musée des Sciences*, 15 de agosto, 1857). Uma massa, além disso, que deriva o seu peso do corpo no qual ela pesa.

Assim, nem as percepções de Laplace sobre um fluido atmosférico solar, que se estenderia além das órbitas dos planetas, nem a eletricidade de Le Couturier, nem o calor de Foucault (*Panorama des Mondes*, p. 55), nem este, nem aquele, podem jamais ajudar qualquer uma das numerosas hipóteses sobre a origem e a *permanência* da rotação a escapar desta roda de esquilo, assim como acontece com a própria teoria da gravidade. Este mistério é o leito de Procusto ⁵⁵ da ciência Física. Se a matéria é passiva, como se ensina agora, o mais simples movimento não pode ser visto como uma propriedade essencial da matéria - se esta última é apenas uma massa inerte. Como, então, pode um movimento tão complicado, composto e múltiplo, harmonioso e equilibrado, que dura nas eternidades por milhões e milhões de anos, ser atribuído simplesmente à sua própria Força inerente, a menos que esta Força seja uma *inteligência*? Uma *vontade física* é algo novo - uma concepção que os antigos de fato nunca teriam produzido! ⁵⁶

“Nós falamos do peso dos corpos celestes”, diz um astrônomo, “mas já que se reconhece que o peso diminui na proporção direta da sua distância do centro, fica evidente que, a uma certa distância, aquele peso se reduziria necessariamente a Zero? Se houvesse qualquer *atração* haveria equilíbrio E já que a escola moderna não reconhece nenhum *abaixo* nem algum *acima* no espaço universal, não fica claro o que deveria fazer com que a Terra caísse, mesmo que não houvesse gravitação, nem *atração*.” (*Cosmographie*) ⁵⁷

Penso que o Conde de Maistre estava certo ao resolver a questão da sua maneira teológica. Ele corta o nó Górdio dizendo: “Os planetas giram porque foram feitos para girar e o sistema físico moderno do universo é uma *impossibilidade física*” (*Soirées*). Pois Herschell não disse a mesma coisa quando destacou que é necessária uma *vontade* para criar um movimento circular, e *outra vontade* para restringi-lo? (*Discours*, p. 165.) Isto mostra e explica como um planeta *retardado* é suficientemente astucioso para calcular tão bem o seu tempo que ele executa a sua chegada no minuto

⁵⁵ A expressão “leito de Procusto”, oriunda da mitologia grega, significa a existência de um esquema referencial muito limitado, ao qual se pretende submeter à força fatos incompatíveis com ele. Qualquer realidade que não se ajusta a uma tal “teoria” é então amputada, cortada e distorcida livremente, para que se possa fazer de conta que aquele esquema preconcebido das coisas é perfeitamente correto. (Nota do Tradutor)

⁵⁶ Faz mais de um século que toda distinção entre corpo e força foi deixada de lado. “Força é apenas a propriedade de um corpo em movimento”, dizem os físicos; e “*vida* - a propriedade dos nossos *órgãos animais* - é apenas o resultado da sua combinação molecular”, respondem os fisiólogos. “No âmago daquele agregado que é chamado de planeta”, ensina Littré, “são desenvolvidas todas as forças imanes da matéria isto é, a matéria possui *em si mesma* e *através de si mesma* as forças que são próprias dela e que são *primárias*, não *secundárias*. Tais forças são a propriedade do peso, a propriedade da eletricidade, do magnetismo terrestre, a propriedade da vida Todo planeta pode desenvolver vida como a Terra, por exemplo, que nem sempre teve uma humanidade em si, e agora possui (*produz*) homens “. (*Revue des Deux Mondes*, 15 julho 1860) (Nota de H.P. Blavatsky)

⁵⁷ Boris de Zirkoff expande a informação em uma nota de rodapé: “J. Tardy, *Cosmographie*, etc., Cf. De Mirville, obra citada, Vol. IV, p. 146.” (Nota do Tradutor)

fixado. Pois, se às vezes a ciência consegue explicar com grande habilidade algumas destas paradas, destes movimentos retrógrados, ângulos fora das órbitas, etc., etc., com base em aparências que resultam da desigualdade do progresso deles e do nosso no curso das nossas órbitas mútuas e respectivas, nós ainda sabemos que há outros desvios e “muito reais e consideráveis”, de acordo com Herschell, “que não podem ser explicados exceto pela ação mútua e irregular daqueles planetas e pela *perturbadora* influência do Sol.”

Nós entendemos, no entanto, que existem, além daquelas pequenas perturbações acidentais, perturbações contínuas chamadas de “seculares” - por causa da extrema lentidão com a qual a irregularidade aumenta e afeta as relações do movimento elíptico - e acreditamos que estas perturbações *podem ser corrigidas*. Desde Newton, que descobriu que este mundo necessitava *consertos* com muita frequência, até Reynaud, todos dizem o mesmo. Em seu *Ciel et Terre* (p. 28), Reynaud afirma:

“..... As órbitas feitas pelos planetas estão muito longe de serem imutáveis; ao contrário, estão sujeitas a uma mutação perpétua na sua posição e na sua forma” - o que prova que a gravitação e as *leis* peripatéticas são negligentes, mas são rápidas em corrigir os seus erros. A acusação parece ser de que “elas (as órbitas) estão alternadamente alargando-se e estreitando-se, o seu grande eixo se expande e se reduz, ou oscila ao mesmo tempo desde a direita para a esquerda ao redor do Sol, e o próprio plano em que estão situadas se ergue e se abaixa periodicamente enquanto gira em torno de si mesmo com uma espécie de tremor”.

A isto, De Mirville, que acredita como nós que há “trabalhadores” inteligentes dirigindo invisivelmente o sistema solar, acrescenta espirituosamente “*Voilà certes* ⁵⁸, uma viagem que tem muito pouco *rigor* mecânico; no máximo, podemos compará-la à viagem de um barco a vapor que é puxado para lá e para cá pelas ondas, e que é retardado ou acelerado, sendo que todos estes impedimentos poderiam postergar indefinidamente sua chegada, se não existisse a inteligência de um piloto e de engenheiros para recuperar o tempo perdido, e para recuperar as perdas.....”.

A lei da gravidade, no entanto, parece estar se tornando uma lei *obsoleta* no céu estrelado. Pelo menos aqueles *radicais* de cabelos compridos, chamados de cometas, parecem ter muito pouco respeito pela majestade daquela lei, desafiando-a abertamente. No entanto, e embora apresentem em quase todos os aspectos “fenômenos *ainda não compreendidos por completo*”, os cometas e os meteoros são vistos pelos que acreditam na ciência moderna como *obedientes às mesmas leis e como consistindo da mesma matéria* “que os Sóis, as estrelas e as nebulosas”, e mesmo “a Terra e seus habitantes”. (*Modern Science and Modern Thought*, de Laing)

Isso é o que podemos chamar de *aceitar coisas com base na confiança*, e, sim, até o ponto da *fé cega*. Mas a ciência *exata* não pode ser questionada, e aquele que rejeitar as hipóteses mencionadas pelos estudantes dela - a gravitação, por exemplo - será visto como um idiota ignorante; no entanto, o autor recém-citado conta-nos uma estranha lenda que faz parte dos anais científicos. “O cometa de 1811 tinha uma cauda de 120 milhões de milhas em extensão e 25 milhões de milhas em diâmetro na sua parte mais larga, enquanto o diâmetro do núcleo era de cerca de 127.000 milhas, mais de dez vezes

⁵⁸ *Voilà certes* - “aí está, certamente”. (Nota do Tradutor)

o diâmetro da Terra”. Ele afirma: “Para que corpos desta magnitude, passando perto da Terra, *não alterem* o movimento da Terra nem mudem a extensão do ano sequer em um segundo, a sua substância real deve ser inconcebivelmente rarefeita”. Deve ser realmente assim. No entanto -

“..... O caráter extremamente tênue da massa de um cometa é comprovado também pelo fenômeno da cauda, que, quando o cometa se aproxima do Sol, se amplia às vezes até 90 milhões de milhas, em comprimento, em algumas horas. E o que é notável, ESTA CAUDA É LANÇADA CONTRA A FORÇA DA GRAVIDADE *por alguma força repulsiva*, provavelmente elétrica, de modo que ela sempre aponta para longe do Sol (!!!). E no entanto, por mais tênue que seja a matéria dos cometas, ELA OBEDECE À LEI COMUM DA GRAVIDADE (!?), e quer o cometa gire em uma órbita dentro da órbita dos planetas externos, ou dispare para fora rumo aos abismos do Espaço, retornando só depois de centenas de anos, o seu caminho é, a cada instante, regulado *pela mesma força que faz uma maçã cair ao chão.*” (*Ibid.*, p. 17)

A ciência é como a esposa de César, e não se pode suspeitar dela - isto é evidente. No entanto, ela pode ser criticada respeitosamente. Em todo caso, podemos lembrar que “a maçã” é um fruto perigoso. Pela segunda vez na história da humanidade, ela pode tornar-se a causa da QUEDA - esta vez, da QUEDA da ciência “exata”. Um cometa cuja cauda desafia a lei da gravidade bem diante do Sol dificilmente pode ser considerado um cometa que obedece àquela lei.

Em uma série de obras científicas sobre Astronomia e a teoria nebular, escritas entre 1865 e 1866, a presente autora, uma pobre principiante em ciência, contou, em algumas horas, *pelo menos trinta e nove hipóteses contraditórias*, oferecidas como explicações para o movimento rotatório primitivo, autogerado, dos corpos celestiais. A autora não é astrônoma, nem matemática, nem cientista; mas foi obrigada a examinar estes erros para defender o Ocultismo, em geral, e o que é ainda mais importante, para apoiar os ensinamentos ocultos na área da astronomia e da Cosmologia. Os Ocultistas foram ameaçados com penalidades terríveis por questionar verdades científicas. Mas agora eles se sentem mais corajosos; a ciência está menos segura da sua posição “inexpugnável” do que eles esperavam, e muitas das fortalezas da ciência estão instaladas sobre areias muito movediças.

Assim, mesmo esta pobre e não-científica investigação da ciência foi útil, e certamente é muito instrutiva. Aprendemos muitas coisas, na verdade, tendo estudado com particular cuidado especialmente aqueles dados astronômicos que entram mais provavelmente em conflito com as nossas crenças heterodoxas e “supersticiosas”.

Deste modo, por exemplo, descobrimos que, a respeito da gravitação, os movimentos axial e orbital, uma vez que aquele movimento sincrônico foi dominado, no primeiro estágio - isso foi suficiente para originar um movimento rotatório até o fim do Manvântara. Também ficamos sabendo que em todas as combinações de possibilidades citadas acima em relação à rotação incipiente - muito complicada em todos os casos - algumas das causas *de que ela pode resultar*, assim como outras das quais ela *deveria e teria que* ter resultado, mas que de uma maneira ou de outra não resultou. Entre outras coisas, fomos informados de que aquela rotação *incipiente* pode ser provocada com igual facilidade em uma massa de *fusão ígnea* e numa massa cuja característica é uma *opacidade glacial* (“*Heaven and Earth*”). Que a gravitação é uma lei que *nada pode*

vencer, mas que, no entanto, é vencida, seja na época correta ou fora de época, pelo mais comum dos corpos celestes ou terrestres - as caudas dos insolentes cometas, por exemplo. Que nós devemos o universo à santíssima Trindade criativa, chamada *Matéria Inerte, Força Insensível e Acaso Cego*. Sobre a real essência e natureza de qualquer um destes três, a ciência não sabe coisa alguma, mas esse é um detalhe insignificante. Portanto, afirma-se que, quando uma massa de matéria cósmica ou nebulosa - cuja natureza é desconhecida (e desconhecida inteiramente), e que pode estar em um estado de fusão (Laplace), ou pode estar *escura e fria* (Thomson), porque “esta intervenção de calor é uma *pura hipótese*” (Faye) - decide mostrar a sua energia mecânica sob a forma de rotação, ela age desta maneira. Ela (a massa) pode explodir em uma conflagração espontânea, ou pode permanecer inerte, escura e frígida, e estes dois estados são igualmente capazes de fazer com que ela, sem *qualquer causa adequada*, passe a girar pelo espaço durante milhões de anos. Seus movimentos podem ser retrógrados e podem ser diretos, e umas cem razões diferentes podem ser apresentadas para explicar os dois movimentos, com igual número de hipóteses. Seja como for, juntando-se ao labirinto de estrelas, cuja origem pertence à mesma ordem espontânea e miraculosa - porque “a *teoria nebulosa não pretende descobrir a origem das coisas*, mas apenas um *estágio* na história material” (*Winchell: World-Life*) - estes milhões de Sóis, planetas e satélites, compostos de matéria inerte, irão continuar rodopiando com uma majestosa e impressionante simetria, em torno do firmamento, impulsionados e guiados exclusivamente, apesar da força da inércia, “*pelo seu próprio movimento interno*”.

Diante disso, não podemos ficar muito surpresos se místicos eruditos, católicos romanos piedosos, e mesmo alguns astrônomos cultos, como Chaubard e Godefroy ⁵⁹, preferiram a Cabala e os sistemas antigos ao invés de uma descrição tão tediosa e tão contraditória do Universo. De qualquer modo, o *Zohar* faz uma diferença entre “*hajaschar*” (“as Forças da luz”), “*hachoser*” (as “Luzes Reflexas”), e a simples *exterioridade fenomênica* dos seus protótipos espirituais. (Veja *Kabala Denudata*, II, 67.)

A questão da “gravidade” pode agora ser deixada de lado, para que outras hipóteses sejam examinadas. Está claro o fato de que a Ciência física não sabe coisa alguma de “Forças”. Podemos concluir a argumentação, no entanto, pedindo ajuda a mais um cientista - o Professor Jaumes, membro da Academia de Medicina em Montpellier. Falando de Forças, este erudito afirma:

“Uma causa é aquilo que está agindo essencialmente na genealogia dos fenômenos, em cada produção, assim como em cada modificação. Eu disse que a atividade (ou Força) era invisível Supor que ela seja corpórea e que *resida nas propriedades da matéria* seria uma hipótese injustificada Reduzir todas as causas a Deus seria provocar um constrangimento para si mesmo levantando uma hipótese que entra em conflito com muitas verdades. Mas falar de uma *pluralidade de forças* que surgem da Divindade e possuem seus próprios poderes inerentes, é algo que faz sentido e estou disposto a admitir fenômenos produzidos por agentes intermediários chamados de Forças ou Agentes Secundários. A *distinção* de Forças é o princípio da divisão das Ciências; quantas forças reais e separadas houver, quantas Ciências básicas haverá Não: as Forças não são suposições e abstrações, mas são realidades, e são as únicas realidades ativas cujos atributos podem ser determinados com a ajuda da observação direta e da

⁵⁹ *L'Univers expliqué par la Révélation, e Cosmogonie de la Révélation*. Mas veja a *Deuxième Mémoire* de De Mirville. O autor, um inimigo terrível do Ocultismo, foi no entanto alguém que escreveu grandes verdades. (Nota de H.P. Blavatsky)

indução.” (“*Sur la distinction des Forces*”, publicado em “Mémoires de l’Académie des Sciences de Montpellier”, Vol. II, fasc. I, 1854.)

6. As Máscaras da Ciência [\(Volte para o Sumário\)](#)

Física ou Metafísica?

Se há qualquer coisa na Terra parecida com progresso, a Ciência terá algum dia de renunciar, *ainda que não queira*, a ideias monstruosas como a das suas *leis* físicas, auto-orientadas - destituídas de alma e Espírito - e voltar-se para os ensinamentos ocultos. Ela já tem feito isso, por mais alteradas que estejam a página de abertura e as edições mais recentes do Catecismo da Ciência. Agora faz mais de um século e meio desde que, na comparação do pensamento moderno com o pensamento antigo, foi descoberto que embora a nossa filosofia possa parecer muito diferente da filosofia dos nossos ancestrais, ela é constituída, no entanto, apenas *de adições e subtrações* feitas à filosofia velha, e *transmitida gota a gota através do filtro do que veio antes*.

Este fato era bem conhecido por Faraday e outros cientistas eminentes. Átomos, éter, a própria evolução, tudo isso veio à ciência moderna desde noções antigas, tudo está baseado nas concepções das nações arcaicas. “Concepções” para o profano, sob a forma de alegorias; verdades puras e simples, ensinadas durante as Iniciações para os eleitos; verdades que foram parcialmente divulgadas através de escritores gregos, e que chegaram até nós. Isso não significa que o Ocultismo teve sempre os mesmos pontos de vista sobre a matéria, os átomos e o éter tal como são encontrados nos textos exotéricos dos escritores gregos clássicos. No entanto, se acreditarmos no sr. Tyndall, até mesmo Faraday era um seguidor de Aristóteles, e um agnóstico, mais que um materialista. Em sua obra “Faraday as a Discoverer” (p. 123), Tyndall mostra o grande físico *usando* “antigas reflexões de Aristóteles” que são “concisamente encontradas em algumas das suas obras”. No entanto, Faraday, Boscovitch e todos os outros que veem “centros de força” nos átomos e nas moléculas, e veem na correspondente *força dos elementos* uma ENTIDADE EM SI MESMA, talvez estejam muito mais próximos da verdade que aqueles que, ao denunciá-los, denunciam ao mesmo tempo “a velha teoria corpuscular pitagórica” (uma teoria, diga-se de passagem, que jamais foi transmitida às gerações posteriores tal como o grande filósofo *realmente* a ensinava), com base na sua “ilusão segundo a qual os elementos conceituais da matéria *podem ser compreendidos* como entidades reais e separadas”.

O principal erro e a mais fatal das falácias feitas pela Ciência, desde o ponto de vista dos Ocultistas, está na ideia da possibilidade de uma coisa tal como matéria inorgânica, ou matéria *morta*, na natureza. “Será que alguma coisa *morta* ou *inorgânica* é capaz de transformação ou mudança?” - pergunta o Ocultismo. E há alguma coisa sob o Sol que permaneça imutável ou sem alteração?

Em nenhum lugar esta falácia é melhor ilustrada que na obra científica de um erudito alemão, o professor Philip Spiller (*Der Weltaether als Kosmische Kraft*). Neste tratado

cosmológico, Philip Spiller tenta provar que “nenhum material que constitua um corpo, nenhum átomo, *é em si mesmo originalmente dotado de força*, mas cada átomo é *absolutamente morto* ⁶⁰, e sem qualquer poder de agir à distância” (p. 4).

Esta afirmação, no entanto, não impede Spiller de enunciar uma doutrina e um princípio ocultos. Ele afirma *a substancialidade independente da força*, e a descreve como “coisa incorpórea” (*unkörperlicher stoff*) ou substância. Ora, *substância* não é *matéria*, em metafísica, e para efeitos de argumentação pode-se aceitar que as palavras foram mal escolhidas. Mas isso é devido à pobreza das línguas europeias, e especialmente em termos científicos. Então esta “coisa” é identificada e conectada por Spiller com o éter. Colocando a ideia em linguagem oculta, se poderia dizer de modo mais correto que esta “força-substância” é o sempre ativo éter *positivo* fenomênico - *prakriti*, enquanto o éter onipresente e que tudo permeia é o *númeno* do anterior, o substrato de tudo, ou *Akasha*. No entanto, Stallo entra em conflito com Spiller, assim como faz com os materialistas. Ele é acusado de “total desprezo pela correlação fundamental entre força e matéria” (nenhuma das quais é objeto de qualquer conhecimento seguro por parte da ciência). Porque este “conceito pela metade, transformado em hipóstase”, é, desde o ponto de vista de todos os outros físicos, não só *imponderável*, mas também destituído de forças coesivas, químicas, térmicas, elétricas e magnéticas; - e o éter, segundo o ocultismo, é a fonte e a *causa* de todas estas forças.

Portanto Spiller, com todos os seus erros, mostra mais intuição do que qualquer outro cientista moderno - com a exceção do Dr. Richardson, talvez, o teórico da “força dos nervos”, ou “Éter Nervoso” e também “da Força Solar e da Força terrestre”. ⁶¹ Porque o ÉTER, em esoterismo, é a própria quintessência de toda energia possível, e é certamente graças a este agente universal (composto de muitos *agentes*) que todas as manifestações de energia existem, nos mundos material, psíquico e espiritual.

O que são, na realidade, a Eletricidade e a Luz? Como pode a Ciência saber que um deles é um fluido e o outro um “modo de movimento”? Por que não se esclarece o motivo pelo qual é preciso fazer uma distinção entre ambos, já que os dois são considerados correlações-de-força? Afirma-se que a eletricidade é um fluido, imaterial e não-molecular (embora Helmholtz pense de outra maneira), e a prova disso é que nós podemos armazená-la, acumulá-la e estocá-la à parte. Então, ela *deve* ser simplesmente material, e não algum “fluido” peculiar. Ela tampouco é apenas um “modo de movimento”, porque o movimento dificilmente poderia ser estocado em uma garrafa de Leyden. Quanto à luz, ela seria ainda mais extraordinária como “modo de movimento”, porque, “por estranho que pareça, a luz (também) pode ser *de fato estocada para uso*”, conforme foi demonstrado pelo professor Grove cerca de meio século atrás.

“Pegue uma gravura que tenha sido conservada no escuro durante alguns dias, exponha a gravura à plena luz do Sol - isto é, ponha-a ao Sol durante 15 minutos - coloque-a

⁶⁰ A ideia de que algo está *morto* implica que em algum momento esteve *vivo*. Mas quando, em que período da cosmogonia? O Ocultismo afirma que em todos os casos em que a matéria *parece* estar inerte, ela está extremamente ativa. Um pedaço de madeira, ou um bloco de pedra, é imóvel e impenetrável, para todos os efeitos práticos. No entanto, e *na realidade*, as suas partículas estão em uma vibração incessante e eterna, tão rápida que para o olho físico o corpo parece absolutamente vazio de movimento. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁶¹ Veja “Popular Science Review”, Vol. V, pp. 329-334. (Nota de H.P. Blavatsky)

sobre papel sensível em um local escuro, e ao final de 24 horas ela terá deixado uma impressão dela sobre o papel sensível, sendo que as partes brancas virão registradas como pretas Parece não haver limites para a reprodução de gravuras, etc., etc.”

O que é que fica fixado, grudado, digamos assim, no papel? Foi seguramente uma *Força* que fixou a coisa; mas o que é *esta coisa*, cujo resíduo permanece no papel?

Nossos eruditos escaparão do problema através de alguma tecnicidade científica, mas o que é que foi interceptado, de modo que uma certa quantidade da sua substância ficou presa no vidro, no papel ou na madeira? Será isso um “Movimento” ou uma “Força”? Ou nos será dito que o que permanece é apenas o efeito da força ou Movimento? Mas então, o que é esta Força? Força ou energia é uma qualidade; mas toda qualidade deve pertencer a alguma coisa, ou a alguém. Em Física, a Força é definida como “aquilo que muda ou tende a mudar qualquer relação física entre corpos, seja esta relação mecânica, térmica, química, elétrica, magnética, etc.” Mas não é esta “Força” ou aquele “Movimento” que permanece no papel, quando a Força ou Movimento deixaram de agir; e no entanto alguma coisa, que os nossos sentidos físicos não podem perceber, foi deixada lá para tornar-se uma causa, por sua vez, e produzir efeitos. O que é isso? Não é matéria, tal como definida pela Ciência, isto é, matéria em qualquer um dos seus estados conhecidos. Um alquimista diria que foi uma secreção espiritual - e seria motivo de riso. No entanto, quando o físico disse que a eletricidade, estocada, era um fluido, ou que a luz, fixada num papel, ainda era luz do Sol, isto foi considerado Ciência.⁶² Na opinião de um Ocultista experiente, alguém que verificou toda a série de *Nidanas* - as causas e efeitos que finalmente projetam o seu resultado último sobre este nosso plano de manifestações -, alguém que identificou a trajetória anterior da matéria até a sua origem no seu númeno, a explicação do físico é o mesmo que qualificar a raiva e os efeitos provocados por ela como uma secreção ou um fluido, e dizer que o homem, a sua causa, é um *condutor* no plano da matéria. Mas, como Grove destacou profeticamente, está chegando rapidamente o dia no qual será confessado que as “forças” que *nós* conhecemos são apenas as manifestações fenomênicas de realidades sobre as quais nada sabemos - mas que *eram conhecidas pelos antigos - e por eles adoradas*.

Ele fez uma outra observação ainda mais sugestiva, porém, que deveria ter sido adotada como lema da Ciência, mas que não foi. Sir William Grove disse que “A CIÊNCIA NÃO DEVE TER NEM DESEJOS, NEM PREVENÇÕES. SEU ÚNICO OBJETIVO DEVE SER A VERDADE”.

Enquanto isso, em nossos dias, os cientistas são mais fanáticos e mais cheios de opiniões pessoais do que o próprio clero. Porque, embora talvez não adorem o *Deus Desconhecido* deles - a “Força-Matéria” - eles agem como seus sacerdotes. E nós podemos deduzir até que ponto este deus é desconhecido a partir das muitas confissões dos físicos e biólogos mais eminentes, entre os quais se destaca Faraday. Não só, disse ele, nunca ele poderia ousar dizer se a Força era uma propriedade ou função da matéria, mas ele de fato não sabia o que significa a palavra *matéria*.

Houve um tempo, acrescentou, em que ele acreditava saber algo sobre a matéria. Mas quanto mais ele viveu, e mais cuidadosamente estudou a matéria, mais ele ficou

⁶² As mais recentes Autoridades rejeitaram estas explicações como “teorias destruídas”, e agora deificam o “Movimento” como seu único ídolo. Mas, seguramente, estas Autoridades e o seu ídolo irão algum dia ter o mesmo destino que os seus predecessores. (Nota de H.P. Blavatsky)

convencido *da sua completa ignorância sobre a natureza da matéria*.⁶³ (Veja “Electric Science”, de Buckwell.)

Os Ocultistas são com frequência mal entendidos porque, devido à falta de termos mais adequados, eles aplicam à essência da Força, *sob certos aspectos*, a designação de *substância*. Ora, são *inumeráveis* os nomes das variedades de “substância”, nos vários planos de existência e de percepção. O Ocultismo Oriental tem uma denominação específica para cada tipo de “substância”; mas a Ciência - tal como a Inglaterra, que na opinião de um francês bem-humorado é abençoada com trinta e seis religiões e um só molho para pratos de peixe - possui apenas um nome para todas as variedades, isto é, “substância”. Além disso, nem os físicos ortodoxos nem os críticos deles parecem ter muita certeza sobre as suas próprias premissas, e estão tão inclinados a confundir os efeitos como eles confundem as causas. É incorreto, por exemplo, dizer, como Stallo diz, que “a matéria não pode ser compreendida nem concebida como apenas uma presença espacial, assim como tampouco se pode dizer que ela é uma concretização de forças”, ou que “a força não é nada sem massa, e a massa não é nada sem força” - porque uma é o númeno e a outra é o fenômeno. E ainda Schelling, quando diz que “é mera ilusão da fantasia que algo, não sabemos o quê, permaneça depois que nós tiramos de um objeto todos os predicados que pertencem a ele”⁶⁴, não poderia jamais ter sido aplicado este raciocínio ao reino da metafísica transcendental. É verdade que a força pura não é *nada* no mundo da Física; ela é TUDO no domínio do Espírito. Stallo afirma: “Se nós reduzirmos até o limite zero a massa sobre a qual uma determinada força, ainda que pequena, atua - ou, na sua expressão matemática, se a reduzirmos até que ela se torne infinitamente pequena - a consequência é que a velocidade do movimento resultante é infinitamente grande, e que a ‘coisa’ em determinado momento não está nem aqui nem lá, mas em todas as partes - a consequência é que não há real presença; é impossível, portanto, construir matéria através de uma síntese de forças.” (p. 161)

Isso pode ser verdade no mundo fenomênico, na medida em que o reflexo ilusório da *realidade una* sobre o mundo suprasensorial pareça verdadeiro para as concepções reduzidas de um materialista. É absolutamente incorreto, quando o argumento se aplica às coisas que o Cabalista chama de esferas supramundanas. A chamada inércia “é força” de acordo com Newton (*Princ. Def. iii*), e para o estudante de ciências esotéricas é a maior das forças ocultas. É apenas *conceitualmente*, apenas neste plano de ilusão, que um corpo pode ser considerado divorciado das suas relações com outros corpos - relações que, de acordo com as ciências físicas e mecânicas, dão lugar aos seus atributos. Na verdade, ele nunca pode estar isolado desta maneira: a própria morte é incapaz de separá-lo da sua relação com as forças Universais, das quais a FORÇA ou

⁶³ Esta preocupante confissão foi feita, segundo acreditamos, em um Congresso Científico na cidade de Swansea. No entanto, a opinião de Faraday é similar ao que foi dito por Tyndall: “O que é que nós conhecemos do átomo, *além da sua força*? Você imagina um núcleo que pode ser chamado de a e o rodeia de forças que podem ser chamadas de m; desde o meu ponto de vista, o a ou núcleo desaparece e a substância consiste dos poderes m. E, realmente, que noção podemos ter do núcleo como algo independente dos seus poderes? Que ideia poderia servir de base de apoio para que se imagine um a como independente das forças observadas?” (Nota de H.P. Blavatsky)

⁶⁴ Schelling, “Ideen zur einer Philosophie der Natur” (“Ideias para uma Filosofia da Natureza”) (1757), p. 18. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

VIDA única é a síntese; e simplesmente continua esta inter-relação em outro plano. Mas se Stallo está certo, o que o Dr. James Croll quer dizer quando, ao falar “Sobre a Transformação da Gravidade” (*Philosophical Magazine*, volume II, p. 252) ele levanta os pontos de vista defendidos por Faraday, Waterston, e outros? Porque ele diz muito claramente que a gravidade -

“..... é uma força que permeia o Espaço *externo dos corpos*, e que, na aproximação mútua dos corpos, a força não é aumentada, como geralmente se supõe, mas os corpos apenas passam a um lugar *onde a força existe com mais intensidade*”.

Ninguém negará que uma força (seja gravidade, eletricidade, ou qualquer outra força) que existe *fora* dos corpos e no espaço aberto - seja ele o éter ou um vácuo - deve ser *alguma coisa*, e não um puro *nada*, quando concebida como algo à parte de uma massa. De outra forma esta força dificilmente poderia existir em um lugar com uma “intensidade” *maior* e em outro lugar com uma “intensidade” reduzida. G.A. Hirn afirma o mesmo em sua obra *Théorie Mécanique de l'Univers*. Ele tenta demonstrar que o átomo dos químicos não é uma entidade puramente convencional, nem apenas um recurso explicativo, mas que existe realmente, tem o seu volume inalterável, e que consequentemente *não* é elástico (!!). “A força, portanto, *não está no átomo; está no espaço que separa os átomos uns dos outros.*”

Os pontos de vista citados acima, expressos por dois cientistas de grande destaque nos seus respectivos países, mostram que não é de modo algum *anticientífico* falar da substancialidade das chamadas *Forças*. Sujeita a ter no futuro algum nome específico, esta força é uma *substância* de algum tipo, e não pode ser nada diferente de substância; e talvez algum dia a ciência volte a adotar o ridicularizado nome de flogisto.⁶⁵ Seja qual for o nome escolhido no futuro, alegar que a força *não* está nos átomos, mas apenas no “espaço entre eles”, pode ser bastante científico; no entanto, não corresponde à verdade. Para a mente de um Ocultista, é como dizer que a água não está nas gotas que compõem o oceano, mas apenas no espaço entre as gotas!

A objeção levantada no sentido de que há duas escolas diferentes de físicos, uma das quais supõe “que a força é uma *entidade substancial independente*, que NÃO é uma propriedade da matéria nem é essencialmente relacionada com a matéria”⁶⁶, dificilmente ajudará o profano a compreender a questão. Ao contrário, só pode levar o tema a um grau de confusão ainda maior. Porque então a Força não é nem uma coisa nem outra. Ao vê-la como “uma entidade substancial independente” a teoria estende a mão direita da amizade ao Ocultismo, ao mesmo tempo que a estranha ideia contraditória de que ela não tem relação com a matéria “exceto pelo seu poder de atuar sobre ela”⁶⁷, leva a ciência física às hipóteses mais absurdamente contraditórias. Trate-se de “força” ou “movimento” (o Ocultismo não vê diferença entre os dois, e nunca tenta separá-los) este fator não pode agir de uma maneira para os seguidores da teoria

⁶⁵ Flogisto: uma “essência da matéria”, que se relaciona com a ideia de “matéria radiante” formulada pelo cientista William Crookes. Veja “Cartas dos Mahatmas”, volume II, Carta 88, p. 59, inclusive notas de rodapé. (Nota do Tradutor)

⁶⁶ “Concepts of Modern Physics”, XXXI, Introductory to the second edition. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁶⁷ *Loc. Cit.* (Nota de H.P. Blavatsky)

átomo-mecânica, e de outro modo para a escola rival. Tampouco os átomos podem ser, num caso, *absolutamente uniformes em tamanho e peso*, e variar no outro caso em seu peso (lei de Avogadro). Porque, nas palavras do mesmo hábil crítico -

“..... Se por um lado a ideia da igualdade absoluta das unidades primordiais de massa é assim uma parte essencial dos próprios fundamentos da teoria mecânica, de outro lado toda a ciência moderna da química se baseia *sobre um princípio que subverte diretamente esta ideia* - um princípio do qual se disse recentemente que ‘ocupa na química o mesmo lugar que a lei da gravitação ocupa na astronomia’. ⁶⁸ Este princípio é conhecido como Lei de Avogadro ou Ampère.” ⁶⁹

Isso mostra que ou a química moderna ou a física moderna está inteiramente errada em seus respectivos princípios fundamentais. Porque se a suposição de átomos de gravidades específicas diferentes sobre a base da teoria atômica da Física é considerada absurda, e a Química, no entanto, na sua base oposta (na questão da formação e da transformação dos compostos químicos) encontra-se com uma “verificação experimental *que nunca falha*”, torna-se evidente então que a teoria átomo-mecânica é insustentável. A explicação desta última, segundo a qual “as diferenças de peso são apenas diferenças de densidade, e diferenças de densidade são diferenças de distância entre as partículas contidas em determinado espaço” não é válida na realidade, porque, antes que um físico possa argumentar em sua defesa dizendo que “assim como no átomo não há multiplicidade de partículas nem existe espaço vazio”, ele primeiro deve saber o que é um átomo na realidade, e isso ele não pode saber. Ele deve colocar o átomo no campo de observação *de pelo menos um dos* seus sentidos físicos - e isso *ele não pode fazer*; pela simples razão de que ninguém jamais viu, cheirou, ouviu, tocou, ou experimentou o sabor de um “átomo”. O átomo pertence inteiramente ao domínio da metafísica. É *uma abstração convertida em realidade* - pelo menos para a ciência física - e nada tem a ver com a Física estritamente falando porque nunca pode ser testado numa balança ou numa retorta. A concepção mecânica, portanto, se transforma num aglomerado extremamente confuso de dilemas e teorias conflitivas, nas mentes dos numerosos cientistas que discordam tanto neste assunto como em outros; e a evolução deste aglomerado confuso é algo que o Ocultista Oriental observa com grande perplexidade.

Para concluir a questão da gravidade. Como pode a Ciência pensar que sabe alguma coisa certa sobre o tema? Como pode defender a sua posição e as suas hipóteses contra o ponto de vista dos Ocultistas, que veem na gravidade apenas simpatia e antipatia, ou

⁶⁸ J. P. Cooke, *The New Chemistry*, p. 13. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁶⁹ “Significa que volumes iguais de todas as substâncias, quando estão em estado gasoso e sob condições semelhantes de temperatura e pressão, contêm o mesmo número de moléculas - disso segue-se que os pesos das moléculas são proporcionais às gravidades específicas dos gases; e que portanto, como estas são diferentes, os pesos das moléculas são também diferentes; e na medida em que as moléculas de algumas substâncias elementares são *monatômicas* (consistem cada uma de apenas um átomo), enquanto as moléculas de várias outras substâncias contêm o mesmo número de átomos, então os átomos últimos de tais substâncias têm pesos diferentes” (*Concepts of Modern Physics*, p. 34). Tal como demonstrado mais adiante no mesmo volume, este princípio essencial da química teórica moderna *está em conflito total e irreconciliável com a primeira proposição da teoria átomo-mecânica* - isto é, a absoluta igualdade das unidades primordiais de massa. (Nota de H.P. Blavatsky)

atração e repulsão, causadas pela polaridade física no nosso plano terrestre, e por causas espirituais fora da sua influência? Como podem eles discordar dos Ocultistas antes de chegarem a um acordo entre eles próprios? De fato, ouvimos falar sobre a conservação da energia, e no mesmo instante ouvimos falar da perfeita dureza e inelasticidade dos átomos; da teoria cinética dos gases como algo idêntico à chamada “energia potencial”; e, ao mesmo tempo, fala-se das unidades elementares de massa como sendo *absolutamente duras e inelásticas*! Um Ocultista abre uma obra científica e lê o seguinte:

“O atomismo físico deriva das formas de movimento atômico todas as propriedades qualitativas da matéria. Os átomos em si mesmos permanecem como elementos totalmente destituídos de propriedades”. (Wundt, “*Die Theorie der Materie*”, p. 381.)
E ainda:

“A Química, na sua forma última, é *Mecânica atômica*.” (Nazesmann, “*Thermochemie*”, p. 150.)

E um momento mais tarde o Ocultista lê:

“Os gases consistem de átomos que *se comportam* como esferas sólidas, *perfeitamente elásticas*.” (Kroenig, Clausius, Maxwell, etc., *Philosophical Magazine*, vol. XIX, p. 18.)

Finalmente, levando tudo à culminação, Sir. W. Thomson declara:

“Nós estamos proibidos, pela moderna teoria da conservação da energia, de supor que haja inelasticidade, ou qualquer coisa menos que *perfeita elasticidade* das moléculas últimas, sejam elas da matéria mundana ou ultramundana.” !!! (“*Philosophical Magazine*”, volume citado, p. 321.)

Mas o que dizem sobre tudo isso os homens da *verdadeira* Ciência? Com a expressão “homens da *verdadeira* Ciência” nós nos referimos àqueles que dão tanta importância à verdade e tão pouca importância à vaidade pessoal que não falam dogmaticamente sobre coisa alguma, ao contrário do que faz a maioria. Entre eles há vários homens - talvez mais numerosos, devido ao medo do grito “apedrejem-no até à morte!”, do que os que ousam publicar abertamente as suas conclusões secretas - cujas intuições fizeram com que eles ultrapassassem o abismo que há entre o aspecto terrestre da matéria e o aspecto - para nós, no nosso plano ilusório - subjetivo, isto é, a SUBSTÂNCIA TRANSCENDENTALMENTE OBJETIVA, e os levaram a proclamar a existência desta última. Devemos lembrar que a matéria, para o Ocultista, é aquela totalidade de *existências* no Cosmos, que ocorre dentro de qualquer um dos planos de percepção possível. Nós estamos perfeitamente conscientes de que as teorias ortodoxas do som, do calor e da luz, são contrárias às doutrinas ocultas. Mas, não basta para os cientistas, nem para os seus defensores, dizer que eles *não negam o poder dinâmico da luz e do calor*; e apresentar como prova o fato de que o radiômetro do sr. Crookes não derrubou o ponto de vista deles. Se eles quiserem sondar a natureza última destas Forças, eles precisam, primeiro, admitir a natureza *substancial* delas, embora esta natureza seja *suprassensorial*. Os Ocultistas tampouco negam o fato de que a teoria vibratória é

correta.⁷⁰ No entanto, eles limitam as suas funções à nossa Terra, e declaram que ela é inadequada em outros planos diferentes dos nossos, já que os “Mestres” em Ciências Ocultas percebem as CAUSAS que produzem vibrações etéreas. Se todas estas ideias fossem apenas ficção produzida por alquimistas, ou sonhos dos Místicos, homens como Paracelso, Filaletes⁷¹, Van Helmont e tantos outros, teriam que ser considerados pior do que visionários: eles se tornariam impostores e mistificadores deliberados.

Os Ocultistas são criticados por dizerem que a *Causa* da luz, do calor, do som, da coesão, do magnetismo, etc., etc., é uma *substância*.⁷² O sr. Clerk Maxwell afirmou que a pressão de uma luz solar forte sobre uma milha quadrada é cerca de 3,25 libras. Esta é, segundo se afirma, “a energia da miríade de ondas do éter”; e quando os Ocultistas afirmam que esta é uma substância que tem efeitos sobre aquela área, a explicação deles é considerada *anticientífica*.

A acusação não tem base. Como já foi afirmado mais de uma vez, os Ocultistas não questionam de modo algum as explicações da ciência que oferecem uma solução para as agências objetivas *imediatas* que estão em funcionamento. A ciência erra apenas ao acreditar que, devido ao fato de que detectou nas ondas vibratórias a causa *imediate* destes fenômenos, já pode concluir que conhece TUDO o que está além do limite dos Sentidos. A ciência apenas investiga a sequência dos fenômenos num plano de efeitos, projeções ilusórias vindas de uma região que o Ocultismo conhece há muito tempo. E este último afirma que aqueles tremores etéricos, ao contrário do que afirma a ciência, não são causados pelas vibrações das moléculas de corpos *conhecidos* - a matéria da nossa consciência terrestre objetiva - mas que nós devemos procurar pelas causas últimas da luz, do calor, etc., etc., na MATÉRIA que existe em estados *suprassensoriais* - estados que são, no entanto, tão completamente objetivos para a visão espiritual do homem quanto um cavalo ou uma árvore são para o homem mortal comum. A luz e o calor são o espírito ou sombra da matéria em movimento. Tais estados podem ser percebidos pelo VIDENTE ou pelo Adepto durante as horas de transe, sob o *raio Sushumna* - o primeiro dos Sete raios *Místicos* do Sol.⁷³

⁷⁰ Referindo-se à *Aura*, um dos Mestres afirma em “O Mundo Oculto”: “Como você poderia fazer-se entender - e comandar, de fato, essas *forças* semi-inteligentes, cujo modo de comunicação conosco não é através de palavras faladas, mas *através de sons e cores*, em correlação com as *vibrações* destes dois?” Esta “correlação” é desconhecida pela ciência moderna, no entanto é explicada muitas vezes pelos alquimistas. (Nota de H.P. Blavatsky) [Subnota do tradutor: a passagem mencionada por HPB como parte de “O Mundo Oculto” pode ser encontrada também em “Cartas dos Mahatmas” (Ed. Teosófica), Carta 15, volume I, p. 98. E a frase que se segue ao trecho citado da Carta do Mahatma também é significativa: “Pois o som, a luz e as cores são os principais fatores na formação destas ordens de inteligências, desses seres, de cuja existência você não tem qualquer ideia...”. Aliás, a Carta 15 toda é reveladora. (CCA)]

⁷¹ Provavelmente Eugênio Filaletes, ocultista medieval. (Nota do Tradutor)

⁷² A “substância” do Ocultista, no entanto, é, para a mais refinada *substância* do Físico, o mesmo que a *matéria radiante* representa diante do couro das botas do Químico. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁷³ Os nomes dos Sete Raios - Sushumna, Harikesa, Viswakarman, Viswatryarchas, Sannaddha, Sarvavasu e Swaraj - são todos místicos, e cada um tem a sua aplicação específica em um estado de consciência bem definido, para propósitos ocultos. O *Sushumna*, que, como se afirma no *Nirukta* (II, 6), é apenas para iluminar a lua, é o raio, no entanto, especialmente apreciado pelos Iogues iniciados. A totalidade dos Sete Raios espalhados pelo sistema solar constitui, digamos

Assim, nós apresentamos o ensinamento Oculto que afirma a realidade de uma essência suprasubstancial e suprassensível daquele *Akasha* (não do éter, que é apenas um aspecto do *Akasha*) cuja natureza não pode ser deduzida a partir das suas manifestações mais remotas - *a sua falange meramente fenomênica de efeitos* - neste plano terrestre. A ciência, ao contrário, nos informa que o calor nunca pode ser visto como matéria em qualquer estado concebível. ⁷⁴ Também dizem a nós que os dois grandes obstáculos para a teoria fluida (?) do calor são indubitavelmente:

(1) A produção de calor pela fricção - excitação dos movimentos moleculares.

(2) A conversão de calor em movimento mecânico.

A resposta dada é a seguinte: Há fluidos de vários tipos. A eletricidade é considerada um fluido, e o mesmo acontecia recentemente com o calor, mas isso com base na suposição de que o calor era uma substância imponderável. Estas ideias ocorriam durante o reino supremo e autocrático da matéria. Quando esta última foi destronada, e o MOVIMENTO foi declarado único governante soberano do Universo, o calor se transformou em um “modo de movimento”. Não precisamos desesperar: ele pode tornar-se outra coisa amanhã ou depois. Tal como o próprio universo, a ciência está sempre *se transformando em alguma coisa*, e nunca pode dizer, “Eu sou o que sou”. Por outro lado, a Ciência Oculta tem as suas tradições *imutáveis* desde tempos pré-históricos. ⁷⁵ Ela pode errar neste ou naquele detalhe; ela nunca pode ser culpada de um erro nas questões relativas a leis Universais, simplesmente porque esta Ciência, corretamente chamada pela filosofia de “*divina*”, nasceu em planos superiores, e foi trazida para a Terra por seres que eram mais sábios do que o ser humano será mesmo

assim, o *Upadhi* físico (a base física) do *Éter da ciência*; e neste *Upadhi* a luz, o calor, a eletricidade, etc., etc. - as forças da ciência ortodoxa - se correlacionam para produzir os seus efeitos terrestres. Como efeitos psíquicos e espirituais, eles emanam do, e têm a sua origem no, *Upadhi* suprassolar, o éter do Ocultista - ou *Akasha*. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁷⁴ Para citar um crítico bastante imparcial, cuja autoridade ninguém pode questionar, como um lembrete para os Dogmatistas Ocidentais de que a questão não pode ser vista de modo algum como resolvida: “Não há qualquer diferença fundamental entre a luz e o calor cada um deles é apenas uma metamorfose do outro O calor é luz em completo repouso. A luz é calor em movimentação rápida. Quando a luz é combinada diretamente com um corpo, ela se torna calor; mas quando ela é lançada para fora por aquele corpo ela se torna luz outra vez.” (Leslie, “*Fluid Theory of Light and Heat*”) “*Se isso é verdadeiro ou falso nós não podemos saber*, e muitos anos, talvez muitas gerações, terão de passar antes que possamos sabê-lo.” (“*History of Civilization*”, Buckle, vol. III, p. 384.) (Nota de H.P. Blavatsky)

⁷⁵ “Desde tempos pré-históricos”. Diferentes tradições religiosas reconhecem e afirmam a existência, desde tempos imemoriais, de uma doutrina secreta e de um ensinamento divino *bem mais antigos que o mundo atual*. A tradição judaica, adotada pelos cristãos (que deveriam aliás ser gratos aos judeus por isso) nos dá um claro exemplo deste fato. Em Provérbios 8:22-30, os sábios do judaísmo fazem com que a Sabedoria, personificada como uma mulher, afirme na primeira pessoa do singular: “O Senhor me criou no começo da Sua ação, como a primeira das Suas obras antigas. No passado distante eu ganhei forma, antes de existir a Terra. Ainda não havia abismo quando eu fui formada, nem fontes ricas em água (...); eu já estava presente quando Ele colocou os Céus em seus lugares; (...) eu estava com Ele como confidente (...).” (Nota do Tradutor)

durante a sétima Raça da sua Sétima Ronda. E *aquela* Ciência afirma que as Forças não são o que o conhecimento moderno pensa que são; isto é, afirma que o Magnetismo *não* é um “modo de movimento”; e, neste caso particular, pelo menos, a “ciência *exata* moderna” seguramente será derrotada um dia. Nada, ao primeiro sentimento de vergonha, pode parecer mais ridículo, mais escandalosamente absurdo do que dizer, por exemplo: “O Iogue hindu iniciado sabe realmente *dez vezes mais do que o maior dos físicos europeus a respeito da natureza última e da constituição da luz* - tanto solar como lunar.” No entanto, por que acredita-se que o raio Sushumna é o raio que fornece à Lua a sua luz emprestada? Por que este é o raio “*especialmente apreciado pelos Iogues iniciados*”? Por que a Lua é considerada a *divindade da mente* por aqueles Iogues? Nós dizemos: porque a luz, ou melhor, todas as propriedades ocultas da luz, e toda combinação e correlação da luz com outras forças, mentais, psíquicas e espirituais, eram perfeitamente conhecidas pelos antigos adeptos.

Portanto, embora, no seu conhecimento da constituição última da matéria ou na chamada última análise, por oposição à análise imediata em Química, a ciência oculta possa estar menos bem-informada quanto ao comportamento dos elementos compostos em vários casos de correlações físicas, ainda assim, a ciência oculta é imensamente mais elevada no seu conhecimento dos estados ocultos últimos da matéria, e da verdadeira natureza da matéria, do que todos os físicos e químicos da nossa época moderna, somados.

No entanto, se nós dissermos a verdade abertamente e com toda sinceridade, isto é, que os antigos Iniciados tinham um conhecimento muito mais amplo de Física - como uma ciência da natureza - do que possuem as nossas Academias de Ciência, todas somadas, a afirmação será vista como uma impertinência e um absurdo; porque considera-se que as ciências físicas chegaram na nossa era ao ápice da perfeição. Disso surge a inquietante pergunta: poderão os Ocultistas enfrentar com êxito os dois pontos, isto é, (a) a produção de calor por fricção - excitação de movimentos moleculares; e (b) a conversão de calor em força mecânica, se eles ainda defendem a velha teoria “destruída” segundo a qual o calor é uma substância ou um fluido?

Para respondermos à pergunta, deve ser antes registrado que as Ciências Ocultas não veem nem a eletricidade, nem qualquer uma das forças que se supõem serem geradas por ela, como matéria, *em qualquer um dos estados conhecidos pela ciência física*; para expressá-lo mais claramente, nenhuma destas chamadas “forças” é um sólido, nem um gás, nem um fluido. Se não fosse parecer pedante, o Ocultista rejeitaria até mesmo a ideia de qualificar a eletricidade como um fluido - *já que ela é um efeito e não uma causa*. Mas o seu *númeno*, diria o Ocultista, *é uma causa consciente*. O mesmo acontece nos casos da “Força” e do “Átomo”. Vejamos o que um eminente acadêmico, Butlerof, o químico, afirmou sobre estas duas abstrações.

“O que é Força?”, argumenta este grande cientista, “o que é ela desde um ponto de vista estritamente científico, e tal como autorizado pela lei da conservação da energia? As concepções de Força dependem das nossas concepções deste, daquele ou de algum outro modo de movimento.” Força é assim simplesmente a passagem desde *um estado de movimento para outro estado de movimento*; a passagem da eletricidade para calor e

luz, do calor para som ou alguma função mecânica, e assim por diante.⁷⁶ A primeira vez que o fluido elétrico foi produzido pelo homem na Terra, deve ter sido por fricção; por isso, como se sabe, é o calor que produz o fluido elétrico ao perturbar o seu estado *laya*⁷⁷, e a eletricidade não existe *por si mesma* na Terra, assim como não existem por si mesmos o calor, a luz e qualquer outra força. Todas elas são correlações, conforme diz a ciência.⁷⁸ “Quando uma determinada quantidade de calor, ajudada por uma máquina a vapor, é transformada em trabalho mecânico, nós falamos de energia (ou força) de vapor. Quando um corpo em queda atinge um obstáculo em seu caminho, gerando assim calor e som, nós chamamos isso de energia da colisão. Quando a eletricidade decompõe a água ou aquece um fio de platina, nós falamos da força do fluido elétrico. Quando os raios do Sol são interceptados pela ampola de um termômetro e o seu mercúrio se expande, nós falamos da energia calorífica do Sol. Em resumo, quando um estado de uma quantidade determinada de movimento cessa, um outro estado de movimento, equivalente ao estado anterior, toma o seu lugar, e o resultado desta transformação ou correlação é - força. Em todos os casos em que esta transformação - a passagem de um estado de movimento para outro - está inteiramente ausente, nenhuma força é possível. Suponhamos por um momento um estado absolutamente homogêneo do Universo, e a nossa concepção de força se reduzirá a nada.”

“Portanto fica evidente que a força, vista pelo materialismo como a causa da diversidade que nos rodeia, é na verdade dos fatos apenas um efeito, um resultado, da diversidade. Desde este ponto de vista a força não é a causa do movimento, mas é um resultado, enquanto a causa da força, ou das forças, não é a substância ou matéria, mas o próprio movimento. A matéria, assim, deve ser deixada de lado, e junto com ela o princípio básico do materialismo, que se tornou desnecessário, já que a força trazida a um estado de movimento não pode dar uma ideia da substância. Se a força é resultado do movimento, torna-se impossível compreender *por que este movimento deveria tornar-se prova da existência da matéria*⁷⁹, e não do Espírito ou de uma essência Espiritual. É verdade que a nossa razão não pode conceber um movimento sem algo que se mova (e a nossa razão está certa); mas a natureza ou *essência* deste algo que se movimenta permanece inteiramente desconhecida para a ciência; e o Espiritualista, neste caso, tem tanto direito de atribuir essa essência a um ‘Espírito’, quanto o materialista de atribuí-la a uma matéria criativa e plena de potencialidade. O materialista não tem privilégios especiais neste caso, e ele não pode reivindicar privilégio algum. Fica demonstrado, desta maneira, que a lei da conservação da energia é ilegítima nas suas pretensões e alegações, neste caso. O ‘grande dogma’ - *nenhuma força sem matéria e nenhuma matéria sem força* - cai no chão, e perde inteiramente o significado solene que o

⁷⁶ No plano da manifestação ou matéria ilusória a força pode ser essa passagem, mas não é “simplesmente” isso, é muitíssimo mais do que isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷⁷ Estado neutro, ou zero. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁷⁸ Todas as forças são correlações. O mesmo ocorre no plano da vitalidade, dos sentimentos e dos pensamentos humanos. O estudante de teosofia deve aprender a transmutar e correlacionar as suas energias de modo crescentemente sábio. Nenhuma das Forças da alma existe de modo isolado ou “por si mesma”. A tarefa é combiná-las com equilíbrio, em harmonia, tornando-as dóceis e produtivas. (Nota do Tradutor)

⁷⁹ “Prova da existência da matéria”. Acompanhamos aqui a edição francesa de 1923; Édition de la Famille Théosophique, Paris, terceira edição, revista e corrigida, p. 290. (Nota do Tradutor)

materialismo tentou atribuir a ele. A concepção de força ainda não oferece uma ideia de matéria, e não nos compele de modo algum a ver na matéria ‘a origem de todas as origens’.” (*“Scientific Letters”, Professor Butlerof*)

É assegurado a nós que a verdadeira ciência não é materialista; e a nossa convicção nos diz que a ciência não pode ser materialista quando o seu conhecimento é real. Há uma boa razão para isto, bem definida por inclusive alguns físicos e químicos. As ciências naturais *não podem* avançar lado a lado com o materialismo. Para estar à altura da sua vocação, os cientistas precisam rejeitar qualquer possibilidade de que as doutrinas materialistas tenham algo a ver com a teoria *atômica*; e nós constatamos que Lange, Butlerof, Du Bois Reymond - este último de modo provavelmente inconsciente - e vários outros, comprovaram este ponto. E isto é, além do mais, demonstrado pelo fato de que Kanada, na Índia, e Leucipo, Demócrito, e depois deles Epicuro - os primeiros atomistas da Europa - ao mesmo tempo que proclamavam a sua doutrina de proporções definidas, acreditavam também em *Deuses* ou entidades suprassensoriais. Assim, as ideias deles sobre a matéria diferiam das ideias hoje dominantes. Temos o direito de tornar mais claras as nossas afirmações em um curto resumo das visões antigas e modernas da filosofia sobre os átomos, e assim provar que a teoria atômica destrói o materialismo.

Desde o ponto de vista do materialismo, que reduz as origens de tudo à *matéria*, o Universo consiste, inteiramente, de átomos e vacuidade. Mesmo deixando de lado o axioma ensinado pelos antigos e agora absolutamente comprovado pelo telescópio e pelo microscópio, segundo o qual *a natureza detesta o vácuo* - o que é um átomo? O professor Butlerof escreve: “O átomo é, responde a ciência, a divisão limitada da substância, a partícula indivisível de matéria. Admitir a divisibilidade do átomo equivale a admitir uma divisibilidade infinita da substância, que é equivalente a reduzir a substância a *nihil*, um nada. Devido simplesmente a um sentimento de autopreservação, o materialismo não pode admitir a divisibilidade infinita; caso contrário, seria preciso dizer adeus para sempre ao seu princípio básico e assim assinar a sua própria condenação à morte.” Büchner, por exemplo, como um verdadeiro dogmático em matéria de materialismo, declara que “aceitar a divisibilidade infinita é absurdo, e significa duvidar da própria existência da matéria”. O Átomo é indivisível, então, segundo diz o Materialismo? Muito bem.

“Vejam agora a que curiosa contradição este princípio fundamental dos materialistas está levando-os”, escreve Butlerof. “O átomo é *indivisível*, e ao mesmo tempo sabemos que ele é *elástico*. Uma tentativa de privar o átomo da elasticidade é impensável; seria equivalente a um absurdo. *Átomos absolutamente não-elásticos nunca poderiam demonstrar um só dos numerosos fenômenos que são atribuídos às correlações deles*. Sem elasticidade alguma, os átomos não poderiam manifestar a sua energia, e a substância dos materialistas permaneceria destituída de qualquer força. Portanto, se o Universo é composto de átomos, então os átomos *devem ser elásticos*. É aqui que nós encontramos um obstáculo insuperável. Porque, quais são as condições requeridas para a manifestação da elasticidade? Uma bola elástica, quando bate contra um obstáculo, é achatada e se contrai, o que seria impossível ela fazer, se a bola não consistisse de partículas cuja posição relativa experimenta uma mudança temporária no momento do impacto. Isso pode ser dito da elasticidade em geral; nenhuma elasticidade é possível sem mudança da posição das partículas que compõem o corpo elástico. Isso significa que o corpo elástico é mutável e consiste de partículas, ou, em outras palavras, isso

significa que a elasticidade pode pertencer *apenas a aqueles corpos que são divisíveis*. E o átomo é elástico.”

Isto basta para mostrar como são absurdas as simultâneas admissões da não-divisibilidade e da elasticidade do átomo. O átomo é elástico, portanto, o átomo é divisível, e precisa consistir de partículas, ou *sub-átomos*.⁸⁰ E estes *sub-átomos*? Eles são, ou não-elásticos, e neste caso eles não têm nenhuma importância dinâmica, ou eles são *elásticos*, também; e neste caso eles estão igualmente sujeitos à divisibilidade. E assim *até o infinito*. Mas a infinita divisibilidade dos átomos define a matéria como simples centros de força, isto é, elimina a possibilidade de conceber a matéria como uma substância *objetiva*.

O círculo vicioso é fatal para o materialismo. O materialismo descobre que caiu na sua própria armadilha e não consegue sair do dilema. Se ele diz que o átomo é indivisível, então a mecânica fará esta incômoda pergunta: “De que modo o Universo se movimenta, neste caso, e como se correlacionam as suas forças? Um mundo construído sobre átomos absolutamente *não-elásticos* é como uma máquina sem vapor, está condenado à inércia eterna.”⁸¹

Que sejam aceitos os ensinamentos e as explicações do Ocultismo, e a inércia cega da Ciência física será substituída pelos Poderes *inteligentes e ativos* que estão por trás do véu da matéria, e o movimento e a inércia se tornarão subservientes a estes Poderes. É com base na doutrina do caráter ilusório da matéria e da divisibilidade infinita do átomo que toda a ciência do Ocultismo está construída. Esta doutrina abre horizontes ilimitados para a *substância* guiada pela respiração divina da sua alma em todos os estados possíveis de rarefação, estados que ainda não foram sequer sonhados nem pelos químicos e físicos mais inclinados para a espiritualidade.

Os pontos de vista acima foram expressados por um acadêmico, o maior químico da Rússia e uma autoridade reconhecida mesmo na Europa, o falecido professor Butlerof. É verdade que ele estava defendendo os fenômenos dos espíritos, as chamadas materializações, nas quais ele acreditava assim como faziam os professores Zöllner e Hare, e tal como o sr. A. Russell Wallace, o sr. William Crookes, e muitos outros membros da Royal Society ainda acreditam, seja abertamente ou de modo secreto. Mas o seu argumento em relação à natureza da essência que age por trás dos fenômenos físicos da luz, do calor, da eletricidade, etc., não é menos científico por causa disso, nem tem menos legitimidade, mas aplica-se admiravelmente bem neste caso. A ciência não tem direito de rejeitar a alegação segundo a qual os Ocultistas possuem um conhecimento mais profundo das chamadas Forças; as quais, dizem eles, são apenas os efeitos de causas geradas por Energias⁸² que são substanciais, e no entanto são

⁸⁰ Aqui, HPB, com base no conhecimento dos Mestres de Sabedoria, anuncia durante a década de 1880 a existência de partículas subatômicas, e afirma o fato de que o átomo é divisível. A divisibilidade do átomo foi “descoberta” pela ciência convencional na primeira metade do século 20. Albert Einstein foi estudante de “A Doutrina Secreta”. Veja o artigo “[A Teosofia de Albert Einstein](#)”. (Nota do Tradutor)

⁸¹ “Scientific Letters”, Butlerof. (Nota de H.P. Blavatsky)

⁸² Energias: a palavra “Powers”, no original, pode ser traduzida tanto como *poderes* quanto como *energias*. Em inglês se diz “electric power” (energia elétrica), “solar power” (energia solar), etc. (Nota do Tradutor)

suprassensoriais, e que estão *além* de qualquer tipo de matéria que eles (os cientistas) tenham conhecido até hoje. O máximo que a ciência pode fazer é assumir e sustentar uma atitude agnóstica. Neste caso os cientistas poderão dizer: “A sua tese não está mais comprovada do que a nossa; mas nós confessamos não saber coisa alguma, na realidade, nem sobre Força, nem sobre matéria, e tampouco sobre aquilo que está na base das chamadas correlações de Forças. Portanto, só o Tempo pode revelar quem está certo e quem está errado. Esperemos, pacientemente, e enquanto isso tenhamos cortesia ao invés de zombar uns dos outros.”

Mas para fazer isso é necessário ter um amor ilimitado pela verdade, e deixar de lado o prestígio - mesmo falso - dado pela *infalibilidade*, que os cientistas têm adquirido junto ao público do mundo profano, ignorante e irreverente, embora culto. Para juntar as duas ciências, a arcaica e a moderna, é preciso em primeiro lugar abandonar as atuais linhas materialistas. É necessária uma espécie de misticismo religioso e também o estudo da magia antiga, o que os nossos acadêmicos nunca vão realizar. Esta necessidade é algo que se compreende facilmente. Assim como nas velhas obras alquímicas o verdadeiro significado das substâncias e dos elementos mencionados estavam ocultos sob as metáforas mais ridículas, assim também as naturezas físicas, psíquicas e espirituais dos Elementos (por exemplo, do fogo), escondidos nos Vedas, e especialmente nos Puranas, sob alegorias compreensíveis apenas para os Iniciados. Se não tivessem significado, então realmente todas aquelas longas lendas e alegorias sobre o caráter sagrado dos três tipos de fogo, e sobre os *quarenta e nove fogos originais* - personificados pelos Filhos que as filhas de Daksha tiveram com os seus maridos, os Rishis, “os quais, com o primeiro filho de Brahmâ e seus três descendentes constituem os quarenta e nove fogos” - seriam um palavreado idiota e nada mais que isso. Mas os fatos são outros. Cada *fogo* tem a sua função e seu significado específicos no mundo físico e no mundo espiritual. Cada *fogo* tem, além disso, na sua natureza *essencial*, uma relação de correspondência com uma das faculdades psíquicas humanas, além das suas bem determinadas potências químicas e físicas, quando entra em contato com a matéria *terrestremente* diferenciada. A ciência não oferece qualquer reflexão sobre o fogo *em si*; o Ocultismo e a ciência religiosa antiga têm o que dizer a respeito. Isso fica claro mesmo na fraseologia limitada e propositalmente velada dos Puranas, onde (tal como no *Vayu Purana*) são explicadas muitas das qualidades dos fogos *personificados*. Assim, *Pavaka* é elétrico, ou *Vaidyuta*, fogo; *Pavamâna*, o fogo produzido por fricção (ou *Nirmathya*): e *Suchi* é fogo solar (ou *Saura*)⁸³ - e todos estes três são filhos de Abhimanin, o Agni (fogo), o filho mais velho de Brahmâ e Swaha. *Pavaka*, além disso, é transformado em progenitor de Kavyavahana - o fogo dos *Pitris*; *Suchi*, progenitor de Havyavahana, o fogo dos deuses; e *Pavamana*, progenitor de Saharaksha, o fogo dos Asuras. Tudo isto mostra que os autores dos Puranas estavam perfeitamente familiarizados com as “Forças” da ciência e com suas correlações; e inclusive com as várias qualidades destas Forças em seus efeitos sobre os fenômenos psíquicos e físicos que não são registrados, sendo desconhecidos pela ciência física atual. Naturalmente, quando um orientalista, especialmente um orientalista com tendências materialistas, lê que estas são apenas denominações do fogo usadas *em invocações* e rituais, ele qualifica isso como “superstições e mistificações tântricas”, e dá mais importância a evitar erros de ortografia do que a encontrar o significado secreto atribuído às personificações, ou a procurar a explicação delas na correlação física de forças, até onde se sabe. De fato, o conhecimento dos antigos Árias é tão pouco

⁸³ Chamado de “aquele que bebe as águas”, porque o calor solar causa a evaporação da água. (Nota de H. P. Blavatsky)

reconhecido que mesmo passagens tão gritantes como a do *Livro I, Capítulo II, Vishnu Purana*, são completamente ignoradas. No entanto, qual pode ser o significado desta frase? “Então o Éter, o ar, a luz, a água, e a terra, unidos de várias maneiras com as propriedades do som e outras qualidades, existiam como distinguíveis de acordo com as suas propriedades, mas como possuíam muitas e variadas energias e estavam desconectados, eles *não podiam, sem estar combinados*, criar seres vivos, porque não se haviam unido uns aos outros Uma vez que se combinaram entre si eles assumiram através da associação mútua o caráter de uma massa de uma unidade íntegra; e dirigida pelo Espírito”, etc. Isto significa, naturalmente, que os autores estavam perfeitamente familiarizados com a correlação e estavam bem conscientes da origem do Cosmos a partir do “Princípio indivisível” - *Avyaktanugrahena*, tal como atribuído a Parabrahmam e Mulaprakriti conjuntamente, e não a “Avyakta, seja Primeira Causa, ou matéria”, como Wilson apresenta. Os antigos Iniciados não conheciam nenhuma “criação miraculosa”, mas ensinavam a evolução dos átomos (no nosso plano físico) e a primeira diferenciação dos átomos desde *laya* para o *protilo*, nome que o sr. Crookes sugestivamente usa para designar a matéria, ou substância primordial *além* da linha-zero: lá onde nós colocamos *Mulaprakriti*, o “princípio-raiz” da substância do mundo e de tudo no mundo.

Isso pode ser facilmente demonstrado. Considere, por exemplo, o catecismo recentemente publicado dos *vedantinos Visishtadwaita*, um sistema ortodoxo e exotérico, no entanto inteiramente enunciado e ensinado no século 11 (o seu fundador, Ramanujacharya, nasceu em 1.017 da era cristã), em uma época quando a “ciência” europeia ainda acreditava que a Terra era quadrada e plana segundo a descrição feita por Cosmas-Indicopleustes no século 6. O catecismo *Visishtadwaita* ensina que antes de a evolução começar, Prakriti (a Natureza) estava numa condição de *laya* ou absoluta homogeneidade, já que “a matéria existe em duas condições, *sukshma*, ou latente e indiferenciada, e *sthula* ou condição diferenciada”. E então Prakriti tornou-se *anu*, atômica. O catecismo ensina sobre *Sudda-satwa* - “uma substância que não está sujeita às qualidades da matéria, e da qual ela é muito diferente”, e acrescenta que a partir desta substância são formados os corpos dos habitantes de Vaikuntaloka (o céu de Vishnu), os deuses. Que cada partícula ou átomo de Prakriti contém *Jiva* (vida divina) e é o *sharira* (o corpo) daquele *Jiva* que ele contém, ao mesmo tempo que cada *Jiva* é por sua vez o *sharira* do supremo espírito, “já que Parabrahman permeia todos os Jivas, assim como cada partícula de matéria”. Embora a filosofia *Visishtadwaita* possa ser dualística e antropomórfica, se comparada com a filosofia *Adwaita* - dos não dualistas -, ainda assim ela é imensamente mais elevada em lógica e no plano filosófico do que a cosmogonia aceita pela Cristandade, ou pela sua grande oponente, a ciência moderna. Seguidores de uma das maiores mentes que já apareceram na Terra ⁸⁴, os *vedantinos Adwaitas* são chamados de *ateus*, porque veem tudo como uma ilusão, exceto Parabrahman, o *incomparável*, a Realidade Absoluta ⁸⁵. No entanto, os Iniciados mais sábios vieram das suas fileiras, assim como os maiores Iogues. Os *Upanixades* mostram não só que eles seguramente sabiam qual é a substância *causal* nos *efeitos* da *fricção*, mas que os seus antecessores estavam familiarizados com a *conversão de calor em força mecânica*, e que eles tinham conhecimento dos *númenos* de todos os fenômenos espirituais, e de todos os fenômenos cósmicos.

⁸⁴ Shankaracharya, ou Shankara Acharya. (Nota do Tradutor)

⁸⁵ O Parabrahman, portanto, não faz parte do Pralaya, e tampouco faz parte do Manvântara. (Nota do Tradutor)

Verdadeiramente, o jovem brâmane que concluiu seu curso nas universidades da Índia com notas máximas, que começa sua vida com um mestrado e um bacharelado e mais uma série de iniciais desde A até Z após o seu nome, e com um sentimento de desprezo pelos seus deuses nacionais tão grande quanto as honras recebidas durante sua educação na área das ciências físicas, verdadeiramente basta a ele ler à luz destas ciências físicas, e lembrando da correlação das Forças físicas, certas passagens dos seus Puranas, para perceber que os seus ancestrais sabiam muito mais do que ele jamais saberá - a menos que ele se torne um ocultista. Ele deve examinar a alegoria dos Pururavas e do *Gandharva* celeste ⁸⁶, que deu aos Pururavas um vaso cheio de fogo celestial. O modo primordial de obter fogo por fricção tem a sua explicação científica nos Vedas, e está cheio de significado para quem sabe ler nas entrelinhas. O *Tretagni* (a tríade sagrada de fogos), obtida pelo atrito de sarrafos de madeira da árvore *Ashwattha* (a árvore-Bo, da Sabedoria e do Conhecimento), cujo comprimento era igual “à grossura de tantos dedos quantas sílabas há no Gayatri” deve ter um significado secreto, caso contrário os redatores dos Vedas e dos Puranas não seriam escritores sagrados, mas mistificadores. O fato de que o *Tretagni* tem um significado secreto é comprovado pelos Ocultistas Hindus, e só eles são capazes de explicar a ciência por que motivo e de que modo o fogo, que era primitivamente *um só*, foi transformado em tríplice (*treta*) em nosso Manvântara atual, pelo Filho de Ilá (Vach), a primeira mulher depois do dilúvio, a esposa e filha do Manu Vaivasvata. A alegoria é sugestiva, seja qual for o Purana em que ela é lida e estudada.

7. Um Cientista Ataca a Teoria Científica da Força [\(Volte para o Sumário\)](#)

As sábias palavras de vários cientistas (ingleses) devem agora ser citadas em nosso favor. Lançados ao ostracismo por uns poucos “por uma questão de princípios”, eles são tacitamente aprovados pela maioria. Todo Ocultista, e mesmo alguns leitores profanos, reconhecerão o fato de que um deles prega quase as doutrinas Ocultas, dizendo algumas coisas idênticas, que com frequência significam um reconhecimento público do nosso “*Fohat* e seus sete Filhos” - o *Gandharva* oculto dos Vedas.

⁸⁶ O Gandharva dos Vedas é a divindade que conhece os segredos do céu e as verdades divinas e os revela aos mortais. *Cosmicamente*, os Gandharvas são os poderes agregados do fogo-solar, e constituem as suas Forças; *psiquicamente*, são a inteligência que reside no *Sushumna*, raio Solar, o mais elevado dos *sete* raios; *misticamente* - são a força oculta em Soma (a Lua, ou planta lunar, e a bebida feita dela); *fisicamente*, são as causas fenomênicas e *espiritualmente* as causas numerais do *Som* e da “voz da Natureza”. Por isso, eles são chamados de “os 6.333 cantores celestiais” e músicos de Indra loka (local de Indra), que personificam (através inclusive do seu número), os vários e múltiplos sons da Natureza, tanto acima como abaixo. Nestas últimas alegorias afirma-se que eles têm poder místico sobre as mulheres, e *que gostavam delas*. O significado esotérico é bastante claro. Eles são uma das formas, se não os protótipos, dos anjos de Enoque, os Filhos de Deus, que viram que as filhas dos homens eram belas (Gênesis, VI), casaram com elas, e ensinaram às filhas da Terra *os segredos do Céu*. (Nota de H. P. Blavatsky)

Se os leitores profanos abrirem o Volume V da *Popular Science Review* (pp. 329-334), eles encontrarão ali um artigo sobre a força do Sol e a força da Terra (“*Sun Force and Earth Force*”), do Dr. B. W. Richardson, F.R.S., que diz o seguinte:

“Neste momento, em que a teoria do mero movimento como origem de todas as variedades de força se torna novamente o pensamento predominante, seria quase uma heresia reabrir um debate que durante um período pareceu, com o consentimento geral, estar virtualmente encerrado; mas aceito o risco, e vou afirmar, portanto, quais eram os pontos de vista precisos do herético imortal cujo nome murmurei aos leitores (Samuel Metcalfe), com relação à Força do Sol. Começando com o argumento com o qual praticamente todos os físicos concordam, que há apenas duas agências na natureza - a matéria, que é ponderável, visível, e tangível, e um algo que é imponderável, invisível, e apreciável apenas pela sua influência sobre a matéria - Metcalfe afirma que a agência imponderável e ativa que ele chama de ‘*calórica*’ não é uma mera forma de movimento, não é uma vibração entre as partículas da matéria ponderável, mas é *em si mesma uma substância material fluindo do Sol* através do Espaço ⁸⁷, e preenchendo os vazios entre as partículas dos corpos sólidos, e transmitindo pela sensação a propriedade chamada calor. A natureza da força calórica, ou Força do Sol, é defendida por ele com as seguintes alegações:”

“(i) Ela pode ser acrescentada a outros corpos, e extraída deles, e medida com precisão matemática.”

“(ii) Ela aumenta o volume dos corpos, que são outra vez reduzidos em tamanho pela sua ausência.”

“(iii) Ela modifica as formas, as propriedades, e condições de todos os outros corpos.”

“(iv) Ela *passa por radiação através do mais perfeito vácuo* ⁸⁸ que possa ser formado, e produz, no termômetro, os mesmos efeitos que na atmosfera.”

“(v) Ela exerce forças mecânicas e químicas que nada pode restringir, como nos vulcões, na explosão de pólvora e outros compostos fulminantes.”

“(vi) Ela opera de maneira sensível no sistema nervoso, produzindo dor intensa; e quando em excesso, produzindo a desorganização dos tecidos.”

“Contra a teoria vibratória, Metcalfe prossegue argumentando que se o processo calórico fosse uma *mera propriedade ou qualidade*, ele não poderia aumentar o volume de outros corpos; para esta função ele deve ter, ele próprio, volume, ele deve ocupar espaço, e deve portanto, ser um agente material. Se o processo calórico fosse *apenas o*

⁸⁷ Não só “através do Espaço”, mas preenchendo cada ponto do nosso sistema solar, porque constitui o resíduo físico, digamos assim, do Éter, o seu *revestimento* no nosso plano, já que o Éter tem que cumprir outras funções cósmicas e terrestres além de ser o “*agente*” de transmissão da luz. É o fluido astral ou “Luz Astral” dos Cabalistas, e é os “Sete Raios” do Sol-Vishnu. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁸⁸ Qual é então a necessidade das ondas etéricas para a transmissão de luz, calor, etc., se *esta* substância pode passar através do vácuo? (Nota de H. P. Blavatsky)

efeito do movimento vibratório entre as partículas da matéria ponderável, *ele não poderia irradiar-se dos corpos quentes* sem a transição simultânea das partículas vibratórias; mas fica claro o fato de que o calor pode irradiar-se de substância material ponderável sem perda de peso da mesma substância Com esta visão da natureza material da força calórica ou força-do-Sol; com a impressão firmemente estabelecida em sua mente de que ‘tudo na Natureza é composto de dois tipos de matéria, um essencialmente ativo e etéreo, o outro, passivo e imóvel’ ⁸⁹, Metcalfe embasou a hipótese de que a força Solar, ou calórica, é um princípio autoativo. Pelas suas próprias partículas, diz ele, ela tem repulsão; em relação às partículas de toda a matéria ponderável, ela tem afinidade; ela atrai as partículas da matéria ponderável com forças que variam na razão inversa do quadrado da distância. Ela age assim *através* da matéria ponderável. Se o espaço universal estivesse cheio apenas de força calórica, isto é, apenas de força solar (sem matéria ponderável) a força calórica também seria inativa e constituiria um Oceano ilimitado de éter destituído de poder, quiescente, porque neste caso ela não teria nada sobre o que agir, enquanto a matéria ponderável, embora inativa em si mesma, tem ‘certas propriedades pelas quais ela modifica e controla as ações do processo calórico, as quais são governadas por leis imutáveis cuja origem está nas relações mútuas e propriedades específicas de cada uma’.

“E ele formula uma lei que considera absoluta, e que é descrita desta maneira:”

“ ‘Através da atração do calórico por parte da matéria ponderável, ele une todas as coisas e as mantém juntas; através da sua energia autorrepulsiva ele separa e expande todas as coisas’.”

Isso, é claro, corresponde quase exatamente à explicação oculta da coesão. O Dr. Richardson continua:

“Como já afirmei, *a tendência do ensinamento moderno é depender da hipótese de que o calor é movimento*, ou, como seria talvez mais adequado dizer, de uma forma ou força específica de movimento.” ⁹⁰

“Mas esta hipótese, por mais popular que seja, não é uma hipótese que deva ser aceita a ponto de excluir pontos de vista mais simples sobre a natureza material da força-do-Sol, e da sua influência ao modificar as condições da matéria. *Nós ainda não sabemos o suficiente para sermos dogmáticos.*” ⁹¹

⁸⁹ E como poderia ser de outro modo? A matéria densa e *ponderável* é o corpo, a Casca da matéria ou Substância, o princípio passivo e feminino; e esta força *Fohática* é o segundo princípio, *prana*, o princípio masculino e ativo. No nosso globo, esta Substância é o segundo princípio do *Elemento* setenário, Terra; na atmosfera, ela é o segundo princípio do *ar*, que é o corpo cósmico denso; no Sol ela se torna o *corpo Solar* e o corpo dos Sete raios; no espaço sideral ela corresponde a outro princípio, e assim sucessivamente. Só o todo é uma Unidade homogênea, as partes são todas diferenciações. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁰ Ou reverberação, e pelo *som*, que constitui a repercussão *em nosso plano* daquilo que é um movimento perpétuo daquela *Substância* em planos superiores. Nosso mundo e nossos sentidos são vítimas de *Maya*, incessantemente. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹¹ Uma confissão honesta. (Nota de H. P. Blavatsky)

..... “A hipótese de Metcalfe a respeito da força-do-Sol e da força-da-Terra não é apenas muito simples mas também muito fascinante Aqui estão dois elementos do Universo, um deles é matéria ponderável O segundo elemento é o Éter que tudo permeia, o fogo solar. Ele *não tem peso, nem substância, forma, ou cor; ele é matéria infinitamente divisível*, e as suas partículas repelem uma à outra; a sua rarefação é tamanha que não temos palavras, exceto *éter* ⁹², para expressá-la. Ele permeia e preenche o espaço, mas em si mesmo ele também é quiescente - morto.⁹³ Nós reunimos os dois elementos, a matéria inerte, o Éter autorrepulsivo (?), e de imediato a matéria ponderável morta (?) é vivificada” [*A matéria ponderável pode estar inerte mas nunca morta - esta é a Lei Oculta - H.P.B.*] “através das partículas da substância ponderável o éter [*o segundo princípio do Éter - H.P.B.*] penetra e, ao penetrar, ele se combina com as partículas ponderáveis e as contém em massa, e as mantém juntas em um laço de união; elas se dissolvem no Éter.”

“Esta distribuição de matéria sólida ponderável através do éter se estende, de acordo com a teoria que está diante de nós, a tudo o que existe neste momento. O éter permeia todas as coisas. O próprio corpo humano é permeado pelo éter [*mais precisamente, pela luz astral - H.P.B.*]; as suas partículas minúsculas permanecem unidas por causa do éter; a planta está na mesma situação; a mais sólida terra, rocha, diamante, cristal e metal, estão todos no mesmo caso. Mas há diferenças nas capacidades que os diferentes tipos de matéria ponderável têm de receber a força-solar, e disso dependem os vários estados mutáveis da matéria; o estado sólido, o líquido, e o gasoso. Os corpos sólidos atraíram mais calórico que os corpos fluidos, e por isso eles têm uma firme *coesão*; quando uma porção de zinco fundido é derramada sobre placa de zinco sólido, o zinco fundido se torna sólido porque há uma rápida transferência de calor do líquido para o sólido, e com a equalização, as partículas, antes soltas ou líquidas, são mais estreitamente reunidas O próprio Metcalfe, analisando os fenômenos citados acima e explicando-os pela unidade do princípio da ação, que já foi explicado, resume a sua argumentação de modo muito claro, em um comentário sobre as densidades dos vários corpos. ‘Dureza e suavidade’, diz ele, ‘solidez e liquidez, não são condições essenciais dos corpos, mas dependem das proporções relativas de matéria etérea e de matéria ponderável de que eles são compostos. O gás mais elástico pode ser reduzido à forma líquida pela abstração do calórico, e novamente convertido em um sólido firme, cujas partículas estarão unidas com uma força proporcional ao aumento da sua afinidade com o calórico. Por outro lado, acrescentando uma quantidade suficiente do mesmo princípio aos metais mais densos, a atração deles em relação ao calórico é diminuída quando eles são expandidos até o estado gasoso, e a coesão deles é destruída’.”

⁹² No entanto não é *Éter*, mas apenas um dos princípios do Éter, sendo que o próprio Éter é *um dos princípios do Akasha*. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹³ E *prana* (Jiva) também permeia todo o corpo vivo do ser humano, mas visto em si mesmo, sem um átomo sobre o qual agir, ele seria *quiescente* - estaria morto; isto é, estaria em *laya*, ou como diz o sr. Crookes, “preso em *Protilo*”. É a ação de *Fohat* sobre um corpo composto ou mesmo sobre um corpo simples que produz vida. Quando um corpo morre ele passa para a mesma polaridade que a sua energia masculina e repele portanto o agente ativo, o qual, perdendo controle do *todo*, se concentra totalmente nas partes ou moléculas, e esta ação é chamada de química. Vishnu, o Preservador, se transforma em Rudra-Shiva, o Destruidor - uma correlação aparentemente desconhecida da Ciência. (Nota de H. P. Blavatsky)

Tendo assim citado de maneira extensa os pontos de vista *heterodoxos* do grande “herético” - visões que necessitam apenas uma pequena alteração de termos aqui e ali - vemos que o mesmo eminente cientista, um pensador sem dúvida original e de mente aberta, passa a resumir as suas ideias, continuando:

“Não vou escrever mais tempo sobre esta unidade da força-do-Sol com a Terra, o que está implícito nesta teoria. Mas posso acrescentar que a partir disso, ou a partir da hipótese do mero movimento como força, e da propriedade sem substância, nós podemos reunir, como o enfoque possível mais próximo da verdade sobre este tema, o mais complexo e profundo de todos, as seguintes inferências:”

“(a) O Espaço, interestelar, interplanetário, intermaterial, interorgânico, não é um vácuo, mas está preenchido de um fluido ou gás, o qual, na falta de um termo melhor ⁹⁴ nós podemos ainda chamar, como fizeram os antigos, de *Aith-ur* - fogo Solar, Éter. Este fluido, imutável em sua composição, indestrutível, invisível ⁹⁵, permeia tudo e toda matéria [*ponderável* - H.P.B.] ⁹⁶; o seixo nas águas do arroio, a árvore de galhos inclinados para baixo e o homem olhando para a frente estão permeados pelo éter em graus variados; o seixo menos que a árvore, a árvore menos que o homem. Tudo no planeta está semelhantemente carregado de éter! Um mundo é construído no fluido etéreo, e se movimenta através de um mar deste fluido.”

“(b) O Éter, seja qual for a sua natureza, surge do Sol e dos Sóis ⁹⁷; os sóis são geradores dele, os seus locais de armazenamento, os seus difusores.” ⁹⁸

“(c) Sem o éter não poderia haver movimento; sem ele as partículas de matéria ponderável não poderiam deslizar uma sobre a outra; sem ele não poderia haver impulso para estimular estas partículas levando-as à ação.”

⁹⁴ Realmente, a menos que sejam adotados os termos ocultos dos Cabalistas! (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁵ “Imutável” apenas durante os períodos manvantáricos, depois dos quais ele se dissolve mais uma vez em Mulaprakriti; “invisível” sempre, na sua própria essência, mas visto em seus reflexos cintilantes, chamadas de Luz Astral pelos Cabalistas modernos. E no entanto, grandes Seres conscientes, vestidos com aquela mesma Essência, se movimentam neste fluido. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁶ Temos que acrescentar “ponderável”, para distingui-lo daquele *Éter* que é matéria sutil, embora um substrato. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁷ As Ciências Ocultas reverterem a afirmação, e dizem que o Éter é o Sol, e que todos os sóis surgem do *Éter*, o qual emana do *Sol Central* durante a Aurora manvantárica. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁹⁸ Aqui, pedimos licença para discordar do erudito cavalheiro. Lembremos que este Éter, seja o termo usado como significando *Akasha* ou como significando apenas um princípio inferior de *Akasha*, é setenário. *Akasha* é Aditi na alegoria, e é a mãe de *Marttanda* (o Sol); é a *Deva-matri* - “Mãe dos deuses”. No sistema solar, o Sol é o seu Buddhi e o *Vahan*, o Veículo, portanto o sexto princípio de *Deva-matri*: no cosmos, todos os sóis são o Kama-rupa do *Akasha* e o mesmo ocorre com o nosso Sol. É só quando visto como uma Entidade individual em seu próprio reino que Surya (o Sol) é o sétimo princípio do grande corpo de *matéria*. (Nota de H. P. Blavatsky)

“(d) O Éter determina a constituição dos corpos. Se não houvesse éter não poderia haver mudança de constituição quanto a substância; a água, por exemplo, só poderia existir como uma substância, compacta e insolúvel além de toda concepção que pudéssemos formar dela. Ela nunca poderia ser nem mesmo gelo, nunca pedra, nunca vapor, com a exceção do éter.”

“(e) O Éter conecta o Sol com o planeta, o planeta com o planeta, o ser humano com o planeta, o ser humano com o ser humano. Sem éter não poderia haver comunicação no Universo; não haveria luz, não haveria calor, nenhum fenômeno de movimento.”

Assim vemos que, na alegada concepção *mecânica* do Universo, o Éter e os átomos *elásticos* são o Espírito e a Alma do Cosmo, e que a teoria - colocada de qualquer maneira e sob qualquer disfarce - sempre deixa um espaço aberto para os cientistas especularem além da linha limítrofe definida pelo materialismo moderno (ou melhor, chamemo-lo de *agnosticismo*, para sermos mais corretos ⁹⁹); e este espaço é maior do que a maioria aproveita e faz uso. Seja em relação aos átomos, ao Éter, ou ambos, a investigação moderna não consegue sair do círculo do pensamento antigo; e este último estava permeado pelo ocultismo arcaico. A teoria ondulatória e a teoria corpuscular são uma só. São especulações em torno dos aspectos dos fenômenos, e não surgem do conhecimento da natureza essencial da *causa* e das *causas*. Quando a ciência moderna explicou ao seu público os últimos progressos de Bunsen e Kirchhoff, e mostrou as sete cores, as cores “primárias” de um raio que se decompõe em uma ordem fixa em uma tela; e descreveu os respectivos comprimentos das ondas luminosas, o que é que isto provou? A ciência moderna justificou a sua reputação de *exata* no campo matemático ao medir até mesmo o comprimento de uma onda luminosa - “variando entre cerca de setecentos e sessenta milionésimos de milímetro na extremidade vermelha do espectro e cerca de trezentos e noventa e três milionésimos de milímetro na extremidade violeta”. Mas quando a exatidão do cálculo com relação ao *efeito* na onda luminosa é assim demonstrada, a ciência é forçada a admitir que a *força* (isto é, a *suposta causa*), segundo *se acredita*, produz “ondulações inconcebivelmente pequenas” em *algum* meio - “*geralmente visto como idêntico ao meio etéreo*” ¹⁰⁰ - e este meio é, ele mesmo, ainda apenas um agente *hipotético*!

O pessimismo de Auguste Comte em relação à impossibilidade de conhecer algum dia a composição química do Sol não foi derrubado trinta anos depois por Kirchhoff, apesar das alegações neste sentido. O espectroscópio ajudou-nos a ver que os elementos com que o químico moderno está familiarizado *devem com toda probabilidade* estar presentes nas vestes exteriores do Sol - *não no Sol em si mesmo*; e, pensando que estas

⁹⁹ O materialismo brutal, mas franco, é mais honesto do que o agnosticismo de cara dupla de nossos dias. O *Monismo* é o hipócrita da filosofia moderna, que volta uma face farisaica para a psicologia e o idealismo, e a sua face natural de adivinho (áugure) romano, expandindo a bochecha com a língua - para o materialismo. Os monistas são piores que os materialistas, porque, enquanto olham para o Universo e para o homem psicoespiritual desde o mesmo ponto de vista negativo, os materialistas defendem a sua tese de maneira muito menos plausível que os céticos do tipo do Sr. Tyndall ou mesmo do tipo do Sr. Huxley. Herbert Spencer, Bain e Lewes são mais perigosos para as verdades universais do que Büchner. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁰ “World-Life”, A. Winchell, pp. 37-38. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

“vestimentas”, o véu cósmico solar, eram o próprio Sol, os físicos declararam que a sua luminosidade era resultado de *combustão* e de *chamas*, e confundiram o princípio vital daquele astro com algo feito puramente de *matéria física*, e o chamaram de “cromosfera”.¹⁰¹ Por enquanto nós temos apenas hipóteses e teorias, não há - de modo algum - uma lei.

8. Vida, Força, ou Gravidade? [\(Volte para o Sumário\)](#)

Os fluidos *imponderáveis* tiveram os seus dias. Fala-se menos, hoje, sobre as “Forças mecânicas”. A ciência assumiu um novo rosto neste último quarto de século; mas a gravitação permanece, e deve a sua vida a novas combinações, depois que as velhas combinações quase a mataram. Ela pode dar respostas muito boas para as hipóteses científicas, mas a questão é saber se ela responde igualmente bem à verdade, e se representa um fato da natureza. A atração em si *não* é suficiente para explicar nem mesmo o movimento planetário; como se pode supor que ela explica o movimento de rotação nas infinidades do Espaço? A atração, sozinha, nunca vai preencher todos os espaços vazios, a menos que seja admitida a existência de um impulso específico para cada corpo sideral, e a rotação de todos os planetas com os seus satélites seja demonstradamente atribuída a alguma *causa única* combinada com a atração. E mesmo assim, diz um astrônomo, a ciência teria que dar um nome a esta causa.¹⁰²

O Ocultismo já tem um nome para esta causa desde épocas remotas, assim como todos os filósofos antigos; mas estas crenças são agora descritas como superstições sem base. O Deus “extracósmico” eliminou toda possibilidade de uma crença em forças inteligentes *intracósmicas*; no entanto, quem é, ou o que é o *impulsionador* original naquele movimento? “Quando nós conhecermos a causa, *única e especial*, que impulsiona, estaremos prontos para combiná-la com a causa que atrai”, diz Francœur (“*Astronomie*”, p. 342). E ainda: “A atração entre os corpos celestes é apenas repulsão: é o Sol que os leva incessantemente para adiante: de outro modo, o movimento deles pararia.”

Se em algum momento for aceita esta teoria afirmando que a Força Solar é a causa primária de toda a vida na Terra e de todo movimento no céu, e se aquela outra, bem mais audaz, formulada por Herschell - sobre certos organismos no Sol - for aceita mesmo como hipótese provisória, então todos os nossos ensinamentos serão reconhecidos como legítimos, e ficará demonstrado que o simbolismo esotérico antecipou a ciência moderna por milhões de anos, provavelmente, porque estes são os ensinamentos Arcaicos. Marttanda (o Sol) observa e ameaça os seus sete irmãos, os planetas - sem abandonar a posição central em que sua mãe, Aditi, o colocou - “ele não

¹⁰¹ Para conhecer o verdadeiro ensinamento oculto a respeito, veja os artigos “*Do the Adepts Deny the Nebular Theory?*” e “*Is the Sun Merely a Cooling Mass?*”, em “[Five Years of Theosophy](#)”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰² “*Philosophie Naturelle*”, L. B. Francœur, art. 142. (Nota de H. P. Blavatsky, ampliada por Boris de Zirkoff)

os abandona, girando lentamente em torno de si mesmo e os acompanha de longe, movendo-se na mesma direção que eles se movimentam, no caminho que rodeia as casas deles” - ou seja, a órbita. (*Veja o Comentário à Estância IV, no volume I da presente obra.*) São os fluidos ou Emanações do Sol que transmitem todo movimento e acordam tudo para a vida no sistema solar. É atração e repulsão, mas não como pensam os físicos modernos, nem de acordo com a lei da gravidade; mas em harmonia com *as leis do movimento Manvantárico* definidas desde o primeiro período de *Sandhya*, a Aurora da reconstrução e da *reforma* mais elevada do Sistema. Estas leis são imutáveis; mas o movimento de todos os corpos, este movimento é diversificado e se altera a cada Kalpa pequeno - ele é regulado pelos *Movimentadores*, as Inteligências do interior da Alma Cósmica. Estaremos muito errados ao acreditar nisso tudo? Bem, aqui está um grande cientista moderno que, falando da eletricidade vital, usa uma linguagem que tem muito mais afinidade com o Ocultismo do que com o pensamento materialista moderno. Recomendamos aos leitores mais céticos um artigo sobre “A Fonte do Calor no Sol” (“The Source of Heat in the Sun”), de Robert Hunt, F.R.S. (em “*Popular Science Review*”, Vol. IV, p. 148). Falando do envoltório luminoso do Sol e da sua “peculiar aparência de coalhada”, Hunt afirma:

“Arago propôs que este envoltório fosse chamado de fotosfera, nome agora geralmente adotado. Antes dele, Herschell comparou a superfície desta fotosfera com a madrepérola ela se parece com o Oceano num dia tranquilo de verão, quando a sua superfície está levemente ondulada por uma brisa suave. O sr. Nasmyth descobriu um fato mais notável que qualquer outro já suscitado antes objetos que têm uma forma peculiar de lentes como ‘folhas de salgueiro’ de tamanhos diferentes sem que estejam combinados em ordem alguma cruzando uns aos outros em todas as direções com um movimento irregular entre eles Eles são vistos aproximando-se e afastando-se uns dos outros, e às vezes assumindo novas posições angulares, de modo que a sua aparência tem sido comparada a um denso cardume de peixes, aos quais, de fato, eles se assemelham em sua forma O tamanho destes objetos dá uma boa ideia da escala gigantesca em que operações físicas (?) são realizadas no Sol. Eles não podem ter uma extensão menor que 1000 milhas de comprimento, e sua largura é de duzentas a trezentas milhas. *A conjectura mais provável que foi formulada* em relação a estes objetos com a forma semelhante a uma folha vegetal ou a lentes *é que a fotosfera* ¹⁰³ é um imenso oceano de matéria gasosa (que tipo de “matéria”?) em um estado (aparente) de intensa incandescência e que estes objetos são projeções perspectivas das folhas da chama”

As “chamas” solares vistas através de telescópios são *reflexos*, diz o Ocultismo. Mas veja o que os Ocultistas têm a dizer sobre isso, no volume I. ¹⁰⁴

“Sejam o que forem (estas folhas de chama), *é evidente que elas são as fontes imediatas do calor e da luz do Sol*. Aqui nós temos um envoltório em torno do Sol feito de matéria fotogênica ¹⁰⁵, que realiza um movimento pendular com energias poderosas, e, ao

¹⁰³ E a *massa central*, também, como será descoberto, ou melhor, o centro da reflexão. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁴ Apesar de mencionar os Ocultistas, neste ponto exato Blavatsky retoma a citação de Robert Hunt e volta a reproduzir palavras e o pensamento dele. (Nota do Tradutor)

¹⁰⁵ Esta “matéria” é apenas como o reflexo, em um espelho, da chama de uma mecha de *lampião* que é “fotogênica”. (Nota de H. P. Blavatsky)

transmitir o seu movimento para o meio etéreo no espaço estelar, produz calor e luz em mundos muito distantes. Nós já dissemos que estas formas têm sido comparadas a certos organismos, e Herschell escreve: ‘Embora seja demasiado arriscado dizer que tais organizações *participam da vida* [por que não dizer isto?] ¹⁰⁶, ainda assim nós não temos conhecimento de que a ação vital tenha o poder de produzir calor, luz, e eletricidade.’ *Será possível que haja verdade nesta excelente ideia? Será que o pulsar da matéria vital no Sol central do nosso Sistema é a fonte de toda a vida que povoa a Terra, e que sem dúvida se espalha pelos outros planetas, dos quais o Sol é o poderoso Ministro?* ”....

O Ocultismo responde afirmativamente a estas perguntas; e algum dia a ciência verá que esta é a resposta certa.

Outra vez, na página 156, o sr. Hunt escreve:

“Mas com relação à Vida - à Força Vital - uma força muito mais elevada que a luz, o calor ou a eletricidade e de fato *capaz de exercer um poder de controle sobre estas outras forças todas*” (isto é absolutamente oculto - HPB), “nós estamos certamente dispostos a ver com simpatia a reflexão que considera a fotosfera como *o centro primário de poder vital*, e a ver *com um prazer poético a hipótese que se refere às energias Solares como Vida.*”

Deste modo, temos uma importante corroboração científica para um dos nossos princípios fundamentais - ou seja, (a) que o Sol é o local de armazenamento da Força Vital, a qual, por sua vez, é o *Númeno* da Eletricidade; e (b) que é das suas profundezas misteriosas, jamais alcançáveis, que saem as correntes vitais vibrando através do Espaço, e através do organismo de cada ser vivo na Terra. Veja o que outro físico eminente afirma, chamando isso (o nosso fluido vital) de “Éter nervoso”. Mude algumas frases no artigo, do qual reproduzimos alguns trechos a seguir, e você terá outro *tratado quase-Oculto* sobre a Força Vital. Esta vez é novamente o Dr. B. W. Richardson, F.R.S., que expressa os seus pontos de vista na “*Popular Science Review*”, vol. X, p. 380 - 3, sobre o “Éter nervoso”, tal como já fez em relação à “Força do Sol” e à “Força da Terra”:

“A ideia que se tentou transmitir através da teoria é que, entre as moléculas da matéria, sólida ou fluida, da qual os organismos nervosos são compostos e, na verdade, da qual todas as partes orgânicas de um corpo são compostas, existe um meio sutil refinado, vaporoso ou gasoso, que mantém as moléculas numa condição favorável ao movimento de umas em relação às outras, e à organização e à reorganização da forma; um meio pelo qual e através do qual todo movimento é transmitido; pelo qual e através do qual cada órgão ou parte do corpo é mantido em comunhão com as outras partes; pelo qual e através do qual o mundo exterior vivo se comunica com o homem vivo: um meio que, estando presente, torna possível demonstrar os fenômenos da vida; e que, estando universalmente ausente, deixa o corpo de fato sem vida”.

E todo o Sistema Solar cai em *Pralaya* - o autor poderia ter acrescentado. Mas leiamos mais:

¹⁰⁶ Veja em “[Five Years of Theosophy](#)”, p. 258, uma resposta a esta reflexão de Herschell. (Nota de H. P. Blavatsky)

“..... Eu uso a palavra *Éter* no seu sentido geral como significando uma matéria muito leve, vaporosa ou gasosa; utilizo o termo, em resumo, tal como o astrônomo o usa quando ele fala do Éter do Espaço, e através destas palavras ele se refere a um meio sutil mas material. Quando eu falo de um Éter *nervoso*, não estou querendo dizer que o éter existe apenas na estrutura nervosa. Eu verdadeiramente acredito que ele é uma parte especial da organização nervosa; mas, como os nervos passam por todas as estruturas que estão capacitadas para os movimentos e as sensibilidades, assim também o éter nervoso passa por todas estas partes; e como o éter nervoso é, de acordo com o meu ponto de vista, um produto direto do sangue, de modo que podemos olhar para ele como uma parte da atmosfera do sangue. As evidências em favor da existência de um meio elástico permeando a matéria nervosa e capaz de ser influenciado por uma simples pressão são totalmente convincentes Na estrutura nervosa há, inquestionavelmente, um verdadeiro fluido nervoso, *como os nossos predecessores ensinavam*.¹⁰⁷ A composição química¹⁰⁸ exata deste fluido ainda não é bem conhecida; as características físicas dele têm sido pouco estudadas. Não sabemos se ele se movimenta em correntes; não sabemos se ele circula; não sabemos se ele é formado nos centros e depois passa deles para os nervos; e não sabemos se ele é formado por toda parte em que o sangue entra no nervo. Consequentemente, nós não sabemos quais são os usos exatos do fluido. Ocorre à minha mente, no entanto, que o verdadeiro fluido da matéria nervosa não é em si mesmo suficiente para agir como o meio sutil que conecta o universo externo com o universo interno, do homem e do animal. Penso - e esta é a modificação que eu sugiro à teoria antiga - que deve haver outra forma de matéria presente durante a vida; uma matéria que existe na condição de vapor ou gás, que permeia todo o organismo nervoso; *que rodeia como uma atmosfera envolvente*¹⁰⁹ cada molécula da estrutura nervosa, e é o meio de todo movimento, recebendo transmissões dos centros nervosos e fazendo chegar transmissões até eles Uma vez que seja corretamente apresentado à mente o fato de que durante a *vida há no corpo animal uma forma de matéria finamente difundida*, um vapor preenchendo todas as partes, e até mesmo estocado em algumas partes; uma matéria constantemente renovada pela química vital; uma matéria eliminada tão facilmente quanto o ar que se respira, uma vez que ela tenha servido o seu propósito - uma nova onda de luz surge na Inteligência

Uma nova onda de luz é certamente lançada sobre a sabedoria do Ocultismo antigo e medieval e seus seguidores. Porque Paracelso escreveu a mesma coisa mais de trezentos anos atrás, isto é, no século dezesseis, da seguinte maneira:

“A totalidade do Microcosmo está potencialmente presente no *Liquor Vitae*, um fluido dos nervos no qual estão contidos a natureza, a qualidade, o caráter e a essência dos seres” (*De Generatione Hominis*) “O *Archaeus* ou *Liquor Vitae* é uma essência igualmente distribuída em todas as partes do corpo humano O *Spiritus Vitae* tem sua origem no *Spiritus Mundi*. Sendo uma *emanação deste último*, ele contém os

¹⁰⁷ Paracelso, por exemplo, que o chamava de *liquor vitae*, e *Archaeus*. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁸ Ou melhor, “composição” *alquímica*. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁰⁹ “Esta força vital se irradia ao redor do homem como uma esfera luminosa” Diz Paracelso em *Paragranum*. (Nota de H. P. Blavatsky)

elementos de todas as influências cósmicas, e é portanto a causa pela qual a ação das estrelas (forças cósmicas) sobre o corpo invisível do homem (o seu *linga-sharira vital*) pode ser explicada.” (*De Viribus Membrorum*. Veja “Life of Paracelsus”, do Dr. Franz Hartmann, M.S.T.)

Se o Dr. Richardson tivesse estudado todos os livros secretos de Paracelso, ele não teria tido que confessar com tanta frequência, “nós não sabemos”, “isso não é conhecido por nós” , etc., etc. E também ele não teria jamais escrito a seguinte frase, voltando atrás e renegando as melhores partes da sua *redescoberta* independente, ao dizer (p. 384):

“Pode ser alegado que nesta linha de pensamento está incluída a teoria da existência do éter que se supõe que permeia o espaço Pode ser dito que este éter universal permeia todo o organismo do corpo animal, como se fosse de fora dele, e como parte de cada organização. Esta visão significaria que o Panteísmo é descoberto fisicamente, *se fosse verdade (!)*. Esta visão não é verdadeira porque, se o fosse, destruiria a individualidade de todo sentido individual”.

Nós não vemos a questão deste modo, e *nós sabemos* que não é isso o que acontece. O panteísmo *pode* ser “fisicamente *redescoberto*”. Ele era conhecido, visto, e sentido por toda a antiguidade. O panteísmo se manifesta na vasta extensão do céu estrelado, na respiração dos mares e oceanos e pelo tremor de vida numa pequena folha de grama. A filosofia rejeita a existência de um Deus *finito e imperfeito* no Universo, tal como a divindade antropomórfica do monoteísta é representada pelos seus seguidores. A *Filo-Teo-Sofia* repudia a ideia grotesca de que uma Divindade Infinita e *Absoluta* deveria, ou melhor, *poderia* ter qualquer relação, seja direta ou indireta, com as evoluções finitas e ilusórias da matéria; e portanto não pode imaginar um universo *fora* daquela Divindade, nem tampouco a Divindade ausente da menor partícula de substância animada ou inanimada.¹¹⁰ O motivo pelo qual o Éter do Espaço ou o “Éter nervoso” deveriam “destruir a individualidade de todos os sentidos” parece incompreensível para quem está familiarizado com a real natureza daquele “éter nervoso” em seu nome sânscrito, ou mais precisamente esotérico e cabalístico. O Dr. Richardson concorda que –

“Se nós não produzíssemos individualmente o meio de comunicação entre nós e o mundo externo, se ele fosse produzido desde fora e fôssemos adaptados *a um tipo de vibração apenas*, os sentidos necessários seriam menos que os sentidos que nós temos: porque, considerando somente duas ilustrações - o éter da luz não está adaptado para o som, e no entanto nós ouvimos tanto quanto vemos; enquanto o ar, o meio do movimento do som, não é o meio da luz, e no entanto nós vemos e ouvimos.”

O raciocínio está errado. A opinião de que “o panteísmo *não é verdadeiro* porque ele destruiria a individualidade de cada sentido individual” mostra que todas as conclusões do erudito doutor estão baseadas nas teorias físicas modernas, embora ele gostaria de

¹¹⁰ Isto não significa que todo arbusto, árvore ou pedra é Deus ou *um* deus; mas apenas que cada partícula do material manifestado do Cosmo pertence a “Deus”, e é a substância de “Deus”, por mais baixo que tenha caído no giro cíclico através das Eternidades da transformação permanente; e significa também que cada uma destas partículas individualmente, tal como o Cosmo coletivamente, é um aspecto e um registro daquela *Alma Una* universal - que a filosofia se recusa a chamar de Deus, o que limitaria a eterna e sempre presente raiz e essência. (Nota de H. P. Blavatsky)

reformá-las. Mas ele verá que é impossível fazer isso a menos que aceite a existência de sentidos espirituais que substituam a atrofia gradual dos sentidos físicos. “Nós vemos e ouvimos” (naturalmente na opinião do Dr. Richardson) de acordo com as explicações dos fenômenos da vista e do ouvido que são dadas pela mesma ciência materialista segundo a qual não podemos ver nem ouvir de outra forma. Os Ocultistas e místicos sabem que isto não é verdade. Os arianos védicos estavam tão familiarizados com os mistérios do som e da cor quanto os nossos fisiologistas estão, no plano físico, mas os arianos védicos dominavam os segredos dos dois temas em planos inacessíveis para o materialista. Eles conheciam dois conjuntos de sentidos: o espiritual e o material. Em um homem destituído de um ou mais sentidos, os sentidos restantes são mais desenvolvidos; ou seja, o cego recuperará a sua vista através dos sentidos do tato, do ouvido, etc., e quem é surdo será capaz de escutar através da visão, de *ver audivelmente* as palavras pronunciadas pelos lábios e pela boca de quem fala. Mas estes são casos que ainda pertencem ao mundo da matéria. Os sentidos espirituais, aqueles que agem num plano mais elevado de consciência, são rejeitados *automaticamente* pela fisiologia, porque a fisiologia ignora a ciência sagrada. Ela limita a ação do éter a vibrações, e, separando-o do ar - embora o ar seja simplesmente um éter *diferenciado* e composto - faz com que ele assuma funções que se adaptem às teorias especiais do fisiologista. Mas há mais ciência real nos ensinamentos dos Upanixades, quando eles são entendidos corretamente, do que os Orientalistas - que não entendem coisa alguma dos Upanixades - estão dispostos a aceitar. *Correlações mentais e físicas dos sete sentidos* (sete no plano físico e sete no plano mental) são claramente explicadas e definidas nos Vedas, e especialmente no Upanixade chamado Anugita: “O indestrutível e o destrutível, assim é a manifestação dupla do Eu.”¹¹¹ Deles, o indestrutível é o existente (a verdadeira essência ou natureza do Eu, os princípios básicos). A manifestação como indivíduo (ou entidade) é chamada de destrutível.” Assim fala o ASCETA no Anugita; e também: “Todo aquele que é nascido duas vezes (iniciado) sabe que este é o ensinamento dos antigos O Espaço é a primeira entidade Mas o Espaço (o *Akasha* ou o númeno do Éter) tem uma qualidade e esta qualidade é o som apenas e as qualidades do som são Shadga, Rishabha, Gandhara, Madhyama, Panchama, e além destes cinco, Nishada e Dhaivata”; (a escala musical hindu). Estas sete notas da escala são os princípios do som. (Veja o capítulo XXXVI do Anugita.) As qualidades de cada Elemento, assim como as qualidades de cada sentido, são setenárias, e julgá-las e dogmatizar sobre elas a partir da sua manifestação (igualmente setenária em si mesma) no plano material ou no plano objetivo acima, é bastante arbitrário. Porque é apenas quando o EU liberta a si mesmo destas (sete) causas de ilusão que alguém adquire o conhecimento (sabedoria secreta) das qualidades dos objetos dos sentidos no seu plano dual de manifestação - o visível e o invisível. Assim, é dito:

“Estabeleça este mistério extraordinário Escute a atribuição das causas exaustivamente. O nariz, e a língua, e o olho, e a pele, e o ouvido como quinto (órgão dos sentidos), a Mente e a Compreensão¹¹², estes sete (sentidos) deveriam ser

¹¹¹ No original, “Self”, que também pode ser traduzido por *Ser Interior* ou *Si Mesmo*. Em teosofia, “eu superior” é *higher self*, e eu inferior, *lower self*. (Nota do Tradutor)

¹¹² A divisão dos sentidos físicos em cinco vem até nós de uma antiguidade remota. Mas ao mesmo tempo que adotam o número, os filósofos modernos não perguntam a si mesmos - em nenhum caso - como estes sentidos poderiam existir, isto é, ser percebidos e usados de um modo autoconsciente, a menos que houvesse o *sexto* sentido, a percepção mental, para identificá-los e registrá-los; e (isto para os Metafísicos e os Ocultistas) o SÉTIMO para preservar o proveito

entendidos como as causas (o conhecimento) das suas qualidades. O cheiro, o gosto, a cor, o som, e o tato como o quinto, o objeto da operação mental, e o objeto da Compreensão (o sentido e a percepção espirituais mais elevados), *estes sete são causas da ação*. Aquele que cheira, aquele que come, aquele que vê, aquele que fala, e aquele que escuta como o quinto, aquele que pensa e aquele que compreende, estes sete deveriam ser vistos como as *causas dos agentes*.¹¹³ Estes (os agentes), possuindo qualidades (*satwa, rajas, tamas*)¹¹⁴, desfrutam das suas próprias qualidades, agradáveis e desagradáveis” (*Anugita*).

E então nós vemos no Bhagavad Gita (capítulo VII) a Divindade (ou Krishna) dizendo:

“..... Só alguns me conhecem verdadeiramente. A Terra, a Água, o Fogo, o Espaço (ou *Akasha*, Éter), a Mente, a Compreensão e o Egoísmo (ou a percepção de todos os anteriores num plano ilusório) Esta é uma forma *inferior* da minha natureza. Deves saber (que há) outra (forma da minha) natureza, e mais elevada que esta, a qual é animada, ó tu que tens braços poderosos! e pela qual este Universo é sustentado Tudo isto está entretecido sobre mim, como um grande número de pérolas em um fio (*Mundaka Upanishad*, p. 298) Eu sou o sabor na água, ó filho de Kunti! Eu sou a luz do Sol e da Lua. Eu sou o som (*‘Isto é, a essência Oculta que está na base de todas estas e das outras qualidades das várias coisas mencionadas’ - Nota do tradutor para a língua inglesa*), no espaço o cheiro fragrante na terra, a refulgência no fogo etc., etc.”

espiritual disso e a sua lembrança, como num Livro da Vida que pertence ao Carma. Os antigos dividiam os sentidos em cinco simplesmente porque os seus professores (os iniciados) pararam na *escuta*, considerada o sentido que se desenvolveu no *plano físico* (ou melhor, que encolheu, ao ficar limitado a este plano) apenas no começo da Quinta Raça. (A Quarta Raça já havia começado a perder a condição *espiritual*, tão preeminentemente desenvolvida na Terceira Raça.) (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹³ Os comentadores modernos, não conseguindo compreender o significado sutil dos escoliastas antigos, pensam que estas palavras, “causas dos agentes”, significam “que os poderes do olfato, etc., quando atribuídos ao Eu, fazem com que ele pareça um agente, um princípio ativo” (!), o que é inteiramente fantasioso. Estes “sete” são vistos como as causas dos Agentes porque “os objetos são causas, já que o desfrutar deles causa uma impressão”. Isso significa, esotericamente, que eles, estes sete sentidos, *são causados pelos AGENTES*, que são as “deidades”, pois, o que significa ou poderia significar a frase que se segue a esta? “Assim,” afirma-se, “estes sete (sentidos) são as causas da emancipação” (isto é, quando as causas se tornam não-efetivas). “E entre os sábios (os sábios Iniciados) que compreendem as qualidades *que estão na posição* (que têm a natureza, melhor dizendo) *das divindades*, cada uma em seu lugar”, significa simplesmente que o “sábio” entende a natureza dos *númenos* dos vários fenômenos; e que as “qualidades”, neste caso, são as qualidades dos deuses planetários ou Inteligências planetárias, ou dos mais elevados deuses e Inteligências dos Elementos, que governam os elementos e *os produtos* dos elementos, e não governam de modo algum “os sentidos”, conforme pensa o comentador moderno. Porque os “sábios não supõem que os seus sentidos tenham nada a ver com eles, assim como nada têm a ver com o seu EU”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁴ Os três gunas ou qualidades da natureza. Satwa é o Equilíbrio, Rajas é o Impulso, e Tamas, a Inércia. Veja o artigo “[Os Três Gunas e a Evolução da Alma](#)”. (Nota do Tradutor)

Verdadeiramente, então, deveríamos estudar filosofia Oculta antes de começar a verificar e estudar os mistérios da natureza apenas na sua superfície, porque só aquele “que sabe a verdade sobre as qualidades da natureza, que conhece a criação de todas as entidades está emancipado” do erro. Diz o “preceptor”: “Entender corretamente a grande árvore da qual o não-percebido (a natureza Oculta, a raiz de todas as coisas) é o broto da semente (Parabrahman), que consiste na compreensão (*Mahat*, ou a Alma universal inteligente) como o seu tronco; cujos galhos são o grande egoísmo ¹¹⁵; em cujos buracos estão os brotos, isto é, os sentidos, dos quais os grandes (Ocultos, ou invisíveis) elementos são os ramos de flores ¹¹⁶, os elementos grosseiros (a matéria densa objetiva), os ramos menores, que sempre possuem folhas, e sempre possuem flores que é eterno e cuja semente é o Brahman (a divindade); e, cortando-a com aquela excelente espada - o conhecimento (a sabedoria secreta) - atinge-se a imortalidade e deixa-se de lado o nascimento e a morte.”

Esta é a Árvore da Vida, a árvore Ashwatta, e só *depois* de ela ser cortada o escravo da vida e da morte, o SER HUMANO, pode ser emancipado.

Mas os cientistas não sabem coisa alguma, nem têm interesse em saber, sobre a “Espada do Conhecimento” usada pelos adeptos e pelos ascetas. Disso surgem os comentários unilaterais dos mais liberais entre eles, que estão baseados em - e fluem de - uma indevida importância que é dada às divisões e classificações arbitrárias da ciência física. O Ocultismo dá muito pouca importância a elas, e a Natureza, ainda menos. Todas as espécies de fenômenos físicos vêm do *Primário* do Éter - o *Akasha*, pois o *Akasha* de natureza dupla surge do assim chamado *Caos* indiferenciado, e este último é o *aspecto* primário de *Mulaprakriti*, a matéria-raiz e a primeira Ideia abstrata que se pode formar de Parabrahman. A ciência moderna pode dividir o seu éter concebido hipoteticamente de tantas maneiras como quiser: o *verdadeiro* Éter do Espaço vai permanecer sempre como é. Ele tem os seus sete princípios, como tem todo o resto da natureza, e onde não houvesse éter *não haveria som*, já que o Éter é a caixa-de-ressonância, na natureza, de todas as suas sete diferenciações. Este é o primeiro mistério que os Iniciados antigos aprenderam. Os nossos sentidos físicos normais atuais eram (desde o nosso ponto de vista atual) anormais naqueles tempos de uma evolução lenta e progressiva para baixo, na direção da queda na matéria. E houve um dia quando tudo o que em nossos tempos modernos é visto como “fenômenos psíquicos”, tão estranhos para os fisiologistas agora forçados a acreditar neles - tais como transmissão de pensamento, clarividência, clariaudiência, etc.; em resumo, tudo aquilo que agora é chamado de “maravilhoso e anormal” - tudo isso e muito mais pertencia aos sentidos e faculdades comuns a toda a humanidade. No entanto, estamos percorrendo ciclos que nos levam para trás e para a frente; isto é, tendo perdido em espiritualidade o que adquirimos em desenvolvimento físico até quase o final da Quarta Raça, nós (a humanidade) estamos da mesma maneira gradual e imperceptível perdendo agora no físico tudo o que nós recuperamos outra vez na *re-evolução* espiritual. Este processo deve prosseguir até o período que trará a Sexta

¹¹⁵ *Ahamkara*, eu suponho, aquela *condição-de-ser-um-eu* [*‘Egoship’ no original em inglês - NT*], ou condição-de-*Aham* [*‘Ahamship’ no original em inglês - NT*] que leva a todos os erros. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁶ Os elementos são os cinco *tanmatras* da terra, da água, do fogo, do ar e do éter, os produtores dos elementos mais densos. (Nota de H. P. Blavatsky)

Raça-Raiz, numa linha paralela com a espiritualidade da Segunda humanidade, extinta há longo tempo atrás.

Mas isso dificilmente será compreendido agora. Devemos voltar à hipótese promissora mas em parte incorreta do Dr. Richardson sobre o “éter nervoso”. Sob a tradução enganadora da palavra como “Espaço” (*Akasha*), foi mostrado há pouco no antigo sistema hindu como o “primogênito” do Uno, tendo apenas uma qualidade, o SOM (que é setenário). Em linguagem esotérica este “Um” é a Divindade “Pai”, e o “Som” é sinônimo de *Logos* (Verbum, ou o *Filho*). Seja conscientemente ou não, deve ser este último; e o Dr. Richardson, ao mesmo tempo que prega uma doutrina Oculta, escolhe a forma mais inferior da natureza setenária daquele “SOM” e especula sobre ela, acrescentando:

“A teoria, penso eu, é que o Éter nervoso *é um produto animal*. Em diferentes classes de animais ele pode ter diferentes qualidades físicas de modo a adaptar-se às necessidades especiais do animal, mas essencialmente ele cumpre o mesmo papel em todos os animais, e é produzido, em todos eles, da mesma maneira

Aqui está o núcleo do erro que leva a todos os pontos de vista errados, que dele resultam. Este “Éter Nervoso” é o princípio mais inferior da Essência Primordial que é *Vida*. Ele é a *vitalidade animal* difundida por toda a natureza e atuando conforme as condições que encontra para a sua atividade. Ele não é um “produto animal”, mas o animal vivo, a flor viva e a planta são os produtos *dele*. Os tecidos animais apenas o absorvem de acordo com o estado mais ou menos mórbido ou saudável em que estão - assim como fazem os materiais *físicos* e estruturas *físicas* (*no seu Estado primordial, lembremos*) - e doravante, a partir do momento do nascimento da Entidade, os tecidos são regulados, fortalecidos e *alimentados* por ele. Ele desce até a vegetação em uma quantidade maior pelo raio solar *Sushumna*, que ilumina e alimenta a Lua, e é através dos raios dela que ele derrama a sua luz sobre, e permeia, o ser humano e o animal, mais durante o sono e o descanso deles, do que quando eles estão em plena atividade. Portanto o Dr. Richardson erra novamente ao afirmar o seguinte:

“O éter nervoso não é, de acordo com a ideia que eu tenho dele, *ativo em si mesmo, nem é um estimulante do movimento animal no sentido de ser uma força*; mas ele é essencial ao suprir as condições pelas quais o movimento se torna possível.” (O que ocorre é *exatamente o contrário*.) “Ele é o condutor de todas as vibrações de calor, de luz, de som, de ação elétrica, de fricção mecânica.”¹¹⁷ Ele mantém o sistema nervoso por toda parte em perfeita tensão, durante os estados da vida (*é verdade*). Através do exercício ele é eliminado (*ou melhor, gerado*) e quando a demanda por ele é maior que o fornecimento, a falta dele é indicada pelo colapso nervoso ou pela exaustão¹¹⁸. Ele se acumula nos centros nervosos durante o sono, colocando-os, digamos assim, no seu tom correto, e assim levando os músculos a despertar e a uma vida renovada

¹¹⁷ Condutor no sentido de *Upadhi* - uma base material ou física; mas, como segundo princípio da Alma universal e como Força *Vital* na Natureza, ele é guiado *inteligentemente* pelo quinto princípio dela. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹¹⁸ E uma exuberância demasiado grande por parte dele no sistema nervoso leva igualmente à doença e à morte. Se fosse o *sistema animal que o gerasse*, isto não ocorreria, seguramente. Portanto, esta última emergência mostra a sua independência do sistema, e a sua ligação com a Força do Sol, conforme Metcalfe e o Professor Hunt explicam. (Nota de H. P. Blavatsky)

Exatamente: isto está bastante correto e compreensível. Portanto, “o corpo profundamente renovado por ele tem capacidade de movimentar-se, plenitude da forma, vida. O corpo destituído dele sofre de inércia, tem a configuração encolhida da morte, a prova de ter perdido algo físico que estava nele quando ele vivia.....”.

A ciência moderna nega a existência de um “princípio vital”. Este extrato é uma prova clara do seu grande erro. Mas este “algo físico”, que nós chamamos fluido vital - o *Liquor Vitae* de Paracelso - não abandonou o corpo, como pensa o Dr. Richardson. Apenas mudou o seu estado, da atividade para a passividade, e tornou-se latente devido ao estado excessivamente mórbido dos tecidos, sobre os quais ele não tem mais controle. Uma vez que o *rigor mortis* seja absoluto, o “*Liquor Vitae*” acordará de novo e entrará em ação, e começará o seu trabalho *quimicamente* nos átomos. Brahma-Vishnu - o criador e Preservador da Vida - se terá transformado em Shiva, o *Destruidor*.

Finalmente, ele escreve na p. 387:

“O Éter nervoso pode ser envenenado; o que quero dizer é que ele pode ter em si de forma difusa, por simples difusão gasosa, outros gases ou vapores vindos de fora; pode produzir em si, a partir de produtos derivados de substâncias engolidas e ingeridas, ou de gases de decomposição produzidos durante doença no próprio corpo.”

E o erudito cavalheiro poderia ter acrescentado com base no mesmo princípio Oculto que o “Éter nervoso” de uma pessoa pode ser envenenado pelo “Éter nervoso” de outra pessoa ou pelas suas *emanações áuricas*. Mas vejamos o que Paracelso diz sobre o “Éter nervoso”:

“O Archaeus é de natureza magnética, e *atrai* ou *repele* outras forças simpáticas ou antipáticas que pertencem ao mesmo plano. Quanto menos poder de resistência tiver uma pessoa diante de influências astrais, mais ela estará sujeita a tais influências. A força vital não está fechada no ser humano, mas se irradia (dentro dele) e ao redor dele como uma esfera luminosa (aura) e pode ser levado a atuar à distância. Ele *pode envenenar a essência vital (o sangue) e causar doenças*, ou pode purificar esta essência depois que ela foi tornada impura, e restaurar a saúde” (*Paragranum*; “*Life of Paracelsus*”, do Dr. F. Hartmann).

O cientista inglês mostra que os dois, Archaeus e “Éter nervoso”, são idênticos, e diz que a tensão do éter nervoso *em geral* pode ser muito alta ou muito baixa; e que isto pode ser “devido a mudanças locais na matéria nervosa que ele reveste” “Sob aguda excitação ele pode vibrar como numa tormenta e lançar cada músculo controlado pelo cérebro ou pela coluna vertebral em movimentos descontrolados - convulsões inconscientes.”

Isto é chamado de excitação nervosa, mas ninguém, exceto os Ocultistas, sabe a razão de uma tal perturbação nervosa, e ninguém explica as causas *primárias* dela. O “princípio da Vida” pode matar *quando demasiado exuberante*, e também quando está fraco demais. Mas este princípio no (nosso) plano manifestado é apenas o efeito e o resultado da *ação inteligente* da “Hoste” - coletivamente, o Princípio -, a VIDA e a LUZ que estão em manifestação. Ele é em si mesmo subordinado à, e emana da, sempre invisível, eterna e Absoluta VIDA UNA em uma escala descendente e reascendente de graus hierárquicos, verdadeiramente uma escada septenária, com SOM (ou o Logos) na

extremidade superior e os Vidyadharas ¹¹⁹ (os Pitris inferiores) na extremidade mais baixa.

Naturalmente, os Ocultistas têm plena consciência do fato de que a “falácia” Vitalista, tão ridicularizada por Vogt e Huxley, ainda é apoiada em círculos científicos muito altos, e, portanto, eles têm a satisfação de sentir que não estão sozinhos. Assim, o professor de Quatrefages escreve:

“É um fato, sem dúvida, que nós não sabemos *o que é* a vida; mas igualmente não sabemos *o que é* a força que coloca as estrelas em movimento Os seres vivos são pesados, e portanto estão sujeitos à força da gravitação; eles são o local em que ocorrem numerosos e variados fenômenos físico-químicos que são indispensáveis à sua existência, e podemos referir-nos a estes fenômenos como a ação da dinâmica-do-éter (eletricidade, calor, etc.). Mas estes fenômenos se manifestam aqui *sob a influência de uma outra força* A vida não é antagônica em relação às forças inanimadas, mas governa e dirige a ação delas através das suas leis.” ¹²⁰

¹¹⁹ Em uma obra recente sobre o Simbolismo no Budismo e na Cristandade (ou no Budismo e no Catolicismo Romano, mais precisamente, já que muitos rituais e dogmas mais recentes do budismo do Norte, na sua *forma popular exotérica*, são idênticos aos da Igreja Latina), podem ser encontrados alguns fatos curiosos. O autor deste volume, com mais pretensões do que erudição, amontoou indiscriminadamente em seu livro ensinamentos budistas antigos e modernos, e confundiu de maneira lamentável o lamaísmo com o budismo. Na página 404 do seu livro, intitulado “*Buddhism in Christendom, or Jesus the Essene*”, o nosso *pseudo-orientalista* se dedica a criticar os “Sete Princípios” dos budistas esotéricos, e tenta ridicularizá-los. Na página 405, a página de conclusão, ele fala entusiasticamente dos *Vidyadharas*, “as sete grandes legiões de homens mortos que se tornaram sábios”. Ora, estes “Vidyadharas”, que alguns orientalistas chamam de “semideuses”, são, na verdade, exotericamente, uma espécie de Siddhas, “ricos em devoção”, e, *esotericamente*, eles são idênticos às sete classes de Pitris, uma de cujas classes transmitiu ao homem da Terceira Raça a Autoconsciência ao encarnar nas cascas humanas. O “Hino ao Sol”, ao final deste estranho volume de mosaicos que dá ao budismo um *deus pessoal* (!), é um golpe infeliz contra as próprias provas reunidas com tanto esforço pelo infeliz autor.

Os teosofistas estão bastante conscientes de que o Sr. Rhys Davids expressou a sua opinião sobre eles de maneira semelhante. Ele disse que as teorias propostas pelo autor de *O Budismo Esotérico* “não eram budismo, e não eram esotéricas”. A observação é resultado de, (a) o erro lamentável de escrever “Budismo” ao invés de “Budaísmo”, isto é, de conectar o sistema com a religião de Gautama ao invés de conectar o sistema com a Sabedoria Secreta ensinada por Krishna, Shankaracharya e muitos outros, assim como por Buda; e, (b) da impossibilidade do Sr. Rhys Davids saber qualquer coisa dos ensinamentos esotéricos verdadeiros. Mas em todo caso ele é o maior erudito páli e budista dos tempos atuais, e qualquer coisa que ele diga merece uma leitura respeitosa. Porém quando alguém que não sabe nada de budismo exotérico desde o ponto de vista científico e materialista e não conhece coisa alguma de filosofia esotérica difama aqueles a quem ele indiretamente homenageia com o seu despeito, e assume em relação aos teosofistas os ares de um grande erudito, só podemos sorrir e dar uma boa gargalhada às custas dele. (Nota de H. P. Blavatsky) --- *Nota do Tradutor: O problema dos termos “Budismo” e “Budaísmo” na obra de Alfred Sennett é mais amplamente discutido nas primeiras páginas da “Introdução”, que abre a parte I do volume I da presente obra. (CCA)*

¹²⁰ “*The Human Species*”, de A. de Quatrefages, publicado por D. Appleton and Company, New York, 1893, com edição fac-similar feita no século 21 por Kessinger Publishing Rare Reprints, United States, 498 páginas: ver p. 11. (Nota de H. P. Blavatsky ampliada pelo tradutor)

9. A Teoria Solar [\(Volte para o Sumário\)](#)

UMA CURTA ANÁLISE DOS ELEMENTOS COMPOSTOS E SIMPLES DA CIÊNCIA, COMPARADOS COM OS ENSINAMENTOS OCULTOS. ATÉ QUE PONTO ESTA TEORIA É CIENTÍFICA, TAL COMO É GERALMENTE ACEITA.

Em sua resposta ao ataque do Dr. Gull contra a teoria da vitalidade (a qual está inseparavelmente conectada com os Elementos dos antigos, segundo a filosofia Oculta), o professor Beale, um grande fisiologista ¹²¹, tem algumas palavras que são tão belas quanto sugestivas:

“Há um mistério na vida - um mistério que nunca foi sondado e que parece crescer à medida que os fenômenos da vida são estudados e contemplados. Em centros vitais - pontos muito mais centrais do que os centros vistos pelos maiores poderes de aumento, em centros de matéria viva aos quais o olhar humano não pode chegar, mas dos quais a compreensão pode aproximar-se, acontecem mudanças cuja natureza os mais avançados físicos e químicos não conseguem conceber: *e tampouco há razão alguma para pensar que a natureza destas mudanças será em qualquer momento conhecida através de uma investigação física*, na medida em que elas são seguramente de uma ordem, ou de uma natureza, *totalmente diferente* da natureza de qualquer outro fenômeno do qual tenhamos conhecimento.”

O Ocultismo situa este “mistério”, a origem da ESSÊNCIA DA VIDA, no mesmo centro que o núcleo da *matéria-prima* ¹²² do nosso sistema Solar (porque as duas coisas são uma só).

“O Sol é o coração do Mundo (do Sistema) Solar e o seu cérebro está oculto atrás do Sol (visível). Dali, a sensação é irradiada para cada central nervosa deste grande corpo, e as ondas da essência-da-vida fluem para dentro de cada artéria e de cada veia Os planetas são os seus órgãos e as suas pulsações”. (Comentário)

Foi afirmado em outra parte (no *Theosophist*) que a filosofia Oculta nega que o Sol seja um globo em combustão, mas o define apenas como um mundo, uma esfera brilhante, sendo que o *verdadeiro* Sol está oculto atrás, e aquilo que é visível constitui apenas o seu reflexo, a sua *casca* externa. As folhas de salgueiro Nasmyth ¹²³, que Sir J.

¹²¹ Neste contexto, fisiologista, ou fisiólogo, é o estudioso da filosofia natural, e das funções orgânicas dos seres vivos. (Nota do Tradutor)

¹²² No original, *prima materia*, em latim. O sentido é de “matéria primordial”. (Nota do Tradutor)

¹²³ Imagens detalhadas das manchas solares, desenhadas em branco e preto por James Nasmyth (1808-1890) com base em suas observações do Sol, e semelhantes a folhas da árvore salgueiro. (Nota do Tradutor)

Herschell confundiu com “habitantes do Sol”, são os reservatórios de energia vital solar, “a eletricidade vital que alimenta todo o sistema. Assim, o Sol é, *in abscondito* ¹²⁴, o armazém do nosso pequeno Cosmo, gerando por si mesmo o seu fluido vital, e sempre recebendo tanto quanto doa”, e o Sol *visível* é apenas uma *janela aberta no real* palácio e na real presença solar, uma janela que, no entanto, reflete fielmente o trabalho interior.

Portanto, há uma circulação regular do fluido vital por todo o nosso sistema, do qual o Sol é o coração - do mesmo modo que a circulação do sangue no corpo humano - durante o período manvantárico solar, ou vida manvantárica solar. A contração do Sol é tão rítmica, a cada retorno dele, como a contração do coração humano. Apenas, ao invés de fazer a ronda em cerca de um segundo, o sangue solar demora dez dos seus anos, e um ano inteiro para passar através dos seus *aurículos* e *ventrículos* antes de irrigar os *pulmões* e passar deles para as grandes veias e artérias do sistema.

Isso não será negado pela ciência, já que a Astronomia sabe do ciclo fixo de onze anos, no qual o número de manchas solares cresce ¹²⁵, *o que se deve à contração* do CORAÇÃO solar. O universo (o nosso mundo, neste caso) respira, assim como fazem os seres humanos e toda criatura viva, planta e mesmo mineral, na Terra; e tal como o nosso globo, ele próprio, respira a cada vinte e quatro horas. A região escura *não* se deve “à absorção exercida pelos vapores que saem do centro do Sol e se interpõem entre o observador e a fotosfera”, como diz o Padre Secchi (“*Le Soleil*”, II, p. 184), e as manchas também não são formadas “pela matéria (matéria gasosa quente) que a irrupção projeta sobre o disco solar” (*ibid*). Há algo semelhante à pulsação regular e saudável do coração, quando o fluido da vida passa através dos seus músculos ocultos. Se o coração humano pudesse tornar-se luminoso, e se este órgão vivo e pulsante passasse a ser visível, de modo que se refletisse sobre uma tela assim como as telas usadas pelos astrônomos em suas palestras - digamos, sobre a Lua - então todos iriam ver o fenômeno das manchas solares repetido a cada segundo, devido à sua contração e ao fluxo do sangue.

Segundo se afirma em uma obra sobre Geologia, é um *sonho da ciência* que “um dia se descobrirá que todos os elementos químicos reconhecidos são *apenas variantes de um único elemento material*”. ¹²⁶

A filosofia Oculta tem ensinado isso desde a existência da fala humana e dos idiomas, acrescentando apenas, sobre o princípio da imutável lei da analogia - “assim como é acima, assim é abaixo” - aquele outro axioma, o de que não há nem Espírito nem matéria, na realidade, mas apenas inúmeros aspectos do Uno e sempre-oculto *Ê* (ou *Sat*). O Elemento homogêneo primordial é *simples e singular apenas no plano terrestre* da consciência e da sensação, já que a matéria, afinal de contas, não é nada mais que a

¹²⁴ *In abscondito* - “ocultamente, em segredo”, em latim. (Nota do Tradutor)

¹²⁵ Não só a ciência não nega este fato, embora atribuindo-o a uma causa errada como sempre, com suas teorias contradizendo umas às outras (*veja as teorias de Secchi, de Faye, e de Young*), afirmando que as manchas dependem da acumulação superficial de vapores mais frios que a fotosfera (?), etc., etc., mas nós temos cientistas que *astrologizam* as manchas. O professor Jevons atribui todas as grandes crises comerciais periódicas à influência das manchas do Sol a cada ciclo de onze anos. (*Veja, dele, “Investigations into Currency and Finance”*.) Isso é seguramente digno de elogio e encorajamento. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹²⁶ A. Winchell, “*World-life*”, p. 48. (Nota de H. P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

sequência dos nossos próprios estados de consciência, e o Espírito, uma ideia da intuição psíquica. Mesmo no plano imediatamente superior, aquele *elemento único* que é definido em nossa Terra pela ciência atual como o constituinte último e indecomponível de algum tipo de matéria, seria considerado, no mundo de uma percepção espiritual mais alta, como algo de fato muito complexo. Seria descoberto que a nossa água mais pura, além dos seus dois declarados elementos *simples* de oxigênio e hidrogênio, contém muitos outros constituintes, jamais sonhados pela nossa moderna Química terrestre. Tal como no reino da matéria, assim no reino do Espírito; a sombra daquilo que é percebido no plano da objetividade existe no plano da pura subjetividade. A partícula de uma substância perfeitamente homogênea, o sarcode do *monera* Haeckeliano ¹²⁷, é agora visto como a *arquebiose* da existência terrestre (o “protoplasma” do sr. Huxley) ¹²⁸, e o *Bathybius Haeckelii* tem que ter as suas origens investigadas na sua arquebiose *pré-terrestre*. ¹²⁹ Isto é percebido em primeiro lugar pelos astrônomos no seu terceiro estágio de evolução, e na chamada “criação secundária”. Mas os estudantes de filosofia esotérica compreendem muito bem o significado secreto da seguinte estância: “Brahmâ tem essencialmente o *aspecto de* Prakriti, tanto desenvolvido como não-desenvolvido O Espírito, oh, nascido-pela-segunda-vez (Iniciado), é o *aspecto* principal de Brahâmâ. O seguinte é um aspecto duplo - de Prakriti e Purusha, tanto desenvolvidos como não-desenvolvidos; e o *tempo* é o último!” *Anu* é um dos nomes de Brahâmâ (como distinto de Brahma, termo neutro), e significa “átomo”: Aniyamsam aniyasam, “o mais atômico do atômico”, o “imutável e imperecível (achyuta) Purushottama”.

Seguramente, portanto, os elementos agora conhecidos para nós - sejam eles quantos forem - tal como são compreendidos e definidos no presente, não são, nem podem ser, os elementos *primordiais*. Os elementos primordiais foram formados “*dos coalhos*” ¹³⁰ *da mãe radiante fria*” e das “*sementes-de-fogo* do Pai quente”, que “*são um*”, ou, para expressá-lo na linguagem mais direta da ciência moderna, aqueles elementos tiveram origem nas profundezas da neblina ígnea primordial ¹³¹ - as massas de vapor incandescente das nebulosas *indissolúveis* ¹³²; porque como o professor Newcomb

¹²⁷ *Sarcodé* - o protoplasma de células animais. O *protoplasma* é o líquido (ou qualquer substância) contido nas células animais ou vegetais. *Monera*, na classificação dos reinos da natureza proposta por Haeckel, é um reino biológico que inclui as bactérias. O termo *monera* não faz parte da classificação dominante no século 21. (Nota do Tradutor)

¹²⁸ Infelizmente, enquanto estas páginas estão sendo escritas, a “*arquebiose* da existência terrestre” transformou-se, segundo uma análise química um pouco mais detalhada, e passou a ser uma simples precipitação de sulfato de cal - e, portanto, desde um ponto de vista científico, já não é nem sequer uma substância orgânica! *Sic transit gloria mundi!* - assim transita a glória no mundo, toda glória mundana é passageira. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹²⁹ Acreditou-se durante algum tempo que *Bathybius haeckelii* (chamada assim por Huxley) fosse uma forma especial de matéria e constituísse a origem da matéria orgânica. HPB se refere ao fato de que a ideia foi abandonada. (Nota do Tradutor)

¹³⁰ No original, “*curds*” - coágulos ou coalhos. (Nota do Tradutor)

¹³¹ Neblina ígnea: no original, *fire-mist*. Logo em seguida, “nebulosas”, como se sabe, são nuvens de gás e pó no espaço. (Nota do Tradutor)

¹³² Nebulosas *indissolúveis* - no original em inglês, “irresolvable nebulae”. Veja a página 543 da [edição original de 1888](#). (Nota do Tradutor)

mostra (em seu “*Popular Astronomy*”, página 444), as nebulosas *solúveis* não são nebulosas propriamente ditas.

Segundo ele, mais da metade daquilo que no início se confundiu com nebulosas era o que ele chama de “aglomerados de estrelas”.¹³³ Os elementos conhecidos hoje chegaram ao seu estado permanente nesta quarta Ronda e quinta Raça. Eles têm um curto período de descanso antes de serem empurrados uma vez mais na sua evolução espiritual para o alto; quando o “fogo vivo de Orcus” irá dissociar os mais indissolúveis e espalhá-los - outra vez - no UM primordial.

Enquanto isso o Ocultista vai mais além, como foi demonstrado nos Comentários das Sete Estâncias. Por esta razão ele dificilmente pode esperar qualquer ajuda ou reconhecimento por parte da ciência, que irá rejeitar o seu “*aniyamsam aniyasam*” (o átomo absolutamente espiritual) e os seus Manasaputras - “homens nascidos da mente”.¹³⁴ Ao dissolver o “elemento material único” em um absoluto elemento *indissolúvel* - o Espírito ou a “matéria-Raiz”, colocando-o assim ao mesmo tempo fora do alcance e fora dos limites da filosofia física - o Ocultista tem, é claro, muito pouco em comum com os cientistas ortodoxos. Ele afirma que Espírito e Matéria são duas FACETAS da UNIDADE incognoscível; os seus aspectos aparentemente contrastantes dependem, (*a*) dos vários graus de diferenciação da matéria, e (*b*) dos níveis de consciência alcançados pelo próprio ser humano. No entanto isto é Metafísica, e tem pouco a ver com Física, ainda que a *filosofia* física possa hoje ser muito grande dentro das suas limitações terrestres.

Apesar de tudo, uma vez que a ciência admita, se não a real existência, pelo menos a possibilidade da existência de um Universo com suas inúmeras formas e condições e inúmeros aspectos construídos a partir de uma “substância única”¹³⁵, a ciência terá de ir

¹³³ No original, “starry clusters”. Também pode-se usar as palavras “enxames de estrelas”, em português, para traduzir a expressão. (Nota do Tradutor)

¹³⁴ Nascidos da mente: “mind-born” no original em inglês. Neste ponto estamos na metade da p. 543, na edição de 1888. (Nota do Tradutor)

¹³⁵ Em sua obra “World-life” - página 48 - nas notas, o professor Winchell diz: “É geralmente admitido que em temperaturas excessivamente altas a matéria existe em um estado de dissociação - isto é, nenhuma combinação química pode existir”; e para provar a unidade da matéria, seria necessário apelar ao espectro, que em todos os casos de homogeneidade mostra uma linha *brilhante*, enquanto no caso de vários arranjos moleculares existentes - nas nebulosas, por exemplo, ou numa estrela - “o espectro deveria consistir de duas ou três linhas brilhantes!” Isso não é uma prova nem num sentido nem no outro para o físico-Ocultista, que sustenta que além de um certo limite de matéria *visível*, nenhum espectro, nenhum telescópio e nenhum microscópio têm qualquer utilidade. A unidade da matéria, daquilo que é a real matéria cósmica para o Alquimista, ou “a Terra de Adão”, como os Cabalistas a chamam, dificilmente pode ser comprovada ou negada, seja pelo sábio francês Dumas, que sugere “a natureza composta dos ‘elementos’ em certas relações de pesos atômicos”, ou mesmo pela “matéria radiante” do Sr. Crookes, embora os experimentos do Sr. Crookes possam aparentemente “ser melhor compreendidos na hipótese da homogeneidade dos elementos da matéria, e da continuidade dos estados da matéria”. Porque tudo isso não vai além da matéria MATERIAL, digamos assim, mesmo no que é mostrado pelo espectro, o moderno “Olho de Shiva” dos experimentos físicos. É apenas desta matéria que H. St. Claire Deville pôde dizer “quando os corpos considerados simples se combinam entre si, eles desaparecem, eles são *individualmente aniquilados*”, simplesmente porque ele não podia acompanhar estes corpos na sua transformação posterior, no

mais além. A menos que ela também admita a possibilidade do Elemento Único, ou da VIDA UNA dos Ocultistas, ela terá que suspender no meio do ar aquela “substância única”, especialmente se ela estiver limitada apenas às nebulosas solares, e terá de fazer isso tal como foi feito com o caixão de Maomé, mas sem usar o eficiente ímã que atraía aquele caixão. Felizmente para os físicos especulativos, embora nós não possamos afirmar com qualquer grau de exatidão o que a teoria nebular efetivamente implica, nós conseguimos perceber, graças ao professor Winchell e vários astrônomos discordantes, o que esta teoria *não* implica.¹³⁶ (*Veja acima.*)

Lamentavelmente, isto fica longe de esclarecer até mesmo o mais simples dos problemas que têm desafiado os eruditos em sua busca da verdade, e que ainda os desafiam. Temos que avançar com as nossas investigações, começando com as primeiras hipóteses formuladas pela ciência moderna, se quisermos descobrir *onde e por que* ela erra. Talvez possa ser descoberto que Stallo está correto, afinal de contas. Que os erros, as contradições e falácias cometidos pelos eruditos mais eminentes se devem simplesmente à atitude anormal deles. Eles são, e querem permanecer materialistas *quand même*¹³⁷, e no entanto os “princípios gerais da teoria átomo-mecânica - a base da física moderna - são *substancialmente idênticos* às doutrinas principais da metafísica ontológica”. Assim, “os erros fundamentais da ontologia se tornam aparentes na proporção do avanço da Ciência física” (Int., p. VI, “Concepts of Modern Physics”). A ciência está cheia de concepções metafísicas, mas os cientistas não querem aceitar a acusação e lutam desesperadamente para colocar máscaras átomo-mecânicas sobre leis da natureza que são puramente incorpóreas e espirituais, no nosso plano - recusando-se a admitir a substancialidade dessas leis mesmo em outros planos, enquanto rejeitam *a priori* a existência desses outros planos.

É fácil mostrar no entanto que os cientistas, presos aos seus pontos de vista materialistas, têm feito um esforço constante desde os dias de Newton para colocar falsas máscaras em torno dos fatos e da verdade. Mas a cada ano que passa esta tarefa deles se torna mais difícil; e a cada ano também, a Química, acima de todas as outras ciências, se aproxima mais e mais do reino do Oculto na natureza. Está assimilando as próprias verdades ensinadas pelas Ciências Ocultas durante eras, mas até agora amargamente ridicularizadas. “A matéria é eterna”, diz a Doutrina Esotérica. Mas a matéria concebida pelos Ocultistas, em seu *laya*, ou seja, no seu *estado zero*, não é a matéria da ciência moderna; nem mesmo no seu estado gasoso mais rarefeito. A “matéria radiante” do sr. Crookes pareceria a matéria mais grosseira no reino dos começos, onde ela se torna puro espírito, antes de voltar para o seu primeiro ponto de diferenciação. Portanto, quando o adepto ou alquimista acrescenta que, embora a matéria seja eterna, porque ela é PRADHANA¹³⁸, ainda assim os seus átomos *nascem a*

mundo da matéria cósmica *espiritual*. Verdadeiramente, a ciência moderna nunca será capaz de investigar as formações cosmológicas de modo suficientemente profundo para encontrar as *raízes* da matéria-do-mundo ou da substância-do-mundo, a menos que ela trabalhe nas mesmas linhas de pensamento que o alquimista da Idade Média. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹³⁶ “*World-life*”, *ibid.* (Nota de H.P. Blavatsky)

¹³⁷ “*Quand même*”, de qualquer maneira, em francês. (Nota do Tradutor)

¹³⁸ *Pradhana*: a substância indiferenciada, Akasha, Mulaprakriti, a Raiz da Matéria, matéria primordial, segundo o *Theosophical Glossary*; ou, conforme veremos em seguida nas palavras de HPB, “a causa sem começo e sem fim”. O conceito também se explica pela sua oposição a *prakriti*. (Nota do Tradutor)

cada novo manvântara ou reconstrução do universo, não há a contradição que um materialista, que não acredita em nada mais além do átomo, poderia pensar. Há uma diferença entre a matéria *manifestada* e a matéria *imanifestada*, entre *pradhana*, a causa sem começo e sem fim, e *prakriti*, o efeito manifestado. Diz o sloka; -

“Aquilo que é a causa não exteriorizada é chamado enfaticamente pelos sábios mais eminentes de *pradhana*, de *base original*, que é *prakriti* sutil, isto é, aquilo que é eterno, e que ao mesmo tempo é e não é um mero processo.” ¹³⁹

O que na fraseologia moderna é mencionado respectivamente como Espírito e como Matéria é UNO na eternidade como causa perpétua, e não é nem Espírito nem Matéria, mas AQUILO - expresso em sânscrito como TAD (“aquilo”) -, tudo o que existe, existiu ou existirá, tudo o que a imaginação humana é capaz de conceber. Até mesmo o exoterismo panteísta do hinduísmo o expressa como nenhuma filosofia monoteísta jamais fez, porque, com uma fraseologia magnífica, a sua cosmogonia começa com estas palavras bem conhecidas:

“Não havia dia nem noite, nem céu nem Terra, nem escuridão ou luz. E não havia nenhuma outra coisa perceptível pelos sentidos ou pelas faculdades mentais. Havia então, no entanto, um Brahmâ, essencialmente *prakriti* (Natureza) e Espírito. Porque os dois aspectos de Vishnu que são diferentes do seu aspecto supremo essencial são *prakriti* e espírito, Oh Brahmana. Quando estes dois outros ASPECTOS dele não mais subsistem mas estão dissolvidos, então aquele aspecto do qual a forma e o resto, isto é, a criação, surgem outra vez, é chamado de tempo, Oh nascido-pela-segunda-vez.” ¹⁴⁰

É o que é dissolvido, ou o aspecto *dual* ilusório do Aquilo, cuja essência é eternamente UNA, que nós chamamos de matéria ou Substância eterna (Veja o capítulo 3 da parte II do volume I, “*Substância Primordial e Pensamento Divino*”), sem forma, sem sexo, inconcebível até mesmo para o nosso sexto sentido, a mente ¹⁴¹, na qual, portanto, nós nos recusamos a ver aquilo que os monoteístas chamam de Deus *pessoal* e antropomórfico.

De que modo estas duas proposições - a de que “a matéria é eterna” e “o átomo é periódico, não eterno” - são vistas pela ciência exata moderna? O físico materialista as critica e ri delas com escárnio. O cientista de mente aberta e progressista, no entanto, o verdadeiro e dedicado cientista que busca a verdade - por exemplo, o eminente químico, o sr. Crookes irá corroborar a *probabilidade* das duas afirmativas. Porque os ecos da sua palestra sobre “A Gênese dos Elementos” - a palestra dada por ele perante a Seção Química da Associação Britânica -, num encontro recente em Birmingham [no ano de 1886] ¹⁴², surpreendeu de tal modo todos os evolucionistas que a escutaram ou a leram -

¹³⁹ *Vishnu Purana*, Livro I, Cap. II, tradução de Fitzedward Hall, vol. I, p. 20, nota de rodapé. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

¹⁴⁰ Na citação acima, seguimos a versão revisada, publicada por Boris de Zirkoff. E Boris dá as seguintes referências bibliográficas: *Vishnu Purana*, Livro I, Cap. II, p. 25, na tradução de Fitzedward Hall. (Nota do Tradutor)

¹⁴¹ Veja mais acima a citação de *Anugita* na seção 8 desta Parte III do Vol. I: “Vida, Força, ou Gravidade?”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁴² A data de 1886 foi colocada entre colchetes por Boris de Zirkoff. Adotamos a mesma medida por considerarmos relevante para compreender a progressão dos acontecimentos. (Nota do Tradutor)

que outra reunião foi realizada em março de 1888. Uma vez mais o presidente da Sociedade Química apresenta ao mundo da ciência e ao público os frutos de algumas novas descobertas no campo de conhecimento dos átomos, e estas descobertas justificam os ensinamentos ocultos de todas as maneiras. Elas são até mesmo mais surpreendentes do que as afirmações feitas por ele na primeira palestra (que será citada mais adiante) e merecem a atenção de todos os ocultistas, teosofistas e metafísicos. Isto é o que ele diz em “Elementos e *Meta-Elementos*”, assim justificando as afirmações e a previsão de Stallo com a coragem de uma mente científica que ama a ciência pelo bem da verdade, independentemente de quaisquer consequências para sua própria glória e reputação pessoal. Reproduzimos as suas palavras:

“Permitam-me, cavalheiros, chamar agora a sua atenção durante breve tempo para um assunto que diz respeito aos princípios fundamentais da Química, um assunto que pode levar-nos a admitir a possível existência de corpos que, embora não sejam compostos nem misturas, não são elementos no sentido mais estrito da palavra - corpos que eu me atrevo a chamar de ‘meta-elementos’. Para explicar o que quero dizer, é necessário que eu volte à nossa concepção de um elemento. Qual é o critério de um elemento? Onde podemos traçar a linha entre a clara existência e a identidade? Ninguém duvida que o oxigênio, o sódio, o cloro, o enxofre, são elementos separados; e quando chegamos a tais grupos como o cloro, o bromo, o iodo, etc., nós ainda não sentimos dúvida, embora, ainda que os graus de ‘elementicidade’ sejam admissíveis - e este ponto em última instância talvez tenha que ser examinado - seja possível admitir que o cloro se aproxima até muito mais perto do bromo do que do oxigênio, do sódio, ou do enxofre. Além disso, o níquel e o cobalto estão próximos um do outro, muito próximos, embora ninguém questione o direito que eles têm de ser considerados elementos diferentes. Ainda assim, eu não posso deixar de perguntar qual teria sido a opinião dominante entre os químicos se as respectivas soluções destes corpos e dos seus compostos apresentassem cores idênticas, ao invés de cores que, falando aproximadamente, são mutuamente complementares. A natureza distinta deles teria sido reconhecida, mesmo agora? Quando nós vamos além e chegamos às chamadas terras-raras, o terreno sob os nossos pés é menos firme. Talvez possamos admitir o escândio, o itérbio e outros semelhantes na lista dos elementos; mas o que vamos dizer no caso do praseodímio e do neodímio, entre os quais pode ser afirmado que não existe uma diferença química bem marcada, e considerando que a principal alegação para as suas individualidades separadas está na basicidade e nos poderes de cristalização, embora as suas diferenças físicas, tal como mostrado por observações de espectro, sejam muito fortemente marcadas? Mesmo neste caso, nós podemos imaginar que a maioria dos químicos se inclinaria na direção da tolerância, de modo que eles admitiriam estes dois corpos dentro do círculo encantado. É uma questão em aberto se eles, ao fazer isso, seriam capazes de apoiar-se em qualquer princípio geral. Se nós admitimos estes candidatos, como podemos, atuando com justiça, excluir a série de corpos elementais ou meta-elementos que conhecemos graças a Krüss e Nilson? Aqui as diferenças espectrais são bem marcadas, enquanto as minhas próprias pesquisas sobre o didímio mostram também uma diferença pequena em basicidade entre pelo menos alguns destes corpos duvidosos. Na mesma categoria devem ser incluídos os numerosos corpos separados nos quais provavelmente o ítrio, o érbio, o samário e outros ‘elementos’ - comumente assim chamados - têm sido e estão sendo classificados. Onde, então, devemos traçar a linha? Os diferentes agrupamentos têm tonalidades tão imperceptíveis, um em relação ao outro, que é impossível estabelecer uma fronteira definida entre dois corpos adjacentes, sejam quais forem, e dizer que um corpo de um lado da linha é um

elemento, enquanto um corpo do outro lado da linha é um não-elemento, ou é algo que simula ou que se aproxima de um elemento. Em qualquer lugar que uma linha aparentemente razoável possa ser desenhada, seria sem dúvida imediatamente fácil atribuir a maior parte dos corpos ao seu lado apropriado, já que em todos os casos de classificação a verdadeira dificuldade aparece quando chegamos à fronteira. Pequenas diferenças químicas, é claro, são admitidas, e até certo ponto também se admitem marcadas diferenças físicas. O que devemos dizer, no entanto, quando a única diferença química é uma tendência quase imperceptível de um corpo - de um par de corpos ou de um grupo de corpos - para precipitar ¹⁴³ antes do outro? Aqui, também, há casos em que as diferenças químicas chegam ao ponto de desaparecer, embora diferenças físicas bem marcadas ainda permaneçam. Nesta altura nós confrontamos um novo obstáculo: neste tipo de obscuridade, o que é químico, e o que é físico? Não será possível qualificar uma pequena tendência de um precipitado amorfo nascente para precipitar-se antes que outro, como uma ‘diferença química’? E não podemos chamar de ‘diferenças químicas’ as reações de cor que dependam da quantidade de algum ácido específico que esteja presente e que varie segundo a concentração da solução e segundo o solvente utilizado? Não vejo como possamos negar a condição de elemento a um corpo que difira de um outro por uma cor bem marcada, ou por reações de espectro, ao mesmo tempo que atribuímos a condição de elemento a outro corpo cuja única alegação é uma diferença muito pequena em poderes básicos. Uma vez que abrimos a porta o suficiente para admitir algumas diferenças de espectro, temos que investigar até que ponto podem ser pequenas as diferenças que qualificam o candidato para aprovação. Darei exemplos de alguns destes candidatos duvidosos a partir da minha experiência própria.”

E aqui o grande químico descreve vários casos de comportamento muito extraordinário por parte de moléculas e terras raras ¹⁴⁴, aparentemente iguais, e que no entanto, quando examinados muito de perto, descobriu-se que tinham diferenças, as quais, embora quase imperceptíveis, ainda mostram que nenhuma delas é um corpo *simples*, que os 60 ou 70 elementos aceitos em Química já não são suficientes. Os nomes dos elementos, aparentemente, são muito numerosos, mas como a chamada “teoria periódica” é um obstáculo para uma multiplicação ilimitada de elementos, o sr. Crookes é obrigado a encontrar algum meio de reconciliar a nova descoberta com a velha teoria.

“Aquela teoria”, diz ele, “tem recebido uma verificação tão abundante que não podemos aceitar superficialmente qualquer interpretação de fenômenos que deixe de estar de acordo com ela. Mas se nós supusermos que os elementos estão reforçados por um vasto número de corpos com pequenas diferenças entre um e outro em suas propriedades, e formando, se eu puder usar esta expressão, agregados de nebulosas onde antes nós víamos, ou pensávamos que víamos, estrelas separadas, o arranjo periódico já não pode mais ser captado de maneira definida. Já não pode - se nós mantivermos a nossa concepção usual de um elemento. Tratemos, portanto, de alterar esta concepção. Consideremos que um ‘elemento’ é um ‘grupo de elementos’, e façamos com que estes grupos de elementos tomem o lugar dos antigos elementos no esquema periódico - e a dificuldade desaparece. Ao definir um elemento, iremos levar em conta não uma fronteira externa, mas um tipo interno. Digamos, por exemplo, que a quantidade

¹⁴³ Em química, precipitação é a formação de um sólido durante uma reação química. (Nota do Tradutor)

¹⁴⁴ Terras raras são um certo grupo de elementos químicos, dentro do todo maior de elementos químicos. (Nota do Tradutor)

ponderável menor possível de ítrio é uma aglomeração de átomos últimos quase infinitamente mais semelhantes uns aos outros do que são semelhantes aos átomos de qualquer outro elemento próximo. Disso não se segue necessariamente que os átomos serão todos absolutamente semelhantes entre eles. O peso atômico que nós atribuímos ao ítrio, portanto, representa apenas um valor médio em torno do qual o peso real dos átomos individuais do ‘elemento’ variam dentro de certos limites. Mas se a minha conjectura for defensável, e caso nós pudéssemos separar um átomo do outro, nós veríamos que eles iriam variar dentro de limites estreitos de cada lado da média. O próprio processo de fracionamento implica a existência destas diferenças em certos corpos.”

Assim, mais uma vez o fato e a verdade se impuseram à ciência “exata”, e a forçaram a alargar a sua visão e mudar os seus termos. As palavras usadas, mascarando a pluralidade, reduziram-na a um só corpo - como os Elohim Setenários e as suas hostes, transformados em um Jeová pelos sectários religiosos materialísticos. Se substituíssemos os termos químicos “molécula”, “átomo”, “partícula”, etc., pelas palavras “Hostes”, “Mônadas”, “Devas”, etc., poderíamos pensar que está sendo descrita a gênese dos deuses, a evolução primordial das Forças manvantáricas *inteligentes*. Mas o erudito palestrante acrescenta algo ainda mais sugestivo aos seus comentários descritivos, seja consciente ou inconscientemente, quem sabe? Porque ele diz o seguinte:

“Até recentemente estes corpos eram vistos como elementos. Eles tinham propriedades químicas e físicas definidas; possuíam pesos atômicos reconhecidos. Se tomarmos uma solução diluída pura deste corpo, ítrio por exemplo, e acrescentarmos a ela um excesso de amônia forte, nós obteremos um precipitado que parece perfeitamente homogêneo. Mas se em vez disso nós acrescentarmos amônia muito diluída em quantidade suficiente apenas para precipitar metade da base presente, não obteremos de imediato nenhum precipitado. Se agitarmos o todo completamente de modo a obter uma mistura uniforme da solução com a amônia, e colocarmos o recipiente à parte durante uma hora, excluindo cuidadosamente qualquer pó, podemos ainda encontrar o líquido claro e transparente, sem qualquer vestígio de turbidez. Depois de três ou quatro horas, no entanto, surgirá uma opalescência, e na manhã seguinte terá aparecido um precipitado. E agora, perguntemos a nós mesmos qual pode ser o significado deste fenômeno. A quantidade de precipitante acrescentada foi insuficiente para precipitar mais do que metade do ítrio presente; portanto, um processo semelhante à seleção ocorreu durante várias horas. A precipitação *evidentemente não ocorreu ao acaso*, e aquelas moléculas da base que entraram em contato com uma molécula correspondente de amônia se decompuseram, porque nós tivemos o cuidado de que os líquidos fossem misturados de modo uniforme, de maneira que uma molécula do sal original não estaria mais exposta à decomposição do que qualquer outra. Se, além disso, nós considerarmos o tempo que passa antes da aparição de um precipitado, *não podemos deixar de chegar à conclusão de que a ação acontecida durante as primeiras horas teve um caráter seletivo*. A questão não é por que se produz um precipitado, mas o que determina ou dirige alguns átomos a precipitar-se e outros a permanecer em solução. Na multidão de átomos presentes, *qual é o poder que dirige cada átomo no sentido de escolher o seu próprio caminho? Podemos imaginar uma força diretriz que revisa os átomos um por um, selecionando um para a precipitação e outro para a solução, até que todos foram ajustados.*”

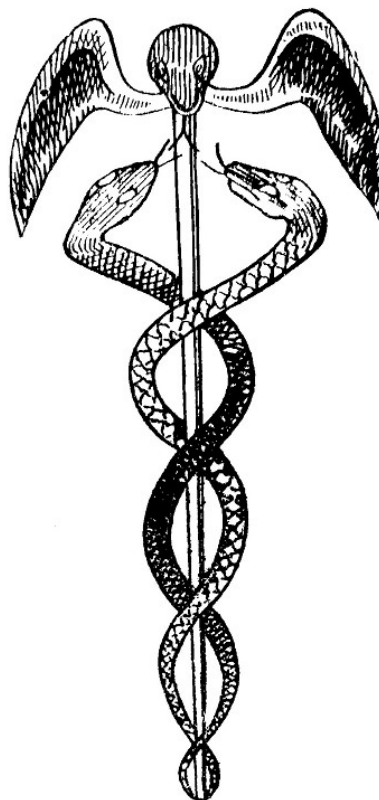
Os itálicos, na passagem acima, são nossos. Bem pode um cientista perguntar-se: “Qual é o poder que dirige cada átomo?” e “Por que o caráter deste poder precisa ser *seletivo*?” Os Teístas iriam resolver esta questão dizendo “Deus”, e filosoficamente não responderiam nada. O Ocultismo responde sobre as suas próprias bases panteístas, e recomenda ao leitor a leitura de uma seção incluída mais adiante, a seção 15 desta parte III, intitulada “*Deuses, Mônadas e Átomos*”. O leitor erudito encontrará nela o que tem interesse principal para ele: as placas indicativas e os sinais de um caminho que pode levar à descoberta e à inteira e completa demonstração de um elemento homogêneo na natureza. Ele destaca:

“Para que uma seleção deste tipo possa ser efetuada, deve evidentemente haver algumas pequenas diferenças entre as quais seja possível selecionar, e esta deve ser quase certamente uma diferença de basicidade, tão pequena que seja imperceptível para qualquer outro teste conhecido atualmente, mas que possa ser desenvolvida e encorajada até o ponto em que possa ser detectada por testes comuns.”

O Ocultismo, que sabe da existência e da presença na Natureza do elemento Uno e eterno na primeira diferenciação ¹⁴⁵, a partir da qual as raízes da árvore da vida periodicamente surgem, não precisa de provas científicas. O Ocultismo afirma que a Sabedoria Antiga resolveu o problema eras atrás. Sim: dizemos ao leitor sério, assim como ao leitor debochado, que a ciência está, lenta mas seguramente, se aproximando do nosso território do Oculto. Ela é forçada pelas suas próprias descobertas a adotar, *querendo ou não*, a nossa fraseologia e os nossos símbolos. A ciência química é agora compelida, pela própria dinâmica dos fatos, a aceitar até mesmo a nossa ilustração da evolução dos deuses e dos átomos, tão sugestivamente e tão inegavelmente expressa no caduceu de Mercúrio, o Deus da Sabedoria, e na linguagem alegórica dos Sábios Arcaicos. Diz um comentário da Doutrina Esotérica:

“..... *O tronco de ASHWATTA (a árvore da Vida e do Ser, o BASTÃO dos caduceus) cresce e desce a cada Começo (a cada novo Manvântara) a partir das duas asas escuras do Cisne (HANSA) da Vida. As duas Serpentes, a sempre-viva e a sua ilusão (Espírito e matéria) cujas duas cabeças crescem a partir da cabeça que está entre as asas, descem ao longo do tronco, entrelaçadas em apertado abraço. As duas caudas se unem na Terra (o Universo manifestado), tornando-se uma, e esta é a grande ilusão, Ó Lanu!*”

¹⁴⁵ A primeira diferenciação é também a primeira manifestação, ou, mais precisamente, o primeiro grau de manifestação. Por isso, a edição francesa da obra (de 1923), traduz aqui a palavra “diferenciação” por “manifestação”. (Nota do Tradutor)



Todos sabem o que é o caduceu, já modificado pelos gregos. O símbolo original - com a cabeça tríplice da serpente - foi transformado em um bastão com um punho, e as duas cabeças inferiores foram separadas, desfigurando assim de certo modo o significado original. E no entanto este bastão laço cercado por duas serpentes é a melhor ilustração possível para o nosso propósito. Verdadeiramente os poderes maravilhosos dos magos caduceus foram cantados por todos os poetas antigos, e havia uma excelente razão para isso, segundo aqueles que conheciam o seu significado secreto.

Vejamos agora o que disse o erudito presidente da Sociedade Química da Grã-Bretanha, naquela mesma palestra, que tenha qualquer referência ou significado em relação à doutrina mencionada acima. Muito pouco; apenas isso, e nada mais:

“No já referido discurso de Birmingham eu pedi à minha audiência que imaginasse a ação de duas forças no protótipo original - uma delas sendo o tempo, acompanhado por uma perda de temperatura; a outra, oscilando de um lado para o outro como um poderoso pêndulo, tendo ciclos periódicos de retração e expansão, descanso e atividade, em íntima conexão com a matéria imponderável, a essência ou fonte da energia que chamamos de eletricidade. Ora, uma imagem como esta alcança o seu objetivo se consegue fixar na mente o fato particular a que ela visava dar ênfase, mas não se deve esperar dela necessariamente que avance em paralelo com todos os fatos. Além da queda de temperatura com o aumento e diminuição periódicos da eletricidade, positiva ou negativa, o que é requerido para dar aos elementos recém-nascidos a sua atomicidade específica, é evidente que um terceiro fator deve ser levado em conta. A Natureza não atua num plano liso; ela exige espaço para as suas operações cosmogênicas, e se nós introduzirmos o espaço como o terceiro fator tudo fica claro. Em vez de um pêndulo, que, embora até certo ponto seja uma boa ilustração, é impossível como fato, procuremos uma maneira mais satisfatória de representar o que eu concebo que possa

ter acontecido. Vamos supor que o diagrama de ziguezague não seja desenhado sobre um plano, mas projetado em um espaço de três dimensões. Qual é a melhor imagem que podemos selecionar de modo que se atenda todas as condições envolvidas? Muitos dos fatos podem ser bem explicados supondo que a projeção no espaço da curva em ziguezague do professor Emerson Reynolds seja uma espiral. Esta imagem, no entanto, é inadmissível, na medida em que a curva tem que passar duas vezes em cada ciclo através de um ponto neutro em relação a eletricidade e energia química. Devemos, portanto, adotar alguma outra imagem. Uma figura de oito (8), ou lemniscata, irá resumir um ziguezague tanto quanto uma espiral, e atende todas as condições do problema.”

Uma *lemniscata* para a evolução para baixo, do Espírito até a matéria; outra forma de uma *espiral*, talvez, no seu caminho *reinvolucionário* para a frente, da matéria para o Espírito, e a necessária reabsorção gradual e final no estado *laya*, aquilo que a ciência chama, à sua própria maneira, de “ponto neutro em relação à eletricidade”, etc., ou o ponto *zero*. Estes são os fatos Ocultos e a afirmação Oculta. Eles podem ser transmitidos com toda segurança e confiança à ciência, para que sejam corroborados algum dia. Devemos saber mais, no entanto, sobre este tipo genético primordial do caduceu simbólico.

“Esta imagem resultará de três movimentos muito simples e simultâneos. Primeiro, uma oscilação simples para trás e para a frente (suponha para o leste e para o oeste); segundo, uma oscilação simples formando ângulos retos com a oscilação anterior (suponha norte e sul) e com metade do seu tempo periódico - isto é, duas vezes mais rápida; e em terceiro lugar, um movimento em ângulos retos com estas duas (suponha para baixo), que, na sua forma mais simples, teria uma velocidade invariável. Se nós projetarmos esta figura no espaço, veremos, ao examiná-la, que os pontos das curvas em que o cloro, o bromo e o iodo são formados se aproximam bastante entre si; o mesmo também com o enxofre, o selênio e o telúrio; e ainda o fósforo, o arsênio e o antimônio, e de maneira semelhante outras séries de corpos análogos. Pode-se perguntar se este esquema explica como e por que os elementos aparecem nesta ordem. Imaginemos uma translação cíclica no espaço, com cada evolução testemunhando a gênese do grupo de elementos que eu anteriormente representei como sendo produzidos durante uma vibração completa do pêndulo. Suponhamos que um ciclo foi assim completado, e o centro da força criativa desconhecida em sua poderosa jornada através do espaço espalhou ao longo da sua trajetória os átomos primitivos - as sementes, se posso usar esta expressão - que agora devem aglutinar-se e formar os agrupamentos hoje conhecidos como lítio, berílio, boro, carbono, nitrogênio, oxigênio, flúor, sódio, magnésio, alumínio, silício, fósforo, enxofre e cloro. Qual é a mais provável forma de caminho seguida agora? Se o caminho estivesse estritamente confinado a um mesmo plano de temperatura e de tempo, os próximos agrupamentos de elementos a aparecer teriam sido outra vez os do lítio, e o ciclo original teria sido repetido eternamente, produzindo uma e outra vez os mesmos 14 elementos. As condições, no entanto, não são exatamente as mesmas. O espaço e a eletricidade são iguais ao caso anterior, mas a temperatura é outra, e assim, em vez de os átomos de lítio serem suplementados com átomos análogos a eles em todos os aspectos, os agrupamentos atômicos que passam a existir quando começa o segundo ciclo, formam, não o lítio, mas o seu descendente linear, o potássio. Suponha, portanto, que a *vis generatrix* ¹⁴⁶ avança para lá e para cá

¹⁴⁶ Poder gerador ou força geradora. (Nota do Tradutor)

em ciclos ao longo de um caminho em forma de lemniscata, como sugerido acima, ao mesmo tempo que a temperatura está caindo e o tempo flui - variações que tentei representar pelo movimento para baixo - sendo que cada elo do caminho da lemniscata cruza a mesma linha vertical em pontos cada vez mais baixos. Projetada no espaço, a curva mostra uma linha central neutra no que diz respeito à eletricidade, e neutra em propriedades químicas - eletricidade positiva no norte, negativa no sul. As atomicidades dominantes são governadas pela distância leste e oeste da linha central neutra; os elementos monoatômicos estão a uma unidade de distância da linha central, os diatômicos a duas unidades de distância, e assim por diante. Em cada elo a mesma lei opera.”

E, como para provar o postulado da Ciência Oculta e da filosofia hindu de que no momento do Pralaya os dois *aspectos* da divindade incognoscível, o “Cisne na escuridão” - Prakriti e Purusha, natureza ou matéria em todas as suas formas e Espírito - não subsistem mas são (*absolutamente*) dissolvidos, nós ficamos sabendo da opinião científica conclusiva do grande químico inglês, que conclui a sua comprovação dizendo: “Nós identificamos a trajetória da formação dos elementos químicos desde os vazios e os *nós* (*knots*) moleculares em um fluido primitivo e sem forma. Nós mostramos a possibilidade, ou melhor, a probabilidade de que os átomos não sejam eternos em sua existência, mas compartilhem a decadência e a morte com todos os outros seres criados.”

O Ocultismo diz *amém* a isto, porque a “possibilidade” e a “probabilidade” são para ele fatos demonstrados além da necessidade de mais provas ou de evidências físicas externas. No entanto, o Ocultismo repete com a mesma segurança de sempre: “A MATÉRIA É ETERNA, tornando-se atômica (seu aspecto) apenas periodicamente.” Isto é tão certo quanto é falsa aquela outra proposição, quase unanimemente aceita pelos astrônomos e físicos - ou seja, de que o desgaste do corpo do Universo continua o tempo todo, e que isso irá levar finalmente à extinção dos fogos Solares e à destruição do Universo -; a ideia, tal como descrita pelos cientistas, é completamente errônea. Haverá, como sempre houve ao longo do tempo e da eternidade, dissoluções periódicas do Universo manifestado, (*a*) um *pralaya* parcial depois de cada “Dia de Brahmâ”; e (*b*) um *pralaya* Universal - o MAHA-PRALAYA - apenas depois do decorrer de cada idade de Brahmâ. Mas as causas científicas para esta dissolução, tal como apresentadas pela ciência exata, nada têm a ver com as verdadeiras causas. Seja como for, o Ocultismo é mais uma vez justificado pela ciência, porque o sr. Crookes disse:

“Nós já mostramos, a partir de argumentos baseados em laboratório químico, que na matéria que respondeu a todos os testes de um elemento, há pequenas tonalidades de diferença que podem admitir uma seleção. Temos visto que a distinção, confirmada ao longo do tempo, entre os elementos e os compostos já não pode acompanhar o ritmo do progresso da ciência química, mas deve ser modificada para incluir uma grande variedade de corpos intermediários - ‘meta-elementos’. Já mostramos como as objeções de Clerk-Maxwell, apesar de serem consistentes, podem ser afastadas; e finalmente, nós citamos as razões para acreditar que a matéria primitiva foi formada pela ação de uma força geradora que lançava, a intervalos de tempo, átomos dotados de quantidades variáveis de formas primitivas de energia. Se pudermos fazer quaisquer conjecturas quanto à força da energia incorporada em um átomo químico, nós podemos, penso eu, adotar como premissa que as radiações de calor propagadas para fora através do éter, a partir da matéria ponderável do universo e por algum processo cuja natureza ainda não

conhecemos, são transformadas nos confins do universo nos movimentos primários - essenciais - dos átomos químicos, os quais, no instante em que são formados, gravitam para o interior, e assim recuperam para o universo a energia que de outra maneira ficaria perdida para o universo através do calor radiante. Se esta conjectura tiver fundamento sólido, *cai ao chão a surpreendente predição* de Sir William Thomson *sobre a decrepitude final do universo através da dissipação da sua energia*. Desta maneira, cavalheiros, parece-me que a questão dos elementos pode ser tratada provisoriamente. O nosso limitado conhecimento destes primeiros mistérios vai se ampliando de modo constante e com segurança, embora lentamente.”

Por uma estranha e curiosa coincidência a ciência parece ser forçada a reconhecer até a nossa doutrina “setenária”. Se nossa compreensão está correta, a Química fala de catorze agrupamentos de átomos primitivos - lítio, berílio, boro, carbono, nitrogênio, oxigênio, flúor, sódio, magnésio, alumínio, silício, fósforo, enxofre e cloro; e o sr. Crookes, falando das “atomicidades dominantes”, enumera sete grupos deles, porque ele diz:

“Enquanto o poderoso foco de energia criativa dá voltas, nós o vemos em ciclos sucessivos plantar em um trecho do espaço sementes de lítio, potássio, rubídio e cézio; em outro trecho, cloro, bromo e iodo; num terceiro, sódio, cobre, prata e ouro; num quarto trecho, enxofre, selênio e telúrio; num quinto, berílio, cálcio, estrôncio e bário; num sexto, magnésio, zinco, cádmio e mercúrio; em um sétimo, fósforo, arsênico, antimônio e bismuto” - o que forma sete agrupamentos por um lado. E depois mostra “em outros trechos os outros elementos - isto é, alumínio, gálio, índio e tálio; silício, germânio e estanho; carbono, titânio e zircônio”.

Ele acrescenta: “E é encontrada uma posição natural, perto do eixo neutro, para os três grupos de elementos relegados pelo professor Mendeleiev a uma espécie de Hospital de Incuráveis - a sua oitava família.” Poderia ser interessante comparar estes sete da oitava família dos “incuráveis” com as alegorias que dizem respeito aos filhos primitivos da “Mãe, o Espaço Infinito” ou *Aditi*, e o *oitavo* filho rejeitado por ela. Deste modo, muitas coincidências estranhas podem ser encontradas entre “aqueles elos intermediários chamados de ‘meta-elementos ou elementóides e aqueles a que a ciência oculta chama de seus *númenos*’, as mentes e os regentes inteligentes daqueles agrupamentos de Mônadas e Átomos. Mas isso nos levaria demasiado longe. Podemos dar-nos por satisfeitos ao ver o reconhecimento do fato de que este desvio da homogeneidade absoluta deve marcar a constituição destas moléculas ou agregados de matéria que chamamos de elementos, e será mais claro talvez se voltarmos em imaginação à primeira aurora do nosso universo material, e, frente a frente com o Grande Segredo, tentar compreender os processos de evolução elemental.” Assim, finalmente, a ciência, através dos seus representantes mais elevados, para ser melhor compreendida pelo profano, adota a fraseologia de adeptos antigos como Roger Bacon, e volta ao “protílo”. E isso é promissor e constitui um “sinal dos tempos”.

Verdadeiramente estes “sinais” são muitos e se multiplicam diariamente; mas nenhum deles é tão importante quanto os que foram citados acima. Porque agora o abismo entre os “supersticiosos e *não-científicos*” ensinamentos ocultos e a ciência “exata” é completamente desfeito, e pelo menos um dos poucos cientistas eminentes da Química na época atual está no reino das infinitas possibilidades do ocultismo. Cada novo passo que ele dê o levará mais e mais perto daquele centro misterioso do qual se irradiam os

inúmeros caminhos desde o Espírito até a matéria, e que transformam os deuses e as mônadas vivas nos seres humanos e na natureza sensível.

Mas nós temos algo mais a dizer na próxima seção.

10. A Próxima Força [\(Volte para o Sumário\)](#)

AS SUAS POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES.

Devemos dizer que Força é “matéria movimentando-se” ou “matéria em movimento”, ou devemos dizer que matéria e força são os aspectos fenomênicos diferenciados da Substância Cósmica única, primária, indiferenciada?

Esta pergunta é formulada em relação a aquela Estância que trata de FOHAT e os seus “Sete irmãos ou *Filhos*”, em outras palavras, que trata da *causa* e dos *efeitos* da Eletricidade Cósmica. Esta última é chamada, em linguagem oculta, de *sete* forças *primárias* da Eletricidade, e dela só os efeitos puramente fenomênicos, e portanto mais *grosseiros*, podem ser conhecidos pelos físicos no plano cósmico e especialmente no plano terrestre. Entre estes estão o Som, a Luz, a Cor, etc., etc. Então, o que a Ciência física afirma sobre estas “Forças”? O SOM, diz ela, é uma *sensação* produzida pelo impacto de moléculas atmosféricas sobre o *tímpano*, o qual, ao provocar delicados tremores no aparelho auditivo, transmite-os ao cérebro. A LUZ é a sensação causada pelo impacto de vibrações inconcebilmente pequenas do éter na *retina* do olho.

Nós dizemos a mesma coisa. Mas isto é simplesmente o efeito produzido na *nossa* atmosfera e nas suas cercanias imediatas, na verdade, tudo o que cai dentro do limite da nossa consciência terrestre. *Jupiter Pluvius* ¹⁴⁷ mandou o seu símbolo em gotas de chuva, gotas de água composta, como se crê, de dois “elementos”, que a Química dissocia e recombina. As moléculas compostas estão em seu poder, mas os seus átomos ainda escapam ao seu controle. O Ocultismo vê em todas estas Forças e manifestações uma escada, cujos degraus inferiores pertencem à Física *exotérica*, e os mais altos podem ser atribuídos em sua origem a um Poder vivo, inteligente, invisível, que é, em geral, a causa impensada e excepcionalmente, a causa consciente do fenômeno nascido-dos-sentidos e designado como esta ou aquela lei natural.

Nós dizemos e sustentamos que o SOM, por exemplo, é um poder Oculto tremendo; que ele é uma força estupenda, e nem uma fração do seu poder poderia ser jamais anulada pela eletricidade gerada por um milhão de Niágaras, quando ele é dirigido com *conhecimento oculto*. É possível produzir um Som de tal natureza que a pirâmide de Quéops seria levantada no ar, ou que um homem morrendo, e mais, um homem que está dando o seu último suspiro, poderia ser revivido e preenchido com uma nova energia e um novo vigor.

¹⁴⁷ *Jupiter Pluvius*; Júpiter visto como o Deus da Chuva. (Nota do Tradutor)

Porque o Som gera, ou melhor, atrai e reúne os elementos que produzem um *ozônio* cuja fabricação está além da Química, mas dentro dos limites da Alquimia. O Som pode até mesmo *ressuscitar* um homem ou um animal cujo “corpo vital” astral não tenha sido irreparavelmente separado do corpo físico pelo corte definitivo do cordão magnético ou cordão ódico. *Tendo sido salva três vezes da morte* através deste poder, a autora da presente obra deve saber pessoalmente alguma coisa sobre o assunto.¹⁴⁸

E se tudo isso parecer tão *não-científico* que deve ser completamente ignorado, convidamos a ciência a explicar a que leis mecânicas e físicas, conhecidas da ciência, se devem os fenômenos recentemente produzidos do chamado “motor Keely”? O que é que atua como um formidável gerador de uma força invisível mas tremenda, daquela força que é capaz não só de impulsionar um motor de 25 HP, mas tem sido empregada até mesmo para erguer a máquina corporalmente? No entanto, isto é feito simplesmente puxando um arco de violino através de um diapasão, como já foi comprovado repetidamente. Porque a Força etérica, descoberta pelo bem conhecido (na América do Norte, e agora na Europa) John Worrell Keely, da Filadélfia, não é *alucinação*. Embora não tenha tido êxito na tentativa de utilizar esta força, falha prognosticada por alguns Ocultistas desde o início, os fenômenos demonstrados pelo inventor durante os últimos anos têm sido maravilhosos, quase miraculosos, não no sentido de algo *sobrenatural*¹⁴⁹, mas no sentido de algo *sobre-humano*. Se Keely tivesse tido êxito, ele poderia ter reduzido todo um exército a átomos em alguns segundos tão facilmente como poderia reduzir um boi morto à mesma condição.

Convidamos o leitor agora a examinar atentamente aquela potência que o inventor chamou de “Força e Forças Interetéricas”.

Na humilde opinião dos Ocultistas, assim como dos seus amigos imediatos, o sr. Keely, da Filadélfia, estava e ainda está no limiar de um dos grandes segredos do Universo; especialmente daquele segredo sobre o qual se baseia todo o mistério das Forças físicas,

¹⁴⁸ Em uma carta para a sra. Patience Sinnett, HPB conta como a sua morte foi evitada num momento em que muitos se voltavam contra ela e não faltavam traidores venenosos dentro do próprio movimento teosófico. Blavatsky escreve: “Ah, eu digo a você, eu *aprendi* certas coisas aquela noite - coisas que estão registradas para sempre na minha Alma; coisas sobre traição, sobre falsa amizade para fins egoístas (....), e o que mais se possa imaginar! A natureza humana, eu a vi em todo o seu aspecto hediondo durante aquela curta hora, quando senti uma das mãos do Mestre sobre *o meu coração, impedindo-o de parar de bater*, e vi a outra mão chamando um *doce futuro* para mim.” (“Letters of H. P. Blavatsky to A.P. Sinnett”, TUP, Pasadena, Califórnia, EUA, 1973, 404 páginas, ver carta 45, p. 105.) A carta inteira é um documento de valor inestimável. (Nota do Tradutor)

¹⁴⁹ A palavra “sobrenatural” implica que algo está *sobre ou fora* da natureza. A Natureza e o Espaço são um. Ora, o Espaço para o metafísico existe fora de qualquer ato de sensação, e é uma representação puramente subjetiva, apesar do materialismo, que gostaria de conectar o Espaço forçosamente com uma ou outra forma de sensação. Para os nossos sentidos, *o Espaço é bastante subjetivo* quando independente de qualquer coisa que esteja nele. Como poderia, então, qualquer fenômeno ou qualquer outra coisa *sair ou ser realizado fora daquilo que não tem limites*? Mas quando a extensão espacial se torna simplesmente conceitual e é pensada em uma ideia ligada a certas ações, como no caso dos materialistas e dos físicos, então eles não têm direito de definir e alegar que algo pode ou não pode ser produzido por Forças geradas dentro de espaços limitados, se eles não têm nem mesmo uma ideia aproximada do que são estas forças. (Nota de H. P. Blavatsky)

e também a importância esotérica do simbolismo do “Ovo do Mundo”. A filosofia oculta, vendo o Cosmos manifestado e imanifestado como uma UNIDADE, simboliza a concepção ideal do Cosmos pela imagem de um “Ovo Dourado” com dois polos em si. É o polo positivo que age no mundo manifestado da matéria, enquanto o negativo permanece perdido na qualidade absoluta de SAT - “*Existencialidade*”¹⁵⁰.¹⁵¹ Não podemos dizer se isto está de acordo ou não com a filosofia do sr. Keely, e a questão tampouco tem grande importância. No entanto, as ideias dele sobre a construção etérea-material do Universo parecem estranhamente semelhantes, e é *neste aspecto* quase idêntica. Isso é o que vemos que ele afirma em um livreto com ideias lúcidas compilado pela sra. Bloomfield-Moore, uma senhora norte-americana de grande riqueza e posição social elevada, cujos esforços incessantes na busca da verdade merecem todo apreço: “O sr. Keely, ao explicar o funcionamento do seu motor, afirma: Na concepção de qualquer máquina construída até aqui, nunca foi encontrado um meio para induzir um centro neutro. Se tivesse sido encontrado, as dificuldades dos que buscam o moto-contínuo¹⁵² teriam terminado, e este problema teria se transformado num fato estabelecido e operacional. Seria necessário apenas um impulso inicial de algumas libras¹⁵³, em um aparelho deste tipo, para fazer com que ele funcionasse durante séculos. Na concepção do meu motor vibratório, eu não tentei encontrar o movimento perpétuo; mas é formado um circuito que de fato tem *um centro neutro*, que está em uma condição que permite que seja vivificado pelo meu éter vibratório, e, enquanto está

¹⁵⁰ “Não é correto, quando se fala de *idealismo*, mostrá-lo como algo baseado nas velhas suposições segundo as quais as coisas ou entidades existem independentemente umas das outras, e existem de outra maneira que não seja em termos de relações” (Stallo). Pelo menos, é incorreto dizer isso do idealismo da filosofia Oriental e do conhecimento que *ele possui*, porque o que ocorre é bem o contrário. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵¹ Repetimos a seguir o texto da nota explicativa já incluída na parte I do volume I da presente obra. **Existencialidade**. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria “ser-alidade” (“a condição de ser”); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição de “A Doutrina Secreta” que foi publicada pela Ed. Pensamento no século 20 - e que constitui uma tradução do texto adulterado por Annie Besant na década de 1890 - é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo “ser”. Cabe registrar que, em inglês, o verbo “to be” significa não apenas “ser” e “estar”, mas também “existir”. Em consequência disso, traduzir o termo “Be-ness” por uma palavra derivada de “existir” é admissível. Por outro lado, o volume “The Secret Doctrine Dialogues” (Theosophy Co., Los Angeles, 2014) transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alunos seus - em uma reunião em Londres - sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: “Eles riram de ‘Be-ness’ e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra Sat exceto como Be-ness, porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....).” (p. 23) Assim, HPB associa claramente “BE-NESS” com “Existência”, ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria “existencialidade”, ou a “potencialidade da existência e a sua condição essencial”. A palavra “Sat” também pode ser definida como “a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness”. (Ver o item “Sat” no “Theosophical Glossary”, Theosophy Company, Los Angeles.) (Nota do Tradutor)

¹⁵² Moto-contínuo - ou movimento perpétuo. (Nota do Tradutor)

¹⁵³ Uma libra pesa pouco menos que meio quilo: a força de uma libra é igual ao peso da libra. (Nota do Tradutor)

sob o funcionamento da substância mencionada, é na realidade uma máquina virtualmente independente da massa (ou globo) ¹⁵⁴, e é a velocidade maravilhosa do circuito vibratório que faz com que seja assim. Apesar disso, com toda a sua perfeição, ela necessita ser alimentada com o éter vibratório para fazer dela um motor independente

“Todas as estruturas requerem um alicerce com força proporcional ao peso da massa que ele precisa sustentar, mas os alicerces do universo descansam sobre um ponto de vácuo muito menor que uma molécula; na verdade, para expressar esta verdade de modo apropriado, os alicerces do universo descansam sobre um *ponto inter-etérico*, o que requer uma mente infinita para compreendê-lo. Olhar para as profundezas de um centro etérico é exatamente o mesmo que tentar encontrar o fim do amplo espaço do éter celeste, com uma diferença: que um é o campo positivo, enquanto o outro é o campo negativo

Isso, como se pode ver facilmente, é o que diz a doutrina Oriental. O ponto inter-etérico de Keely é o ponto *laya* dos Ocultistas, o qual, no entanto, não exige “uma mente infinita para *compreendê-lo*”, mas apenas uma intuição específica e uma habilidade para localizar o seu esconderijo neste mundo de matéria. Naturalmente, o *centro laya* não pode ser produzido, mas um *vácuo inter-etérico* pode, tal como é comprovado na produção de sons de sino no espaço. ¹⁵⁵ No entanto, o sr. Keely fala como um Ocultista inconsciente ao escrever em sua teoria da suspensão planetária:

“Quanto ao volume planetário, nós perguntaríamos, desde um ponto de vista científico, como pode existir a imensa diferença de volume entre os planetas, sem que se desorganize a ação harmoniosa que sempre os caracterizou. Eu só posso responder a esta pergunta apropriadamente em uma análise progressiva, começando pelos centros etéricos rotativos que foram fixados pelo Criador ¹⁵⁶ com o poder atrativo ou acumulativo que eles têm. Se você perguntar qual é o poder que dá a cada átomo etérico ¹⁵⁷ a sua velocidade inconcebível de rotação (ou impulso introdutório), devo responder que nenhuma mente finita seria capaz de conceber o que ele é. A filosofia da acumulação é a única prova de que tal poder foi dado. A área, se nós podemos falar assim, de um tal átomo, apresenta à força atrativa ou magnética, eletiva ou propulsora, toda a força receptiva e toda a força antagonística que caracterizam um planeta da maior magnitude; conseqüentemente, à medida que a acumulação avança, a equação perfeita permanece a mesma. Uma vez que este minúsculo centro foi fixado, a força necessária para tirá-lo da sua posição teria que ser tão grande quanto a força necessária para deslocar o maior planeta existente. Quando este centro atômico neutro é deslocado, o planeta deve ir com ele. O centro neutro carrega o peso inteiro de qualquer acumulação

¹⁵⁴ Independente, em certo sentido, mas não *desconectado* da massa ou globo. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁵⁵ Sons de sino no espaço: referência ao sino astral, ou seja, ao uso de poderes psíquicos para produzir um som de sinos tocando, sem que haja um sino físico no local, conforme narrado na extraordinária biografia de Blavatsky feita por Sylvia Cranston. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁶ “Ou mais provavelmente por *Fohat*”- diria um Ocultista. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁵⁷ Átomo etérico: cabe registrar que o capítulo anterior menciona o átomo químico. (Nota do Tradutor)

que tenha havido desde o início, e permanece o mesmo, sempre equilibrado no espaço eterno.”

O sr. Keely ilustra a sua ideia de um “centro neutro” da seguinte maneira:

“Imaginemos que, depois da acumulação de um planeta de qualquer diâmetro - digamos, 20.000 milhas, mais ou menos, porque o tamanho nada tem a ver com o problema -, acontecesse um deslocamento de todo o material, com a exceção de uma crosta de 5.000 milhas de espessura, deixando um intervalo vazio entre esta crosta e um centro do tamanho de uma bola de bilhar; isto iria exigir então, para deslocar esta pequena massa central, uma força tão grande quanto a necessária para movimentar a casca de 5.000 milhas de espessura. Além disso, esta pequena massa central levaria a carga desta crosta para sempre, mantendo-a equidistante; e não poderia haver uma força opositora, por maior que fosse, que pudesse unificá-las. A imaginação fica paralisada ao contemplar a carga imensa que pressiona este ponto central, onde o peso cessa Isso é o que nós pensamos sobre um centro neutro.”

E é o que os ocultistas pensam sobre um “centro laya”.

As ideias acima são qualificadas por muitos como “não-científicas”. Mas a mesma atitude é tomada diante de tudo o que não é aprovado e mantido em linhas estritamente ortodoxas pela ciência física. A menos que a explicação dada pelo próprio inventor seja aceita - e as suas explicações, conforme observado, são bastante *ortodoxas* desde o ponto de vista espiritual e Oculto, se não desde o ponto de vista da ciência materialista especulativa (chamada de *exata*), são portanto as nossas próprias neste tema específico - como pode a ciência responder aos *fatos* já vistos e que mais ninguém pode negar? A filosofia oculta divulga poucos dos seus mistérios vitais mais importantes. Ela os solta como pérolas preciosas, um a um, em momentos distantes entre si, e só quando forçada a fazer isto pela onda da maré evolutiva que leva a humanidade para a frente, lenta e silenciosamente, mas com firmeza, na direção da aurora da humanidade da Sexta Raça.¹⁵⁸ Porque uma vez estando fora do controle seguro dos seus legítimos herdeiros e protetores, aqueles mistérios deixam de ser seguros; caem em domínio público e têm de correr o risco de cair nas mãos dos egoístas - os *Cains* da raça humana - convertendo-se mais em maldições do que em bênçãos. No entanto, sempre que nascem indivíduos tais como o descobridor da *Força Etérica* - John Worrell Keely - homens com capacidades psíquicas e mentais peculiares¹⁵⁹, eles são geralmente e com mais frequência ajudados do que deixados sem ajuda; no entanto, tateando à sua própria maneira, se deixados apenas com os seus próprios recursos, eles logo se tornam vítimas de martírio ou de especuladores sem escrúpulos. Mas eles são ajudados *com a condição de que não se tornarão, nem consciente nem inconscientemente, um perigo adicional para a sociedade da sua época: um perigo para os pobres, hoje oferecidos em um holocausto*

¹⁵⁸ A humanidade da Sexta Raça: a humanidade que terá desenvolvido o sexto princípio da consciência, Buddhi; a humanidade intuitiva, espiritual, fraterna, não-violenta, tão elevada quanto a humanidade simbolizada pela descrição bíblica de Adão, antes da sua “Queda”. Como vimos mais acima na presente obra, no futuro os seres humanos retomarão a condição do paraíso adâmico. (Nota do Tradutor)

¹⁵⁹ A razão destas capacidades psíquicas será dada mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

diário pelos menos ricos para os muito ricos. ¹⁶⁰ Isto necessita uma curta digressão e uma explicação.

Cerca de 12 anos atrás ¹⁶¹, durante a Exposição do Centenário da Filadélfia, ao responder às perguntas feitas com seriedade por um teosofista - um dos primeiros admiradores do sr. Keely -, a autora repetiu para ele o que havia escutado em círculos nos quais ela nunca duvida do que escuta.

Havia sido afirmado que o inventor do “Automotor” era o que se chamava, nos círculos Cabalistas, de “mago *natural desde o nascimento*”. Que era e iria permanecer inconsciente do alcance inteiro dos seus poderes, e iria expressar apenas aqueles poderes que ele havia encontrado e confirmado em sua própria natureza – *em primeiro lugar*, porque, atribuindo-os a uma fonte errada, ele nunca poderia dar a eles um completo desenvolvimento; e, *em segundo lugar*, porque estava além das suas possibilidades passar aos outros aquilo que era *uma capacidade inerente à sua natureza especial*. Portanto o segredo inteiro não poderia ser passado permanentemente para qualquer pessoa em termos práticos ou para uso prático. ¹⁶²

Os indivíduos nascidos com uma capacidade como esta não são *muito raros*. O fato de que não se escuta falar muito sobre eles ocorre porque eles vivem e morrem em quase todos os casos sem saber de modo algum que possuem poderes *anormais*. O sr. Keely possui poderes que são considerados “anormais” apenas porque eles são em nossos dias tão pouco conhecidos como a circulação do sangue antes de Harvey. O sangue existia, e desde o primeiro homem nascido de uma mulher o sangue se comportou sempre como se comporta hoje; o mesmo ocorre com aquele *princípio* no homem que pode controlar e guiar a força vibratória etérica. Pelo menos, ele existe em todos aqueles mortais cujos *eus interiores* estão *primordialmente conectados, por razão da sua linhagem direta, com aquele grupo de Dhyán-Chohans* que são chamados de “*os primogênitos do Éter*”. A humanidade, considerada desde o ponto de vista psíquico, é dividida em vários grupos, cada um dos quais está conectado com um dos grupos Dhyânicos que formaram primeiramente o homem *psíquico* (veja os parágrafos 1, 2, 3, 4, e 5 no *Comentário à Estância VII*). Como o sr. Keely é grandemente favorecido neste aspecto, e ainda, além do seu temperamento psíquico, é intelectualmente um gênio em Mecânica, ele pode portanto alcançar resultados maravilhosos. Ele já alcançou alguns - mais do que qualquer homem mortal, *não-iniciado nos mistérios finais*, atingiu na era atual até o

¹⁶⁰ O trecho acima foi escrito dois anos atrás, em um momento em que as esperanças de sucesso do “Motor Keely” estavam no seu ponto mais alto. Cada palavra do que foi dito então pela autora comprovou-se verdadeira, e agora apenas algumas observações são acrescentadas sobre o fracasso das expectativas do inventor, até o presente momento, o que agora foi admitido por ele mesmo. No entanto, a palavra *fracasso* usada aqui deve ser entendida num sentido relativo, porque, conforme explica a senhora Bloomfield-Moore: “O que o Sr. Keely admite é que, derrotado ao querer aplicar a força vibratória à Mecânica na sua primeira e segunda linha de pesquisa experimental, ele foi obrigado a uma alternativa: confessar um fracasso *comercial*, ou tentar uma terceira experiência a partir da sua base ou do seu princípio, procurando pelo êxito através de outro canal.” E este “canal” está no plano *físico*. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶¹ Devemos em geral considerar que H. P. Blavatsky está escrevendo em 1888, porque este é o ano da publicação da primeira edição da presente obra. (Nota do Tradutor)

¹⁶² É dito a nós que estes comentários não se aplicam à última descoberta do Sr. Keely; só o tempo poderá dizer qual o exato limite das descobertas dele. (Nota de H. P. Blavatsky)

momento presente. O que ele fez é certamente suficiente para “demolir com o martelo da Ciência os ídolos da Ciência” - os ídolos da matéria, com pés de barro - como os seus amigos corretamente dizem e predizem sobre ele. E tampouco a autora destas linhas pensaria nem por um momento em contradizer a sra. Bloomfield-Moore, quando no seu ensaio sobre “Psychic Force and Etheric Force” (Força Psíquica e Força Etérica) ela afirma que o sr. Keely, como filósofo, “tem uma alma suficientemente grande, uma mente suficientemente sábia, e uma coragem suficientemente sublime para superar todas as dificuldades e permanecer até o final diante do mundo como o maior descobridor e inventor do mundo”.

E ela escreve ainda: “Se Keely não fizer nada mais que levar os cientistas desde os reinos sombrios em que eles estão tateando, para o campo aberto da força elemental, onde a gravidade e a coesão são perturbadas nos seus refúgios e colocadas em uso; onde, desde a unidade da origem, emana energia infinita em formas diversificadas, ele já atingirá fama imortal. Se ele demonstrar, para destruição do materialismo, que o universo é animado por um princípio misterioso ao qual a matéria obedece absolutamente por mais perfeitamente organizada que ela seja, ele será um benfeitor espiritual da nossa raça maior que qualquer outro já encontrado no mundo moderno. Se ele for capaz de fazer, no tratamento das doenças, com que as forças mais sutis da natureza substituam as agências grosseiramente materiais que têm matado mais gente que as guerras, que a pestilência e a fome combinadas, ele merecerá e terá a gratidão da humanidade. Ele fará tudo isso e mais, se ele e aqueles que têm olhado o seu progresso dia a dia durante anos não forem demasiado ansiosos em suas expectativas.”

Escrevendo na série de T.P.S., *Theosophical Publication Society* (“Sociedade de Publicações Teosóficas”), número 9, a mesma senhora, em seu livreto “Keely’s Secrets”, traz um trecho de um artigo escrito alguns anos atrás pela autora do presente volume, em seu periódico “The Theosophist”, com estas palavras:

“A autora da edição número 5 dos livretos da *Theosophical Publication Society*, ‘*What is Matter and What is Force*’, diz ali: ‘Os cientistas descobriram um *quarto estado da matéria*, enquanto os Ocultistas já foram há tempos atrás até além do sexto estado, e portanto eles não deduzem, mas têm conhecimento direto da existência do último estado, o sétimo.’ Este conhecimento inclui um dos segredos do chamado ‘segredo composto’ de Keely. Muitos já sabem que este segredo inclui ‘o aumento da energia’, o isolamento do éter, e a adaptação da força dinasférica para máquinas.”

É apenas porque a descoberta de Keely levaria a um conhecimento de um dos segredos mais ocultos - um segredo que nunca se pode permitir que chegue ao alcance das massas - que o fracasso de Keely ao tentar levar suas descobertas até o seu final lógico parece algo certo aos Ocultistas. Examinaremos isso em seguida. Mesmo nas suas limitações, esta descoberta pode trazer grandes benefícios. Porque -

“Passo a passo, com uma paciente perseverança que algum dia o mundo vai homenagear, este homem de gênio fez suas pesquisas, vencendo as dificuldades colossais que erguiam uma e outra vez em seu caminho aquilo que (para todos exceto ele) pareciam ser barreiras invencíveis impedindo qualquer progresso ulterior: mas nunca o mundo destacou um momento quando tudo ajuda a preparar o advento de uma nova força pela qual a humanidade espera. A Natureza, sempre relutante a revelar os seus segredos, está escutando os pedidos feitos a ela pela sua mestra, a Necessidade.

As minas de carvão do mundo não poderão atender o consumo crescente de carvão.¹⁶³ O vapor chegou ao limite máximo do seu poder, e não é suficiente para atender as necessidades da época atual. Ele sabe que os seus dias estão contados. A eletricidade hesita, com respiração entrecortada, dependendo do que fará a sua irmã e colega. As naves aéreas estão ancoradas, digamos assim, esperando pela força que fará a navegação aérea algo mais que um sonho. Tão facilmente quanto os homens se comunicam com os seus escritórios através do telefone, do mesmo modo os habitantes de diferentes continentes irão conversar dos dois lados de um oceano. A imaginação fica paralisada quando trata de prever os grandes resultados desta descoberta maravilhosa, uma vez que ela seja aplicada à arte e à mecânica. Ao ocupar o trono das energias, depois que forçar o vapor a abdicar, a força dinasférica governará o mundo com uma energia tão poderosa no interesse da civilização, que nenhuma mente finita pode fazer conjecturas sobre os resultados. Laurence Oliphant, em seu prefácio a '*Scientific Religion*' ('*Religião Científica*'), afirma: 'Um novo futuro moral está nascendo para a raça humana - um futuro moral que certamente é muito necessário'. De modo algum este novo futuro moral poderia ser começado de modo tão amplo e tão universal quanto pela utilização da força dinasférica para propósitos benéficos na vida".

Os Ocultistas estão dispostos a concordar em tudo isso com o eloquente escritor. A vibração molecular é, inegavelmente, "o legítimo campo de pesquisa de Keely", e as descobertas feitas por ele se comprovarão maravilhosas - no entanto *apenas em suas mãos e através dele*. O mundo, por enquanto, obterá apenas aquilo que lhe pode ser confiado com segurança. A força desta afirmação talvez ainda não tenha sido completamente compreendida pelo próprio inventor, já que ele afirma ter absoluta certeza de que realizará tudo o que prometeu, e depois oferecerá o resultado ao mundo; mas ele terá que compreender, e isso não demorará muito. E o que ele diz em relação ao trabalho dele é uma prova disso:

"Ao considerar o funcionamento do meu motor, o visitante, para obter pelo menos uma concepção aproximada do seu *modus operandi*, deve abandonar *toda ideia de motores que sejam operados com base no princípio da pressão e da exaustão, pela expansão de vapor ou outro gás análogo que encontre resistência, tal como um pistão ou motor a vapor*. Meu motor não tem pistão nem excêntricos, nem é exercida qualquer pressão no motor, seja qual for o seu tamanho ou sua capacidade."

"Meu sistema, em todas as suas partes e seus detalhes, tanto no desenvolvimento da minha energia como em qualquer aspecto da sua utilização, *está baseado e alicerçado na vibração simpática*. Não seria possível despertar ou desenvolver a minha energia de nenhuma outra maneira, e seria igualmente impossível fazer funcionar o meu motor com base em qualquer outro princípio..... Este, no entanto, é o verdadeiro sistema; e de agora em diante todas as minhas operações serão conduzidas desta maneira - isto é, minha energia será gerada, meus motores funcionarão, e meu canhão será colocado em operação, *através de um fio metálico*."

"Foi só depois de anos de trabalho incessante, e depois de fazer experiências quase inumeráveis envolvendo não só a construção de um grande número de estruturas mecânicas extremamente peculiares, mas também a investigação e o estudo muito detalhados das propriedades fenomênicas da substância 'éter', *em si*, e dos seus efeitos,

¹⁶³ Uma referência à exploração irracional e ao esgotamento dos recursos naturais do planeta. (Nota do Tradutor)

que eu passei a poder deixar de lado mecanismos complicados e a obter, conforme afirmo que obtenho, *controle sobre a força estranha e sutil com a qual estou lidando.*”

As passagens colocadas por nós em *itálico* são as que se relacionam diretamente com o lado oculto da aplicação da força vibratória, ou o que o sr. Keely chama de “vibração simpática”. O “fio metálico” já é um passo mais abaixo, descendo do plano puramente etérico para o plano terrestre. O inventor produziu maravilhas - a palavra “milagre” não seria demasiado forte - ao agir apenas através da Força interetérica, o quinto princípio e o sexto princípio do Akasha. A partir de um “gerador” de seis pés de comprimento, ele chegou a um gerador “não maior que um relógio antigo de prata”; e isto, por si só, é um milagre de um gênio *mecânico* (mas não espiritual). No entanto, como foi bem expressado por sua grande protetora e defensora, a sra. Bloomfield-Moore, “as duas formas de força com as quais ele tem feito experiências, e os fenômenos relacionados com elas, são a própria antítese uma da outra”. Uma delas foi gerada por ele mesmo e sofreu a ação dele. Ninguém, que tivesse repetido o que ele fez, *poderia ter produzido os mesmos resultados*. Era o “éter de Keely” verdadeiramente que agia, enquanto o éter de “Smith” ou “Brown” permanecia sempre sem resultados. Porque a dificuldade de Keely tem sido até agora produzir uma máquina que desenvolva e regule a “força” sem a intervenção de qualquer influência pessoal ou “força de vontade”, seja consciente ou inconsciente, por parte do operador. Nisto ele não tem tido êxito, no que tange ao envolvimento de outros, porque *ninguém exceto ele mesmo* tem podido operar as suas “máquinas”. Ocultamente isto foi um progresso muito maior do que o “sucesso” que ele prevê obter com o seu “fio metálico”, mas *nunca será permitido usar* os resultados alcançados com *o quinto plano e o sexto plano* da Força etérica (ou Astral) para *prática comercial ou de troca*. O fato de que o organismo de Keely está diretamente ligado à produção dos resultados maravilhosos é comprovado pela seguinte afirmação feita por alguém que conhece intimamente o grande inventor.

Em determinado momento os acionistas da “Keely Motor Co.” colocaram um funcionário na oficina dele com o objetivo expresso de descobrir o seu segredo. Depois de seis meses observando o trabalho de perto, ele disse um dia para J. W. Keely: “Eu agora sei como tudo é feito”. Eles tinham estado montando uma máquina juntos, e Keely estava mexendo na peça que ligava e desligava a energia. “Tente ligar, então”, disse Keely. O homem ligou a chave, e nada aconteceu. “Deixe-me ver você ligar de novo”, disse o homem para Keely. O inventor concordou, e a máquina começou imediatamente a trabalhar. Novamente o outro tentou, mas sem êxito. Keely então colocou sua mão no ombro do homem e disse a ele que tentasse mais uma vez. O funcionário tentou, e a corrente foi produzida instantaneamente. Este fato, se for verdadeiro, esclarece toda a questão.

Foi dito a nós que o sr. Keely define a eletricidade como “uma certa forma de vibração atômica”. Nisso ele está perfeitamente correto; mas esta é a eletricidade no plano terrestre, e através das correlações terrestres. Ele estima:

- Vibrações moleculares ao ritmo de 100.000.000 por segundo.
- Vibrações intermoleculares ao ritmo de 300.000.000 por segundo.
- Vibrações atômicas ao ritmo de 900.000.000 por segundo.
- Vibrações interatômicas ao ritmo de 2.700.000.000 por segundo.
- Vibrações etéricas ao ritmo de 8.100.000.000 por segundo.
- Vibrações interetéricas ao ritmo de 24.300.000.000 por segundo.

Isso comprova a nossa tese. Não há vibrações que possam ser contadas ou mesmo estimadas numa proporção *aproximada* além “do reino do *quarto filho de Fohat*”, para usar uma fraseologia oculta, ou seja, aquele movimento que corresponde à formação da matéria radiante do sr. Crookes, apressadamente chamada alguns anos atrás de “quarto estado da matéria” - *neste nosso plano*.

Se for perguntado por que o sr. Keely não teve permissão para ir além de um certo limite, a resposta é fácil; porque aquilo que ele descobriu inconscientemente é a força sideral terrível, conhecida pelos Atlantes, e chamada por eles de MASH-MAK, e conhecida pelos Rishis Arianos em seu *Ashtar Vidya* por um nome que não queremos tornar público. É o *vril* da obra “A Raça Futura” de Bulwer Lytton, e das próximas raças da nossa humanidade.¹⁶⁴ O nome *vril* pode ser ficção; a Força em si mesma é um fato do qual se tem tão pouca dúvida, na Índia, quanto a existência dos próprios Rishis, já que é mencionado em todos os livros secretos.

É esta Força vibratória, que, quando dirigida contra um exército desde um *Agni Rath*¹⁶⁵ fixado em uma nave voadora, um balão, de acordo com os ensinamentos encontrados no *Ashtar Vidya*¹⁶⁶, reduziu a cinzas 100.000 homens e elefantes, tão facilmente como faria com um rato morto. É alegorizado no *Vishnu Purana*, no Ramayana e outras obras, na fábula sobre o sábio Kapila cujo *olhar* fez dos 60.000 filhos do rei Sagara uma montanha de cinzas, e que é explicado nas obras esotéricas, sendo referido como o *Kapilaksha* - “Olho de Kapila”.

E é esta Força Satânica que as nossas gerações foram autorizadas a incluir em seu estoque de brinquedos-de-bebê para anarquistas, conhecidos como melenite¹⁶⁷, relógios de dinamite, laranjas explosivas, “cestos de flores” entre outros nomes igualmente inocentes? Será este meio de destruição que, uma vez nas mãos de algum Átila moderno, *por exemplo*, algum anarquista com sede de sangue, reduziria a Europa em poucos dias ao seu estado caótico primitivo, sem deixar nenhum homem vivo para contar a história? É esta força que deve tornar-se propriedade comum de todos os seres humanos, de igual modo?

¹⁶⁴ “A Raça Futura”, Bulwer Lytton, Editora Livros do Brasil, Coleção Argonauta, Lisboa, 2004, 191 páginas. No Brasil, a obra está à venda sob o mesmo título na edição da Editora Minerva (1977) e também sob o título “Vril - o Poder da Raça Futura”, pela Editora Montecristo. (Nota do Tradutor)

¹⁶⁵ *Agni Rath* ou *Agnirath* - do idioma hindi, “carro de fogo” ou “carruagem de fogo”. Em inglês, “chariot of fire”. A ideia de um “carro de fogo” fixado em uma nave voadora sugere claramente um míssil balístico (dotado de carga explosiva atômica) transportado por um avião de guerra. Neste ponto, estamos à altura da página 563 do volume I da edição original em inglês da presente obra de Blavatsky. (Nota do Tradutor)

¹⁶⁶ *Ashtar Vidya* - (sânscrito) a mais antiga obra hindu sobre magia (*Theosophical Glossary*). (Nota do Tradutor)

¹⁶⁷ Melenite. Termo grego que se refere a uma cor semelhante à do mel. O Dicionário Webster's Revised Unabridged, edição 1913, publicado por G. & C. Merriam Co., informa: “Um explosivo de grande poder destrutivo”. (Nota do Tradutor)

O que o sr. Keely já fez é extremamente grandioso e uma maravilha. Ele tem bastante trabalho pela frente para demonstrar a eficiência do seu novo sistema de modo a “reduzir o orgulho daqueles cientistas que são materialistas, revelando aqueles mistérios que estão ocultos no mundo da matéria”, sem poder revelá-los, queira ou não queira, a todos. Porque seguramente os sensitivos e os espiritualistas - dos quais há um bom número nos exércitos europeus - seriam os primeiros a experimentar pessoalmente os frutos da revelação de tais mistérios. Milhares deles se veriam (e talvez as populações de países inteiros lhes fariam companhia) no Éter azul em pouco tempo, se uma tal Força fosse inteiramente descoberta, para não falar da possibilidade de que se tornasse publicamente conhecida. A sua descoberta completa agora seria *demasiado prematura* por vários milhares de anos - ou deveremos dizer, por uma centena de milhares de anos? Será apenas no lugar e no tempo indicados que a grande, ruidosa inundação de fome, miséria, e trabalho mal pago recuará outra vez - como ocorrerá, felizmente, quando afinal as justas reivindicações das maiorias forem atendidas; quando o proletariado existir somente no nome, e o lamentável grito por pão, que soa em todo o mundo sem ser escutado, tenha deixado de soar. Isto pode ser apressado pela propagação do conhecimento, e por novas aberturas para trabalho e emigração, com melhores perspectivas do que existem hoje, *e em algum novo continente que possa aparecer*. Só então “o motor e a Força de Keely”, *tal como concebidos originalmente* por ele mesmo e pelos amigos dele, serão procurados, porque *serão mais necessários para os pobres do que para os ricos*.

Enquanto isso a força descoberta por ele trabalhará através de *fiões metálicos*, e isto, caso ele tenha sucesso, será o suficiente na geração atual para fazer dele o maior inventor da sua época.

O que o sr. Keely diz sobre *Som e Cor* é correto também desde o ponto de vista Oculto. Vejam-no falar como se fosse o filho recém-nascido dos “Deuses-reveladores”, e como se tivesse passado a vida toda contemplando as profundezas do Pai-Mãe Éter.

Ao comparar a tenuidade da atmosfera com a tenuidade dos fluidos etéricos obtidos por ele através do seu invento para romper as moléculas do ar através da vibração, Keely afirma:

..... “É como na relação entre a platina e o gás hidrogênio. A separação molecular do ar nos leva apenas à primeira subdivisão; a separação intermolecular, à segunda subdivisão; a separação atômica, à terceira subdivisão; a interatômica, à quarta; a etérica, à quinta; a inter-etérica, à sexta subdivisão, ou à associação positiva com o éter luminífero.¹⁶⁸ Na minha argumentação introdutória eu aleguei que esta é a envoltura vibratória de todos os átomos. Na minha definição de átomo eu não me limito à *sexta* subdivisão, em que este éter luminífero é desenvolvido na sua forma grosseira até onde foi comprovado pelas minhas pesquisas.¹⁶⁹ Penso que esta ideia será catalogada pelos físicos atuais como uma aberração radical da imaginação. Possivelmente, a seu devido tempo, talvez seja lançada sobre esta teoria uma luz que a coloque de maneira simples

¹⁶⁸ Esta é também a divisão feita pelos Ocultistas, sob outros nomes. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁶⁹ Perfeitamente correto, já que existe a *sétima*, mais além, que começa a mesma enumeração desde a primeira até a última, em um outro plano, mais elevado. (Nota de H. P. Blavatsky)

no campo das pesquisas científicas. Hoje eu só posso comparar esta ideia a algum planeta situado num espaço escuro, onde a luz do Sol da ciência ainda não chegou

“Suponho que, assim como o odor, o som é uma real substância de uma tenuidade desconhecida e maravilhosa, que emana de um corpo onde foi induzido por percussão e lançando para fora corpúsculos absolutos de matéria, partículas interatômicas, com velocidade de 1.120 pés por segundo; no vácuo, 20.000. A substância que é assim disseminada constitui parte integrante da massa agitada, e, se mantida continuamente nesta agitação, iria, no decurso de um certo ciclo de tempo, ser inteiramente absorvida pela atmosfera, ou, mais precisamente, iria passar através da atmosfera para um ponto elevado de tenuidade que corresponda à condição da subdivisão que governa a sua liberação do seu corpo de origem (.....).”

“Os sons de garfos vibratórios usados para produzir acordes etéricos, enquanto disseminam os seus tons (compostos), permeiam muito completamente todas as substâncias que caem dentro do raio de alcance do seu bombardeio atômico. O bater de um sino *no vácuo* libera estes átomos com a mesma velocidade e volume de um sino ao ar livre; e se o sino fosse agitado continuamente durante alguns milhões de séculos ele voltaria completamente para o seu elemento primitivo; e se o recinto fosse hermeticamente fechado, e fosse suficientemente forte, o volume de vácuo em torno do sino seria levado a uma pressão de muitos milhares de libras por polegada quadrada, pela tênue substância produzida. Segundo minhas observações, o som corretamente definido é a perturbação do equilíbrio atômico, que rompe os corpúsculos atômicos, e a substância assim liberada deve certamente ser uma certa ordem de fluxo etérico. Sob estas condições, não é razoável supor que, se este fluxo fosse mantido, e o corpo deste modo fosse roubado do seu elemento, ele iria com o tempo desaparecer por completo? Todos os corpos animais, vegetais e minerais, são formados, primitivamente, a partir deste éter altamente tênue, e eles só são devolvidos à sua condição gasosa superior quando são colocados em um estado de equilíbrio diferencial”. (.....)

“Com relação ao odor, só podemos ter alguma ideia definida da sua tenuidade extrema e maravilhosa ao levar em conta que uma grande parte da atmosfera pode ser impregnada durante muitos anos por um simples grão de almíscar, o qual, se for pesado depois de um tão longo intervalo, revelará que não está significativamente reduzido. O grande paradoxo do fluxo de partículas odoríferas é que elas podem ser mantidas em confinamento num compartimento de vidro! Aqui está uma substância de tenuidade muito mais alta que o vidro que a contém, e no entanto ela não pode escapar. É como uma peneira com uma malha grande o suficiente para que passem bolas de gude, e que no entanto retém areia fina e impedindo-a de passar; na verdade, um recipiente molecular retendo uma substância atômica. Este problema confundiria aqueles que parassem para observá-lo. Mas, infinitamente tênue como é o odor, ele tem uma relação muito crua com a substância da subdivisão que governa um fluxo magnético (um fluxo de simpatia, se preferirmos chamá-lo desta maneira). Esta subdivisão vem após o som, mas está acima do som. A ação do fluxo de um ímã coincide de algum modo com a porção do cérebro humano que recebe e distribui, dando de si uma proporção decrescente daquilo que recebe. Esta é uma perfeita ilustração do controle exercido pela mente sobre a matéria, que gradualmente desgasta o físico até que ocorre a dissolução. Na mesma proporção, o ímã perde gradualmente o seu poder e se torna inerte. Se as relações que existem entre a mente e a matéria pudessem ser igualadas e mantidas assim, nós viveríamos em nosso estado físico eternamente, já que não haveria desgaste

físico. Mas este desgaste físico leva, no final, à fonte de um desenvolvimento muito mais alto - isto é, ao momento em que o puro éter se liberta do nível molecular denso; o que, segundo meus cálculos, é muito desejável.” (Do ensaio “*The New Philosophy*”, da sra. Bloomfield-Moore.)

Cabe destacar que, salvo algumas poucas divergências, nenhum Adepto ou Alquimista poderia haver explicado o tema abordado acima *de maneira melhor, à luz da ciência moderna*, por mais que esta última possa protestar contra este novo ponto de vista. Isto constitui *pura e simplesmente Ocultismo*, em todos os seus princípios fundamentais, se não nos seus detalhes, e no entanto, é igualmente *filosofia natural*.

O que é esta “Nova Força”, seja qual for o modo como a ciência prefira chamá-la, e cujos efeitos são inegáveis, tendo sido admitidos por mais de um naturalista e mais de um físico, que visitaram o laboratório do sr. Keely e testemunharam pessoalmente os seus efeitos tremendos? Será ela um “modo de movimento”, também, “*no Vácuo*”, já que não há matéria que a gere exceto o *Som* - será ela outro “modo de movimento”, sem dúvida, uma *sensação* causada como a cor por vibrações? Embora nós acreditemos completamente que estas vibrações são a causa próxima e imediata de tais sensações, nós rejeitamos de modo igualmente absoluto a teoria científica unilateral de que *não há qualquer fator* a ser considerado como externo a nós, além de vibrações etéricas ou atmosféricas.¹⁷⁰

Há um conjunto *transcendental* de causas que é colocado em ação - digamos assim - durante a ocorrência destes fenômenos, os quais, *não estando em relação com a nossa estreita faixa cognitiva*, só podem ser rastreados até a sua origem e compreendidos em sua natureza pelas faculdades Espirituais do Adepto. Estes fenômenos são, como Asclépio disse ao Rei¹⁷¹, “corporalidades incorpóreas”, tais como as que “aparecem no espelho”, e “formas abstratas” que *nós vemos, ouvimos e cheiramos* em nossos sonhos e visões. O que têm a ver com isso os “modos de movimento”, a luz e o éter? E no

¹⁷⁰ Neste caso os “substancialistas” norte-americanos não estão errados (embora os seus pontos de vista sejam demasiado antropomórficos e demasiado materiais para serem aceitos pelos Ocultistas) quando eles argumentam através da sra. M.S. Organ, médica, que “precisa haver propriedades entitativas positivas em objetos que possuem uma relação constitucional com os nervos das sensações animais, caso contrário não pode haver sensação. Nenhuma impressão *de qualquer tipo pode ser feita* sobre um cérebro, um nervo, ou mente - nenhum estímulo à ação - a menos que exista uma comunicação real e direta de uma força substancial.” (“Substancial” até onde ela aparece no sentido costumeiro da palavra neste universo de *ilusão* e MAYA, é claro, não *na realidade*.) “Aquele força pode ser a mais refinada e sublimada das Entidades imateriais (?). No entanto, ela precisa existir, porque nenhum sentido, nenhum elemento ou faculdade do ser humano pode ter uma percepção, ou ser estimulado à ação, sem que alguma força substancial entre em contato com ele. Esta é a lei fundamental que permeia todo o mundo orgânico e todo o mundo mental. No verdadeiro sentido filosófico, não há uma coisa tal como ação independente: porque cada força ou substância está correlacionada com alguma outra força ou substância. Nós podemos afirmar com igual razão e veracidade que nenhuma substância possui qualquer propriedade gustativa inerente ou qualquer propriedade olfativa - o gosto e o odor são simplesmente sensações causadas por vibrações; e portanto meras ilusões de percepções animais.....”. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷¹ Asclépio (na mitologia grega) ou Esculápio (na mitologia romana) é o deus da cura e da medicina. (Nota do Tradutor)

entanto nós os vemos, ouvimos e cheiramos, e os tocamos, *portanto* eles são tão *reais* para nós em nossos sonhos quanto qualquer outra coisa neste plano de Maya.

11. Sobre os Elementos e os Átomos

([Volte para o Sumário](#))

DESDE O PONTO DE VISTA DA CIÊNCIA E DO OCULTISMO

Quando o Ocultista fala de “Elementos”, e dos Seres humanos que viveram durante aquelas eras geológicas cuja duração é considerada algo impossível de determinar, segundo a opinião dos melhores geólogos ingleses ¹⁷², assim como da natureza da matéria, é porque ele sabe do que está falando. Quando diz “Homem” e “Elementos”, ele não se refere ao homem em sua forma fisiológica e antropológica atual, e tampouco se refere aos átomos elementais, estas concepções hipotéticas, abstrações entitativas da matéria em seu estado altamente tênue, tal como existem hoje nas mentes científicas; e ele também não se refere aos Elementos compostos da antiguidade. Em Ocultismo a palavra *Elemento* significa “rudimento” em todos os casos. Quando dizemos “Homem Elementário” ¹⁷³, nós nos referimos seja ao esboço incipiente inicial do homem, na sua condição incompleta e não desenvolvida, portanto aquela forma que agora permanece latente no homem físico durante a sua vida, e só ocasionalmente e sob certas condições adquire uma forma definida; ou aquela forma que durante algum tempo sobrevive ao corpo material e que é mais conhecida como “Elementário”. ¹⁷⁴ Com relação a “Elemento”, quando o termo é usado metafisicamente, ele significa o homem *divino* incipiente, por oposição ao homem mortal; e, no uso físico, a matéria rudimentar, na sua primeira condição indiferenciada, ou no estado *laya*, que é a condição eterna e *normal* da substância, diferenciando-se apenas periodicamente, e que está, durante esta diferenciação, em um estado *anormal* - em outras palavras, é uma ilusão transitória dos sentidos. ¹⁷⁵

Quanto aos chamados “átomos elementais”, os Ocultistas se referem a eles por aquele nome que tem um significado análogo ao que é dado pelo hindu a Brahmâ quando ele o chama de ANU, o “Átomo”. Todo *átomo* elemental, na busca do qual mais de um Químico seguiu o caminho indicado pelos Alquimistas, é, segundo a firme crença deles

¹⁷² Em resposta a um amigo, o referido eminente geólogo escreve: “... Só posso dizer, em resposta à sua carta, que neste momento é IMPOSSÍVEL, e talvez seja sempre impossível, reduzir mesmo aproximadamente o tempo geológico a anos, ou mesmo a milênios”. (Assinado) William Pengelly, membro da Royal Society. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷³ No original em inglês, *Elementary Man*. (Nota do Tradutor)

¹⁷⁴ Platão, ao falar dos Elementos irracionais e turbulentos, “compostos de fogo, ar, água, e terra”, está se referindo aos Daemons [Espíritos] Elementários. Veja *Timeu*. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷⁵ Este trecho e esta frase têm grande importância. Fica claro aqui o verdadeiro caráter de *laya*. Não é apenas um estado neutro intermediário, mas a condição eterna e *normal* da substância. É mais durável, e *mais real*, do que a matéria diferenciada. (Nota do Tradutor)

(quando não se trata de *conhecimento*), uma ALMA; não necessariamente uma alma desencarnada, mas um *jiva*, como os hindus o chamam, um centro de VITALIDADE POTENCIAL, com inteligência latente em si, e, no caso das Almas compostas - uma EXISTÊNCIA inteligente e ativa, desde a ordem mais elevada até a ordem mais inferior, uma forma composta de diferenciações mais ou menos numerosas. É necessário um metafísico - e um metafísico Oriental - para compreender a que nos referimos. Todas aquelas Almas-átomos são diferenciações do UM, e têm a mesma relação com ele que a *Alma divina* - Buddhi - possui com o seu Espírito formador e inseparável, *Atma*.

A física moderna, ao mesmo tempo que toma emprestado dos antigos a teoria atômica deles, esqueceu um ponto, o mais importante da doutrina; portanto os cientistas modernos pegaram apenas as cascas, e nunca serão capazes de chegar à essência. Eles deixaram para trás, ao adotar os átomos físicos, o significativo fato de que desde Anaxágoras até Epicuro, o Lucrécio romano, e finalmente até Galileu, todos aqueles filósofos acreditaram mais ou menos em átomos ANIMADOS, e não em partículas invisíveis da chamada matéria “bruta”. O movimento rotatório era gerado, na visão deles, por átomos maiores (isto é, mais divinos e puros) que forçavam outros átomos para baixo; os átomos mais leves eram empurrados simultaneamente para cima. O significado esotérico disso é a curva sempre cíclica para baixo e para cima dos elementos diferenciados através de fases intercíclicas de existência, até que cada um alcança novamente o seu ponto inicial ou lugar de nascimento. A ideia era tão metafísica quanto física; a interpretação oculta incluía os “deuses” ou almas, na forma de átomos, como *causas* de todos os *efeitos* produzidos na Terra pelas *secreções* dos corpos divinos.¹⁷⁶ Nenhum filósofo antigo, nem mesmo os Cabalistas Judeus, jamais dissociou o Espírito da matéria ou *vice-versa*. Tudo se origina no UM, e, avançando a partir do um, deve finalmente retornar ao Um. “A Luz se torna calor, e se consolida em partículas de fogo; as quais, depois de arderem, se tornam partículas frias, duras, redondas e suaves. E isso é chamado de *Alma*, prisioneira na sua vestimenta de matéria”¹⁷⁷; *Átomos* e *Almas* eram sinônimos na linguagem dos Iniciados. As “Almas girando”, *Gilgoolem*, uma doutrina em que tantos judeus eruditos têm acreditado (veja a *Royal Masonic Cyclopaedia*, de Mackenzie) tinha este mesmo significado esotericamente. Os eruditos Judeus Iniciados nunca pensaram que o significado da expressão “Terra Prometida” fosse apenas a Palestina, mas, sim que era o mesmo Nirvana em que o erudito budista e o erudito brâmane acreditam - o âmago do UNO ETERNO, simbolizado pela essência de Abraham e tendo a Palestina como seu substituto na Terra.¹⁷⁸ A passagem da ALMA-ÁTOMO “pelas Sete Câmaras Planetárias”

¹⁷⁶ Platão usa as palavras “*secreções*” dos Elementos turbulentos. (*Timeu*). (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷⁷ Neste ponto, em nota de rodapé, HPB escreve: “*Esoteric Treatise on the Doctrine of Gilgul*, de Valentinus”. Na página 580 do volume XII dos “*Collected Writings*” de HPB, o compilador Boris de Zirkoff partilha algumas informações sobre Valentinus, ou Valentino, mas escreve que não conseguiu referência alguma sobre a obra “*Esoteric Treatise on the Doctrine of Gilgul*”. (O artigo de Boris começa à p. 571.) (Nota do Tradutor)

¹⁷⁸ Seguramente nenhum Judeu *culto* jamais acreditou no significado *literal* desta alegoria - isto é, que “os corpos dos judeus depositados em terras estrangeiras contêm dentro deles um princípio da Alma que não pode descansar, até que por um processo chamado de ‘giro da Alma’ a partícula imortal alcança uma vez mais o solo sagrado da Terra Prometida.” O significado é evidente para um ocultista. O processo, se supunha, era acompanhado por uma espécie de metempsicose; a fagulha psíquica era transmitida através do pássaro, do animal mamífero, do peixe, e do mais minúsculo inseto. (Veja a *Royal Masonic Cyclopaedia*, de Mackenzie.) A

tinha o mesmo significado metafísico e também físico. Tinha o significado físico quando se dizia que ela se *dissolvia no Éter* (Veja [Isis Unveiled, Volume I](#), p. 297, e “**Ísis Sem Véu**”, HPB, Ed. Pensamento, SP, Volume II, pp. 13-14). Até mesmo Epicuro, o *mais típico ateu* e materialista, conhecia tanto e acreditava tanto na Sabedoria antiga que ele ensinava que a Alma (inteiramente diferente do Espírito imortal quando está presente nele de forma *latente*, assim como ela está presente em cada partícula atômica) é composta de uma essência fina, tenra, formada pelos *átomos mais suaves, mais redondos, e mais finos*.

E isso mostra que os antigos Iniciados, que eram acompanhados mais ou menos de perto por toda a antiguidade leiga, viam o termo “ÁTOMO” como significando uma Alma, um Gênio ou Anjo, o primogênito da CAUSA sempre oculta de todas as causas; e neste sentido os ensinamentos deles se tornam compreensíveis. Eles alegavam, assim como os seus sucessores, que existem Deuses e Gênios, anjos ou “demônios”, não fora, nem independentes do, *Plenum* Universal, mas dentro dele. Só este *Plenum*, durante os ciclos-de-vida, é infinito. Eles admitiam e ensinavam grande parte daquilo que a ciência moderna ensina agora - isto é, a existência de uma “Matéria-prima do Mundo ou Substância Cósmica”, a partir da qual os mundos são formados, uma matéria-prima sempre e eternamente homogênea, exceto durante a sua existência periódica, quando ela diversifica a sua difusão universal por todo o espaço infinito; e ensinavam a gradual formação dos corpos siderais a partir dela. Eles ensinavam a revolução ¹⁷⁹ dos Céus, a rotação da Terra, o Sistema Heliocêntrico e os Vórtices Atômicos - os Átomos -, na realidade Almas e Inteligências. Mas tais “atomistas” eram panteístas espirituais, extremamente transcendentais e filosóficos. Eles jamais teriam concebido, ou sonhado com aquela progenitura monstruosamente contrastante, o pesadelo da nossa Raça moderna civilizada, isto é, a concepção de um mundo material *inanimado*, com átomos que guiam a si mesmos, por um lado, e um Deus extracósmico por outro lado.

Pode ser útil mostrar o que era a Mônada, nos ensinamentos dos antigos Iniciados, e qual era a sua origem.

Tão logo começou a sair da infância, a ciência moderna percebeu o grande e, para ela, até aqui *esotérico* axioma segundo o qual nada - seja no reino da existência espiritual, da existência psíquica ou física - poderia passar a existir a partir do nada. Não há causa alguma no universo manifestado sem os seus adequados efeitos, tanto no espaço como no tempo; nem pode haver um efeito sem a sua causa primária, a qual, por sua vez, deve a sua existência a uma causa ainda mais elevada - sendo que a causa final e absoluta tem que permanecer para o ser humano para sempre como uma incompreensível CAUSA SEM CAUSA. Mas mesmo isso não é uma solução, e deve ser visto na melhor das hipóteses desde os pontos de vista filosóficos e metafísicos mais elevados; se não for

alegoria se relaciona *com os átomos do corpo*, cada um dos quais tem que passar através de cada forma antes de todos atingirem o estado *final*, que é o primeiro ponto inicial de partida para cada átomo - o seu estado *laya* primitivo. Mas o significado primordial de *Gilgoolah*, ou “Revolução das Almas”, era a ideia das Almas ou Egos reencarnantes. “Todas as almas vão para o *gilgoolah*”, para um processo cíclico ou giratório, isto é, todas elas avançam pelo caminho cíclico dos renascimentos. Alguns Cabalistas interpretam esta doutrina como se ela significasse apenas uma espécie de purgatório para as almas dos maus. Mas isso não é verdade. (Nota de H. P. Blavatsky)

¹⁷⁹ Revolução, rotação, giro, evolução cíclica e reciclagem. (Nota do Tradutor)

assim será melhor nem examinar a questão. Trata-se de uma abstração, no limite da qual a razão humana - por mais treinada que esteja nas sutilezas metafísicas - treme e corre o risco de entrar em colapso. Isto pode ser demonstrado para qualquer europeu que tentar resolver o problema da existência através dos artigos de fé do verdadeiro vedantino, por exemplo. Deixe que o leitor veja e estude os ensinamentos sublimes sobre o assunto da Alma e do Espírito, de Shankara (*Viveka-Chudamani*)¹⁸⁰, e ele irá compreender o que está sendo dito.

Enquanto é ensinado ao cristão que a alma humana é uma respiração de Deus - sendo criada por ele para uma existência eterna, isto é, tendo um início, *mas não tendo um final* (e portanto não podendo ser chamada de eterna) - o ensinamento Oculto diz: “*Nada é criado, mas é apenas transformado*. Nada pode manifestar-se neste universo - desde um globo até um pensamento vago e rápido - que já não estivesse no universo previamente; tudo no plano subjetivo é um eterno *É*; assim como tudo no plano objetivo é uma *constante transformação* - porque é transitório.”

A mônada - verdadeiramente uma “coisa indivisível”, tal como definida por Good, que não deu a ela o sentido que nós hoje lhe atribuímos - é aqui vista como o *Atma* em conjunção com *Buddhi* e Manas superior. Esta trindade é uma e eterna, sendo que os dois últimos são absorvidos por *Atma* ao final de toda vida condicionada e *ilusória*. A mônada, então, pode ter a sua trajetória identificada ao longo do curso da sua peregrinação e através das suas mudanças de veículos transitórios desde o estágio incipiente do Universo manifestado. No Pralaya, o período intermediário entre dois Manvântaras, ela perde o seu nome, e o perde também quando o verdadeiro ser UNO do homem se dissolve *em Brahm* em casos de elevado Samadhi (o estado *Turiya*) ou de Nirvana final; “quando o discípulo”, nas palavras de Shankara, “tendo alcançado aquela consciência primordial, aquela bem-aventurança absoluta cuja natureza é verdade, e que é sem forma e sem ação, abandona este corpo ilusório que foi aceito pelo *atma* assim como um ator (abandona) a vestimenta (que usava). Porque *Buddhi* (o *invólucro Anandamaya*) é apenas um espelho que *reflete* a bem-aventurança absoluta; e, além disso, *este reflexo*, ele próprio, não está livre de ignorância, e *não* é o Supremo Espírito, já que está sujeito a condições; é uma modificação espiritual de Prakriti, e um efeito; só *Atma* é o único substrato real e eterno de tudo - a essência e o conhecimento absoluto -, o *Kshetragna*.¹⁸¹ Ele é chamado em filosofia Esotérica de “A Testemunha Única”, e, enquanto ele descansa no Devachan, é chamado de “As Três Testemunhas do Carma”.

¹⁸⁰ Traduzido para “The Theosophist” por Mohini M. Chatterji, sob o título de “Crest Jewel of Wisdom”, 1886. (Ver “The Theosophist” de Julho e Agosto de 1886.) No século 21, cabe registrar que está disponível uma edição brasileira da obra, nesta mesma versão de Mohini: “Viveka-Chudamani, A Joia Suprema da Sabedoria”, de Shankara, com Comentários de Murillo Nunes de Azevedo, Editora Teosófica, Brasília, 1992. (Nota de H. P. Blavatsky ampliada pelo Tradutor)

¹⁸¹ Agora que a versão revisada dos evangelhos está publicada e que foram corrigidos os erros mais grosseiros de tradução das versões antigas, é possível compreender melhor as palavras na Primeira Epístola de S. João, V, 6-8: “E o Espírito é o que *testifica*, porque o Espírito é a Verdade”. As palavras que se seguem na versão mal traduzida sobre as “três testemunhas” - que até aqui se supunha serem “o Pai, a Palavra e o Espírito Santo”, mostram muito claramente o verdadeiro significado que o autor (S. João) pretendia transmitir, identificando assim com ainda mais força este ensinamento, neste aspecto, com o ensinamento de Shankara Acharya. Caso contrário, qual pode ser o significado desta frase, “e três são os que testificam na terra: o Espírito, a *água* e o *sangue*”, se estas palavras não têm relação nem conexão com a afirmação

Já que *Atma* (o nosso sétimo princípio) é idêntico ao Espírito universal, e o ser humano em sua essência está em unidade com ele, então o que é a Mônada propriamente dita? Ela é aquela fagulha homogênea que se irradia em milhões de raios desde os “Sete” primordiais, dos quais falaremos mais adiante. É a fagulha EMANANDO do Raio INCRIADO - um mistério. No budismo do Norte, esotérico e mesmo exotérico, Adi Buddha (*Chogi dangpoi sangye*), o Uno desconhecido, sem começo nem fim, idêntico a Parabrahm e Ain-Soph, emite um raio brilhante desde a sua escuridão.

Este é o *Logos* (o primeiro), ou Vajradhara, o Supremo Buddha (também chamado *Dorjechang*). Na condição de Senhor de todos os Mistérios ele não pode manifestar-se, mas manda ao mundo manifestado o seu coração - o “coração de diamante”, *Vajrasattva* (*Dorjesempa*). Este é o segundo *logos* da criação, do qual emanam os sete (na versão exotérica, os cinco) Dhyani Buddhas, chamados de os Anupadaka, “os sem pais”. Estes Buddhas são as mônadas primordiais do mundo dos *seres incorpóreos*, o mundo *Arupa*, onde as Inteligências (naquele plano apenas) não possuem nem forma nem nome, no sistema exotérico, mas têm os seus sete nomes distintos em filosofia esotérica. Estes Dhyani Buddhas emanam, ou criam a partir de si mesmos, através de Dhyana, Eus celestiais - os Bodhisattvas *super*-humanos. Eles encarnam no começo de cada ciclo humano na Terra, como homens mortais, e se tornam, ocasionalmente, devido ao seu mérito pessoal, Bodhisattvas entre os Filhos da Humanidade, e depois disso eles podem reaparecer como *Manushi* (humanos) Buddhas. Os Anupadaka (ou Dhyani-Buddhas) são, assim, idênticos aos *Manasaputra* bramânicos, “filhos nascidos da mente” - seja de Brahâmá ou das outras duas Hipóstases Trimurtianas, portanto idênticos também com os Rishis e os Prajapatis. Assim, há uma passagem no *Anugita* que, lida esotericamente, mostra de modo claro, embora sob outras imagens simbólicas, a mesma ideia e o mesmo sistema. Diz o trecho: “Sejam quais forem as entidades que haja neste mundo, móveis ou imóveis, elas são as primeiras a serem dissolvidas (no *pralaya*); e são as primeiras a seguir os desenvolvimentos produzidos a partir dos elementos (com base nos quais o Universo visível é formado); e depois destes desenvolvimentos (entidades dissolvidas), todos os elementos. Esta é a gradação entre as entidades na direção do alto. Deuses, Homens, Gandharvas, Pisachas, Asuras, Rakshasas, todos foram criados por Svabhava ¹⁸² (Prakriti, ou natureza plástica), não por ações, nem por uma causa” - isto é, não foram criados por nenhuma causa física.

“Estes Brâhmanas (os Rishis Prajapatis?), os criadores do mundo, nascem aqui (na Terra) uma e outra vez. Tudo o que seja produzido a partir deles se dissolve no tempo certo, como grandes ondas no oceano, naqueles mesmos cinco grandes elementos (os cinco, ou melhor sete, Dhyani Buddhas, também chamados de ‘Elementos’ da Humanidade). Estes grandes elementos estavam em todos os aspectos além dos elementos que compõem o mundo (os elementos grosseiros). E quem está liberado

mais filosófica do grande instrutor vedantino, o qual, falando dos *envoltórios* (dos *princípios* do ser humano), *Jiva*, *Vignanamaya*, etc., os quais *são*, na sua manifestação física, “*água e sangue*”, ou vida, acrescenta que só *atma* (espírito) é o que sobra depois da *subtração* dos envoltórios e que *atma* é a ÚNICA *testemunha*, ou a unidade sintetizada. A escola menos espiritual e menos filosófica, pensando apenas em uma trindade, fez três testemunhas a partir de “uma”, conectando-a assim mais com a terra do que com o céu. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff na referência à Epístola de S. João)

¹⁸² Esta palavra é escrita também com um “t” no final, *Svabhavat*. (Nota do Tradutor)

mesmo destes cinco elementos (os tanmatras) ¹⁸³ avança para a meta mais elevada.” “O Senhor Prajapati (Brahmâ) criou tudo isso através apenas da mente”, *isto é*, através de *Dhyana*, ou meditação abstrata e poderes místicos como os Dhyani Buddhas (*veja acima*). Evidentemente, então, estes “Brâhmanas” são idênticos aos Bodhisattvas (os terrestres) dos Dhyani Buddhas celestiais. Ambos, sendo “Elementos” primordiais, inteligentes, se tornam os *criadores* ou *emanadores* das mônadas destinadas a se tornarem humanas naquele ciclo; após o que, elas evoluem por si mesmas, ou, digamos assim, expandem-se em seus próprios *seres* como Bodhisattvas ou Brâhmanas, no céu e na Terra, até tornarem-se finalmente simples seres humanos - “os criadores do mundo *nascem aqui, na Terra, uma e outra vez*” - realmente. No sistema budista do norte, a religião exotérica popular, é ensinado que cada Buddha, ao mesmo tempo que ensina a boa lei na Terra, manifesta-se simultaneamente em três mundos: no mundo sem forma, como Dhyani Buddha; no mundo das formas, como um Bodhisattva, e no mundo do desejo, o mundo mais inferior (o nosso mundo) como um ser humano. Esotericamente, o ensinamento é diferente: a *mônada* divina, puramente Adi-Búddhica, se manifesta como Buddhi universal (o *Maha-Buddhi* ou Mahat nas filosofias hindus), a raiz espiritual, onisciente e onipotente da inteligência divina, a *anima mundi* mais elevada ou o Logos. *Isto* desce “como uma chama que se espalha desde o Fogo eterno, imóvel, sem acréscimo ou decréscimo, sempre o mesmo até o fim” do ciclo da existência, e se transforma na vida universal no Plano Mundano. Deste Plano de Vida *consciente* saem, como sete línguas de fogo, os Filhos da Luz (os *logoi* da Vida); depois os Dhyani-Buddhas de contemplação; as formas concretas dos Pais deles sem forma - os Sete Filhos da Luz, *ainda eles*, a quem se pode aplicar a frase mística bramânica: “Tu és ‘AQUILO’, *Brahm*”. É destes Dhyani-Buddhas que emanam as *chhayas* (Sombras) deles, os Bodhisattvas dos reinos celestes, os protótipos dos Bodhisattvas *supraterrestres*, e dos Buddhas terrestres, e finalmente dos homens. Os “Sete Filhos da Luz” são também chamados de “Estrelas”.

A estrela sob a qual nasce uma Entidade humana, segundo afirma o ensinamento Oculto, permanecerá para sempre sua estrela, durante todo o ciclo das suas encarnações em um manvântara. Mas *esta não é a sua estrela astrológica*. Esta última diz respeito e está conectada com a *personalidade*, e a primeira, com a INDIVIDUALIDADE. O “Anjo” da Estrela, o seu Dhyani-Buddha, será o “Anjo” orientador ou simplesmente o “Anjo” que preside, digamos assim, cada novo renascimento da mônada, *que é parte da própria essência dele*, embora o seu veículo, o ser humano, possa permanecer sempre sem saber deste fato. Cada um dos Adeptos tem o seu Dhyani-Buddha, a sua “Alma-gêmea” mais velha, e eles a conhecem, chamando-a de “Alma-Pai” e “Pai-Fogo”. No entanto, é só na última e suprema iniciação que a percebem enquanto estão frente a frente com a clara “Imagem”. Até que ponto Bulwer-Lytton sabia deste fato ao descrever, em um dos seus momentos mais inspirados, o encontro face a face de Zanoni com seu *Augoeides*?

O *Logos*, a PALAVRA tanto manifestada como imanifestada, é chamado pelos hindus de Ishwara, “o Senhor”, embora os Ocultistas lhe deem outro nome. Ishwara, dizem os vedantinos, é a mais alta consciência na natureza. “Esta consciência mais elevada”,

¹⁸³ Os Tanmatras são literalmente o tipo ou o rudimento de um elemento destituído de qualidades; mas, esotericamente, eles são os *númenos* primordiais daquilo que se torna ao longo da evolução um elemento Cósmico no sentido dado a este termo na antiguidade, e não no sentido da Física. Eles são os Logoi, as sete emanções ou raios do Logos. (Nota de H.P. Blavatsky)

respondem os Ocultistas, “é apenas uma *unidade sintética*, no mundo, do Logos manifestado - ou no *plano da ilusão*; porque ele é a soma total das *consciências* Dhyan-Chohânicas.” “Oh, sábio, afasta a ideia de *que não-Espírito é Espírito*”, diz Shankara Acharya. Atma é *não-Espírito* no seu estado Parabrahmânico final, *Ishwara* ou *Logos* é Espírito; ou, como explica o Ocultismo, é uma unidade composta de Espíritos vivos manifestados, a fonte parental e berçário de todas as mônadas mundanas e terrestres, *mais* os seus reflexos *divinos*, que emanam do, e retornam para, o Logos, cada uma na culminação do seu tempo próprio. Há sete grupos principais destes Dhyan Chohans, e estes grupos serão encontrados e reconhecidos em cada religião, porque eles são os SETE Raios primordiais. A humanidade, segundo o Ocultismo nos ensina, está dividida em sete grupos distintos, com suas subdivisões, mentais, espirituais e físicas.¹⁸⁴ A mônada, então, vista como UM, está acima do sétimo princípio (no Cosmos e no homem), e como uma tríade, ela é a direta progenitura radiante da acima mencionada UNIDADE *composta*, não a respiração (e *criação* especial a partir do *nada*) de “Deus”, como aquela unidade é chamada; porque esta ideia é bastante não-filosófica, e degrada a Divindade, arrastando-a para baixo, até uma condição finita e à qual se pode dar atributos. Conforme afirma corretamente o tradutor de “Crest-Jewel of Wisdom”, embora *Ishwara* seja “Deus”, “imutável nas maiores profundidades dos *pralayas* e na mais intensa atividade dos *manvântaras*”, ainda “*além* (dele) está ‘ATMA’, em torno de cujo pavilhão fica a escuridão do eterno MAYA.”¹⁸⁵ As “tríades” nascidas sob o mesmo Planeta-Pai, ou melhor, as *radiações* do mesmo Espírito Planetário (Dhyani Buddha), são, em todas as suas vidas-após-a-morte e em todos os seus renascimentos, almas-irmãs, ou “*almas-gêmeas*”, nesta Terra.¹⁸⁶

¹⁸⁴ Em função disso temos os sete principais planetas, as *esferas* dos sete espíritos que as habitam; e sob cada um deles nasce um dos grupos humanos, que é guiado e influenciado por ele. Há apenas sete planetas (*especialmente* conectados com a Terra), e doze casas, mas as combinações possíveis dos seus aspectos são incontáveis. Como cada planeta pode estar situado em relação a cada um dos outros de modo a criar doze diferentes aspectos, as suas combinações são, portanto, quase infinitas; tão infinitas, na verdade, quanto as capacidades espirituais, psíquicas, mentais e físicas das inumeráveis variantes do *genus homo*, sendo que cada uma destas variantes nasce sob um dos sete planetas, e sob uma das incontáveis combinações planetárias. Veja “*The Theosophist*”, Agosto de 1886. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁸⁵ O erro agora universal de atribuir aos antigos o conhecimento de apenas sete planetas, simplesmente porque eles não mencionavam outros, tem como base a mesma ignorância geral das doutrinas ocultas deles. A questão não é se eles tinham consciência ou não da existência dos planetas descobertos mais recentemente; mas se não havia uma razão especial para a reverência que eles manifestavam pelos quatro deuses exotéricos e três grandes deuses secretos - os anjos-estrelas. A autora ousa afirmar que esta razão existia, e que a razão é a seguinte. Se eles tivessem conhecido tantos planetas quantos nós conhecemos agora (e esta questão dificilmente pode ser respondida de imediato, nem de uma maneira nem de outra) eles ainda assim teriam conectado à sua prática religiosa apenas os sete, porque estes sete estão direta e especialmente conectados com a nossa Terra, ou, usando a fraseologia esotérica, com o nosso anel setenário de esferas. (Veja acima.) (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁸⁶ É a mesma ideia, apenas ainda mais metafísica, que a ideia da Trindade Cristã, “Três em Um”, ou seja, o “supra-espírito” Universal, manifestando-se nos dois planos mais altos, os de Buddhi e Mahat; e estas são as três hipóstases, metafísicas, mas *nunca pessoais*. (Nota de H.P. Blavatsky)

Isto era conhecido por todo alto Iniciado em cada era e em todos os países: “Eu e meu Pai somos um”, disse Jesus (João, X, 30). ¹⁸⁷ Quando é afirmado em outro trecho (João, XX, 17) que ele diz: “Eu subo para o *meu* Pai e o vosso Pai”, isso significa o que foi dito logo acima. Era simplesmente para indicar que o grupo de discípulos e seguidores atraídos para ele pertenciam ao mesmo Dhyani Buddha, à mesma “Estrela”, ou “Pai”, e eram do mesmo reino planetário e da mesma divisão que ele. É o *conhecimento* desta doutrina oculta que está expresso nos comentários ao “Idílio do Lótus Branco”, quando o sr. T. Subba Row escreve: “Cada Buddha encontra na sua última iniciação todos os grandes adeptos que alcançaram o Budado durante as eras anteriores cada tipo de adeptos tem o seu próprio elo de comunhão espiritual que os une e mantém juntos..... A única maneira possível e efetiva de entrar numa fraternidade como esta é colocando a si mesmo sob a influência da luz Espiritual que se irradia *desde o seu próprio Logos*. Além disso, posso assinalar aqui que uma tal comunhão só é possível *entre pessoas cujas almas recebem a sua vida e o seu sustento do mesmo RAIO divino*, e posso assinalar que, como há sete raios diferentes que se irradiam do ‘Sol Central Espiritual’, *todos os adeptos e Dhyani Chohans são divisíveis em sete tipos*, cada um dos quais é guiado, controlado e supervisionado por uma das sete formas ou manifestações da Sabedoria divina.” (“*The Theosophist*”, agosto de 1886.)

São, então, os “Sete Filhos da Luz” - chamados pelos nomes dos seus planetas (pelo povo desinformado) e com frequência identificados com eles -, isto é, Saturno, Júpiter, Mercúrio, Marte, Vênus e - *presumivelmente*, para o crítico moderno que não vai além da superfície das religiões antigas ¹⁸⁸ - o Sol e a Lua, que são, de acordo com os ensinamentos Ocultos, os nossos Pais celestes, ou o nosso “Pai”, sinteticamente. Portanto, como já foi destacado antes, o politeísmo é na realidade mais filosófico e mais correto, do ponto de vista dos fatos e da natureza, que o monoteísmo antropomórfico. Saturno, Júpiter, Mercúrio e Vênus, os quatro planetas exotéricos, e os três outros, que devem permanecer sem nome, são os corpos celestes em comunicação astral e psíquica direta com a Terra, seus Guias e Guardiões Protetores ¹⁸⁹ - moralmente e fisicamente. Os corpos celestes visíveis dão à nossa humanidade as suas características externas e

¹⁸⁷ A identidade, e ao mesmo tempo a diferenciação ilusória da Mônada-*Anjo* e da Mônada-*Humana* é demonstrada pelas seguintes frases: “Meu Pai é *maior* do que eu” (João, XIV, 28), “Glorifiquem a *vosso* Pai, que está *nos céus*” (Mateus, V, 16), “Então os justos *resplandecerão*, no reino do Pai *deles*” (não *nosso* Pai) (Mateus, XIII, 43), “Não sabeis vós que sois *um templo* de Deus e que *o Espírito de Deus habita* em vós?” (1Cor., III, 16), “Eu *subo* para meu Pai” (João, XX, 17), etc., etc. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁸⁸ Estes são planetas aceitos apenas para os propósitos da astrologia judiciária. A divisão astroteogônica era diferente desta. O Sol, sendo uma *estrela* central e não um planeta, tem relações mais ocultas e mais misteriosas com os *seus* sete planetas do *nosso* globo do que geralmente se sabe. O Sol era, portanto, considerado o grande Pai de todos os Sete “Pais”, o que explica as variações encontradas entre os *sete* e os *oito* grandes deuses dos Caldeus e de outros países. Nem a Terra nem a Lua - seu satélite - nem tampouco estrelas, por uma razão diferente, eram nada mais do que *substitutos para fins esotéricos*. No entanto, mesmo com o Sol e a Lua deixados de fora dos cálculos, os antigos pareciam saber dos *sete* planetas. Quantos mais são conhecidos por nós, até agora, se deixarmos de fora a Terra e a Lua? *Sete*, e nada além disso: Sete planetas primários ou principais, e o resto são *planetoides*, mais do que planetas. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁸⁹ Guardiões Protetores: No original, “Watchers”, palavra que também pode ser traduzida como “Observadores” e “Sentinelas”. (Nota do Tradutor)

internas, e os seus “Regentes” ou *reitores* fazem o mesmo em relação às nossas Mônadas e faculdades espirituais. Para evitar a criação de novas concepções erradas, é preciso esclarecer que nem Urano nem Netuno estão entre os três orbes (ou anjos-estrelas) *secrets*; não só porque eles eram desconhecidos para os Sábios antigos sob estes nomes, mas porque eles, como todos os outros planetas, por mais numerosos que sejam, são os *deuses* e guardiães de outras cadeias setenárias de globos dentro dos nossos sistemas.

Os dois planetas descobertos mais recentemente ¹⁹⁰ também não dependem inteiramente do Sol, ao contrário do resto dos planetas. De outro modo, como poderemos explicar o fato de que Netuno recebe 900 vezes menos luz que a nossa Terra, e Urano 390 vezes menos, e que os satélites deles mostram uma peculiaridade de rotação inversa não encontrada em quaisquer outros planetas do Sistema Solar? Pelo menos, o que nós dizemos se aplica a Urano, embora recentemente o fato tenha começado outra vez a ser questionado.

Abordar este assunto será naturalmente considerado uma perda de tempo, por todos os que confundem a ordem universal dos seres com os seus próprios sistemas de classificação. Aqui, no entanto, são afirmados fatos simples dos ensinamentos Ocultos, que devem ser aceitos ou rejeitados, conforme for o caso. Há detalhes que, devido à sua grande abstração metafísica, *não podem* ser abordados. Portanto, nós simplesmente afirmamos que só sete dos nossos planetas estão tão intimamente relacionados com o nosso globo, como o Sol se relaciona com todos os corpos celestes sujeitos a ele em seu sistema. Destes corpos o pobre e pequeno número de planetas *primários* e *secundários* conhecidos pela astronomia parece bastante limitado, na verdade. ¹⁹¹ Portanto, cabe deduzir que há um grande número de planetas, grandes e pequenos, que ainda não foram descobertos, porém a existência deles era seguramente conhecida pelos astrônomos da antiguidade - tinham seguramente conhecimento. Mas, como a relação deles com os deuses era secreta, o conhecimento tinha que permanecer arcano ¹⁹², assim como os nomes de vários outros planetas e estrelas.

Além disso, mesmo a teologia Católica Romana fala de “*setenta* planetas que presidem os destinos das nações deste globo”, e exceto pelo seu uso equivocado, há mais verdade nesta afirmação tradicional do que na astronomia exata moderna. Os *setenta* planetas estão conectados com os *setenta* anciãos do povo de Israel (*Números*, 11, 16) ¹⁹³ porque

¹⁹⁰ Descobertos mais recentemente desde o ponto de vista do ano de 1888, quando esta obra foi publicada: ou seja, Urano e Netuno. (Nota do Tradutor)

¹⁹¹ Levando em conta, que sob o poderoso telescópio de Sir W. Herschell, o eminente astrônomo, sondando apenas aquela parte do céu que está no plano equatorial, cujo centro aproximado é ocupado pela nossa Terra - viu passar em um quarto de hora 16.000 estrelas; e aplicando este cálculo à totalidade da Via Láctea, ele calculou que há nela não menos de 18 (dezoito) milhões de SÓIS não é mais possível ficar surpreso diante do fato de que Laplace, em conversa com Napoleão I, tenha dito que Deus é uma HIPÓTESE - sobre a qual é perfeitamente inútil especular pelo menos em ciência física *exata*. Somente a metafísica Oculta e a filosofia transcendental são capazes de erguer qualquer pedaço do véu que encobre esta realidade. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁹² Arcano: secreto, enigmático. (Nota do Tradutor)

¹⁹³ No comentário a esta passagem de “Números”, na edição brasileira da *Torá*, os *setenta* anciãos representam também “as *setenta* nações que há na Terra”, entre outras relações ocultas. Veja “Torá, a Lei de Moisés”, Editora Livraria Sêfer, SP, 2001, p. 420. (Nota do Tradutor)

a referência é aos *regentes* destes planetas, e não aos corpos celestes em si mesmos, e a palavra *setenta* é uma *alusão oculta* ao 7 x 7 das subdivisões. Cada povo, e cada nação, como já foi dito, tem o seu Guardião, o seu Protetor e Pai do Céu *direto* - um Espírito Planetário. Nós estamos dispostos a deixar para os descendentes de Israel, os adoradores de *Sabaoth*, ou SATURNO, o seu próprio deus nacional, Jeová; porque, de fato, as *mônadas* do povo escolhido por ele são suas próprias, e a Bíblia nunca fez um segredo disso. Só o texto da Bíblia inglesa (Protestante) está em desacordo, como é usual, com o texto da Septuaginta e da Vulgata. Assim, enquanto na primeira lemos (*em Deuteronômio, XXXII, 8 e 9*) “Quando o MAIS ELEVADO (não Jeová) distribuiu entre as nações as suas heranças ele estabeleceu as fronteiras do povo de acordo com o número dos filhos de Israel”, na *Septuaginta* o texto diz “de acordo com o número dos Anjos” (Anjos-Planetas), o que está mais em harmonia com a verdade e com os fatos. Além disso, todos os textos concordam que “a *parte* do Senhor (Jeová) é o seu povo; Jacó é o lote dos herdeiros *dele*” (Deuteronômio, XXXII, 9); e isto resolve a questão. O “Senhor” Jeová tomou *como sua parte* Israel - o que as outras nações têm a ver com aquela divindade *nacional* em particular? Deixemos, então, que o “anjo Gabriel” zeze pelo Irã e que “Miguel-Jeová” zeze pelos hebreus. Estes não são os deuses de outras nações, e é difícil ver por que motivo os cristãos deveriam adotar um deus contra cujos mandamentos Jesus foi o primeiro a erguer-se em rebeldia.

A origem planetária da Mônada (Alma) e das faculdades dela fazia parte dos ensinamentos dos Gnósticos. No seu caminho para a Terra, assim como no seu caminho de volta da Terra, cada alma nascida na - e a partir da - “Luz Infinita” ¹⁹⁴, tinha que passar pelas sete regiões planetárias nos dois sentidos. Os puros Dhyanis e Devas das religiões mais antigas se haviam transformado, com o tempo, entre os zoroastrianos, nos Sete Devas, os ministros de Ahriman, “cada um acorrentado a seu planeta” ¹⁹⁵; entre os brâmanes, nos Asuras e alguns dos seus Rishis, bons, maus e indiferentes. Entre os Gnósticos egípcios *Thoth* ou Hermes era o principal dos sete cujos nomes são dados por Orígenes como *Adonai*, gênio do Sol; *Tao*, da Lua; *Eloi*, de Júpiter; *Sabao*, de Marte; *Orai*, de Vênus; *Astaphai*, de Mercúrio; e *Ildabaoth* (Jeová), de Saturno. Finalmente, a obra *Pistis-Sophia*, que a maior autoridade moderna nas crenças Gnósticas *exotéricas*, o sr. C. W. King, qualifica como “um precioso monumento do Gnosticismo” - este velho documento é um eco da crença arcaica das eras, ao mesmo tempo que a distorce em função de interesses sectários. Os Regentes Astrais das Esferas (os planetas) criam as mônadas (as almas) da sua própria substância, a partir das “lágrimas dos seus olhos e do suor dos seus tormentos”, dando às mônadas uma fagulha da Luz Divina, que é a sua substância. ¹⁹⁶ Será mostrado no volume II por que estes “Senhores do Zodíaco e das

¹⁹⁴ C. W. King a identifica com “aquele *summum bonum* da aspiração oriental, o Nirvana Budista”, o perfeito repouso, a *Indolentia* epicurista. Isso parece bastante irreverente na sua expressão, mas é em grande parte verdadeiro. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁹⁵ Veja a cópia do diagrama na obra *Contra Celsum*, de Orígenes de Alexandria, livro VI, pp. XXIV-XXXVIII. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

¹⁹⁶ Esta frase, de uma extraordinária beleza mística, ajuda a explicar a relação entre os *planetas-guardiões* e os povos e nações que eles protegem e inspiram, conforme abordado nos parágrafos e páginas anteriores. No plano espiritual, diz Blavatsky, o regente do planeta *cria as mônadas da nação* que ele protege e guarda. O regente *doa a sua própria substância* para formar as mônadas. Este fato também explica a expressão “Pai do Céu”, como visto mais acima. “Os deuses são nossos pais”, no plano oculto e essencial. (Nota do Tradutor)

Esferas” têm sido transformados pela teologia sectária nos anjos rebeldes dos cristãos, que os tomaram dos Sete Devas dos Magos, sem compreenderem o significado da alegoria. (Veja “As Sete Almas dos Egiptólogos”, “The Seven Souls of the Egyptologists”, à p. 630 do volume II, e também a Seção 15 desta Parte III, intitulada “Deuses, Mônadas e Átomos”).

Como de costume, aquilo que *é* e que *era* desde o início divino, puro e espiritual na sua unidade primordial, passou, por causa da sua diferenciação no prisma distorcido das concepções humanas impuras, a refletir a natureza pecaminosa própria do homem. Assim, ao longo do tempo, o planeta Saturno foi criticado de maneira insultante pelos adoradores de outros “deuses”. As nações nascidas sob Saturno - a nação dos judeus, por exemplo - entre as quais ele se transformou em Jeová, depois de ser considerado um filho de Saturno ou Ilda-Baath pelos ofitas, e no livro de Jasher, estavam eternamente lutando com as nações nascidas sob Júpiter, Mercúrio ou qualquer outro planeta, exceto Saturno-Jeová; apesar das genealogias e profecias, Jesus *o iniciado* (ou Jehoshua) - o modelo ou tipo a partir do qual o Jesus “histórico” foi copiado - não era de sangue judeu puro, e por isso não reconhecia Jeová, nem tampouco adorava qualquer deus planetário além do seu próprio “Pai”, a quem ele conhecia e com o qual estava em comunhão, como ocorre com todo alto iniciado, “Espírito com Espírito e Alma com Alma”. Isto dificilmente pode ser questionado, a menos que o crítico explique a todos de maneira satisfatória as estranhas frases atribuídas a Jesus pelo autor do Quarto Evangelho (capítulo VIII), durante as suas discussões com os fariseus.¹⁹⁷

“Eu sei que você é semente de Abraão¹⁹⁸ ... Eu falo das coisas que eu vi com *meu* Pai; e você vê as que escutou do *seu* Pai Você faz os trabalhos do *seu* Pai..... Você é do seu Pai, o Diabo Ele foi um assassino desde o início, e não ficou do lado da verdade, porque não há verdade nele. Quando fala uma mentira, fala por si mesmo; porque seu pai também é um mentiroso e um pai da mentira”, etc., etc.

Aquele “Pai” dos Fariseus era Jeová, porque era idêntico a Caim, Saturno, Vulcano, etc., - o planeta sob o qual eles nasceram, e o Deus a quem adoravam. Evidentemente deve haver um significado oculto nestas palavras e advertências, por mais precária que seja a tradução, já que foram pronunciadas por alguém que ameaçava com o fogo do inferno quem quer que dissesse simplesmente *reqa* (idiota) a seu irmão (*Mateus*, V, 22). E evidentemente, também, os planetas não são apenas esferas cintilantes no Espaço, obrigadas a brilhar sem qualquer propósito; são os domínios de vários seres que o profano até agora desconhece; e no entanto possuem uma conexão misteriosa, poderosa e ininterrupta com os globos, e com os seres humanos. Cada corpo celeste é o templo de *um* deus, e estes deuses são, eles próprios, os templos de DEUS, o Desconhecido “*Não-Espírito*”.¹⁹⁹ Não há nada profano no Universo. Toda a Natureza é um lugar consagrado, segundo diz Young:

¹⁹⁷ Fariseus: antiga seita judaica que dava grande importância ao aspecto cerimonial do judaísmo. Floresceu no último século antes de Cristo e no primeiro século da era cristã. (Nota do Tradutor)

¹⁹⁸ Abraão e Saturno são idênticos em astro-simbologia, e ele é o antepassado dos judeus que adoram Jeová. (Nota de H.P. Blavatsky)

¹⁹⁹ “*Não Espírito*”: ou seja, a Divindade universal não pode ser descrita com palavras, e portanto ela não é um “Espírito” tal como nós, humanos, podemos pensar que um Espírito seja. Cabe levar em conta o fato de que a ideia de “espírito” normalmente *exclui* a ideia de “matéria”, mas a divindade universal, na verdade, *inclui* o mundo físico e está presente nele. (Nota do Tradutor)

“Cada uma destas Estrelas é uma casa religiosa.”

Assim, todas as religiões exotéricas podem ser vistas como cópias falsificadas do ensinamento esotérico. É a classe sacerdotal que deve ser responsabilizada pela reação em favor do materialismo dos nossos dias. É por adorar cascas, e por impor às massas a adoração de cascas - personificadas para funcionarem como alegorias - de ideais pagãos, que a mais recente religião exotérica fez das terras Ocidentais um Pandemônio, no qual as classes mais elevadas adoram um bezerro de ouro, e as massas inferiores e ignorantes são levadas a adorarem um ídolo com os pés de barro.

12. Pensamento Antigo em Roupagem Moderna

([Volte para o Sumário](#))

A CIÊNCIA MODERNA É PENSAMENTO ANTIGO DISTORCIDO, e não mais do que isso. Nós temos visto, no entanto, O QUE OS CIENTISTAS INTUITIVOS PENSAM, e com o que estão ocupados; e agora podemos dar ao leitor mais algumas provas do fato de que mais de um Membro da Sociedade Real de Londres ²⁰⁰ está inconscientemente se aproximando das ridicularizadas Ciências Secretas.

Em relação à cosmogonia e à matéria primordial, as especulações modernas são inegavelmente pensamento antigo, *aperfeiçoado* por teorias contraditórias de origem recente. Mas todo o alicerce pertence à Astronomia e à Física arcaicas da Grécia e da Índia, que naqueles tempos eram sempre chamadas de Filosofia. Em todas as especulações arianas e gregas, encontramos a concepção de uma matéria que tudo permeia, não-organizada e homogênea, ou *Caos*, chamada pelos cientistas modernos de “condição Nebular da substância do mundo”. O que Anaxágoras chamava de “Caos” em sua *Homeomeria* é agora chamado de “fluido primitivo” por Sir W. Thomson. Os atomistas hindus e gregos - Kanada, Leucipo, Demócrito, Epicuro, Lucrécio, etc., etc. - são agora refletidos, como num claro espelho, nos apoiadores da teoria atômica dos nossos dias modernos, começando com as *Mônadas* de Leibniz, e terminando com os “Átomos Vorticais” de Sir W. Thomson. ²⁰¹ É verdade que a antiga teoria corpuscular foi rejeitada, e a teoria ondulatória tomou o seu lugar. Mas a questão é saber *se esta última está tão firmemente estabelecida que não será destronada, assim como foi a sua antecessora*. A Luz, em seu aspecto metafísico, foi amplamente examinada em “Ísis Sem Véu” ²⁰²:

²⁰⁰ Membro da Sociedade Real de Londres: em inglês, F.R.S., Fellow of the Royal Society, um título honorífico concedido a cientistas notáveis. (Nota do Tradutor)

²⁰¹ Os Vórtices Elementais inaugurados pela *Mente* não foram melhorados pela sua transformação moderna. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁰² Traduzimos o trecho direto de como está no original inglês de “[The Secret Doctrine](#)”, volume I, pp. 579-580. HPB está citando “[Isis Unveiled, Volume I](#)”, p. 258. O leitor encontrará outra tradução deste trecho na edição brasileira de “Ísis Sem Véu” (Ed. Pensamento, Volume I, Capítulo VIII, pp. 311-312). (Nota do Tradutor)

“A luz é o primeiro elemento que nasceu e a primeira emanção do Supremo, e Luz é Vida, dizem o evangelista e o cabalista. Ambos são eletricidade - o princípio vital, a *anima mundi* que permeia o universo, o vitalizador elétrico de todas as coisas. A Luz é o grande mago mutável, e, sob a vontade divina do arquiteto ²⁰³, ou melhor, dos *arquitetos*, os ‘Construtores’ (chamados de *Um* em sua coletividade), as ondas multifacetadas da Luz fizeram nascer todas as formas, assim como todos os seres vivos. Do seu âmago elétrico em expansão, surgem a *matéria* e o *espírito*. Dentro dos seus raios estão os começos de toda ação física e química, e de todos os fenômenos cósmicos e espirituais; ela vitaliza e desorganiza; ela dá vida e produz a morte, e do seu ponto primordial emergiram gradualmente para a existência as miríades de mundos, corpos celestes visíveis e invisíveis. Foi sob um raio desta *Primeira* mãe, uma em três, que ‘Deus’, de acordo com Platão, acendeu um fogo que agora nós chamamos de Sol ²⁰⁴, e que *não* é a causa nem da luz nem do calor, mas simplesmente o foco, ou, como poderíamos dizer, a lente pela qual os raios da luz primordial se materializam, são concentrados no nosso Sistema Solar, e produzem todas as correlações de forças.”

Trata-se do Éter, como acaba de ser explicado com base nos pontos de vista de Metcalfe, repetido pelo dr. Richardson, com a exceção de que Metcalfe aceita alguns aspectos da teoria ondulatória moderna. Nós não dizemos que negamos a teoria, mas afirmamos apenas que ela necessita ser completada e reorganizada. Porém os Ocultistas não são de modo algum os únicos *hereses* neste aspecto; porque o sr. Robert Hunt, F.R.S., destaca, em seu texto *Researches on Light in its Chemical Relations*, que:

..... “A teoria ondulatória não presta contas sobre os resultados dos seus experimentos. Sir David Brewster, em sua obra *Treatise on Optics*, mostrando ‘que as cores da vida vegetal surgem de uma atração específica que as partículas destes corpos exercem sobre raios de luz de diferentes cores’, e que ‘é pela luz do Sol que os sucos coloridos das plantas são elaborados, que as cores dos corpos são alteradas, etc.’, destaca que ‘não é fácil deixar que tais efeitos sejam produzidos pela simples vibração de um meio etéreo.’ E ele é *forçado*, diz ele, ‘por este tipo de fatos, a raciocinar como se a luz fosse *material* (?)’ O professor Josiah P. Cooke, da Universidade Harvard, diz que ele ‘não pode concordar com aqueles que veem a teoria ondulatória da luz como um princípio estabelecido da ciência’. ²⁰⁵ A doutrina de Herschell segundo a qual a intensidade da luz, para cada ondulação, ‘é inversamente proporcional ao quadrado da distância desde o corpo luminoso’, se for correta debilita significativamente, caso não destrua, a teoria ondulatória. O fato de que ele está certo foi comprovado repetidamente por experimentos com fotômetros, e embora ela comece a ser muito questionada, a teoria ondulatória ainda está viva”. ([*Isis Unveiled*](#), Volume I, p. 137.)

²⁰³ Tenho sido frequentemente criticada por usar expressões, em *Ísis*, denotando a crença em um Deus pessoal e antropomórfico. Esta *não* era a minha ideia. Falando cabalisticamente, o “Arquiteto” é o nome genérico dos *Sefirot*, os Construtores do Universo, assim como a “Mente Universal” representa a coletividade das Mentes Dhyán-Chohânicas. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁰⁴ *Timeu*. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁰⁵ *Modern Chemistry*. (Nota de H.P. Blavatsky)

Há muito o que dizer em resposta a esta afirmação do sr. W. Brewster - de que foi “forçado a raciocinar como se a luz fosse material”. A Luz, em um certo sentido, é certamente tão material quanto a própria eletricidade. E se a eletricidade *não* é material, se ela é apenas um “modo de movimento”, como acontece que ela pode ser *estocada* nos acumuladores de Faure? Helmholtz diz que a eletricidade deve ser tão atômica quanto a matéria; e o sr. W. Crookes, F.R.S., apoiou este ponto de vista em seu discurso para a Seção Química da Associação Britânica, da qual ele era presidente (em Birmingham, 1886). Isso é o que Helmholtz diz (nas suas *Faraday Lectures*, 1881):

“Se aceitarmos a hipótese de que as substâncias elementares são compostas de átomos, não podemos evitar a conclusão de que a eletricidade também, tanto positiva como negativa, é dividida em porções elementares definidas, que se comportam como átomos de eletricidade.”

Aqui nós temos que repetir aquilo que já foi dito na Seção 9: há uma só ciência que pode daqui em diante dirigir a pesquisa moderna pelo único caminho que levará à descoberta do conjunto da verdade, até aqui oculta, e é a mais jovem de todas - a *química*, tal como ela está agora reformada. Não há nenhuma outra ciência, nem mesmo a astronomia, que possa guiar de modo tão certo a intuição científica quanto a Química. Duas comprovações disso podem ser vistas no mundo da ciência. São dois grandes químicos, cada um entre os maiores do seu próprio país, o sr. Crookes e o falecido professor Butlerof: o primeiro deles, um completo crente em fenômenos anormais, e o outro, tão ardoroso espírita quanto era grande em ciências naturais. Torna-se evidente que ao investigar a divisibilidade última da matéria, assim como na busca até aqui *infrutífera* pelo elemento do peso atômico negativo, a mente cientificamente treinada do Químico deve sentir-se irresistivelmente atraída para aqueles mundos sempre encobertos, para o misterioso além, cujas profundidades imensuráveis parecem fechar-se diante da aproximação de mãos demasiado materialistas que gostariam de afastar o véu. “É o desconhecido e o *sempre incognoscível*”, alerta o monista-agnóstico. “Não é assim”, responde o químico perseverante: “Nós estamos no rumo certo e não nos deixamos desanimar, e gostaríamos de entrar na região misteriosa que a *ignorância rotula como desconhecida*”.²⁰⁶

Umas poucas linhas, no final da sua palestra sobre a origem dos elementos (*Genesis of the Elements*) - duas ou três frases - mostraram que o eminente cientista está no caminho certo para grandes descobertas. Ele vem trabalhando há algum tempo a questão do “*protótipo original*”, e chegou à conclusão de que “quem captar a Chave terá condições de decifrar alguns dos mais profundos mistérios da criação”. O *protótipo*, conforme o grande cientista explica - “..... É uma palavra análoga a *protoplasma*, para expressar a ideia da matéria primordial original que existia antes da evolução dos elementos químicos. A palavra que eu ousei usar com este objetivo é composta de $\pi\rho\acute{o}$ (*prévio a*) e $\upsilon\lambda\eta$ (*a substância com a qual as coisas são feitas*). A palavra dificilmente pode ser considerada nova, porque 600 anos atrás Roger Bacon escreveu em sua *Arte Chymiae*, ‘os elementos são feitos de $\upsilon\lambda\eta$ e cada elemento é transformado na natureza de outro elemento’.”

²⁰⁶ “Discurso Presidencial” (Presidential Address) do sr. Crookes em Birmingham. “Há apenas um desconhecido - o *substrato último do Espírito* (Espaço). Aquilo que não é o *Absoluto* e o *Uno* é, em virtude desta mesma diferenciação, por mais afastado que esteja dos sentidos físicos, sempre acessível à mente espiritual humana, a qual é um brilho do Integral indiferenciável.” (*Practical Lessons on the Occult*) (Nota de H.P. Blavatsky)

O *Conhecimento* de Roger Bacon não veio por inspiração até este antigo e admirável mago ²⁰⁷, mas veio porque ele estudou obras antigas sobre magia e alquimia, tendo uma chave para o real significado das palavras. Mas vejamos o que o sr. Crookes diz do *protilo*, um vizinho imediato do *Mulaprakriti* inconsciente dos Ocultistas:

“..... Vamos começar pelo momento em que o primeiro elemento passou a existir. Antes deste ponto no tempo, a matéria tal como a conhecemos não existia. É tão impossível conceber a matéria sem energia quanto conceber a energia sem matéria; desde um certo ponto de vista os dois termos são mutuamente conversíveis. Antes do nascimento dos átomos, todas as formas de energia que se tornam evidentes quando a matéria atua sobre a matéria não poderiam ter existido ²⁰⁸ - elas estavam fechadas no *protilo* apenas como potencialidades latentes. Assim como na criação de átomos, todos os atributos e propriedades que formam os meios de discriminar um elemento químico do outro já passam a existir completamente dotados de energia.” (*Presidential Address*, p. 16)

Com todo o devido respeito pelo grande conhecimento do palestrante, o Ocultista se expressaria de outro modo. Ele diria que nenhum átomo é jamais “criado”, porque os átomos são eternos no âmago do *Átomo Único* - o “átomo dos átomos” - visto durante o Manvântara como o *Jagad-Yoni*, o útero *material* causativo do mundo. *Pradhana* (matéria não-modificada), aquilo que é a primeira forma de *Prakriti* ou Natureza material *tanto visível como invisível*, e *Purusha*, o espírito, são eternamente um; e eles são *Nirupadhi* (sem qualidades ou atributos adventícios) apenas durante o *Pralaya*, e quando *além* de qualquer um dos planos de consciência da existência. O átomo, tal como conhecido pela ciência moderna, é inseparável de *Purusha*, que é espírito, mas este é agora chamado de “energia” em ciência. O átomo do *protilo* não foi fragmentado nem sutilizado: ele simplesmente passou para aquele plano, que não é um plano, mas o eterno estado de tudo, além dos planos de ilusão. Tanto *Purusha* como *Pradhana* são imutáveis e inesgotáveis, ou *Aparinamin* e *Avyaya*, eternamente; e durante períodos maiálicos é possível referir-se a ambos como *Vyaya* e *Parinamin*, ou seja, aquilo que se pode expandir, passar para mais além e desaparecer, e que é “modificável”. Neste sentido *Purusha* deve, naturalmente, ser considerado diferente de *Parabrahmam* em

²⁰⁷ Isto, que a redatora da presente obra disse dez anos atrás em “*Ísis Sem Véu*” (volume I, p. 152, Ed. Pensamento, e pp. 64-65 do original em inglês, “*Isis Unveiled*”) foi profético, ao que parece. Estas são as palavras: “Muitos destes místicos, seguindo os ensinamentos de alguns tratados, preservados secretamente de uma geração a outra, *fizeram descobertas que não seriam desprezíveis mesmo em nossos modernos dias das ciências exatas*. Roger Bacon, o monge, foi ridicularizado como um charlatão, e é hoje incluído entre os ‘fingidores’ da arte mágica; mas suas descobertas foram não obstante aceitas, e são hoje usadas por aqueles que mais o ridicularizaram. Roger Bacon pertencia, por direito se não de fato, àquela Fraternidade que inclui todos os que estudam as ciências ocultas. Vivendo no século treze, quase contemporâneo, portanto, de Alberto Magno e Tomás de Aquino, suas descobertas - como a pólvora e as lentes óticas, e suas descobertas mecânicas - foram consideradas por todos como milagres. Ele foi acusado de ter feito um pacto com o Maldoso.” (Nota de H.P. Blavatsky) [*Subnota do tradutor: no trecho de Ísis citado acima, alguns erros de tradução foram corrigidos para que a transcrição fique conforme o original. CCA*]

²⁰⁸ Exatamente; “as formas de energia que se tornam evidentes” no laboratório do químico e do físico; mas *há outras formas de energia* associadas a *outras formas* de matéria, que são *suprassensoriais*, e no entanto são conhecidas pelos adeptos. (Nota de H.P. Blavatsky)

nossas concepções. No entanto, aquilo que é chamado de “energia” ou “força” em ciência e que foi descrito como uma Força *dual* por Metcalfe, não é jamais, na realidade, e não pode ser apenas *energia*; porque é a substância do mundo, a sua alma, o “Sarvaga” *que-tudo-permeia*, em conjunção com *Kala*, “tempo”. Os três são a trindade em um, durante o Manvântara, a Unidade todo-potencial que atua nos planos da ilusão (Maya) como três coisas diferentes. Na filosofia órfica da Grécia eles eram chamados de *Phanes*, *Caos* e *Cronos* - a tríade dos filósofos Ocultos daquele período.

Mas vejam quão perto o sr. Crookes chega do “Incognoscível”, e que “potencialidades” há para a aceitação das verdades Ocultas nas descobertas dele. Ele continua, falando da evolução dos átomos:

“..... Façamos uma pausa ao final da primeira vibração completa e examinemos o resultado. Nós já descobrimos os elementos da água, da amônia, do ácido carbônico, da atmosfera, da planta e da vida animal, o fósforo para o cérebro, o sal para os mares, o barro para a terra sólida os fosfatos e silicatos suficientes para um mundo e habitantes não muito diferentes do que nós temos no dia de hoje. É verdade que os habitantes humanos teriam que viver num estado de simplicidade maior que a simplicidade Arcadiana ²⁰⁹, e a ausência de fosfato cálcico seria algo estranho em relação à questão dos ossos ²¹⁰ No ponto mais baixo da nossa curva vemos um grande hiato Este oásis, e os vazios que vêm antes e depois dele, podem estar relacionados muito provavelmente com a maneira particular pela qual a nossa Terra se desenvolveu e se transformou num membro do nosso sistema solar. Neste caso, pode ser que estes vazios ocorram apenas em nossa Terra, e não aconteçam em geral por todo o universo.”

Isso confirma várias afirmações feitas nas obras Ocultas.

Em primeiro lugar, “que não se pode dizer que as estrelas ou que o Sol sejam constituídos daqueles elementos terrestres com os quais o químico está familiarizado, embora eles estejam todos presentes nas vestes externas do Sol - além de uma grande quantidade de outros elementos até agora desconhecidos da ciência.”

Em segundo lugar, que o nosso globo tem o seu próprio laboratório especial na distante periferia da sua atmosfera, depois da qual cada átomo e cada molécula mudam e se diferenciam da sua natureza primordial. ²¹¹

²⁰⁹ Arcadiana: relativo à Arcádia, província da antiga Grécia. Devido a abordagens literárias famosas durante o Renascimento e a época do Romantismo, o termo hoje significa uma sociedade utópica e ideal, fraterna, que vive na simplicidade, em harmonia com a natureza e não tem grandes aglomerações urbanas como a sociedade moderna. (Nota do Tradutor)

²¹⁰ O que os Ocultistas afirmam é exatamente que tais mundos existem em outros planos de consciência. A ciência secreta ensina que a raça primitiva *não tinha ossos* (veja o Volume II), e que há mundos (para nós) invisíveis, povoados assim como o nosso, além das *populações* de Dhyán Chohans. (Nota de H.P. Blavatsky)

²¹¹ Átomos e moléculas mudam quando saem completamente da atmosfera terrestre. A frase tem especial importância quando pensamos nos efeitos, sobre o ser humano, das viagens espaciais para fora do nosso planeta. (Nota do Tradutor)

E *em terceiro lugar*, que embora nenhum elemento presente em nossa Terra possa jamais estar faltando no Sol, há muitos outros que não foram alcançados, ou que ainda não foram descobertos, em nosso globo. “Alguns podem estar faltando em certas estrelas e corpos celestes em processo de formação; ou, embora presentes neles, estes elementos, devido ao seu estado presente, podem não responder até o momento aos testes científicos usuais.” ²¹² O sr. Crookes fala de um elemento de peso atômico ainda mais baixo que o do hidrogênio, um *elemento puramente hipotético* no que diz respeito à nossa Terra embora exista em abundância na cromosfera do Sol - o *hélio*. A Ciência Oculta acrescenta que dos *elementos* vistos como tais pela Química nenhum merece este nome.

Novamente vemos o sr. Crookes falando positivamente do “consistente argumento do Dr. Carnelly em favor da *natureza composta dos chamados elementos*, a partir da analogia que há entre eles e as radículas compostas!” Até aqui, só a alquimia teve êxito, nos períodos históricos e nos chamados países civilizados, na obtenção de um verdadeiro *elemento*, ou de uma partícula de matéria homogênea, o *Mysterium Magnum* de Paracelso. Mas isto foi antes da época de Lord Bacon. ²¹³

“..... Voltemo-nos agora para a porção superior do esquema. Com o hidrogênio de peso atômico = 1, não há espaço para outros elementos, exceto, talvez, para o hipotético *hélio*. Mas o que acontece se nós ‘atravessarmos o espelho’ e cruzarmos a linha zero na busca de novos princípios - o que encontraremos no outro lado do zero? O dr. Carnelly pede por um elemento de peso atômico negativo; aqui há amplo espaço e larga margem para uma série indefinida de insubstancialidades semelhantes. Helmholtz diz que a eletricidade é provavelmente tão atômica quanto a matéria; será a eletricidade um dos elementos negativos, e outro deles, o éter luminífero? A matéria, tal como nós a conhecemos, não existe aqui; as formas de energia que são visíveis nos movimentos da matéria são por enquanto apenas possibilidades latentes. *Uma substância de peso negativo não é inconcebível*. ²¹⁴ Mas será que podemos obter uma clara concepção de um corpo que se combina com outros corpos em proporções expressáveis através de qualidades negativas?” ²¹⁵

²¹² “[Five Years of Theosophy](#)”, pp. 258 e seguintes. (Nota de H.P. Blavatsky)

²¹³ Diz o sr. Crookes no mesmo discurso: “O primeiro enigma que encontramos em Química é ‘*O que são os elementos?*’ Das tentativas feitas até hoje para definir ou explicar um elemento, nenhuma satisfaz as exigências do intelecto humano. Os manuais nos dizem que um elemento é ‘um corpo que não foi decomposto’; que ele é ‘alguma coisa à qual nós podemos acrescentar, mas da qual nada podemos tirar’, ou ‘um corpo que aumenta em peso com cada mudança química’. Tais definições são duplamente insatisfatórias: elas são provisórias, e a qualquer momento podem cessar de ser aplicáveis a qualquer caso determinado. Elas se apoiam, não em qualquer atributo das coisas a serem definidas, mas nas limitações do poder humano: são confissões de impotência intelectual.” (Nota de H.P. Blavatsky)

²¹⁴ E o palestrante cita Sir George Airy, que diz (em “*Faradays’ Life and Letters*”, Vol. II, p. 354): “Posso facilmente conceber que haja grande quantidade de corpos em torno de nós que não estejam sujeitos a esta ação mútua, *e portanto não estejam sujeitos à lei da gravitação*.” (Nota de H.P. Blavatsky)

²¹⁵ A filosofia Vedanta concebe um tal corpo; mas isso já é metafísica e não física, e a metafísica é chamada pelo sr. Tyndall de “poesia” e “ficção”. (Nota de H.P. Blavatsky)

“Uma gênese de elementos tal como é aqui esboçada não estaria limitada ao nosso pequeno sistema solar, mas provavelmente seguiria a mesma tendência geral de acontecimentos em todos os centros de energia hoje visíveis como uma estrela.”

“Antes que os átomos nascessem para gravitar uns em torno dos outros, nenhuma pressão podia ser exercida; mas, na periferia da esfera de neblina ígnea, dentro da qual tudo é protilo - e em cuja casca as forças tremendas envolvidas no nascimento de um elemento químico exercem todo o seu poder - o calor intenso seria acompanhado de uma gravitação suficiente para impedir que os elementos recém-nascidos voassem para o espaço. À medida que a temperatura se eleva, a expansão e o movimento das moléculas aumentam, as moléculas tendem a voar aos pedaços, e as afinidades químicas delas ficam amortecidas; mas a enorme pressão da gravitação da massa da matéria atômica, fora daquilo que para resumir chamarei de casca-do-nascimento, iria compensar a ação do calor.”

“Do lado de fora da casca-do-nascimento, haveria um espaço no qual nenhuma ação química poderia ocorrer, devido ao fato de que a temperatura lá estaria acima do que é chamado de ponto-de-dissociação para compostos. Neste espaço o leão e o cordeiro iriam descansar lado a lado; o fósforo e o oxigênio se misturariam sem unir-se; o hidrogênio e o cloro não mostrariam qualquer tendência a ter laços mais próximos; e mesmo o flúor, aquele gás energético que os químicos isolaram há apenas um ou dois meses, iria flutuar livre e solto e sem combinar-se a nada.”

“Fora deste espaço de matéria atômica livre estaria outra casca, na qual os elementos químicos formados teriam esfriado até o ponto da combinação, e a sequência de acontecimentos descrita de maneira tão gráfica pelo sr. Mattieu Williams em ‘*The Fuel of the Sun*’ iria agora acontecer, culminando na Terra sólida durante o tempo geológico” (p.19).

Esta é, numa linguagem *estritamente científica*, mas bela, a descrição da evolução do Universo diferenciado nos ensinamentos secretos. O erudito cavalheiro termina o seu discurso num raciocínio em que cada frase é como um raio de luz vindo de além do véu escuro da materialidade lançado até agora sobre as ciências exatas, e um passo adiante na direção do *Sanctum Sanctorum* do Oculto. (Veja mais adiante a Seção 15, Parte III do Volume I, “*Deuses, Mônadas e Átomos*”). Assim, ele afirma:

“Nós vimos a dificuldade de definir um elemento; notamos, também, a revolta de muitos físicos e químicos de destaque contra o significado geralmente aceito do termo ‘elemento’; nós avaliamos a improbabilidade da existência eterna ²¹⁶ deles, *e de que eles tenham surgido por obra do acaso*. Como uma alternativa restante, nós sugerimos que a origem deles seja por um processo de evolução como o dos corpos celestes segundo Laplace, e como o das plantas e animais do nosso globo de acordo com Lamarck, Darwin e Wallace. ²¹⁷ Na ordem geral dos elementos, tal como os conhecemos, temos visto uma forte semelhança com a ordem apresentada no mundo orgânico. ²¹⁸ Na falta

²¹⁶ Na forma que eles têm agora, pensamos nós? (Nota de H.P. Blavatsky)

²¹⁷ E de acordo com Kapila e com o Manu, especialmente e originalmente. (Nota de H.P. Blavatsky)

²¹⁸ Aqui está uma corroboração científica da lei eterna das correspondências e da analogia. (Nota de H.P. Blavatsky)

de uma evidência direta da decomposição de qualquer elemento, nós buscamos e encontramos evidência indireta Na continuação nós examinamos a visão da origem dos elementos; e finalmente revisamos um esquema do surgimento deles sugerido pelo método do professor Reynolds ao ilustrar a classificação periódica²¹⁹ Resumindo

²¹⁹ Este método de ilustrar a lei periódica na classificação dos elementos é, segundo as palavras do sr. Crookes, proposto pelo professor Emerson Reynolds, da Universidade de Dublin, que “assinala que, em cada período, as propriedades gerais dos elementos variam de um para outro, com uma regularidade aproximada, até que chegamos ao *sétimo membro*, o qual está em contraste mais ou menos notável com o primeiro elemento do mesmo período, assim como com o primeiro do período seguinte. Deste modo, o cloro, o sétimo membro do terceiro período de Mendeleiev, contrasta de modo agudo tanto com o sódio, primeiro elemento da mesma série, como com o potássio, primeiro membro da série seguinte; enquanto, por outro lado, o sódio e o potássio são fortemente análogos. Os seis elementos cujos pesos atômicos intervêm entre o sódio e o potássio variam em propriedades, passo a passo, até que o cloro, que faz contraste com o sódio, é alcançado. Mas, do cloro para o potássio, análogo do sódio, há uma mudança em propriedades *per saltum* Se nós, assim, reconhecermos um contraste em propriedades - mais ou menos definido - entre o primeiro e o último membro de cada série, nós dificilmente podemos evitar admitir a existência de um ponto de variação média dentro de cada sistema. Em geral o *quarto* elemento de cada série possui a propriedade que nós poderíamos esperar que fosse tida por um elemento-de-transição Assim, para efeitos de uma expressão gráfica, o professor Reynolds considera que o quarto membro de um período - o silício, por exemplo - pode ser colocado no ápice de uma curva simétrica, que representará, para aquele período particular, a direção em que as propriedades das séries de elementos variam com pesos atômicos crescentes.”

Agora, a autora humildemente confessa completa ignorância da química moderna e dos seus mistérios. Mas ela está bastante familiarizada com a doutrina Oculta sobre as *correspondências entre os tipos e os antítipos na natureza*, e com a perfeita analogia como uma lei fundamental em Ocultismo. Por isso ela se aventura a fazer um comentário que fará sentido para todo Ocultista, por mais ridicularizado que seja pela ciência ortodoxa. Este método de ilustrar a lei periódica no comportamento dos elementos, seja ou não ainda uma hipótese em Química, *é uma lei nas Ciências Ocultas*. Todo Ocultista que leu o suficiente sabe que o *sétimo* membro e o *quarto* membro - quer numa cadeia setenária de mundos, numa hierarquia setenária de anjos, ou na constituição do homem, da planta, do animal, ou do átomo mineral - que o *sétimo* membro e o *quarto* membro, dizemos nós, no funcionamento geometricamente e matematicamente uniforme das leis imutáveis da Natureza sempre desempenham um papel distinto e específico no sistema setenário. Desde as estrelas piscando no alto do céu, até as faíscas que voam aos pedaços desde o fogo construído pelo selvagem na sua floresta, desde as hierarquias e da constituição essencial dos Dhyan Chohans - organizadas para terem compreensões mais divinas e um nível de percepção mais elevado do que qualquer coisa que o maior psicólogo ocidental jamais sonhou, até a *classificação* das espécies da Natureza entre os mais humildes insetos; finalmente, desde os mundos até os átomos, tudo no universo, desde o grande até o pequeno, avança em sua evolução espiritual e física de modo cíclico e setenário, fazendo com que o seu sétimo e o seu quarto estágio (este último, o ponto de mutação) se comportem da mesma maneira como é visto naquela lei periódica dos átomos. A Natureza nunca avança *per saltum*. Portanto, quando o sr. Crookes afirma em relação a isso que ele não “deseja deduzir que os vazios na tabela de Mendeleiev, e na representação gráfica da tábua (o diagrama que mostra a evolução dos átomos) significam necessariamente que há elementos existindo de fato para preencher os vazios; que estes vazios significam apenas que no nascimento dos elementos havia uma fácil potencialidade para a formação de um elemento que encaixaria no lugar” - um Ocultista respeitosamente diria a ele que esta última hipótese só pode ser verdadeira se o arranjo setenário dos átomos não sofrer interferência. Esta *é a única lei*, e um método infalível que sempre levará ao sucesso aquele que o aplicar. (Nota de H.P. Blavatsky)

todas as considerações feitas acima, nós não podemos, de fato, aventurar-nos a afirmar positivamente *que os nossos chamados elementos evoluíram de uma matéria primordial; mas podemos alegar que o balanço das evidências, penso eu, claramente se inclina em favor desta reflexão.*”

Assim, a ciência indutiva, nos seus ramos da Astronomia, da Física e da Química, ao mesmo tempo que avança timidamente para conquistar os segredos da Natureza nos efeitos finais dela em nosso plano terrestre, recua até os dias de Anaxágoras e dos Caldeus em suas descobertas: (a) da origem do nosso mundo fenomênico; e (b) dos modos de formação dos corpos que compõem o universo. E tendo que voltar, em suas hipóteses cosmogônicas, à crença dos filósofos mais antigos e aos sistemas deles - sistemas que estavam todos baseados nos ensinamentos de uma doutrina secreta universal com relação à matéria primordial com suas propriedades, funções e leis - não teremos, nós, o direito de esperar que não esteja longe o dia em que a ciência terá mais respeito pela sabedoria dos antigos do que teve até aqui?

Sem dúvida a filosofia Oculta poderia aprender muito com a ciência exata moderna; mas esta última, por outro lado, poderia tirar proveito em mais de uma maneira do conhecimento antigo, e principalmente em Cosmogonia. Por exemplo, o significado místico, alquímico e transcendental, das muitas substâncias *imponderáveis* que preenchem o espaço interplanetário, as quais, interpenetrando cada fenômeno, são a causa direta, na extremidade inferior, da produção de fenômenos naturais manifestados através de uma (assim chamada) *vibração*. Em resumo, só o conhecimento da natureza *real* (não hipotética) do Éter, ou mais exatamente do *Akasha*, e outros mistérios, pode levar ao conhecimento das Forças. É contra esta substância que a escola materialista de físicos se rebela com tanta fúria, especialmente na França ²²⁰, e que a ciência exata precisa agir. Eles não podem ver-se livre do Éter sem correr o risco, tal como um Sansão moderno, de destruírem os pilares do Templo da Ciência, e serem soterrados sob o seu telhado.

As teorias construídas sobre a rejeição da Força *fora* e independente da *Matéria pura e simples* têm sido todas reveladas como falácias. Elas não dominam e não podem dominar o campo do debate, e fica comprovado que muitos dos dados científicos são *anticientíficos*. “O Éter produziu o Som”, afirmam os Puranas, e a afirmação desperta risos. “São as vibrações *do ar* que produzem o Som”, dizem, para corrigir-nos. E o que é o ar? Ele poderia existir se não houvesse o meio etérico no Espaço para fazer com que as suas moléculas flutuem? A situação é simplesmente essa. O materialismo não pode admitir a existência de qualquer coisa *fora* da matéria, porque com a aceitação de uma *Força* imponderável - a fonte e ponta de lança de todas as Forças físicas - outras Forças *inteligentes* teriam que ser admitidas virtualmente, e isso levaria a Ciência demasiado longe. Porque ela teria que aceitar, na continuação, a presença no Homem de um poder ainda mais espiritual, inteiramente independente, em primeiro lugar, de qualquer tipo de matéria sobre a qual os físicos tenham qualquer conhecimento. Portanto, além de um éter hipotético do Espaço e de corpos físicos densos, todo o Espaço sideral e invisível é,

²²⁰ Um grupo de especialistas em eletricidade protestou há pouco contra a nova teoria de Clausius, o famoso professor da Universidade de Bonn. O caráter do protesto fica claro pela assinatura, que diz “Jules Bourdin, em nome do grupo de especialistas em eletricidade, que teve a honra de ser apresentado ao professor Clausius em 1881, e cujo grito de guerra é *A bas l’Ether*” - ou *Abaixo o Éter*. Vejam só, eles querem o *Vazio* Universal! (Nota de H.P. Blavatsky)

desde o ponto de vista dos materialistas, um *vazio* sem limites na natureza - cego, sem inteligência, inútil.

E agora, a próxima pergunta: o que é aquela Substância Cósmica, e até onde podemos avançar na investigação da sua natureza ou em arrancar dela os seus segredos, de modo a sentir que podemos dar a ela um NOME? E, especialmente, até que ponto a ciência moderna avançou na direção destes segredos, e o que está fazendo para conhecê-los? O mais recente passatempo da ciência, a “Teoria Nebular”, pode dar-nos alguma resposta a esta pergunta. Examinemos, então, as credenciais da TEORIA NEBULAR.

13. A Teoria Nebular Moderna [\(Volte para o Sumário\)](#)

EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS E ESOTÉRICAS, CONTRA E A FAVOR

Ultimamente a Cosmogonia Esotérica tem sofrido oposição por parte do fantasma dessa teoria e das hipóteses baseadas nela. “Poderá este ensinamento extremamente científico ser negado pelos seus Adeptos?”, pergunta-se. “Não inteiramente”, respondemos, “mas as próprias confissões dos cientistas *destroem* este ensinamento; e não resta coisa alguma para os Adeptos negarem.”

Para fazer da ciência um *conjunto* integral é necessário, de fato, o estudo da Natureza espiritual e psíquica, assim como da Natureza física. De outro modo será sempre como a anatomia do ser humano, discutida antigamente pelos profanos desde o ponto de vista da sua casca externa, e ignorando o seu funcionamento interior. Até Platão, o maior filósofo do seu país, cometeu o erro, antes da sua iniciação, de fazer afirmações como a de que os líquidos passam para o estômago através dos pulmões. Sem metafísica, como diz o sr. H.J. Slack, a *verdadeira* ciência é impossível.

As nebulosas existem; no entanto, a teoria nebular é errada. A nebulosa existe num estado de completa dissociação elemental. Ela é gasosa e - também é alguma outra coisa, que dificilmente pode ser associada aos gases tal como eles são conhecidos pela ciência física; e ela é autoluminosa. Mas isso não é tudo. As sessenta e duas “coincidências” enumeradas pelo professor Stephen Alexander ²²¹, confirmando a teoria nebular, podem todas elas ser explicadas pela ciência esotérica; no entanto, como esta não é uma obra astronômica, as refutações não serão tentadas neste momento. Laplace e Faye chegam mais perto da teoria correta do que quaisquer outros; mas das especulações de Laplace resta muito pouco na teoria presente, exceto os seus traços gerais. No entanto, “*não há nada hipotético* na teoria de Laplace”, diz John Stuart Mill; “ela é um exemplo de raciocínio legítimo feito desde o efeito presente até a sua causa passada; ela não pressupõe nada mais que o fato de que os objetos realmente existentes obedecem a leis que são sabidamente obedecidas por todos os objetos terrestres semelhantes a eles.” (*System of Logic*, p. 229.)

²²¹ “*Smithsonian Contributions*”, XXI, Art. I, pp. 79-97. (Nota de H.P. Blavatsky)

Isto, sendo dito por um especialista em Lógica tão destacado como Mill foi, seria de grande valor, se pelo menos pudesse ser provado que os “objetos terrestres *semelhantes*” a objetos celestes tão distantes quanto as nebulosas - *são semelhantes a aqueles objetos na realidade, e não só na aparência.*

Outra das falácias que, desde o ponto de vista Oculto, são incorporadas na teoria moderna tal como ela está hoje, é a hipótese de que os planetas foram todos tirados do Sol; que eles são ossos dos seus ossos e carne da sua carne; quando, na verdade, o Sol e os Planetas são apenas irmãos co-uterinos, porque tiveram a mesma origem nebular, embora de uma maneira diferente da que é postulada pela astronomia moderna.

As muitas objeções levantadas contra a homogeneidade da matéria original difusa, sobre a base da uniformidade da composição das estrelas fixas, por alguns oponentes da teoria nebular moderna, não afetam de modo algum a questão daquela homogeneidade, mas apenas a referida teoria. A nossa nebulosa solar pode não ser totalmente homogênea, ou, mais precisamente, ela pode não mostrar-se como tal aos astrônomos, e, no entanto, ser *na realidade* homogênea. As estrelas realmente diferem nos seus materiais constituintes e mesmo exibem elementos completamente desconhecidos na Terra; no entanto, isto não afeta o fato de que a matéria primordial - *isto é*, a matéria como ela *parecia mesmo na sua primeira* diferenciação a partir da sua condição *laya* ²²² - é no entanto até hoje homogênea, em distâncias imensas, nas profundidades da infinitude, e igualmente em pontos não muito distantes da periferia do nosso sistema solar.

Finalmente, não há um só fato que tenha sido alegado pelos eruditos objetores contra a “teoria nebular” (falsa como ela é, e no entanto, *de modo bastante ilógico*, fatal para a hipótese da homogeneidade da matéria) que possa resistir à crítica. Cada erro leva ao erro seguinte. Uma falsa premissa naturalmente conduz a uma conclusão falsa, embora uma inferência inadmissível não afete *necessariamente* a validade da proposição maior do silogismo. Assim, podemos deixar todas as questões laterais e inferências a partir das evidências do espectro, e das linhas, como algo provisório, para o presente, e abandonar todas as questões de detalhes da ciência física. O dever do Ocultista se refere à *Alma e ao Espírito* do Espaço Cósmico, e não meramente à sua aparência e comportamento ilusórios. O dever da ciência física oficial é analisar e estudar a *casca* do Espaço Cósmico - a *Ultima Thule* ²²³ do Universo e do ser humano, na opinião do Materialismo.

E o Materialismo não tem nada a ver com o Ocultismo. É só com as teorias de homens tais como Kepler, Kant, Oersted, e Sir W. Herschell, que acreditavam em um mundo Espiritual, que a Cosmogonia Oculta pode dialogar e tentar um acordo satisfatório. Mas os pontos de vista destes físicos diferem amplamente das especulações modernas mais recentes. Kant e Herschell tinham em seu campo de visão especulações sobre a origem e *o destino final*, assim como o aspecto presente, do Universo, desde um ponto de vista muito mais filosófico e psíquico; enquanto a Cosmologia e a Astrologia modernas agora repudiam qualquer coisa que signifique pesquisar os mistérios da existência. O resultado é o que se poderia esperar: um completo fracasso e contradições insuperáveis

²²² Além da linha-zero de ação. (Nota de H.P. Blavatsky)

²²³ *Ultima Thule*: a expressão, em Latim, significa “o limite do mundo cognoscível”, ou “além do limite do cognoscível”. (Nota do Tradutor)

nas mil e uma variedades das chamadas teorias científicas, e nesta teoria como em todas as outras.

A hipótese nebular, envolvendo a teoria da existência de uma matéria primordial, difusa em uma condição nebulosa, não é de nenhuma data moderna em astronomia, como todos sabem. Anaxímenes, da escola jônica, já havia ensinado que os corpos siderais eram formados através da progressiva condensação de uma matéria primordial *pregenética*, que tinha quase um peso negativo, e estava espalhada pelo Espaço numa condição extremamente sublimada.

Tycho Brahe, que considerava a Via Láctea uma substância etérea, pensava que a nova estrela que aparecera em Cassiopeia, em 1572, havia sido formada daquela matéria. (“*Progymnasmata*”, p. 795) Kepler acreditava que a estrela de 1606, de maneira semelhante, havia sido formada a partir da substância etérea que forma o universo (“*De stella nova in pede Serpentarii*”, p. 115). Ele atribuía ao mesmo éter a aparição de um anel luminoso ao redor da lua, durante o eclipse total do Sol observado em Nápoles em 1605. (“*Hypothèses Cosmogoniques*”, C. Wolf.) Ainda mais tarde, em 1714, a existência de uma matéria autoluminosa foi reconhecida por Halley (“*Philosophical Transactions*”). Finalmente, o periódico deste nome publicou em 1811 a famosa hipótese da transformação das nebulosas em estrelas, formulada pelo eminente astrônomo Sir W. Herschell (ver “*Philosophical Transactions*” de 1811, p. 269 e seguintes), e depois disso a teoria nebular foi aceita pelas Academias Reais.

Em “[Five Years of Theosophy](#)”, p. 245, podemos ler um artigo intitulado “*Os Adeptos Negam a Teoria Nebular?*”. A resposta dada ali é: “Não, eles não negam as suas proposições gerais, nem a verdade aproximativa das hipóteses científicas. Eles negam apenas que as teorias atuais sejam *completas*, ou que as muitas teorias antigas ‘destruídas’ estejam totalmente erradas, as quais, no século passado, seguiram-se umas às outras numa sucessão tão rápida.”

Isso na época foi definido como “uma resposta evasiva”. Tamanho desrespeito pela ciência oficial, argumentava-se, precisa ser fundamentado apresentando uma outra teoria mais completa para substituir a reflexão *ortodoxa*, uma teoria com um alicerce mais sólido. Para este argumento há apenas uma resposta: é inútil apresentar teorias isoladas em relação a coisas que estão incorporadas em um sistema integral e consecutivo, as quais, quando separadas da parte principal do ensinamento, perdem necessariamente a sua coerência vital e assim não têm utilidade se forem estudadas independentemente. Para ser capaz de apreciar e aceitar a visão dos ocultistas sobre a teoria nebular, é preciso estudar todo o sistema cosmogônico esotérico. E ainda não chegou o momento em que será possível pedir aos astrônomos que aceitem a existência de *Fohat* e dos Construtores divinos ²²⁴. Mesmo as conjecturas inegavelmente corretas de Sir W. Herschell - que não tinham nada de “sobrenatural” - sobre o Sol ser chamado de “*globo de fogo*” (talvez) *metaforicamente*, e as suas especulações anteriores sobre a natureza daquilo que é agora chamado de teoria Nasmyth da folha-de-salgueiro, fizeram com que aquele muito eminente astrônomo entre todos os astrônomos fosse motivo de riso entre alguns colegas seus, muito menos eminentes, que viam e agora veem nas ideias dele apenas “teorias imaginativas e fantasiosas”. Antes que todo o sistema

²²⁴ Conforme vemos em passagens anteriores, é possível perceber a ressonância maçônica da ideia de “construtores divinos do universo” se pensarmos em Construtores como “Arquitetos” do Universo. (Nota do Tradutor)

esotérico possa ser revelado e apreciado pelos astrônomos, os astrônomos teriam que voltar a algumas daquelas “ideias antiquadas”, não só às ideias de Herschell, mas aos sonhos dos mais antigos astrônomos hindus, e abandonar as suas próprias teorias, que não são menos “fantasiosas” pelo fato de terem aparecido em um caso quase 80 anos mais tarde, e no outro caso muitos milhares de anos mais tarde. Acima de tudo, eles teriam que repudiar as ideias de que o Sol é *sólido e incandescente*; o Sol “brilha”, inegavelmente, mas ele não “queima”. Afirma-se, em relação à opinião de Sir W. Herschell, que aqueles “objetos” que ele chamava de “folhas de salgueiro” são as *fontes imediatas da luz e do calor solar*. E embora o ensinamento esotérico não veja estes “objetos” do mesmo modo que ele vê - isto é, como *organismos* que participam da natureza da vida, porque os “Seres” Solares dificilmente se colocarão ao alcance dos telescópios ²²⁵ - no entanto o ensinamento esotérico afirma que todo o Universo está cheio destes “organismos”, conscientes e ativos, conforme a proximidade ou distância dos planos em que estão, em relação ao plano da nossa consciência; e finalmente que o grande astrônomo estava certo ao dizer: “nós não temos conhecimento de que a ação vital seja capaz de desenvolver ao mesmo tempo o calor, a luz, e a eletricidade”, quando especulamos sobre estes supostos “organismos”. ²²⁶ Porque, mesmo correndo o risco de serem motivo de riso em todo o mundo dos físicos, os Ocultistas afirmam que todas as “Forças” dos cientistas têm como origem o *Princípio Vital*, a VIDA UNA coletiva do nosso sistema Solar - sendo que aquela “vida” é uma parte, ou melhor um dos aspectos da VIDA Única Universal.

Podemos, portanto, tal como no artigo que está em foco, onde é afirmado com base na autoridade dos Adeptos que “é suficiente fazer um *resumo* do que os cientistas solares *não sabem*” - podemos então, dizemos nós, definir a nossa posição com relação à teoria nebular moderna e o seu evidente caráter incorreto, assinalando simplesmente fatos diametralmente opostos à forma atual da teoria. E para começar, o que ela ensina?

Quando resumimos as hipóteses mencionadas acima, fica claro que a teoria de Laplace, - agora modificada, aliás, de um modo que fica totalmente irreconhecível - não faz sentido. Ele postula em primeiro lugar uma matéria Cósmica que existe em um estado de nebulosidade difusa “tão rarefeita que a sua presença dificilmente poderia ser percebida.” Nenhuma tentativa é feita por ele no sentido de investigar os segredos da existência, exceto em relação à evolução imediata do nosso pequeno sistema solar.

Consequentemente, quer aceitemos ou rejeitemos a teoria de Laplace em relação aos problemas cosmológicos imediatos que ela tenta resolver, só se pode dizer que Laplace transferiu o mistério para um passado um pouco mais distante. Diante das eternas perguntas “de onde surgiu a matéria, de onde veio o ímpeto evolucionário que determina as suas agregações e dissoluções cíclicas, e de onde nasceram a complexa simetria e a ordem em que os átomos primordiais se acomodaram e se agruparam?” - Laplace não faz qualquer tentativa de oferecer respostas. Tudo o que encontramos é um

²²⁵ Temos aqui mais uma alusão aos “Habitantes do Sol”. Em sua obra “Os Mundos Imaginários e os Mundos Reais”, Camille Flammarion (provável discípulo leigo dos Mahatmas) dedica o capítulo X ao tema da “Astronomia dos Habitantes do Sol”. (“Os Mundos Imaginários”, Ed. B.L. Garnier, Rio de Janeiro, Paris, Porto, 1876, 593 pp., ver pp. 107 a 114.) (Nota do Tradutor)

²²⁶ Isto é, os Seres Solares ou Habitantes do Sol não são *orgânicos* no sentido que um habitante da Terra dá a esta palavra. (Nota do Tradutor)

esboço dos *prováveis* princípios gerais nos quais se supõe que o processo real está baseado. Bem, e o que é esta agora celebrada nota sobre o mencionado processo? O que ele afirmou de tão maravilhosamente novo e original, de modo que o seu trabalho de base pudesse ter servido como elemento inicial para a teoria nebular moderna? Isso é o que podemos perceber através de várias obras astronômicas.

Laplace pensava que, como consequência da condensação dos átomos da nebulosa primordial, de acordo com a “Lei” da gravidade, a nova massa, gasosa, ou talvez parcialmente líquida, adquiriu um movimento rotatório. Como a velocidade desta rotação aumentou, deduz-se que adotou uma forma de um fino disco; finalmente, como a força centrífuga era maior que a força da coesão, anéis enormes destacaram-se do limite das massas incandescentes que giravam, contraindo-se necessariamente devido à gravitação (tal como é aceitado) em corpos esferoidais, que iriam inevitavelmente ainda continuar a manter a mesma órbita ocupada anteriormente pela zona externa da qual eles estavam separados. (“Laplace pensava que as zonas externa e interna do anel girariam com a mesma velocidade angular como seria no caso de um anel sólido; mas o princípio das áreas iguais requer que as zonas girem mais rapidamente que as externas.”) ²²⁷ Como a velocidade do limite externo de cada planeta nascente excede a velocidade interna, disse ele, o resultado é uma rotação sobre o seu eixo. Os corpos mais densos eram expelidos por último; e finalmente, durante o estado preliminar da sua formação, as esferas recentemente segregadas, por sua vez, expulsavam um ou mais satélites Ao formular a história da ruptura e planetação dos anéis, Laplace afirma:

“Quase sempre cada anel de vapores deve ter-se rompido em numerosas massas, as quais, movendo-se com uma velocidade quase uniforme, tiveram que continuar a circular à mesma distância ao redor do Sol. Estas massas seguramente tiveram que adotar uma forma esferoidal com um movimento de rotação na mesma direção da sua revolução ²²⁸, já que as moléculas internas (aquelas mais próximas do Sol) teriam menos velocidade real que as exteriores. Elas devem então ter-se formado, como muitos planetas, num estado de vapor. Mas, se uma delas foi suficientemente poderosa para reunir sucessivamente, através da sua atração, todas as outras ao redor do seu centro, o anel de vapores deve se ter transformado, assim, em uma só massa esferoidal de vapores circulando ao redor do Sol, com uma rotação na mesma direção que a sua revolução. Esta última situação tem sido a mais comum, mas o sistema solar nos apresenta a primeira situação no caso dos quatro pequenos planetas que se movimentam entre Júpiter e Marte.”

Embora poucos neguem “a magnífica audácia desta hipótese”, é impossível não reconhecer as dificuldades insuperáveis que vêm junto com ela. Por que motivo, por exemplo, vemos que os satélites de Netuno e Urano têm um movimento retrógrado; e por que, apesar de estar mais perto do Sol, o planeta Vênus é menos denso que a Terra? De modo similar, por que Urano, que está mais distante, é mais denso que Saturno? Como é que existem tantas variações na inclinação dos eixos e das órbitas entre os supostos filhos da esfera central; como é que são observadas variações tão

²²⁷ “World-life”. O prof. Winchell aponta grande quantidade de erros de Laplace; mas como *geólogo* ele próprio não é infalível ao fazer “especulações astronômicas”. (Nota de H.P. Blavatsky)

²²⁸ O movimento de revolução é o movimento de um planeta em torno do Sol, ou de um satélite em torno de um planeta. (Nota do Tradutor)

surpreendentes no tamanho dos planetas; por que os satélites de Júpiter são mais densos por 288 que ²²⁹ o seu planeta, e por que os fenômenos dos sistemas de cometas e sistemas meteóricos ainda permanecem sem explicação? Citamos as palavras de um Mestre:

“Eles (os Ocultistas) percebem que a teoria centrífuga formulada no Ocidente é incapaz de cobrir *todos* os fatos. Que, sem ajuda, essa teoria não pode nem explicar todos os esferoides oblatos ²³⁰, nem resolver dificuldades tão evidentes como as apresentadas pela relativa densidade de alguns planetas. De fato, como poderia qualquer cálculo da força centrífuga explicar-nos, por exemplo, por que motivo Mercúrio, cuja rotação é, segundo afirma-se, apenas igual a um terço da rotação da Terra - enquanto sua densidade é igual a apenas uma quarta parte maior que a densidade da Terra - precisa ter uma compressão polar *igual a mais de dez vezes a compressão polar da Terra*? Além disso, por que Júpiter, cuja rotação equatorial afirma-se ser ‘vinte e sete vezes maior, e a sua densidade apenas cerca de uma quinta parte da densidade da Terra’, deveria ter uma compressão polar dezessete vezes maior que a compressão polar da Terra? Ou por que Saturno, com uma velocidade equatorial cinquenta e cinco vezes maior que Mercúrio para compensar a força centrípeta, precisa ter a sua compressão polar *apenas três vezes maior* que a de Mercúrio? No ponto mais extremo das contradições citadas acima, espera-se que acreditemos nas Forças Centrais, tal como ensinadas pela Ciência Moderna, embora nos seja dito que a matéria equatorial do Sol, igual a mais de quatro vezes a velocidade centrífuga da superfície equatorial da Terra, e tendo apenas cerca da quarta parte da gravitação da matéria equatorial, não manifesta qualquer tendência a crescer em tamanho no equador Solar, nem provoca o menor achatamento dos polos do eixo Solar. Em outras palavras, e palavras mais claras, o Sol, com apenas a quarta parte da densidade da nossa Terra, densidade com a qual a força centrífuga pode trabalhar, não tem qualquer compressão polar! Vemos que esta objeção é feita por mais de um astrônomo, no entanto nunca houve uma explicação que a afastasse, até onde os ‘Adeptos’ sabem.”

“Portanto, eles (os Adeptos) dizem que como os grandes cientistas do Ocidente sabem pouco mais do que absolutamente nada sobre matéria cometária, sobre forças centrífugas e centrípetas, sobre a natureza das nebulosas ou a constituição física do Sol, sobre as estrelas e mesmo sobre a Lua, eles são imprudentes ao falar com tamanha confiança sobre a ‘massa central do Sol’ como algo que faz girar no espaço planetas, cometas e sabe-se lá o que mais”. “Nós afirmamos que ele (o Sol) produz apenas o princípio-vital ou a Alma destes corpos, *dando-a e recebendo-a* de volta, em nosso sistema solar, como o ‘Doador-Universal-da-Vida’ na infinitude e na Eternidade;

²²⁹ “...Os satélites de Júpiter são mais densos por 288 que ...”. Em inglês, “more dense by 288 than...”. Estas palavras estão na metade superior da p. 593 do volume I, na edição original de 1888. A edição da TPH-Adyar de 1971 (vol II, p. 317), assim como a edição da TUP-Pasadena, tem aqui “**.288**”, o que, com o ponto, em linguagem matemática, poderia sugerir “28,8 por cento mais densas”. As demais edições, inclusive a de Bóris de Zirkoff e a edição francesa de 1923 (*‘La Doctrine Secrète’*, vol II, p. 392), têm “288”, sem o ponto, tal como na edição original de 1888. No entanto, esta edição francesa acrescenta a palavra “vezes”: “são 288 vezes mais densos...”, o que altera a frase original, “são mais densos por 288”. Hoje, geralmente, considera-se que os satélites de Júpiter são mais densos que o planeta. Porém, não é fácil saber com precisão qual foi o número ou indicação que Blavatsky queria registrar em 1888. (Nota do Tradutor)

²³⁰ Oblatos: achatados nos polos. (Nota do Tradutor)

que o sistema solar é tanto um *microcosmo* do MACROCOSMO único quanto o ser humano é um *microcosmo* quando comparado com o seu próprio, pequeno, Cosmo Solar”.²³¹

A faculdade essencial - possuída por todos os elementos cósmicos e terrestres - de gerar dentro de si mesmos uma série regular e harmoniosa de resultados, uma concatenação de causas e efeitos, é uma prova irrefutável de que eles estão animados por uma INTELIGÊNCIA *externa* ou *interna*, ou ocultam esta inteligência no interior ou por trás do *véu manifestado*. O Ocultismo não nega a certeza da origem mecânica do Universo; ele apenas afirma a absoluta necessidade de algum tipo de mecânicos²³² por trás (ou *dentro*) destes Elementos - o que constitui um princípio básico entre nós. Não foi a ajuda fortuita dos átomos de Lucrécio, que aliás estava bem informado a respeito, que construiu o Cosmos e todas as coisas que há nele. A própria natureza contradiz essa teoria. O espaço celestial, que contém matéria tão tênue como o Éter, não pode ser usado, com ou sem atração, para explicar o movimento comum das hostes siderais. Embora a perfeita harmonia da revolução mútua destas hostes indique claramente a presença de uma causa mecânica na Natureza, Newton, que entre todos tinha o maior direito a confiar nas suas deduções e pontos de vista, foi forçado a abandonar a ideia de sempre explicar o impulso original dado aos milhões de esferas usando as leis da Natureza *conhecida* e suas formas materiais. Ele reconhecia completamente os limites que separam a ação das Forças naturais da ação das Forças das INTELIGÊNCIAS que colocam as leis imutáveis em ordem e em ação. E se um NEWTON teve que renunciar a uma tal esperança, qual é o pigmeu materialista moderno que tem o direito de dizer “Eu sei mais do que isso”?

Para tornar-se completa e compreensível, uma teoria cosmogônica precisa começar com uma Substância primordial difundida por todo o Espaço ilimitado *de uma Natureza intelectual e divina*. Esta substância deve ser a Alma e o Espírito, a Síntese e o *Sétimo Princípio* do Cosmo Manifestado, para servir como um *Upadhi* espiritual do Cosmo Manifestado, deve haver o sexto princípio, o seu veículo - a *matéria física primordial*, digamos assim, embora a sua natureza esteja eternamente além dos nossos limitados sentidos *normais*. É fácil para um astrônomo, se possuir uma habilidade imaginativa, construir uma teoria do surgimento do universo a partir do caos, aplicando ao tema simplesmente os princípios da Mecânica.²³³ Mas um tal universo sempre resultará ser, em relação ao seu criador científico humano, um monstro Frankenstein; levará o cientista a intermináveis perplexidades. A aplicação apenas das leis mecânicas nunca pode levar o especulador além do mundo objetivo; e tampouco irá revelar aos homens a origem e o destino final do Cosmos. E isso é para onde a teoria nebular levou a Ciência. A verdade é que esta teoria é irmã gêmea da teoria do Éter, e ambas são filhas da necessidade; uma delas é indispensável para explicar a transmissão da luz, e a outra para explicar o problema da origem dos sistemas solares. A questão com elas é, como a mesma matéria homogênea²³⁴ poderia, obedecendo às leis de Newton, dar nascimento a

²³¹ “[Five Years of Theosophy](#)”, pp. 249-250. Artigo “*Do the Adepts deny the Nebular Theory?*”. (Nota de H.P. Blavatsky)

²³² “Necessidade de algum tipo de mecânicos”, isto é, de técnicos especializados em manutenção e reparo de mecanismos. (Nota do Tradutor)

²³³ Mecânica - a área da física que estuda o movimento de corpos materiais. (Nota do Tradutor)

²³⁴ Se no estado atual do seu conhecimento os astrônomos tivessem permanecido simplesmente com a hipótese de Laplace, que era apenas a formação do sistema planetário, isso poderia ter resultado no seu devido tempo em algo que está perto da verdade. Mas as duas partes do

corpos - Sol, planetas e os seus satélites - que estão sujeitos a condições de identidade de movimento e são formados com tamanha heterogeneidade de elementos.

Será que a teoria nebular ajudou a resolver o problema, mesmo sendo aplicada apenas aos corpos considerados materiais e inanimados? Nós dizemos decididamente que não. Que progressos fez ela desde 1811, quando o ensaio de Sir W. Herschell, apresentando pela primeira vez fatos baseados em observação e mostrando a existência de matéria nebular, fez os “filhos” da Royal Society “gritar de alegria”? Desde então uma descoberta ainda maior permitiu através da análise de espectro, a verificação e corroboração da conjectura de Sir. W. Herschell. Laplace necessitava de algum tipo de “substância primordial do mundo” para confirmar a ideia da evolução e crescimento graduais do mundo. Aqui está ela, tal como formulada dois mil anos atrás.

A “substância do mundo”, agora *nebulosas*, era conhecida desde a mais remota antiguidade. Anaxágoras ensinava que, tendo-se diferenciado, a subsequente mistura de substâncias heterogêneas permaneceu imóvel e não-organizada, até que finalmente “a Mente” - o corpo coletivo de Dhyan Chohans, dizemos nós - começou a trabalhar sobre esta mistura e transmitiu a ela movimento e ordem (*Physica*, Aristóteles, viii, I). Esta teoria é hoje adotada em sua primeira parte, e a parte que se refere à interferência, nela, de *qualquer* “Mente”, é rejeitada. A análise de espectro revela a existência de nebulosas formadas inteiramente de gases e vapores luminosos. Será esta a matéria nebular primitiva? Os espectros revelam, segundo se afirma, as condições físicas da matéria que emite luz cósmica. Os espectros das nebulosas dissolúveis e indissolúveis ²³⁵ são descritos como inteiramente diferentes. Os espectros das nebulosas indissolúveis demonstram ter o estado físico de um gás ou vapor brilhante. As linhas claras de uma nebulosa revelam que há hidrogênio nela, e que há outras substâncias conhecidas e desconhecidas. O mesmo ocorre nas atmosferas do Sol e das estrelas. Isso leva à inferência direta de que uma estrela é formada pela condensação de uma nebulosa; e portanto mesmo os próprios metais na Terra são formados devido à condensação do hidrogênio ou de alguma outra matéria primitiva, algum primo ancestral do “hélio”, talvez, ou alguma matéria ainda desconhecida? *Isso não entra em choque com os ensinamentos ocultos*. E este é o problema que a Química está tentando resolver; e ela deve ter êxito mais cedo ou mais tarde nesta tarefa, aceitando, ao obter a vitória, o ensinamento esotérico - *queira ou não queira*. Mas quando isso acontecer, ficará derrotada a teoria nebular tal como ela existe hoje.

Enquanto isso, se a Astronomia quiser ser vista como uma ciência *exata*, não pode aceitar de modo algum a atual teoria da origem das estrelas - ainda que o ocultismo faça isso à sua maneira, já que ele explica esta origem de maneira diferente, porque a astronomia *não tem um só dado físico* para mostrar neste ponto. A Astronomia poderia antecipar a Química e comprovar a existência do fato, se conseguisse mostrar uma nebulosa planetária dotada de um espectro de três ou quatro linhas brilhantes, gradualmente condensando-se e transformando-se em uma estrela, com um espectro todo coberto com numerosas linhas escuras. Mas “a questão da variabilidade das

problema geral, a parte da formação do universo, ou formação dos Sóis e estrelas a partir da matéria primordial, e depois o desenvolvimento dos planetas ao redor do seu Sol, dependem de fatos cuja natureza é bastante diferente, e são inclusive vistos como diferentes pela própria ciência. Estão em polos opostos da existência. (Nota de H.P. Blavatsky)

²³⁵ “Nebulosas dissolúveis e indissolúveis”. Na [edição original de 1888](#) (ver ali p. 595), “*the resolvable and the irresolvable nebulae*”. (Nota do Tradutor)

nebulosas, inclusive em relação à forma delas, ainda é um dos mistérios da Astronomia. Os dados de observação que se tem até o momento são de uma origem demasiado recente, e são demasiado incertos para permitir-nos afirmar qualquer coisa.”

(*Cosmogonical Hypotheses of Wolf.*)

Desde a descoberta do espectroscópio, o seu poder mágico revelou aos seus usuários uma só transformação de uma estrela desse tipo; e mesmo esta estrela demonstrava exatamente o oposto do que é necessário como prova em favor da teoria nebular; isto é - *uma estrela transformando-se em uma nébula planetária*. Conforme é afirmado em *The Observatory* (Vol. I, p. 185), a estrela temporária que apareceu na constelação Cygnus em novembro de 1876, sendo descoberta por J.F.J. Schmidt, exibiu um espectro quebrado por linhas muito brilhantes. Gradualmente, o espectro contínuo e a maior parte das linhas desapareceram, deixando finalmente uma só linha brilhante, que parecia coincidir com a linha verde da nebulosa.

Embora esta metamorfose não seja irreconciliável com a hipótese da origem nebular das estrelas, este caso solitário e isolado não está baseado em observação alguma, muito menos uma observação direta. O fato pode ter várias outras causas. Já que os astrônomos estão inclinados a pensar que os nossos planetas tendem a precipitar-se contra o Sol, por que esta estrela não poderia ter começado a brilhar devido à colisão de alguns planetas precipitados contra ela, ou, como muitos sugerem, o impacto de um cometa? Seja como for, o único exemplo conhecido da transformação de uma estrela desde 1811 não é favorável à teoria nebular. Além disso, os astrônomos discordam em relação a esta teoria, como em relação a todas as outras.

Em nossa própria era, e antes que Laplace jamais pensasse nisso, foi Buffon, impressionado com a identidade de movimento nos planetas, o primeiro a propor a hipótese de os planetas e seus satélites terem surgido do Sol. Com este objetivo, Buffon imediatamente inventou um cometa especial, que supostamente arrancou do Sol com um poderoso golpe oblíquo a quantidade de matéria necessária para a formação dos planetas. Laplace citou devidamente o “cometa” em sua “*Exposition du Système du Monde*” (Note VII). Mas a ideia foi adotada e ainda melhorada por uma concepção do surgimento alternado, a partir da massa central do Sol, de planetas *aparentemente* sem peso nem influência no movimento dos planetas visíveis - e que de modo igualmente evidente são tão irreais como a imagem de Moisés na Lua.

Mas a teoria moderna é também uma variação dos sistemas elaborados por Kant e Laplace. A ideia de ambos era que, na origem das coisas, toda a matéria que hoje entra na composição dos corpos planetários estava espalhada por todo o espaço incluído no sistema solar, e mesmo além dele. Era uma nebulosa de densidade extremamente pequena, cuja condensação gradualmente deu nascimento, por um mecanismo que até agora nunca foi explicado, aos vários corpos dos nossos sistemas. Esta é a teoria nebular original, uma repetição *incompleta* porém fiel - um curto capítulo do grande livro da cosmogonia universal *esotérica* - dos ensinamentos da Doutrina Secreta. E os dois sistemas, o de Kant e o de Laplace, são muito diferentes da teoria moderna, que inclui grande quantidade de *sub-teorias* e hipóteses fantasiosas.

Dizem os Mestres (obra citada, “[Five Years of Theosophy](#)”): “*A essência da matéria cometária e da matéria que compõe as estrelas é totalmente diferente das características químicas ou físicas com que a ciência ocidental está hoje familiarizada. Embora o espectroscópio tenha mostrado a provável similaridade entre a substância terrestre e a substância sideral (devido à ação química da luz terrestre sobre os raios*

interceptados), não foram detectadas as ações químicas peculiares das esferas do espaço, que evoluem de modos variados, nem foi comprovado que elas sejam idênticas às ações químicas em nosso próprio planeta”. O sr. Crookes diz quase a mesma coisa no fragmento citado da sua palestra “*Elements and Meta-Elements*”.

“No máximo”, diz C. Wolf ²³⁶, “a hipótese nebular poderia mostrar em seu favor, com W. Herschell, a existência de nebulosas planetárias em vários graus de condensação, e de nebulosas espirais, com núcleos de condensação nos braços e no centro. ²³⁷ Mas, na verdade, o conhecimento do laço que une a nebulosa às estrelas ainda não foi alcançado por nós; e como não temos uma observação direta, estamos impedidos até mesmo de apoiar esse conhecimento na analogia da composição química.”

É evidente que, mesmo se os cientistas, deixando de lado a dificuldade que surge diante deles a partir desta inegável variedade e heterogeneidade da matéria na constituição das nebulosas, admitissem, como os antigos, que a origem de todos os corpos celestiais visíveis e invisíveis deve ser buscada em uma substância-do-mundo primordial homogênea, em uma espécie de PRÉ-*protilo* ²³⁸, - é evidente que isso não colocaria um fim nas suas perplexidades. A menos que eles admitam também que o nosso Universo visível atual é apenas o *Sthula-sharira*, corpo grosseiro, do Cosmo setenário, eles terão que enfrentar outro problema; especialmente se eles arriscarem sustentar que os corpos agora visíveis do Cosmos são o resultado da condensação daquela matéria primordial única e singular. Porque a mera observação mostra a eles que as ações que produziram o Universo atual são muito mais complexas do que tudo o que possa estar incluído naquela teoria.

Em primeiro lugar, há duas espécies diferentes de nebulosas *indissolúveis* - conforme a própria Ciência ensina.

O telescópio é incapaz de distinguir as duas, mas o espectroscópio pode, e registra, portanto, uma diferença essencial entre as suas constituições físicas. ²³⁹

²³⁶ Membro do Instituto, astrônomo do Observatório, Paris, “Cosmogonical Hypotheses”. (Nota de H.P. Blavatsky)

²³⁷ Mas os espectros destas nebulosas até hoje nunca foram investigados. Eles só poderão ser citados quando *forem* de fato identificadas linhas brilhantes neles. (Nota de H.P. Blavatsky)

²³⁸ O “Protilo” do sr. Crookes não pode ser visto como a matéria *primordial*, a partir da qual os Dhyan Chohans, seguindo as leis imutáveis da natureza, tecem o nosso sistema solar. Este *protilo* não pode ser nem mesmo a primeira *prima-materia* de Kant, que aquela mente notável viu como sendo usada por completo na formação dos mundos, e que assim já não existiria num estado difuso. O protilo representa uma fase INTERMEDIÁRIA na progressiva diferenciação da substância cósmica a partir do seu estado normal indiferenciado. O *protilo* é, portanto, o aspecto assumido pela matéria no meio da sua passagem para o estado de completa objetividade. (Nota de H.P. Blavatsky)

²³⁹ “A questão da dissolubilidade das nebulosas tem sido com frequência apresentada de uma maneira demasiado afirmativa e bastante contrária às ideias expressadas pelo ilustre experimentador que investigou os espectros destas constelações - o sr. Huggins. Toda nebulosa cujo espectro contém apenas linhas brilhantes é gasosa, segundo se afirma, e portanto indissolúvel; toda nebulosa com um espectro contínuo deve terminar dissolvendo-se e assumindo a forma de estrelas com um instrumento de poder suficiente. Esta suposição é contrária ao mesmo tempo aos resultados obtidos e à teoria espectroscópica. A nebulosa de *Lira*, a nebulosa *Dumbbell*, a região central da nebulosa de Órion, parecem dissolúveis, e

“Algumas delas”, diz Wolf, “têm um espectro de três ou quatro linhas brilhantes, outras, um espectro contínuo. As primeiras são gasosas, as outras são formadas por uma matéria pulverulenta.”²⁴⁰ As gasosas devem constituir uma verdadeira atmosfera; é entre elas que a nebulosa solar de Laplace deve ser colocada. As pulverulentas formam um *conjunto* de partículas que pode ser considerado como independente, e cuja rotação obedece às leis do peso interno; estas são as nebulosas adotadas por Kant e Faye. A observação nos permite colocar tanto umas como as outras na própria origem do mundo planetário. Mas quando nós tentamos ir além e chegar até o caos primitivo que produziu a totalidade dos corpos celestes, temos primeiro que explicar a existência destes dois tipos de nebulosas. Se o caos primitivo fosse *um gás frio luminoso* ²⁴¹, nós poderíamos compreender de que maneira a contração que resulta da atração pode ter aquecido o caos primitivo e feito com que ele se tornasse luminoso. Precisamos explicar a condensação deste gás para o estado de partículas incandescentes, cuja presença nos é revelada em certas nebulosas pelo espectroscópio. Se o caos original era composto de tais partículas, como foi que algumas das suas partes passaram ao estado gasoso, enquanto outras preservaram a sua condição primitiva?

Esta é a sinopse das objeções e dificuldades para a aceitação da teoria nebular apresentada pelo erudito francês, que conclui o seu interessante capítulo declarando:

“A primeira parte do problema Cosmogônico - o que é a matéria primitiva do caos, e como ela deu nascimento ao Sol e às estrelas? - permanece, deste modo, até hoje NO DOMÍNIO DO ROMANCE E DA MERA IMAGINAÇÃO”.²⁴²

Se tal é a última palavra da ciência sobre este assunto, onde então poderemos descobrir o que a teoria nebular afirma, afinal? O que é, afinal, esta teoria? Ninguém parece ter certeza sobre o que ela *é*. Quanto ao que ela *não é*, isso nós ficamos sabendo graças ao erudito autor de “World-life”. Ele afirma:

(I) Ela “*não é uma teoria da evolução do Universo* mas apenas e primariamente uma explicação genética dos fenômenos do sistema solar, e, adicionalmente, uma visão

demonstram ter um espectro de linhas brilhantes; a nebulosa de *Canis Venatici* não é dissolúvel, e emite um espectro contínuo. Porque, de fato, o espectroscópio nos dá informações sobre o estado físico da matéria constituinte das estrelas, mas não transmite qualquer ideia sobre os modos pelos quais elas se agregam. A nebulosa formada de globos gasosos (ou mesmo de núcleos palidamente luminosos, rodeados por uma atmosfera poderosa) teria um espectro de linhas e ainda seria dissolúvel; parece ser o estado da região de Huggins na nebulosa de Órion. Uma nebulosa formada de partículas sólidas ou fluidicas, em um estado de incandescência, uma verdadeira nuvem, produzirá um espectro contínuo mas será indissolúvel.” (C. Wolf, *Cosmogonical Hypotheses*.) (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁴⁰ Matéria pulverulenta - pó, matéria que se reduz facilmente a pó. (Nota do Tradutor)

²⁴¹ Veja a Estância III, sobre “Luz, ou a Chama *fria*”, e o Comentário número 9, no qual é explicado que a “mãe” (Caos) é um Fogo frio, uma Radiância fria, sem cor, sem forma, destituída de qualquer qualidade. “O Movimento é o Único Eterno *é*, e contém as potencialidades de toda e qualquer qualidade nos Mundos Manvantáricos”, afirma-se. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁴² “*Hypothèses Cosmogoniques*”, C. Wolf, 1886. (Nota de H.P. Blavatsky)

coordenada dos principais fenômenos do firmamento estelar e nebular, *até onde a visão humana é capaz de alcançar.*”

(II) “Ela não vê os cometas como parte daquela evolução particular que produziu o sistema solar.” (*A doutrina esotérica vê.*)

(A doutrina esotérica o vê porque ela também reconhece os cometas como formas de existência cósmica *coordenada com estágios anteriores da evolução nebular*; e na verdade ela atribui *principalmente a eles* a formação de todos os mundos.)

(III) “Ela não nega uma história anterior da neblina ígnea luminosa” - (o estágio secundário de evolução na Doutrina Secreta) “e não tem a pretensão de haver chegado a um absoluto começo”. E ela inclusive admite que esta “neblina ígnea pode ter existido previamente em uma condição fria, não-luminosa e *invisível*”...

(IV) “E finalmente: ela não afirma ter descoberto a ORIGEM das coisas, *mas apenas um estágio na história material*” Deixando “o filósofo e o teólogo tão livres quanto sempre foram para buscar pela origem dos modos de ser.” ²⁴³

Mas isso não é tudo. Até o maior filósofo da Inglaterra - o Sr. Herbert Spencer - manifestou-se contra a extraordinária teoria dizendo que (a) ela “não resolve o problema da existência”; (b) a hipótese nebular “não esclarece a origem da matéria difusa”, e (c) “a hipótese nebular (tal como é formulada atualmente) implica a existência de uma Primeira Causa”. ²⁴⁴

Temos receio de que esta última seja algo que os nossos físicos modernos não estão dispostos a admitir. Assim, parece que a pobre “hipótese” dificilmente pode ter esperança de receber ajuda ou confirmação, mesmo no mundo dos metafísicos.

Levando tudo isso em conta, os Ocultistas consideram que têm direito a apresentar a *sua* filosofia, por mais mal-entendida e ignorada que ela possa ser no momento atual. E eles afirmam que esta incapacidade dos cientistas de descobrir a verdade se deve inteiramente ao materialismo deles, e ao desprezo que eles têm pelas ciências transcendentais. No entanto, embora as mentes científicas em nosso século estejam mais longe que nunca da verdadeira e correta doutrina da Evolução, ainda pode haver alguma esperança para o futuro, porque encontramos outro grande cientista transmitindo um pálido vislumbre da doutrina verdadeira.

Num artigo publicado em *Popular Science Review* (Vol. XIX, p. 252) sobre “Recent Researches in Minute Life”, vemos o Sr. H.J. Slack, F.C.S., Sec. R.M.S., dizendo: “Há uma evidente convergência de todas as ciências, desde a Física até a Química e a Fisiologia, na direção de *alguma* doutrina da evolução e do desenvolvimento, da qual os fatos do Darwinismo *farão parte*, mas há pouca ou nenhuma evidência para mostrar qual será o aspecto final desta doutrina, e *talvez a forma dela não seja definida pela mente humana até que as pesquisas metafísicas, assim como as físicas, estejam muito mais avançadas.*”

²⁴³ “World-Life”, p. 196. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁴⁴ *Westminster Review*, XX, July 27, 1868. (Nota de H.P. Blavatsky)

Esta é uma previsão feliz, sem dúvida. *Pode ser*, então, que um dia a “Seleção Natural”, tal como ensinada por Darwin e por Herbert Spencer, venha a ser, na sua versão final, apenas *uma parte* da nossa doutrina oriental da Evolução, que será Manu e Kapila *esotericamente explicados*.

14. Forças - Modos de Movimento ou Inteligências? [\(Volte para o Sumário\)](#)

Esta é, então, a palavra final da ciência física até o corrente ano de 1888. As leis mecânicas nunca poderão provar a homogeneidade da matéria primordial, exceto por inferência e como uma medida desesperada, quando não há outra saída - como no caso do Éter. A Ciência Moderna só está segura no seu próprio domínio e na sua própria região; dentro dos limites físicos do nosso sistema solar, além dos quais tudo, assim como cada partícula de matéria, é diferente da matéria que a Ciência conhece; matéria a qual existe em estados de que a Ciência não pode ter ideia. *Aquela* matéria, que é verdadeiramente homogênea, está além das percepções humanas, se as percepções dependem apenas dos cinco sentidos. Sentimos os seus efeitos através daquelas INTELIGÊNCIAS que são os resultados da sua primeira diferenciação, e a quem nós chamamos de Dhyān-Chohans; e que são chamadas nas obras Herméticas de “Sete Governadores”, aqueles a quem Poimandres, o “Pensamento Divino”, se refere como os Poderes Construtivos, e a quem Asclépio chama de “Deuses Superiores”. Até mesmo alguns dos astrônomos foram levados a acreditar nesta matéria - a verdadeira substância primordial, o númeno de toda a “matéria” que nós conhecemos - e foram levados a desistir da possibilidade de jamais explicar a rotação, a gravitação e a origem de quaisquer leis mecânicas físicas, a menos que estas *Inteligências* sejam admitidas pela Ciência. Na obra de Wolf sobre astronomia, citada acima ²⁴⁵, o autor adota completamente a teoria de Kant, e esta última, se não no seu aspecto geral, pelo menos em alguns dos seus aspectos, faz lembrar fortemente de alguns ensinamentos esotéricos. Aqui nós temos o sistema do mundo *renascido das suas cinzas*, através de uma nebulosa; a emanção dos corpos celestes mortos e dissolvidos no Espaço - o que resultou da *incandescência* do centro solar reanimado pela matéria combustível dos planetas. Nesta teoria, gerada e desenvolvida no cérebro de um jovem que mal tinha vinte e cinco anos de idade, que nunca havia saído do seu lugar natal, uma pequena cidade no norte da Prússia (Königsberg), dificilmente podemos deixar de reconhecer seja um poder inspirador externo, ou a *reencarnação* que os Ocultistas veem neste fato. Esta teoria preenche um espaço vazio que Newton, com toda a sua genialidade, não conseguiu preencher. E certamente é a nossa matéria primordial, o Akasha, que Kant tinha em mente, quando se propôs a resolver a dificuldade de Newton e a sua impossibilidade de explicar, através das forças naturais, o impulso primitivo transmitido aos planetas, pela postulação de uma substância primordial universal que tudo permeia. Porque, conforme ele destaca no capítulo VIII, uma vez admitido que a perfeita

²⁴⁵ “LES HYPOTHÈSES COSMOGONIQUES, *Examen des Théories Scientifiques modernes sur L’Origine des Mondes, suivi de la Traduction de la Théorie du Ciel de Kant*”. (Nota de H.P. Blavatsky)

harmonia das estrelas e dos planetas e a coincidência dos seus planos orbitais provam a existência de uma causa natural, “esta causa *não pode realmente ser a matéria que hoje preenche os espaços celestiais*.” Deve ser a matéria que preenchia o espaço - que era o espaço - originalmente, e cujo movimento na matéria diferenciada foi a origem dos atuais movimentos dos corpos siderais; e que, “*ao condensar-se naqueles mesmos corpos*, desta maneira abandonaram o espaço que é visto hoje como vazio”. Em outras palavras, ela é a mesma matéria de que são agora compostos os planetas, os cometas, e o próprio Sol, matéria que, tendo originalmente assumido a forma daqueles corpos, preservou a sua qualidade inerente de movimento; qualidade que, agora centrada nos seus núcleos, dirige todos os movimentos. É preciso fazer uma alteração muito pequena nas palavras, e também alguns acréscimos, para transformar isso na nossa Doutrina Esotérica.

Esta Doutrina ensina que é a *prima materia*, primordial e original, divina e inteligente, a emanção direta da Mente Universal - a *Daiviprakriti* (a luz divina que emana do Logos²⁴⁶) - que formou os núcleos de todas as esferas que “se movem por si mesmas” no Cosmos. Ele é o sempre-presente poder-que-dá-movimento e o princípio vital orientador, a alma vital, de Sóis, Luas, planetas, e mesmo da nossa Terra. O primeiro é latente: o segundo é ativo - o Governante e guia invisível do corpo grosseiro associado à sua Alma e conectado com ela, que é a emanção espiritual, afinal de contas, destes respectivos Espíritos planetários.

Outra doutrina bastante oculta é a teoria de Kant, de que a matéria de que são feitos os habitantes e os animais de outros planetas é de *uma natureza mais leve e mais sutil e tem uma conformação mais perfeita segundo a sua distância do Sol*. Este último é muito cheio de Eletricidade Vital, do princípio físico doador-de-vida. Portanto, os homens em Marte são mais etéricos do que nós, enquanto os de Vênus são mais densos, embora muito mais inteligentes, ainda que menos espirituais.

Essa última doutrina não é exatamente a nossa - no entanto estas doutrinas de Kant são tão metafísicas e tão transcendentais quanto qualquer doutrina oculta; e mais de um cientista as aceitaria, tal como Wolf faz, se pelo menos *ousasse* expressar os seus pensamentos. Há apenas um passo desde esta ideia kantiana sobre a mente e a alma dos Sóis e das Estrelas até o MAHAT (mente) e Prakriti dos Puranas. Afinal, a admissão disso por parte da Ciência seria apenas a admissão de uma causa natural, que ela ampliasse ou não a sua crença de modo a alcançar uma tamanha altura metafísica. Mas então *Mahat*, a MENTE, é um “Deus”, e a fisiologia admite a “mente” apenas como uma função temporária do cérebro material, e nada mais que isso.

O Satã do Materialismo agora ri de tudo igualmente, e nega tanto o visível como o invisível. Enxergando na luz, no calor, na eletricidade, e mesmo no *fenômeno da vida* apenas as propriedades inerentes à matéria, ele ri sempre que a vida é chamada de PRINCÍPIO VITAL, e zomba da ideia de que o Princípio Vital é diferente do organismo, e independente do organismo.

Mas aqui outra vez as opiniões científicas diferem como em todo o resto, e há vários cientistas que aceitam pontos de vista muito similares aos nossos. Observe, por exemplo, o que o Dr. Richardson, F.R.S. (citado extensamente em outras páginas)

²⁴⁶ “Luz” esta que nós chamamos de *Fohat*. (Nota de H.P. Blavatsky)

afirma sobre aquele “princípio Vital”, que ele chama de “éter nervoso” (*“Popular Science Review”*, vol. 10):

“Falo apenas de um *agente* verdadeiramente *material*, refinado, talvez, para o mundo em geral, mas *factual* e *substancial*: um agente que possui as qualidades do peso e do volume, um agente suscetível de combinações químicas, e portanto suscetível de mudança em seu estado físico e sua condição física, um agente passivo em sua ação, isto é, movido sempre por influências externas a ele ²⁴⁷, obedecendo outras influências, um agente que não possui poder de iniciativa, nem *vis* nem *energia naturae* ²⁴⁸, mas ainda desempenhando um papel extremamente importante, se não primário, na produção dos fenômenos que resultam da ação da *energia* sobre a matéria visível” (p. 379).

Já que a Biologia e a Fisiologia agora rejeitam completamente a existência de um “princípio vital”, este trecho, junto com a confissão de Quatrefages, é uma clara confirmação de que há cientistas que adotam pontos de vista iguais aos dos ocultistas e dos teosofistas sobre as “coisas ocultas”. Estes últimos reconhecem nitidamente um princípio vital independente do organismo - um princípio vital material, é claro, *já que a força física não pode estar divorciada da matéria*; mas feito de uma substância existente num estado desconhecido para a Ciência. *A vida para os ocultistas é algo mais do que a mera interação de moléculas e átomos*. Existe um princípio vital sem o qual nenhuma combinação molecular poderia jamais ter resultado em um organismo vivo, e muito menos na assim chamada matéria “inorgânica” do nosso plano de consciência.

A expressão “combinação molecular” significa, naturalmente, o tipo de combinações da matéria do nosso plano de percepções ilusórias, matéria que trabalha apenas com a energia deste nosso plano. E este é o principal ponto em questão. ²⁴⁹

Assim, os Ocultistas não estão sozinhos em suas crenças. E tampouco são tão tolos, afinal de contas, ao rejeitar mesmo a “gravidade” da ciência moderna junto com outras leis *físicas*, e ao aceitar, em vez disso, *atração* e *repulsão*. Eles veem, além do mais, nestas duas Forças opostas, apenas dois *aspectos* da unidade universal que é chamada de “MENTE MANIFESTADA”; e nesses aspectos, o Ocultismo, através dos seus grandes

²⁴⁷ Este é um erro, que implica um agente material, diferente das influências que o movimentam, isto é, matéria cega e talvez novamente “Deus”; enquanto, na verdade, esta Vida UNA é “em si mesma” o próprio Deus e os Deuses. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁴⁸ O mesmo erro. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁴⁹ “Será *Jiva* um mito, como a ciência diz, ou não?”, perguntam alguns teosofistas, oscilando entre a ciência materialista e a ciência idealista. A dificuldade em compreender realmente os problemas esotéricos que dizem respeito ao “estado último da matéria” é novamente o velho *impasse* entre o *objetivo* e o *subjetivo*. O que é a matéria? Será que a matéria da nossa atual consciência objetiva é alguma coisa além das nossas SENSACÕES? É verdade que as sensações que recebemos vêm *de fora*, mas será que podemos falar realmente da “matéria grosseira” (exceto em termos de fenômenos) deste plano como uma entidade à parte e independente de nós? Diante de todos estes argumentos, o Ocultismo responde: “Sem dúvida, na *realidade* a matéria não é independente das nossas percepções nem existe fora delas. O ser humano é uma *ilusão*: estamos de acordo. Mas a existência e a factualidade de outras entidades diferentes de nós, ainda mais ilusórias, mas não menos *factuais*, não é enfraquecida, como ideia, mas sim fortalecida por esta doutrina do Idealismo Vedanta, e mesmo Kantiano. (Nota de H.P. Blavatsky)

Videntes, percebe uma Hoste inumerável de Seres operativos: Dhyan-Chohans Cósmicos, entidades cuja essência, em sua natureza *dual*, é a Causa de todos os fenômenos terrestres. Porque esta essência é consubstancial com o Oceano Elétrico universal, que é VIDA; e sendo dual, como já foi dito - positiva e negativa - ela consiste nas emanções daquela dualidade que atuam agora na Terra sob o nome de “modos de movimento”; e até a palavra *Força* se torna agora questionável, porque ela poderia levar alguém, mesmo em pensamento, a separá-la da matéria! Trata-se, segundo o Ocultismo afirma, dos *efeitos* duais daquela essência dual, e que agora são chamados de forças centrípetas e forças centrífugas, polos negativo e positivo, ou polaridade, calor e frio, luz e escuridão, etc., etc.

E afirma-se que mesmo os cristãos gregos e católicos romanos, ao acreditar, como acreditam - ainda que conectando-os todos a um deus antropomórfico - em Anjos, Arcanjos, Arcontes, Serafins e Estrelas do Alvorecer; em resumo, em todas aquelas *Deliciae humani generis* da teologia que governam os elementos cósmicos, são mais sábios do que a Ciência, que desacredita em todos eles, e defende por sua vez as suas Forças mecânicas. Porque estas forças agem, muito frequentemente, com uma inteligência e uma persistência mais do que humanas. No entanto, esta inteligência é negada e enxerga-se apenas acaso cego. Mas, assim como De Maistre estava certo ao dizer que a lei da gravitação é apenas uma *palavra* usada para substituir “a coisa desconhecida” (*Soirées*), do mesmo modo nós estamos certos ao dizer a mesma coisa de todas as outras *Forças* da ciência. E se for alegado que o conde era um católico romano fervoroso, então nós podemos citar Le Couturier, um fervoroso materialista, que disse a mesma coisa, como também disseram Herschell e muitos outros. (Veja *Musée des Sciences*, Agosto de 1856.)

Desde os *Deuses* até os *homens*, de Mundos a átomos, desde uma estrela até um pirilampo, desde o Sol até o calor vital do menor dos seres orgânicos - o mundo da Forma e da Existência é uma cadeia imensa cujos elos estão todos conectados. A lei da Analogia é a primeira chave do problema do mundo, e estes elos têm de ser estudados de maneira coordenada em suas relações ocultas entre um e outro.

Quando, portanto, a Doutrina Secreta - postulando que o espaço (local) condicionado ou limitado não tem existência real exceto neste mundo de ilusão, ou, em outras palavras, em nossas faculdades perceptivas - ensina que cada um dos mundos superiores, assim como cada um dos mundos inferiores, permeia o nosso próprio mundo objetivo; que milhões de coisas e seres estão, em termos de localização, *em* nós e em torno de nós, assim como nós estamos em torno deles, com eles e neles; isso não é uma figura de linguagem metafísica, mas um fato concreto da Natureza, por mais incompreensível que seja para os nossos sentidos.

Mas é preciso compreender a fraseologia do Ocultismo antes de criticar as suas afirmações. Por exemplo, a Doutrina se recusa (tal como a Ciência faz, em um certo sentido) a usar as palavras “acima” e “abaixo”, “mais elevado” e “mais baixo” com referência a esferas *invisíveis*, porque considera que não significam coisa alguma. Mesmo os termos “Oriente” e “Ocidente” são meramente convencionais, necessários apenas para ajudar as nossas percepções humanas. Porque, embora a Terra tenha os seus dois pontos fixos nos polos, Norte e Sul, tanto o Oriente como o Ocidente são variáveis em relação à nossa própria posição na superfície da Terra, e em consequência da sua rotação do Ocidente para o Oriente. Portanto, quando são mencionados “*outros*

mundos” - sejam melhores ou piores, mais espirituais ou ainda mais materiais, embora invisíveis - o Ocultista não localiza *estas esferas* nem *fora* nem *dentro* da nossa Terra, conforme fazem os teólogos e os poetas; porque a localização delas não está em lugar algum do espaço *conhecido* pelo profano, ou concebido pelo profano. Elas estão, digamos assim, misturadas com o nosso mundo, permeando-o e sendo permeadas por ele. Há milhões e milhões de mundos e firmamentos visíveis para nós; há números ainda maiores além daqueles que são visíveis para os telescópios, e muitos deles não pertencem à nossa esfera *objetiva* de existência. Embora tão invisíveis como se estivessem milhões de milhas além do nosso sistema solar, eles estão, no entanto, conosco, perto de nós, *dentro* do nosso próprio mundo, tão objetivos e tão materiais para os seus respectivos habitantes quanto o nosso mundo é para nós. Mas, novamente, a relação destes mundos com o nosso não é a relação de uma série de caixas com a forma de ovos, guardadas umas dentro das outras, como os brinquedos conhecidos como *ninhos chineses*; cada mundo está inteiramente sob as suas próprias leis e condições especiais, e não tem relação direta com a nossa esfera. Os habitantes destes mundos, como já foi dito, podem estar, até onde nós sabemos, ou sentimos, passando *através* de nós e *ao nosso redor* como quem passa por espaço vazio, porque as próprias habitações e países deles permeiam e são permeadas pelas nossas habitações e pelos nossos países, embora não perturbem a nossa visão, já que nós ainda não temos as faculdades necessárias para discerni-los. No entanto, através da sua visão espiritual, os Adeptos, e mesmo alguns videntes e sensitivos, são sempre capazes de discernir, num grau maior ou menor, a presença e a estreita proximidade junto a nós de Seres que pertencem a outras esferas de vida. Os habitantes dos mundos (espiritualmente) mais elevados se comunicam apenas com aqueles mortais terrestres que se erguem até eles, através de esforços individuais, até o plano mais alto que eles estão ocupando (.....).

“OS FILHOS DE Bhumi (A TERRA) VEEM OS FILHOS DE *Deva-Lokas* (ESFERAS DE ANJOS) COMO OS SEUS DEUSES; E OS FILHOS DOS REINOS INFERIORES OLHAM COM REVERÊNCIA PARA OS HOMENS DE Bhumi COMO OS SEUS *Devas* (DEUSES); OS HOMENS PERMANECEM INCONSCIENTES DISSO EM SUA CEGUEIRA ELES (*homens*) TREMEM DIANTE DELES ENQUANTO OS USAM (*para propósitos mágicos*) A PRIMEIRA RAÇA DOS HOMENS CONSISTIA DOS ‘*filhos nascidos-da-Mente*’ DOS ANTERIORES. ELES (*os pitris e devas*) SÃO NOSSOS PROGENITORES”
(*Livro II de Comentários sobre o Livro de DZYAN.*)

As pessoas supostamente “cultas” zombam da ideia de Silfos, Salamandras, Ondinas e Gnomos ²⁵⁰; os cientistas consideram um insulto qualquer menção a tais superstições; e com aquele desprezo pela lógica e pelo bom senso que é com frequência um privilégio da “autoridade estabelecida”, eles permitem que aqueles a quem eles têm o dever de instruir trabalhem sob a absurda impressão de que em todo o Cosmos, ou pelo menos em nossa própria atmosfera, não há outros seres conscientes e inteligentes, exceto nós mesmos ²⁵¹. Qualquer outra humanidade (composta de seres *humanos* diferentes), que esteja além da humanidade que possui duas pernas, dois braços e uma cabeça com traços humanos no rosto, não seria chamada humana; embora a etimologia da palavra

²⁵⁰ Silfos, Salamandras, Ondinas, e Gnomos, seres elementais, respectivamente do ar, do fogo, da água e da terra. (Nota do Tradutor)

²⁵¹ Mesmo a questão da pluralidade dos mundos habitados por criaturas sensíveis é rejeitada ou abordada com extrema cautela! E no entanto nós vemos o que o grande astrônomo Camille Flammarion diz em seu “*Pluralité des Mondes*”. (Nota de H.P. Blavatsky)

pareça ter pouco a ver com a aparência geral de uma criatura. Assim, enquanto a Ciência rejeita severamente até a possibilidade de que haja tais criaturas (para nós, geralmente) invisíveis, a sociedade, ao mesmo tempo em que acredita nisso tudo *secretamente*, é levada a zombar da ideia no plano ostensivo. Ela recebe com alegria e contentamento obras como *Conde de Gabalis*, e não consegue compreender que *a sátira aparente é o disfarce mais seguro*.

No entanto, estes mundos invisíveis existem. Habitados tão densamente quanto o nosso próprio mundo, eles estão espalhados por todo o aparente Espaço em número imenso; alguns são muito mais materiais do que o nosso próprio mundo; outros se eterealizam gradualmente até ficarem sem forma, e são como “*Respirações*”. O fato de que o nosso olho físico não os vê não é razão para desacreditar na existência deles; os físicos não podem ver nem o seu éter, nem os seus “átomos”, nem os seus “modos de movimento”, ou Forças. E no entanto os aceitam e ensinam sobre eles.

Se mesmo no mundo natural com o qual estamos familiarizados nós encontramos matéria que tem uma parcial analogia com a difícil concepção de tais mundos *invisíveis*, não parece ser muito difícil reconhecer a possibilidade de uma presença como esta. A cauda de um cometa, que, embora chamando a nossa atenção devido à sua luminosidade, no entanto não perturba nem impede a nossa visão de objetos, os quais nós percebemos através dela e além dela, nos oferece a primeira ideia de referência no caminho que leva à comprovação. A cauda de um cometa passa rapidamente pelo nosso horizonte, e nós nem sentiríamos, nem teríamos conhecimento da sua passagem, se não fosse pelo fulgor brilhante frequentemente percebido apenas por alguns poucos interessados no fenômeno, enquanto todos os demais permanecem sem saber da sua presença e da sua passagem por, ou *através*, de uma porção do nosso globo. Esta cauda pode ser, ou pode não ser, uma parte integrante do ser do cometa, mas a sua rarefação serve o nosso propósito como ilustração. Na verdade, não é uma questão de superstição, mas é simplesmente resultado de uma ciência transcendental, e ainda mais de lógica, admitir a existência de mundos formados de matéria ainda muito mais tênue do que a cauda de um cometa. Ao negar uma tal possibilidade, a ciência não serviu durante o último século nem os interesses da filosofia nem da verdadeira religião, mas simplesmente da teologia. Para ser capaz de questionar melhor a pluralidade até mesmo dos mundos materiais, uma crença considerada por muitos homens da igreja como incompatível com os ensinamentos e as doutrinas da Bíblia ²⁵², Maxwell teve de caluniar a memória de Newton, e tentar convencer o seu público de que os princípios contidos na filosofia Newtoniana são aqueles “que estão na base de todos os sistemas ateus”. (Veja o Vol. II de “*Plurality of Worlds*”).

“O Dr. Whewell discutiu a pluralidade dos mundos apelando para a evidência científica”, escreve o professor Winchell. ²⁵³ E se até a habitabilidade dos mundos físicos, dos planetas e estrelas distantes que brilham em miríades sobre as nossas cabeças é algo tão disputado, qual é a chance que existe para uma aceitação de mundos invisíveis dentro do nosso próprio espaço aparentemente transparente!

²⁵² Apesar disso, será mostrado com base no testemunho da própria Bíblia, e de teólogos que são bons cristãos, como o Cardeal Wiseman, que esta pluralidade é ensinada tanto no *Velho* Testamento como no *Novo* Testamento. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁵³ “Veja “The Plurality of the Worlds”, onde é dada a lista dos muitos cientistas que escreveram para comprovar a teoria. (Nota de H.P. Blavatsky)

Mas, se nós pudermos conceber um mundo composto (para os *nostros* sentidos) de matéria ainda mais tênue que a cauda de um cometa, e pudermos conceber habitantes neste mundo que sejam tão etéreos, em relação ao globo *deles*, como nós somos em comparação com a *nostra* Terra rochosa e sua crosta dura, não será uma surpresa que não possamos percebê-los, nem sentir a presença deles, nem sua existência. Mas, em que aspecto esta ideia é contrária à ciência? Não se pode supor que os homens e os animais, as plantas e as rochas, tenham sentidos completamente diferentes daqueles que nós possuímos? Os organismos deles não podem nascer, desenvolver-se e existir sob outras leis da existência, diferentes das que regulam nosso pequeno mundo? Será absolutamente necessário que todo ser corporal esteja vestido com “casacos de pele” como aqueles que foram dados a Adão e Eva segundo a lenda do Gênesis? A corporalidade, porém, segundo nos é declarado por mais de um cientista, “pode existir em condições muito diferentes”.²⁵⁴ Será que nós não sabemos, através das descobertas desta ciência negadora-de-tudo, que estamos rodeados de miríades de vidas invisíveis? Se estes micróbios, essas bactérias e os *tutti quanti* do que é infinitesimalmente pequeno são invisíveis para nós devido ao fato de que são minúsculos, será que não pode haver,

²⁵⁴ O professor A. Winchell - argumentando sobre a pluralidade dos mundos - faz as seguintes observações: “Não é de modo algum improvável que substâncias de natureza refratária possam ser misturadas de tal maneira com outras substâncias, conhecidas ou desconhecidas por nós, de modo a serem capazes de suportar vicissitudes de calor e frio muito maiores do que são suportáveis para os organismos terrestres. Os tecidos dos animais terrestres são adequados simplesmente para as condições terrestres. No entanto mesmo aqui nós encontramos tipos e espécies de animais adaptados aos desafios de situações extremamente diferentes. (....) Que um animal seja quadrúpede ou bípede é algo que não depende das necessidades orgânicas, nem do instinto, nem da inteligência. O fato de que um animal possua apenas cinco sentidos não é uma necessidade da existência da percepção. Pode haver animais na Terra que não tenham olfato nem paladar. Pode haver seres em outros mundos, ou *mesmo neste nosso*, que possuam sentidos mais numerosos do que nós. Esta possibilidade fica clara quando consideramos a alta probabilidade de que outras propriedades e outros modos de existência estejam entre os recursos do Cosmos, e mesmo da matéria terrestre. Há animais que sobrevivem onde o homem racional morreria - no solo, no rio e no mar” (e por que não seres *humanos* de organismos diferentes neste caso?)..... “A existência racional incorporada tampouco é dependente de sangue quente, nem de qualquer temperatura que não mude a forma da matéria de que o organismo é composto. *Pode haver inteligências incorporadas* com base em alguma concepção que não envolva os processos de injeção, assimilação e reprodução. Tais corpos não necessitariam comida e aquecimento diários. Eles poderiam estar espalhados pelos abismos do oceano, ou poderiam estar num penhasco em meio às tormentas de um inverno Ártico, ou mergulhados em um vulcão durante uma centena de anos, e no entanto manter consciência e pensamento. Trata-se de algo concebível. Por que motivo naturezas psíquicas não poderiam estar abrigadas em sílex e platina? Estas substâncias não estão mais distanciadas da natureza da inteligência que o carbono, o hidrogênio, o oxigênio, e a cal. Mas, para não levar o pensamento a um tal extremo (?), será que inteligências elevadas não poderiam ser incorporadas em estruturas tão indiferentes às condições externas quanto a sálvia das planícies ocidentais, ou os líquenes de Labrador, no Canadá, ou os rotíferos, que permanecem secos durante anos, ou os esporos de bactérias que sobrevivem em água fervendo Estas sugestões são feitas apenas para lembrar o leitor de como é pouco o que pode ser argumentado em relação às condições necessárias para uma existência orgânica inteligente, com base no padrão de existência corpórea encontrada na Terra. A inteligência, na sua natureza, é tão universal e tão uniforme como as leis do universo. Os corpos são apenas a adequação local da inteligência a modificações particulares da matéria ou Força universal.” (*World-Life, or Comparative Geology*, pp. 496-498 e seguintes.) (Nota de H.P. Blavatsky)

no outro extremo, seres igualmente invisíveis devido à natureza da sua textura ou matéria, devido à sua rarefação, na verdade? Por outro lado, quanto aos efeitos da matéria cometária, não teremos outro exemplo de uma forma semivisível de vida e de matéria? O raio de Sol que entra em nosso apartamento revela na sua passagem miríades de seres minúsculos vivendo sua pequena vida e deixando de existir, independentemente do fato de que são percebidos ou não pela nossa materialidade mais densa, e sem prestar atenção a isso. E algo semelhante ocorre com micróbios e bactérias e outros tantos seres não-vistos em outros elementos. Nós passamos por eles, durante longos séculos de ignorância inconsciente, desde que a lamparina do conhecimento nos sistemas pagãos e altamente filosóficos havia cessado de lançar a sua luz clara sobre as eras de intolerância e fanatismo durante o começo da Cristandade; e nós de bom grado passaríamos por eles outra vez agora.

E no entanto estas *vidas* nos rodeavam *antes*, como nos rodeiam agora. Elas seguiram trabalhando, obedecendo às suas próprias leis, e foi só à medida que elas foram gradualmente reveladas pela ciência que nós começamos a ter conhecimento delas, e dos efeitos produzidos por elas.

Quanto tempo demorou para que o mundo se tornasse o que é hoje? Se podemos dizer, em relação à poeira cósmica, que parte dela vem ao dia de hoje “*sem nunca antes ter pertencido à Terra*” (“*World-Life*”), não será mais lógico acreditar - tal como os Ocultistas acreditam - que através das eras incontáveis e dos milhões de anos que passaram desde que aquela poeira formou o globo em que vivemos, agregando-se em torno do seu *núcleo* de substância primordial *inteligente* - muitas humanidades, diferentes da nossa humanidade atual, e tão diferentes da nossa quanto será diferente das nossas raças de hoje a humanidade que vai surgir dentro de milhões de anos, e que surgirá apenas para desaparecer depois da face da Terra, como fará a nossa própria. A existência daquelas humanidades primitivas e muito longínquas, que não deixaram nenhuma relíquia tangível segundo pensam os geólogos, é negada. Todo traço delas é deixado de lado, e por isso para todos os efeitos elas nunca existiram. No entanto as relíquias delas - muito poucas, sem dúvida - podem ser encontradas, e precisam ser descobertas através de pesquisa geológica. Porém, ainda que elas nunca fossem encontradas, não há razão para dizer que nenhum ser humano poderia jamais ter vivido naqueles tempos geológicos aos quais é atribuído o período da sua presença na Terra. Porque os organismos delas não necessitavam de sangue quente, nem de atmosfera, nem de alimentação; o autor de “*World-Life*” está certo, e não é nada *muito extremado* acreditar, como nós fazemos, que assim como pode haver, como hipóteses científicas, “naturezas psíquicas alojadas até hoje em indestrutíveis sílex e platina”, assim também houve naturezas psíquicas alojadas em formas de matéria primordial igualmente *indestrutível* - os verdadeiros antepassados da nossa quinta raça.

Quando falamos, portanto, como no volume II, de homens que habitaram este globo 18 milhões de anos atrás, não nos referimos nem a seres humanos das nossas raças atuais, nem às atuais leis atmosféricas, condições térmicas, etc. A Terra e a humanidade, assim como o Sol, a Lua, e os planetas, todos eles têm os seus crescimentos, suas mudanças, seus desenvolvimentos, e sua gradual evolução durante os seus períodos de vida; eles nascem, se tornam bebês, depois crianças, adolescentes, depois adultos como corpos, envelhecem, e finalmente morrem. Por que a *Humanidade* não deveria estar sujeita a esta Lei universal? Diz Uriel a Enoque: “Olha, mostrei a ti todas as coisas. Tu vês o Sol, a Lua, e aqueles que conduzem as estrelas do céu, *que causam todas as suas operações*,

suas estações, e chegadas, para retornar. (.....) *Nos dias dos pecadores* os anos serão encurtados tudo o que é feito na Terra será subvertido a Lua mudará as suas leis” etc. (Livro de Enoque, cap. LXXIX).

A expressão “dias dos Pecadores” significa os dias quando a matéria terá plena influência na Terra, e o homem terá alcançado o máximo do desenvolvimento físico em estatura e animalidade. Isso ocorreu durante o período dos Atlantes, em torno do ponto médio da Raça deles (a quarta Raça), que foi afogada, tal como previsto por Uriel. Desde então a estatura física do ser humano começou a reduzir-se, assim como a sua força e a duração da sua vida, como será demonstrado no Volume II. Mas como nós estamos no ponto médio da nossa *sub-raça* da Quinta Raça Raiz - o máximo da materialidade de cada uma delas - portanto as inclinações animais, embora mais refinadas, não são menos desenvolvidas por causa disso, e isso ocorre principalmente nos países mais desenvolvidos.

15. Deuses, Mônadas e Átomos [\(Volte para o Sumário\)](#)

Alguns anos atrás nós dissemos ²⁵⁵ que “a Doutrina Esotérica bem pode ser chamada de ‘a doutrina do fio’, porque, tal como o *Sutratman* da filosofia Vedanta ²⁵⁶, ela passa através de todos os antigos sistemas filosóficos religiosos, e reúne, reconcilia, e explica a todos eles.” E faz mais que isso. Ela não só reconcilia os vários sistemas aparentemente conflitantes, mas examina também as descobertas da ciência exata moderna, e mostra que algumas delas estão necessariamente corretas, porque, conforme se verifica, elas são corroboradas pelos registros antigos. Sem dúvida, tudo isso será visto como terrivelmente impertinente e desrespeitoso, um verdadeiro crime de *lesa-Ciência*; no entanto, é um fato.

A ciência é inegavelmente ultra-materialista em nossos dias; mas em certo sentido ela tem uma justificação para isso. Como a Natureza se comporta *in actu* ²⁵⁷ mesmo no plano esotérico, e existe, como dizem os Cabalistas, *in abscondito*, só pode ser avaliada pelo profano através da sua aparência, e a sua aparência é sempre enganosa no plano físico. Por outro lado, os naturalistas se recusam a misturar a Física com a Metafísica, o corpo com os seus formadores, que são a alma e o espírito, os quais eles preferem ignorar. Para alguns esta é uma questão opcional, enquanto uma minoria tenta, com bom senso, ampliar o campo de estudo da ciência física incluindo os territórios proibidos da metafísica, que são tão desagradáveis para alguns materialistas. Estes cientistas são sábios na sua geração. Porque todas as suas maravilhosas descobertas não

²⁵⁵ “The Septenary Principle”, um artigo em “[Five Years of Theosophy](#)”; veja a p. 197. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁵⁶ O Atma ou Espírito (o EU Espiritual) passa como um fio através dos cinco corpos sutis (ou princípios, *Koshas*) e é chamado de “fio-alma” ou *Sutratman* na filosofia Vedanta. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁵⁷ “*In actu*” - através de ações, em cada situação concreta. (Nota do tradutor)

chegariam a nada, e permaneceriam para sempre como *corpos sem cabeça*, a menos que eles erguessem o véu da matéria e usassem os seus olhos para ver o que está *além*. Agora que eles já estudaram a natureza no comprimento, na largura e na espessura da sua estrutura física, chegou a hora de ir para o segundo plano e procurar dentro das profundidades desconhecidas pela entidade real e viva, pela sua SUB-*stância*, o númeno da matéria evanescente.

É só agindo dentro destas linhas que algumas das verdades, agora chamadas de “superstições destruídas”, serão reconhecidas como fatos e como relíquias do conhecimento e da sabedoria dos tempos antigos.

Uma destas crenças “degradantes” - na opinião do cético que *nega tudo* - é encontrada na ideia de que o Cosmo, além dos seus habitantes objetivos planetários, das suas humanidades em outros mundos habitados, está cheio de *Existências* invisíveis, inteligentes. Os assim-chamados Arcanjos, Anjos e Espíritos do Ocidente, cópias dos seus protótipos, os Dhyan-Chohans, Devas e Pitris do Oriente, não são seres reais mas ficções. Neste ponto a Ciência Materialista é inexorável. Para consolidar a sua posição, ela entra em choque com a sua própria lei axiomática da uniformidade nas leis da natureza, a lei da continuidade, e com toda a sequência lógica de analogias na evolução da existência. Pede-se às massas profanas que acreditem, e elas são forçadas a acreditar, que o testemunho acumulado da História, que mostra que até mesmo os Ateus da antiguidade - como Epicuro e Demócrito - acreditavam em *deuses*, é falso; e que filósofos como Sócrates e Platão, ao afirmar a existência dos deuses, eram tolos entusiastas. Se defendermos as nossas opiniões simplesmente em bases históricas, a partir da autoridade das legiões dos mais eminentes Sábios, Neoplatônicos e Místicos de todas as épocas, desde Pitágoras até os eminentes cientistas e professores do século atual - os quais, se rejeitam “deuses”, acreditam em “espíritos” - deveremos acreditar que tais autoridades são mentalmente tão frágeis e tolas quanto qualquer camponês Católico Romano, que acredita e faz orações para o seu Santo que já foi humano, o Arcanjo São Miguel? Mas será que não há diferença entre a crença do camponês e a crença dos que são herdeiros Ocidentais dos Rosacruz e Alquimistas da Idade Média? Será que homens como Van Helmont, Khunrath, Paracelso e Agripa, desde Roger Bacon até St. Germain, foram todos cegos entusiastas, histéricos ou charlatães? Ou será que um punhado de céticos modernos - os “líderes intelectuais” - estão sofrendo da cegueira negativista? Esta última opção é a correta, pensamos nós. Seria realmente um *milagre*, um fato completamente anormal no reino das probabilidades e da lógica, se aquele punhado de negativistas reunisse os únicos guardiães da *verdade*, enquanto as hostes de milhões de crentes em deuses, anjos e espíritos - só na América e na Europa - isto é, cristãos gregos e latinos, teosofistas, espiritualistas, místicos, etc., etc., não seriam nada mais que fanáticos iludidos e médiuns alucinados, e com frequência apenas vítimas de enganadores e impostores! Por mais que variem na sua apresentação externa e nas suas doutrinas, as crenças nas Hostes de Inteligências invisíveis de diversos graus sempre têm o mesmo alicerce. Em todas elas a verdade e o erro estão misturados. A exata extensão, profundidade, largura, e comprimento dos mistérios da Natureza só podem ser encontrados nas ciências esotéricas Orientais. Elas são tão vastas e profundas que apenas uns poucos, muito poucos, entre os mais altos Iniciados - aqueles *cujas própria existência é conhecida apenas entre um pequeno número de Adeptos* - são capazes de assimilar o conhecimento. No entanto o ensinamento está todo lá, e um por um os fatos e os processos nas oficinas da Natureza ganham permissão para avançar até as Ciências exatas, enquanto é dada uma misteriosa ajuda para que alguns raros

indivíduos descubram os seus segredos. É ao final dos grandes Ciclos, em ligação com o desenvolvimento racial, que tais eventos geralmente ocorrem. Estamos exatamente no final do ciclo de 5000 anos do atual Kali Yuga Ariano, e entre este momento ²⁵⁸ e 1897 ocorrerá uma grande rasgadura no Véu da Natureza, e a ciência materialista sofrerá um golpe mortal. ²⁵⁹

Sem lançar qualquer descrédito sobre crenças consagradas pela tradição, em direção alguma, somos forçados a traçar uma nítida linha divisória entre a crença cega, produzida pelas teologias, e o conhecimento que resulta de pesquisas independentes realizadas por numerosas gerações de adeptos; em resumo, entre a fé e a filosofia. Tem havido em todas as eras homens inegavelmente bons e eruditos que, tendo sido criados dentro de crenças sectárias, morreram mantendo as suas convicções cristalizadas. Para os protestantes, o jardim do Éden é o ponto de partida primordial no drama da Humanidade, e a solene tragédia no ponto mais alto do Calvário, o prelúdio do esperado Milênio. Para os católicos romanos, Satã está no alicerce do Cosmo, Cristo no seu centro, e o Anticristo no seu ponto mais alto. Para os dois pontos de vista, a Hierarquia do Ser começa e termina dentro das estruturas estreitas das suas respectivas teologias: um Deus *pessoal* criado por si mesmo e um Empíreo ²⁶⁰ ressoando com os Aleluias de anjos *criados*; o resto, *falsos* deuses, Satã e demônios.

A Teofilosofia opera em linhas mais amplas. Desde o próprio começo dos Éons - dentro do tempo e do espaço da nossa quarta Ronda e do nosso Globo - os Mistérios da Natureza (ou pelo menos aqueles que a Lei permite que as nossas raças conheçam) foram registrados em símbolos e figuras geométricas pelos alunos daqueles mesmos “homens celestiais”, agora invisíveis. As chaves destes símbolos passaram de uma geração para outra de “homens sábios”. Alguns destes símbolos transmitidos do oriente para o ocidente foram trazidos por Pitágoras, que não foi o inventor do seu famoso “Triângulo”. O triângulo, o cubo e o círculo são descrições mais eloquentes e mais científicas da ordem da evolução do Universo espiritual e do Universo psíquico, assim como do Universo físico, do que volumes inteiros de Cosmogonias descritivas e “*Gêneses*” reveladas. Os *dez pontos* inscritos dentro daquele “triângulo pitagórico” ²⁶¹ valem por todas as teogonias e angelologias jamais emanadas do cérebro teológico. Aquele que os interpreta - tal como ali estão e na ordem dada - verá nestes dezessete pontos (incluindo os sete pontos Matemáticos ocultos) as séries ininterruptas das genealogias desde o primeiro homem *Celestial* até o homem *terrestre*. E, à medida que eles indicam a ordem dos Seres, assim também eles indicam a ordem em que surgiram evolutivamente o Cosmo, a nossa Terra, e os elementos primordiais pelos quais esta última foi gerada. Ela foi gerada nas *Profundezas* invisíveis, e no útero da mesma “Mãe” dos seus globos irmãos, e quem dominar os mistérios da nossa Terra terá dominado os mistérios de todos os outros.

²⁵⁸ “Este momento” - isto é, o ano de 1888, quando foi publicada a presente obra. (Nota do Tradutor)

²⁵⁹ Golpe mortal na ciência materialista - veja o capítulo três da parte sete no livro “Helena Blavatsky”, de Sylvia Cranston (Ed. Teosófica). (Nota do Tradutor)

²⁶⁰ Empíreo - céu, morada dos deuses. (Nota do Tradutor)

²⁶¹ Sobre o triângulo pitagórico, que é formado por dez pontos colocados de determinada forma, veja o item 48 do artigo “[Os Versos de Ouro de Pitágoras](#)”. (Nota do Tradutor)

Sejam quais forem os argumentos contrários usados pela ignorância, pelo orgulho ou pelo fanatismo, é possível demonstrar que a Cosmologia Esotérica está inseparavelmente conectada tanto com a filosofia quanto com a ciência moderna. Os deuses dos antigos, as mônadas - desde Pitágoras até Leibniz - e os átomos das atuais escolas materialistas (retirados por elas das teorias dos antigos Atomistas gregos) são apenas uma unidade composta, ou uma unidade graduada como a estrutura humana, que começa com o corpo e termina com o espírito. Nas ciências ocultas elas podem ser estudadas separadamente, mas nunca conhecidas por completo a menos que sejam vistas nas suas correlações mútuas durante o seu ciclo vital, e como uma Unidade Universal durante os *Pralayas*.

La Pluche mostra sinceridade, mas transmite uma ideia pobre das suas capacidades filosóficas ao descrever o seu ponto de vista pessoal sobre a Mônada ou o Ponto Matemático. “Um ponto”, diz ele, “é suficiente para colocar em combustão todas as escolas do mundo. Mas que necessidade tem o ser humano de conhecer esse ponto, se a criação de um ser tão pequeno está além do seu poder? *Com muito mais razão*, a filosofia age contra a probabilidade quando, a partir daquele ponto que absorve e desconcerta todas as suas meditações, ela presume que pode avançar para o tema da geração do mundo”.

No entanto, a filosofia jamais poderia ter formado a sua concepção de uma Deidade lógica, universal e absoluta se ela não tivesse um Ponto Matemático dentro do Círculo, como base das suas especulações. É só o Ponto manifestado, perdido para os nossos sentidos depois da sua aparição pregenética na infinitude e *incognoscibilidade* do Círculo, que torna possível a reconciliação entre a filosofia e a teologia - com a condição de que esta última abandone os seus dogmas materialistas grosseiros. E é por causa da sua rejeição tão pouco sábia da Mônada Pitagórica e das figuras geométricas pitagóricas que a teologia Cristã produziu o seu Deus humano e pessoal, criado por si mesmo, de cuja Cabeça monstruosa fluem em duas correntes os dogmas da Salvação e da Condenação. Isso é tão verdadeiro que mesmo aqueles sacerdotes que seriam filósofos e que eram maçons têm, em suas representações arbitrárias, atribuído aos sábios antigos a estranha ideia de que “a Mônada representava (entre os antigos) *o trono da Divindade Onipotente, colocado no centro do Céu para indicar o G.A.D.U.*”²⁶², isto é, o “Grande Arquiteto do Universo”. Curiosa explicação, esta, mais maçônica do que estritamente pitagórica.

Tampouco o “hierograma dentro de um Círculo, ou Triângulo equilátero”, jamais significou “a exemplificação da unidade da Essência divina”, porque esta unidade era exemplificada pelo plano do Círculo ilimitado. O que ele realmente significava era a Natureza tríplice idêntica à primeira Substância diferenciada, ou a *cosubstancialidade* do Espírito, da matéria e do Universo (manifestados) - o “Filho” do Espírito e da matéria, que surge do Ponto (o real LOGOS esotérico) ou a MÔNADA Pitagórica. Porque a palavra grega *Monas* significa “Unidade” no seu sentido primário. Aqueles que são incapazes de perceber a diferença entre a mônada - a Unidade Universal - e as *Mônadas* ou a Unidade manifestada, assim como entre o LOGOS sempre-oculto e o LOGOS revelado, ou a *Palavra*, jamais deveriam intrometer-se em filosofia, muito menos nas Ciências Esotéricas. Não é necessário lembrar o leitor culto da *Thesis* de

²⁶² “Science of Numbers”, do Reverendo G. Oliver (p. 36). (Nota de H.P. Blavatsky)

Kant que visa demonstrar a sua segunda *Antinomy*.²⁶³ Aqueles que a leram e a compreenderam verão claramente a linha que nós estabelecemos entre o Universo *absolutamente Ideal* e o Cosmo invisível embora manifestado. Os nossos Deuses e Mônadas não são os Elementos da *extensão* em si mesma, mas apenas os Elementos da realidade invisível que é a base do Cosmo manifestado. Nem a filosofia esotérica, nem Kant, nem Leibniz, jamais admitiriam que a extensão pode ser composta de partes simples e não extensas. Mas os teólogos-filósofos não entendem isso. O Círculo e o Ponto, sendo que o Ponto se retira para o Círculo e se dissolve nele, depois de haver emanado os três pontos iniciais e de havê-los conectado com linhas, assim formando a primeira base *numenal* do Segundo Triângulo no Mundo Manifestado, têm sido sempre um obstáculo insuperável para os voos teológicos pelos empíreos dogmáticos. Com base na autoridade deste Símbolo Arcaico, um deus masculino, pessoal, o *Criador e Pai* de todos, se torna uma emanção de terceiro nível, enquanto os Sefirotos ficam em *quarto lugar* na descida, e à esquerda de Ain-Soph (Veja a *Árvore da Vida cabalística*). Assim, a Mônada é rebaixada e fica sendo um Veículo - um “Trono”!

A Mônada - apenas a emanção e o reflexo do Ponto (Logos) no Mundo fenomênico - se transforma, como o *ápice* do triângulo equilátero manifestado, no “Pai”. O lado ou linha da esquerda é a *Díada*, a Mãe, vista como o princípio do mal, da contradição (Plutarco, *De Placitis Placitorum*); o lado direito representa o Filho, “o marido da sua Mãe”, em *todas* as Cosmogonias, como idêntico ao *ápice*; na linha básica está o plano Universal da Natureza produtiva, unificando no plano fenomênico Pai-Mãe-e-Filho, assim como os três foram unificados no *ápice*, para o mundo suprassensível.²⁶⁴ Por uma transmutação mística eles se tornaram o Quaternário - o triângulo se transformou na TÉTRADE.

Esta aplicação transcendental da geometria à teogonia Cósmica e divina - o Alfa e o Ômega da concepção mística - foi prejudicada depois de Pitágoras por Aristóteles. Ao omitir o Ponto e o Círculo, não dando atenção ao ápice, ele reduziu o valor metafísico da ideia, e assim limitou a doutrina da magnitude a uma simples TRIÁDE - a *linha*, a *superfície* e o *corpo*. Os seus herdeiros modernos, que pretendem representar o Idealismo, interpretam estas três figuras geométricas como Espaço, Força e Matéria - “as potências de uma Unidade interativa”.²⁶⁵ A Ciência Materialista, percebendo apenas a linha básica do “triângulo” *manifestado* - o plano da matéria - o traduz na prática como (Pai)-MATÉRIA, (Mãe)-MATÉRIA, e (Filho)-MATÉRIA, e teoricamente como Matéria, Força e Correlação.

²⁶³ Veja “Critique de la Raison Pure”, de Kant, tradução de Barni, vol. II, p. 54. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁶⁴ Nas igrejas grega e latina - que veem o casamento como um dos sacramentos - o sacerdote encarregado da cerimônia de casamento representa o *ápice* do *triângulo*; a noiva é o lado esquerdo, feminino, do triângulo, e o noivo, o lado direito, enquanto a linha horizontal é simbolizada pela fila de testemunhas, pelo padrinho de casamento e pelas damas de honra. Mas atrás do sacerdote há o altar com seus conteúdos misteriosos e seu significado simbólico, e no altar só os sacerdotes consagrados podem entrar. Nos primeiros dias da cristandade, a cerimônia de casamento era um mistério e um verdadeiro símbolo. Agora, no entanto, até mesmo as igrejas esqueceram o verdadeiro significado deste simbolismo. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁶⁵ Veja as obras de Von Hartmann e Herbert Spencer. (Nota de H.P. Blavatsky)

Mas para o Físico médio, segundo a observação de um Cabalista, “o Espaço, a Força, a Matéria, são o mesmo que as expressões algébricas para os matemáticos: apenas símbolos convencionais”; ou “Força como força, e Matéria como matéria, são tão absolutamente incognoscíveis quanto o presumido espaço vazio no qual se considera que elas interagem”. Como símbolos representando abstrações, “o Físico baseia hipóteses raciocinadas sobre a origem das coisas e vê três necessidades no que ele chama de criação: (a) um lugar em que algo será criado; (b) um meio através do qual algo será criado; (c) um material a partir do qual algo será criado. E ao dar uma expressão lógica a esta hipótese através dos termos espaço, força e matéria, ele acredita que provou a existência daquilo que cada um destes termos representa *segundo a concepção dele próprio*.”²⁶⁶

O Físico que vê o Espaço meramente como uma representação da nossa mente, ou como uma extensão sem relação com as coisas que estão nele, e que Locke definiu como sendo incapaz tanto de resistência como de movimento; e o materialista paradoxal que gostaria de ver um *vazio*, lá onde ele não pode ver matéria, iriam rejeitar com supremo desprezo a ideia de que “o Espaço é uma Entidade viva, substancial, embora (na aparência) seja absolutamente incognoscível”. (*New Aspects*, p. 09.) No entanto, este é o ensinamento Cabalístico, e é o ensinamento da filosofia Arcaica. O Espaço é o mundo real, enquanto o nosso mundo é artificial. O Espaço é a Unidade Única ao longo de toda a sua infinitude: nas suas profundidades insondáveis, assim como na sua superfície ilusória; uma superfície cravejada com incontáveis universos fenomênicos, sistemas e mundos semelhantes a miragens. No entanto, para o Ocultista Oriental, que no fundo é um Idealista objetivo, no mundo *real*, que é uma Unidade de Forças, existe “uma conexão de toda matéria no *plenum*”, como Leibniz diria. Isso é simbolizado no Triângulo Pitagórico.

Ele consiste de *dez pontos* inscritos de forma piramidal (desde um até quatro) em suas três linhas externas, e simboliza o Universo na famosa Década pitagórica. O simples ponto no alto é uma Mônada, e representa uma Unidade-Ponto, que é a Unidade desde onde tudo procede, e tudo tem a mesma essência que ela. Enquanto os dez pontos dentro do triângulo representam o mundo fenomênico, os três lados do triângulo equilátero que contém a pirâmide de pontos são as barreiras da Matéria ou Substância *numenal*, que a separam do mundo do Pensamento. “Pitágoras considerava que um *ponto* correspondia, em proporção, à unidade; uma *linha*, ao número 2; uma *superfície*, ao 3; um *sólido*, ao 4; e definiu o ponto como uma Mônada que possui uma posição e constitui o começo de todas as coisas; uma linha era vista como correspondendo à dualidade, porque era produzida pelo primeiro movimento para fora da unidade indivisível, e formava a junção entre dois pontos. Uma superfície era comparada ao número três porque é a primeira de todas as causas que encontramos em figuras²⁶⁷; porque um círculo, que é a principal de todas as figuras redondas, inclui uma tríade, o centro, o espaço, a circunferência. Mas um triângulo, que é a primeira de todas as figuras retilíneas, está incluído num ternário; e recebe a sua forma de acordo com aquele número, e era considerado pelos pitagóricos como o criador de todas as coisas sublunares. Os quatro

²⁶⁶ “New Aspects of Life”, de Henry Pratt, M.D. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁶⁷ No original de 1888, “figures”, palavra que, além de “figura”, significa também forma, emblema, contorno, aparência, imagem, algarismo, símbolo, cifra e diagrama. A relação entre aritmética e geometria fica clara no fato de que a mesma palavra significa “imagem” e “algarismo”. (Nota do Tradutor)

pontos na base do triângulo pitagórico correspondem a um sólido ou cubo, que combina os princípios da extensão, da largura e da profundidade, porque nenhum sólido pode ter menos que quatro pontos extremos em seus limites.” (*Pythag. Triangle*, p. 19)

Argumenta-se que “a mente humana não pode conceber uma unidade indivisível sem a aniquilação da ideia com o seu assunto”. Isso é um erro, conforme os pitagóricos comprovaram, e um grande número de Videntes antes deles, embora exista uma forma especial de treinamento para isso, e embora a mente profana dificilmente possa captá-lo. Mas existem coisas como a *metamatemática* e a *metageometria*. Mesmo a pura e simples matemática procede desde o Universal para o particular, isto é, desde o Ponto matemático, portanto *indivisível*, para as figuras sólidas. O ensinamento teve origem na Índia, e foi ensinado na Europa por Pitágoras. Lançando um véu sobre o Círculo e o Ponto - que nenhuma pessoa viva pode definir exceto como abstrações incompreensíveis - ele colocou a origem da matéria Cósmica diferenciada na linha básica ou horizontal do Triângulo. Assim este último se tornou a primeira figura geométrica. Ao escrever sobre os Mistérios Cabalísticos, o autor de “*New Aspects of Life*” argumenta contra a materialização, digamos assim, da concepção pitagórica e do uso do triângulo equilátero e chama isso de “*dar um nome errado às coisas*”. O seu argumento de que um corpo sólido equilátero - “um corpo cuja base, e cada um dos seus lados, formam triângulos iguais - deve ter quatro lados ou superfícies coiguais, enquanto um plano triangular necessariamente possuirá cinco”, demonstra ao contrário o caráter grandioso da concepção em toda a sua aplicação esotérica à ideia da *pré-gênese*, e da gênese do Cosmos. É fato que um triângulo ideal, descrito com linhas matemáticas, imaginárias, “não pode ter lado algum, sendo apenas *um fantasma da mente* (se forem atribuídos lados a ele, devem ser os lados do objeto que ele representa construtivamente)”. Mas em tal caso a maior parte das hipóteses científicas não passam de “fantasmas da mente”; elas são inverificáveis, exceto por inferência, e têm sido adotadas apenas para atender necessidades científicas. Além disso, o triângulo ideal - “como a ideia abstrata de um corpo triangular, e, portanto, como o *tipo* de uma ideia abstrata” - realizou e desenvolveu à perfeição o duplo simbolismo desejado. Como emblema aplicável à ideia objetiva, um simples triângulo se tornou um sólido. Quando repetido em pedra nos quatro pontos cardeais, assumiu a forma da Pirâmide - o símbolo do Universo fenomênico diluindo-se no Universo numenal de pensamento - no ápice dos quatro triângulos; e, como uma “figura imaginária constituída por três linhas matemáticas”, ele simbolizou as esferas subjetivas - aquelas linhas “fechando um espaço matemático, o que é o mesmo que o nada fechando um nada”. Porque, para os sentidos e a consciência não-treinada do profano e do cientista, tudo o que está além da linha da matéria diferenciada - isto é, fora e além do reino mesmo da mais espiritual *substância* - tem que permanecer para sempre *igual a nada*. É o AIN-SOPH - Não-COISA, Nada.

No entanto estes “fantasmas da mente” na verdade não são abstrações maiores que as ideias abstratas em geral sobre a evolução e o desenvolvimento físico - isto é, Gravidade, Matéria, Força, etc. - sobre as quais se baseiam as ciências exatas. Os nossos mais eminentes Químicos e Físicos estão realizando intensamente uma tentativa que não é destituída de esperanças, no sentido de finalmente identificar o esconderijo do *protito*, na linha básica do triângulo pitagórico. Esta última, conforme foi dito, é a mais grandiosa das concepções que se possa imaginar, porque simboliza tanto o universo

ideal como o universo visível.²⁶⁸ Porque se “*a unidade possível só é uma possibilidade de fato sendo uma realidade da natureza, como um indivíduo de algum tipo*”, e como todo indivíduo natural é capaz de divisão, e através da sua divisão perde a sua unidade, ou *deixa de ser uma unidade*²⁶⁹, ela só será uma possibilidade no reino das ciências exatas em um mundo que é tão enganoso quanto ilusório. No reino das ciências Esotéricas, a unidade, dividida *ad infinitum*, ao invés de perder a sua unidade, aproxima-se a cada divisão dos planos da única REALIDADE eterna. Os olhos do VIDENTE podem segui-la e enxergá-la em toda a sua glória pregenética. Esta mesma ideia da realidade do universo subjetivo, e da irreabilidade dos universos objetivos, pode ser encontrada na base dos ensinamentos pitagóricos e platônicos - mas limitada apenas aos *Eleitos*; porque Porfírio, falando da *Mônada* e da *Díada*, afirma que apenas a *Mônada* era considerada substancial e real, “*aquele Ser que é o mais simples dos Seres, a causa de toda unidade e a medida de todas as coisas*”.

Mas a Díada, embora seja a origem do Mal, ou da Matéria - portanto *irreal* em filosofia - ainda é Substância durante o Manvântara, e é com frequência chamada de *terceira mônada*, em Ocultismo, e considerada a linha de conexão entre dois Pontos, ou Números que procedem DAQUILO, “que já estava antes de todos os Números”, tal como expressado pelo rabino Barahiel. E desta Díada surgiram todas as *Scintillas* dos três mundos ou planos superiores e dos quatro mundos ou planos inferiores - que estão em constante interação e correspondência. Este é o ensinamento que a Cabala tem em comum com o Ocultismo Oriental. Porque na filosofia oculta existe a “Causa ÚNICA” e a “Causa Primária”, a última das quais se torna, paradoxalmente, a segunda causa, conforme é expressado claramente pelo autor de “*Qabbalah, the Philosophical Writings of Ibn Gebirol*”²⁷⁰, - “no tratamento da Causa Primária, duas coisas devem ser consideradas, a Causa Primária em si, e a relação e conexão da Causa Primária com o universo visível e o universo invisível.” Assim ele mostra que os primeiros hebreus seguiam os passos da filosofia Oriental - caldaica, persa, hindu, árabe, etc. A Causa Primária deles foi designada inicialmente “pelo Shaddai triádico, o (trino) Todo-poderoso, e mais tarde pelo Tetragrammaton, YHVH, símbolo do Passado, Presente e Futuro”, e, devemos acrescentar, do eterno É, ou EU SOU. Além disso, na Cabala o nome YHVH (ou Jeová) expressa um Ele e um Ela, macho e fêmea, dois em um, ou Hokhmah e Binah, e a *Shekinah* dele, ou melhor, deles, o espírito (graça) sintetizador, que novamente faz da Díada uma Triade. Isso é demonstrado na Liturgia Judaica do Pentecostes, e na oração “Em nome da Unidade, do Sagrado e do Abençoado Hû (He) e Sua Shekinah, o Oculto e Escondido Hû, abençoado seja YHVH (o Quaternário) para sempre.” “Afirma-se que Hû é masculino e YAH feminina, juntos eles fazem יְהוָה אֵחָד, isto é, um YHVH. Um, mas com uma característica masculina-feminina. Shekinah é sempre considerada em Cabala como feminina.” (p. 175) E ela é considerada assim nos Puranas *exotéricos*, porque Shekinah não é nada além de *Shakti*, o duplo feminino ou revestimento interno de qualquer deus, neste caso. E era a mesma coisa entre os primeiros cristãos, cujo Espírito Santo era feminino, assim como Sofia

²⁶⁸ No mundo da Forma, tendo encontrado a sua expressão nas Pirâmides, o Simbolismo tem nelas tanto um triângulo como um quadrado, com os seus quatro triângulos ou superfícies coiguais, os quatro pontos básicos, e o quinto - o *ápice*. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁶⁹ “New Aspects of Life”. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁷⁰ A obra está disponível nos websites da Loja Independente de Teosofistas: [Qabbalah, the Philosophical Writings of Ibn Gebirol](#). (Nota do Tradutor)

entre os Gnósticos. Mas na transcendental Cabala Caldaica, ou “Livro dos Números”, “Shekinah” é destituída de sexo, e constitui a mais pura abstração, um Estado, como o Nirvana, que não é sujeito nem objeto de nada, exceto uma PRESENÇA absoluta.

Assim, é apenas nos sistemas antropomorfizados (tal como aquilo em que a Cabala agora se transformou em grande parte) que Shekinah-Shakti é feminina. Como tal ela se torna a *Díada* de Pitágoras. As duas linhas retas do símbolo nunca podem encontrar-se, e portanto não formam qualquer figura geométrica, e são o símbolo da matéria. A partir desta Díada, quando unida em uma linha básica do triângulo no plano inferior (o Triângulo superior da Árvore Sefirotal), emergem os Elohim, ou a Divindade na Natureza *Cósmica*, entre os verdadeiros Cabalistas, a designação mais inferior, traduzida na Bíblia como “Deus” (veja a mesma obra e mesma página). ²⁷¹ Destes saem as *Centelhas*.

As *Centelhas* são as “Almas”, e estas Almas aparecem na tríplice forma de Mônadas (unidades), átomos e deuses - de acordo com o nosso ensinamento. “Cada átomo se torna uma unidade complexa visível (uma molécula), e uma vez atraído para a esfera da atividade terrestre, a Essência Monádica, passando através dos reinos mineral, vegetal e animal, se torna homem.” (Catecismo Esotérico.) Outra vez, “Deus, Mônada, e Átomo correspondem a Espírito, Mente e Corpo (*Atma, Manas, e Sthula-Sharira*), no ser humano”. Na sua agregação setenária, eles são o “Homem Celestial” (Veja *Cabala* a respeito deste termo); assim, o homem terrestre é o reflexo provisório do Homem Celestial (...). “As Mônadas (*Jivas*) são as Almas dos Átomos, ambos são o tecido com o qual os Chohans (Dhyanis, *deuses*) se vestem quando uma forma se torna necessária.” (Catecismo Esotérico.)

Isso diz respeito às Mônadas Cósmicas e subplanetárias, não à *Monas* Supra-Cósmica (a Mônada Pitagórica), como é chamada, no seu caráter sintético, pelos peripatéticos panteístas. As Mônadas da presente dissertação são tratadas desde o ponto de vista da individualidade delas, como *Almas atômicas*, antes que estes átomos desçam até a forma puramente terrestre. Porque esta descida até a matéria *concreta* marca o ponto médio da sua própria peregrinação individual. Aqui, perdendo no reino mineral a sua individualidade, as mônadas começam a subir através dos sete estados da evolução terrestre para aquele ponto em que é firmemente estabelecida uma correspondência entre a consciência humana e a consciência divina (*Deva*). Neste momento, no entanto, não vamos tratar das suas metamorfoses e tribulações terrestres, mas sim da sua vida e do seu comportamento no Espaço, em planos em que nem a visão do mais intuitivo Químico ou Físico pode alcançá-las - a menos, realmente, que ele desenvolva em si mesmo faculdades altamente clarividentes.

É bem sabido que Leibniz chegou várias vezes bem perto da verdade, mas definiu a evolução monádica incorretamente, o que não pode ser nenhuma surpresa, já que ele

²⁷¹ Obras recentes do Sr. Isaac Myer (autor de “[Qabbalah](#)”) e do Sr. S.L. MacGregor Mathers justificam amplamente a nossa atitude em relação à divindade Jeovística. Não é à abstração transcendental, filosófica e altamente metafísica do pensamento Cabalista original - Ain-Soph-Shekinah-Adão-Cadmon e tudo o que segue - que nós nos opomos, mas à cristalização de todas estas ideias no altamente não-filosófico, repulsivo e antropomórfico Jeová, a divindade andrógina e *finita* à qual se atribui eternidade, onipotência, e onisciência. Nós não fazemos guerra contra a REALIDADE IDEAL, mas sim contra a horrível *Sombra* teológica. (Nota de H.P. Blavatsky)

não era um INICIADO, e nem mesmo um Místico, apenas um filósofo muito intuitivo. No entanto, nenhum psico-Físico chegou mais perto do que ele em relação à visão esotérica geral da evolução. Esta evolução - vista desde suas várias perspectivas, isto é, como Mônada *universal* e como Mônada *individualizada* - e os principais aspectos da Energia em Evolução, depois da diferenciação - o puramente Espiritual, o Intelectual, o Psíquico e o Físico - podem, assim, ser formulados como uma lei invariável; uma descida do Espírito até a Matéria, equivalente a uma ascensão em evolução física; uma re-ascensão desde as profundezas da materialidade para o *status quo* anterior, com uma dissipação correspondente da forma e da substância concreta até o estado LAYA, ou o que a Ciência chama de “ponto-zero”, e mais além.

Estes estados - uma vez que o espírito da filosofia Esotérica é captado - se tornam absolutamente necessários a partir de simples considerações lógicas e analógicas. Uma vez que a Ciência Física agora estabeleceu, através do seu departamento de Química, a lei invariável desta evolução dos átomos - desde o seu “estado de protilo” até o estado de uma partícula física e depois de uma partícula química (ou molécula) - ela não pode rejeitar o caráter geral desta lei. E já que ela é forçada por seus adversários - a Metafísica e a Psicologia ²⁷², - a sair das suas fortalezas inexpugnáveis, ela descobrirá que é mais difícil do que agora parece recusar espaço *nos Espaços* do ESPAÇO para Espíritos Planetários (deuses), Elementais, e mesmo para Fantasmas *Elementários* ou Espíritos, e outros. Figuier e Paul D’Assier, dois positivistas e materialistas, já sucumbiram diante desta necessidade lógica. Outros cientistas, de ainda mais destaque, se somarão a esta “QUEDA intelectual”. Eles serão arrastados para fora da sua posição, não por fenômenos espíritas, teosóficos, nem por quaisquer outros fenômenos físicos ou mesmo mentais, mas simplesmente pelas enormes *fissuras* e *abismos* que se abrem diariamente e ainda se abrirão diante deles, à medida que uma descoberta se segue à outra, até que finalmente eles são derrubados pela nona onda ²⁷³ do simples bom senso e já não conseguem equilibrar-se sobre os seus pés.

Aqui está um exemplo: a mais recente descoberta do professor W. Crookes, do que ele chamou de *protilo*. Em “Notes on the Bhagavat Gita”, de um dos melhores eruditos metafísicos e Vedantas da Índia ²⁷⁴, o palestrante, referindo-se cautelosamente a “coisas ocultas” naquele grande livro esotérico indiano, faz uma observação que é tão sugestiva quanto completamente correta: “..... Não é necessário que eu entre nos detalhes da evolução do sistema solar propriamente dito. Você pode obter alguma ideia *da maneira* pela qual os vários elementos passam a existir a partir destes TRÊS princípios nos quais MULAPRAKRITI *se diferencia* (o triângulo Pitagórico), se você examinar a palestra

²⁷² A palavra “Psicologia” não deve induzir o leitor a pensar nos modernos “psicólogos”, assim chamados, cujo *idealismo* é apenas outro nome para um materialismo radical, e cujo pretendido Monismo não passa de uma máscara para esconder o vazio da aniquilação final - até mesmo da consciência. Aqui nos referimos à psicologia *Espiritual*. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁷³ A expressão “nona onda” se refere a uma velha tradição de navegadores segundo a qual, em uma sucessão de ondas de tamanho crescente, a nona onda tem poder devastador. (Nota do Tradutor)

²⁷⁴ Neste ponto, Blavatsky dá em nota de rodapé as seguintes referências: “T. Subba Row, veja ‘The Theosophist’, Fevereiro de 1887.” O texto sobre o *Bhagavad Gita* hoje constitui um livro publicado pela Theosophical University Press: “Notes on the Bhagavad Gita”, T. Subba Row, TUP, Pasadena, Califórnia, 1938 e 1978, 127 páginas além de Index. (Nota do Tradutor)

dada pelo professor Crookes, pouco tempo atrás, sobre os chamados elementos da Química moderna. Esta palestra dará a você alguma ideia da maneira como estes Elementos surgem de *Vishwanara* ²⁷⁵, o mais objetivo destes três princípios, que parece estar no lugar do *protilo* mencionado naquela palestra. *Exceto em alguns detalhes*, esta palestra parece dar as linhas gerais da teoria da evolução física no plano de *Vishwanara*, e é, até onde eu sei, *o enfoque feito por investigadores modernos mais próximo DA VERDADEIRA TEORIA OCULTA sobre o assunto.*”

Estas palavras são repetidas e aprovadas por todo Ocultista Oriental. Já foram feitas muitas citações das palestras do Prof. Crookes na Seção 12 (“Pensamento Antigo em Roupagem Moderna”) desta Parte III do Volume I, “Adendos”. Desde então foi dada outra palestra, tão notável como a primeira, sobre “A Gênese dos Elementos” ²⁷⁶, e também uma terceira. Aqui nós temos quase uma corroboração dos ensinamentos da filosofia Esotérica sobre o modo da evolução primordial. É, de fato, *um enfoque tão próximo* da Doutrina Secreta, feito por um grande erudito e especialista em Química ²⁷⁷, quanto é possível fazer sem a aplicação das mônadas e dos átomos às doutrinas da pura metafísica transcendental, e sua correlação e conexão com “Deuses e Mônadas inteligentes e Conscientes”. Mas a Química está agora no seu plano ascendente, graças a um dos seus mais elevados representantes europeus. É impossível para ela voltar atrás até os dias em que o materialismo via os seus *sub*-elementos como corpos absolutamente simples e homogêneos, os quais ele havia elevado, em sua cegueira, à categoria de elementos. A máscara foi arrancada por uma mão tão hábil que não há possibilidade de um novo disfarce. E depois de anos de pseudologia, de moléculas bastardas desfilando sob o nome de elementos, atrás das quais e além das quais nada poderia existir exceto um vazio, um grande professor de Química pergunta uma vez mais: “O que são estes elementos, de onde eles vêm, qual é o significado deles? Estes elementos nos causam perplexidade durante nossas pesquisas, nos deixam confusos em nossas especulações, e nos perseguem até em nossos sonhos. Eles se estendem diante de nós como um mar desconhecido - zombando, causando assombro e murmurando estranhas revelações e possibilidades.” (*Gen. of Elem.*, p. 1.)

Aqueles que são herdeiros das revelações primordiais têm ensinado sobre estas “possibilidades” século após século, mas nunca foram devidamente escutados. As verdades que inspiraram Kepler, Leibniz, Gassendi, Swedenborg, etc., estavam sempre misturadas com as suas próprias especulações numa ou noutra direção predeterminada - e portanto distorcidas. Mas agora uma das grandes verdades foi percebida por um eminente professor da ciência exata moderna, e ele proclama destemidamente como um

²⁷⁵ “*Vishwanara* não é meramente o mundo manifestado objetivo, mas a base física única (a linha horizontal do triângulo) a partir da qual todo o mundo objetivo começa a existir.” E esta é a *Diada* Cósmica, a Substância andrógina. Mais além dela existe apenas o verdadeiro *Protilo*. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁷⁶ De W. Crookes, F.R.S., V.P.C.S., realizada na Royal Institution, em Londres, na sexta-feira, 18 de fevereiro de 1887. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁷⁷ Até que ponto o enfoque é verdadeiro é algo que será demonstrado apenas no dia em que a sua descoberta da matéria radiante terá resultado em uma elucidação mais adiantada em relação à verdadeira fonte da luz, revolucionando todas as especulações atuais. Uma maior familiaridade com as correntes de luz da Aurora Boreal poderá ajudar o reconhecimento desta verdade. (Nota de H.P. Blavatsky)

axioma fundamental que a Ciência está familiarizada, até agora, com os *verdadeiros* elementos simples. Porque o professor Crookes fala à sua audiência:

“Se eu me aventuro a dizer *que os nossos elementos comumente aceitos NÃO são simples e primordiais*, que eles *não* surgiram por acaso ou *não* foram criados como fatos isolados nem de maneira mecânica, mas evoluíram desde matérias mais simples - ou talvez, de fato, a partir de um só tipo de matéria - eu apenas dou uma expressão formal a uma ideia que tem estado há algum tempo, digamos assim, ‘no ar’ da ciência. Químicos, Físicos, e Filósofos de grande mérito declaram explicitamente a sua crença de que os setenta (aproximadamente) elementos dos nossos manuais não são como os pilares de Hércules, que nunca poderemos ultrapassar.” (.....) “Filósofos atuais, assim como Filósofos do passado - homens que certamente não trabalharam em laboratório - chegaram à mesma visão desde outro lado. Assim, o sr. Herbert Spencer registra a sua convicção de que ‘os átomos químicos são produzidos a partir dos átomos verdadeiros ou físicos por processos de evolução sob condições que a Química ainda não é capaz de produzir.’ (...) E o poeta antecipou o filósofo. Milton (em ‘O Paraíso Perdido’, Livro V) faz o Arcanjo Rafael dizer a Adão, imbuído da ideia da evolução, que o Todo-Poderoso havia criado -

(...) ‘Uma primeira matéria,
Dotada de várias formas, vários graus
De substância’.”

No entanto, a ideia teria permanecido cristalizada “no ar da Ciência”, e não teria descido até a atmosfera densa do materialismo e dos mortais profanos durante muitos anos, talvez, se o professor Crookes não a tivesse reduzido destemida e corajosamente aos seus simples elementos, e assim publicamente forçado a Ciência a levá-la em conta. “Uma ideia”, diz Plutarco, “é um *ser* incorpóreo, que não tem subsistência por si mesmo, mas dá figura e forma à matéria sem forma, e *se torna a causa da manifestação*”. (*De Placit. Philos.*) A revolução produzida na velha Química por Avogadro foi a primeira página no volume da *Nova Química*. O Sr. Crookes virou agora a segunda página, e está apontando audaciosamente *para o que pode ser a última*. Porque uma vez que o *protílo* seja aceito e reconhecido - *como foi o Éter invisível, ambos sendo necessidades lógicas e científicas* - a Química terá virtualmente deixado de viver: ela reaparecerá na sua nova encarnação como *Nova Alquimia*, ou METAQUÍMICA. O descobridor da matéria radiante terá resgatado e legitimado a tempo as obras arianas arcaicas sobre Ocultismo e até mesmo os Vedas e os Puranas. Porque, o que são os manifestados “Mãe”, o “Pai-Filho-Marido” (Aditi e Daksha, uma forma de Brahma, como Criadores) e o “Filho” - os três “Primogênitos” - *exceto simplesmente o Hidrogênio, o Oxigênio* e aquilo que na sua manifestação terrestre é chamado de *nitrogênio*? Até mesmo as descrições exotéricas da tríade de “Primogênitos” dão todas as características destes três *gases*. Priestley, o “descobridor” do Oxigênio, ou daquilo que era conhecido na mais alta antiguidade!

No entanto, todos os poetas e filósofos, antigos, medievais e modernos foram antecipados mesmo nos livros hindus exotéricos. Segundo Descartes, o *plenum* da matéria se diferenciava em partículas; o *Fluido Etéreo* de Leibniz e o “fluido primitivo” de Kant se dissolviam em seus elementos; o Vórtice Solar e os Vórtices Sistemáticos de Kepler; em resumo, a partir dos Vórtices Elementais inaugurados pela mente universal - desde Anaxágoras até Galileu, Torricelli e Swedenborg, e depois deles até as mais

recentes especulações dos místicos europeus - tudo isso é encontrado nos Hinos e Mantras hindus dedicados aos “Deuses, Mônadas e Átomos” em seu conjunto, porque são inseparáveis. Nos ensinamentos esotéricos, as mais transcendentais concepções do universo e dos seus mistérios e as especulações (aparentemente) mais materialistas são reconciliadas, porque estas ciências abarcam todo o conjunto da evolução desde o espírito até a matéria. Segundo foi dito por um teosofista norte-americano, “as Mônadas (de Leibniz) podem desde um certo ponto de vista ser chamadas de *força*, e de outro ponto de vista, de *matéria*. Para a Ciência oculta, *força* e *matéria* são apenas dois lados da mesma SUBSTÂNCIA.” (Revista “Path”, número 10, p. 297.)

Cabe ao leitor lembrar destas Mônadas de Leibniz - cada uma das quais é um espelho vivo do universo; cada uma refletindo todas as outras - e comparar esta visão e esta definição com certas estâncias sânscritas (*Slokas*)²⁷⁸ traduzidas por Sir William Jones, nas quais é dito que a fonte criativa da Mente Divina, (...) “Oculta num véu de grossa escuridão, formou *espelhos dos átomos* do mundo, e lançou um *reflexo da sua própria face em cada átomo*”.

Quando, portanto, o professor Crookes declara que “se pudermos mostrar como os chamados elementos químicos poderiam ter sido gerados, nós seremos capazes de preencher uma lacuna formidável em nosso conhecimento do universo (...)” - a resposta está pronta. O conhecimento teórico está contido no significado esotérico de todas as cosmogonias hindus presentes nos *Puranas*; a demonstração prática delas está nas mãos daqueles que não serão reconhecidos *neste* século, exceto por muito poucos. As possibilidades científicas de várias descobertas que devem inexoravelmente levar a ciência exata à aceitação de pontos de vista do Ocultismo Oriental, os quais contêm todo o material necessário para que sejam preenchidas aquelas “lacunas” estão, até o momento atual, à mercê do materialismo moderno. É apenas trabalhando na direção tomada pelo professor Crookes que pode haver qualquer esperança de que sejam reconhecidas algumas verdades até aqui Ocultas.²⁷⁹

Enquanto isso, quem quiser alcançar um vislumbre em um diagrama prático da evolução da matéria primordial, a qual, separando-se e diferenciando-se sob o impulso da lei cíclica, divide-se em uma gradação setenária da SUBSTÂNCIA (desde um ponto de vista geral) não poderá fazer nada melhor que examinar os gráficos anexados ao texto da palestra do Sr. Crookes “Genesis of the Elements”, e ponderar profundamente sobre algumas passagens do texto. Em determinado trecho (p. 11), ele diz:

²⁷⁸ *Slokas*: versos sagrados. (Nota do Tradutor)

²⁷⁹ De fato, desde que Helena Blavatsky saiu de cena em 1891 e até pelo menos a primeira parte do século 21, o “avanço” da ciência exata continuou cada vez mais “à mercê do materialismo”. A situação ficou especialmente difícil depois de Albert Einstein, uma figura excepcional e que teve muito em comum com a teosofia autêntica. A partir da segunda metade do século 20, apenas alguns poucos cientistas íntegros como Fritjof Capra, Rupert Sheldrake, James Lovelock, David Bohm, Fred Hoyle, e outros, foram brilhantes exceções e pontos de luz em meio à decadência ética geral e crescente dos meios “científicos”. Ao invés de ser guiado pela busca da verdade, o mundo dos “cientistas” foi vergonhosamente dominado pela busca de lucros financeiros e de poder político e militar. O abuso de poder das grandes indústrias farmacêuticas, na Medicina, e das grandes indústrias de armas, inclusive atômicas, são apenas dois exemplos entre os muitos aspectos da falência ética dos cientistas, transformados em funcionários subalternos e lacaios desorientados de um capitalismo monopolista internacional cuja cegueira ética é notável. (Nota do Tradutor)

“(.....) Nossas noções sobre o elemento químico se expandiram. Até aqui a molécula tem sido vista como um agregado de dois ou mais átomos, e nenhuma avaliação foi feita do plano arquitetônico com base no qual estes átomos se reuniram. Podemos considerar que a estrutura de um elemento químico é mais complicada do que se supôs até hoje. Entre as moléculas com que estamos acostumados a lidar em reações químicas e os átomos finais tal como criados pela primeira vez, vêm moléculas menores ou agregados de átomos físicos; depois, as submoléculas diferem umas das outras, segundo a posição que ocupam na construção do ítrio.”

“Talvez esta hipótese possa ser simplificada se imaginarmos o ítrio sendo representado por uma moeda de cinco xelins. Através de um fracionamento químico eu dividi a moeda em cinco xelins separados, e percebi que estes xelins não são contrapartes um do outro, mas, tal como os átomos de carbono no anel de benzol, trazem as marcas das suas posições, 1, 2, 3, 4, 5, registradas neles (.....). Se eu atiro os meus xelins no cadinho ou os dissolvo quimicamente, as marcas gravadas desaparecem e todos eles se mostram como prata.” (.....)

Este é o caso com todos os átomos e moléculas quando eles se separaram das suas formas e corpos compostos - quando o *pralaya* se estabelece. Reverta a situação, e imagine a aurora de um novo manvântara. A pura “prata” do material absorvido vai uma vez mais separar-se como SUBSTÂNCIA, que irá gerar “Essências Divinas”, cujos “princípios” ²⁸⁰ são os elementos primários, os sub-elementos, as energias físicas e a matéria subjetiva e objetiva; ou, como elas são epitomizadas - DEUSES, MÔNADAS E ÁTOMOS. Se deixarmos de lado por um momento o aspecto metafísico ou transcendental da questão - se excluirmos das presentes considerações os seres e entidades suprassensoriais e inteligentes em que acreditam os cabalistas e os cristãos - e nos voltarmos para a teoria atômica da evolução, ainda veremos que os ensinamentos ocultos são corroborados pela ciência Exata e pelas confissões dela, pelo menos no que se refere aos elementos supostamente “simples” agora subitamente degradados à condição de parentes pobres e distantes, nem mesmo como primos de segundo grau. Porque o professor Crookes afirma:

“Até aqui, tem sido considerado que se o peso atômico de um metal, determinado por diferentes observadores, a partir de diferentes compostos, é sempre verificado como constante (.....) então tal metal deve ser classificado corretamente como parte dos corpos simples ou elementares. Agora descobrimos (.....) que este não é mais o caso. Novamente, temos aqui rodas dentro de rodas. O gadolínio não é um elemento, mas um composto. Nós já demonstramos que o ítrio é um complexo de cinco ou mais novos constituintes. E quem se pode aventurar a negar que estes constituintes, se atacados de alguma maneira diferente, e se o resultado for submetido a um teste mais delicado e mais intenso que o teste da matéria radiante, possam ser, eles próprios, também divisíveis? Onde está, então, o real elemento último? À medida que nós avançamos, ele recua, tal como a miragem atormentadora de lagos e bosques vistos no deserto pelo viajante cansado e sedento. Estaremos destinados, em nossa busca pela verdade, a ser iludidos e desorientados desta maneira? A própria ideia de um elemento que seja algo

²⁸⁰ Correspondendo na escala cósmica ao Espírito, à mente-Alma, à Vida e aos três *Veículos* - o corpo astral, o corpo *Mayáxico* e o corpo físico (dos seres humanos), seja qual for a divisão que se faça. (Nota de H.P. Blavatsky)

absolutamente primário e último parece estar ficando cada vez menos nítida (...). (p. 160)

Na página 429 de *Isis Unveiled*, volume I ²⁸¹, nós dizemos que “o mistério da primeira criação, que sempre foi o desespero da ciência, é indevassável, a menos que eles (os Cientistas) aceitem a doutrina de Hermes. *Eles terão de seguir as pegadas deixadas pelos herméticos*”. Nossa profecia começa a ganhar força.

Mas entre Hermes e Huxley há um meio-termo. Que os cientistas lancem uma ponte até a metade do caminho e pensem seriamente sobre as teorias de Leibniz. Nós já mostramos as *nossas* teorias em relação à evolução atômica - a formação última dos átomos em moléculas químicas compostas que são produzidas dentro das nossas oficinas terrestres na atmosfera da Terra e não em qualquer outro lugar - como algo que estranhamente se harmoniza com a evolução dos átomos mostrada nos gráficos do Sr. Crookes. Já afirmamos várias vezes no presente volume que *Marttanda* (o Sol) havia evoluído e se agregado, junto com os seus sete Irmãos menores, a partir do seio da sua Mãe (Aditi), sendo aquele seio a MATÉR-ia *prima*, o *protilo* primordial do palestrante. As doutrinas esotéricas ensinam sobre a existência de “uma forma anterior de energia com vários ciclos periódicos de fluxo e refluxo, descanso e atividade” (p. 21) - e agora vemos um grande erudito da ciência pedindo ao mundo que aceite isto como um dos postulados. Nós mostramos a “Mãe”, ígnea e quente, tornando-se pouco a pouco fria e radiante, e aquele mesmo cientista afirma como seu segundo postulado, uma *necessidade científica*, segundo parece - “uma ação interna semelhante ao esfriamento, operando lentamente no protilo”. A Ciência Oculta ensina que a “Mãe” está deitada na infinidade (durante o *Pralaya*), como o grande Profundo ²⁸², como as “Águas secas do Espaço”, segundo a pitoresca expressão usada no *Catecismo*, e fica *molhada* só depois da separação e do movimento, sobre a sua face, de *Narayana*, o “Espírito que é a Chama invisível, que jamais queima, mas coloca em chamas tudo o que toca, e que dá à Mãe vida e geração”. ²⁸³ E agora a Ciência nos diz que “o elemento primogênito (.....) mais próximo do protilo” (.....) seria “o *hidrogênio* o qual por algum tempo seria a única forma existente de matéria” no Universo. O que diz a *Antiga Ciência*? Ela responde: Exatamente; mas nós preferimos chamar o Hidrogênio e o Oxigênio (que instila o fogo da vida na “Mãe” por incubação) nas eras *pregenéticas* e mesmo pré-geológicas - o *Espírito*, o *númeno* daquilo que se torna, na sua forma mais densa, o oxigênio, o hidrogênio e o nitrogênio na Terra - sendo que o nitrogênio não tem origem divina, mas é apenas um cimento nascido da Terra que serve para unir outros gases e fluidos, e funciona como uma esponja para carregar em si a respiração da VIDA - o ar puro. ²⁸⁴ Antes de estes *gases* se tornarem o que são em *nossa* atmosfera, eles são Éter

²⁸¹ “Ísis Sem Véu”, H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, SP, volume II, p. 125. (Nota do Tradutor)

²⁸² “O grande Profundo”: o grande Abismo. No original, “*the great Deep*”. A expressão pode ser traduzida das duas maneiras, e ocorre com frequência na presente obra. O termo “Profundo” é a tradução literal e direta de “Deep”, e é usável como substantivo em português. (Nota do Tradutor)

²⁸³ “O Senhor é um *fogo* consumidor.” (...) “Nele estava a *vida*, e a vida era a luz dos homens.” (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁸⁴ O qual, se fosse separado ALQUIMICAMENTE, produziria o Espírito da Vida, e o seu *Elixir*. (Nota de H.P. Blavatsky)

interestelar; antes disso ainda, e num plano *mais profundo*, eles são algo diferente, e assim sucessivamente, *até o infinito*. O eminente e erudito cavalheiro deve perdoar uma Ocultista por citá-lo tão extensamente; mas este será o castigo de um Membro da Royal Society que se aproxima de tal modo dos precintos do Sagrado Santuário dos mistérios Ocultos, que chega ao ponto de virtualmente ultrapassar as fronteiras do território proibido.

Mas chegou o momento de deixar de lado a ciência *física* moderna e voltar-nos para o lado psicológico e metafísico da questão. Nós gostaríamos apenas de destacar que além dos “dois postulados muito razoáveis” requeridos pelo eminente palestrante, “para obter um vislumbre de alguns poucos dos segredos tão obscuramente ocultos” atrás “da porta do Desconhecido”, um terceiro postulado deve ser acrescentado ²⁸⁵ - para que nenhum ataque àquela porta tivesse êxito; o postulado de que Leibniz, em suas especulações, se manteve sobre uma firme base de fatos e verdade. A admirável e bem pensada sinopse destas especulações - tal como dada por John Theodore Merz em seu livro “Leibniz” - mostra quão perto ele chegou dos segredos ocultos da Teogonia esotérica em sua obra *Monadologia*. E no entanto aquele filósofo dificilmente ergueu-se, em suas especulações, acima dos primeiros planos, os princípios inferiores do Grande Corpo Cósmico. A sua teoria não se eleva até altitudes superiores às da vida, da autoconsciência e da inteligência *manifestadas*, deixando intocadas as regiões mais antigas dos mistérios posgenéticos, já que o seu fluido etéreo é pós-planetário.

Mas este terceiro postulado dificilmente será aceito pelos cientistas modernos; e, como Descartes, eles irão preferir manter-se apegados às propriedades das coisas externas - como a extensão - que não podem explicar o fenômeno do movimento, ao invés de aceitar o movimento como uma Força independente. Eles jamais vão se tornar anti-Cartesianos nesta geração; nem vão admitir que “esta propriedade da inércia não é uma propriedade puramente geométrica, que ela indica a existência de algo nos corpos externos que não é apenas extensão”. Esta é a ideia de Leibniz tal como analisada por Merz, que acrescenta que ele chamou este *algo* de Força, e afirmou que coisas externas eram dotadas de Força, e que para disporem desta força elas precisam ter uma substância, porque elas não são massas inertes e sem vida, mas centros e portadores de forma, uma afirmação puramente esotérica, já que *força* segundo Leibniz é um princípio *ativo*, e a divisão entre mente e matéria desaparece a partir desta conclusão. Mas -

“As investigações matemáticas e dinâmicas de Leibniz não teriam levado ao mesmo resultado na mente de um pesquisador puramente científico. Porém Leibniz não era um cientista no sentido moderno da palavra. Se fosse, ele poderia ter avançado mais com o conceito de energia, poderia ter definido matematicamente as ideias de força e de trabalho mecânico, e chegado à conclusão de que até mesmo para propósitos puramente científicos é desejável olhar para a ideia de força não como uma quantidade primária, mas como uma quantidade derivada de algum outro valor.”

Mas, felizmente para o caminho da verdade -

²⁸⁵ Em primeiro lugar, o postulado de que não há na Natureza uma coisa tal como substâncias ou corpos *inorgânicos*. Pedras, minerais, rochas, e mesmo “átomos” químicos são simplesmente unidades orgânicas em letargia profunda. O seu coma tem um fim, e a sua inércia se torna atividade. (Nota de H.P. Blavatsky)

“Leibniz era um filósofo; e como tal ele tinha certos princípios primários, que o inclinavam na direção de determinadas conclusões, e a sua descoberta de que as coisas externas eram substâncias dotadas de força foi usada de imediato para aplicar estes princípios. Um destes princípios era a lei da continuidade, a convicção de que o mundo todo estava conectado, de que não havia lacunas ou abismos sobre os quais não pudessem surgir pontes. O contraste de substâncias pensantes extensas era inaceitável para ele. A definição das substâncias extensas já tinha-se tornado insustentável: era natural que uma pesquisa similar fosse feita sobre a definição de mente, a substância pensante (.....).”

As divisões feitas por Leibniz, por mais incompletas e defeituosas que sejam desde o ponto de vista do Ocultismo, mostram um espírito de intuição metafísica a que nenhum cientista, nem Descartes - e nem mesmo Kant - jamais chegou. Segundo ele, sempre existiu uma infinita graduação de pensamento. Só uma pequena parte do conteúdo dos nossos pensamentos, disse ele, se ergue até a clareza da apercepção ²⁸⁶, “a luz da perfeita consciência”. Muitos permanecem num estado confuso ou obscuro, no estado de “percepções”, mas eles estão lá (.....). Descartes negou a existência de almas nos animais; Leibniz viu, como os Ocultistas veem, “toda a criação como dotada de vida mental, sendo que a vida mental, segundo ele, pode ter gradações infinitas”. E isso, conforme observa corretamente Merz, “alarga de imediato o reino da vida mental, destruindo o contraste entre a *matéria animada e a matéria inanimada*; e o fato fez ainda mais. Ele repercutiu sobre a concepção de matéria, sobre a substância extensa. Por isso tornou-se evidente que as coisas externas ou materiais apresentavam a propriedade de extensão apenas para os nossos sentidos, e não para as nossas faculdades pensantes. Os matemáticos, para calcular figuras geométricas, haviam sido obrigados a dividi-las em um número infinito de partes infinitamente pequenas, e o físico não via limites para a divisibilidade da matéria em átomos. O volume ou massa com que as coisas externas ou materiais parecem ocupar o espaço era uma propriedade que elas adquiriam apenas através da materialidade dos nossos sentidos. Leibniz seguiu estes argumentos até certo ponto, mas ele não podia contentar-se com supor que a matéria era composta de um número finito de partes muito pequenas. A sua mente matemática forçava-o a levar o argumento até o *infinito*. E o que aconteceu aos átomos então? Eles perderam a sua extensão, e mantiveram apenas a sua propriedade de resistência; eles eram centros de força. Eles foram reduzidos a pontos matemáticos mas se a extensão deles no espaço era nada, *a vida interna deles era muito mais intensa*. Supondo que a existência interna, tal como a da mente humana, é uma nova dimensão, não uma dimensão geométrica mas uma dimensão metafísica tendo reduzido a extensão geométrica dos átomos a nada, Leibniz dotou-os de uma extensão infinita na direção da sua dimensão metafísica. Depois de tê-los perdido de vista no mundo do espaço, a mente tem, digamos assim, que mergulhar num mundo metafísico para encontrar e captar a real essência do que parece no espaço apenas um ponto matemático Assim como um cone se apoia sobre o seu ponto, ou uma linha reta perpendicular corta um plano horizontal apenas em um ponto matemático, mas pode estender-se infinitamente em altura e profundidade, assim também as essências *das coisas reais* têm apenas uma existência pontual neste mundo físico do espaço; mas têm uma profundidade infinita de vida interna no mundo metafísico do pensamento” (p. 144).

²⁸⁶ “Apercepção”. Em filosofia, o termo significa *uma percepção atenta, bem informada*. Inclui uma *compreensão firme e lúcida do objeto percebido*, conforme Blavatsky deixa claro nesta mesma frase. (Nota do Tradutor)

Este é o espírito, e a própria raiz da doutrina e do pensamento oculto. O “Espírito-Matéria” e a “Matéria-Espírito” se estendem infinitamente *em profundidade*, e tal como “a essência das coisas” de Leibniz, a nossa essência das coisas *reais* está *na sétima profundidade*; enquanto a matéria *irreal* e grosseira da Ciência e o mundo externo estão no extremo mais inferior dos nossos sentidos perceptivos. O Ocultista sabe o valor ou a falta de valor deste último.

Deve ser mostrada agora, ao estudante, a diferença fundamental entre o sistema de Leibniz ²⁸⁷ e o sistema de filosofia oculta, sobre a questão das Mônadas, e isso pode ser feito tendo a sua *Monadologia* diante de nós. É correto afirmar que se os sistemas de Leibniz e Espinosa fossem conciliados, a essência e o Espírito da filosofia Esotérica seriam revelados. Do choque dos dois - como opostos ao sistema Cartesiano - surgem as verdades da doutrina Arcaica. Ambos se opõem à metafísica de Descartes. A ideia deste último sobre o contraste de duas substâncias - a Extensão e o Pensamento - diferindo radicalmente uma da outra e mutuamente não-conversíveis, era demasiado arbitrária e demasiado não-filosófica, para eles. Assim, Leibniz fez das duas substâncias cartesianas dois atributos da unidade universal única, na qual ele via Deus. Spinoza reconhecia uma só substância universal indivisível, um TODO absoluto, semelhante a Parabrahman. Leibniz, ao contrário, percebia a existência de uma pluralidade de substâncias. Havia apenas UM para Spinoza; para Leibniz, uma infinidade de Seres, *desde*, e *no*, Um. Portanto, embora ambos admitissem apenas *uma Entidade real*, enquanto Spinoza a considerava impessoal e indivisível, Leibniz dividia a sua Divindade *pessoal* em um grande número de Seres divinos e semidivinos. Spinoza era um panteísta *subjetivo*, Leibniz, um panteísta *objetivo*; no entanto ambos eram grandes filósofos em suas percepções intuitivas.

Se estes dois ensinamentos fossem unificados e cada um deles fosse corrigido pelo outro - e acima de tudo se a Realidade Una fosse purificada eliminando-se a sua personalidade - restaria neles como soma total um verdadeiro espírito de filosofia esotérica; a essência divina impessoal, destituída de atributos, absoluta, que *não* é um “Ser”, mas a raiz de todo ser. Trace uma linha profunda em seu pensamento entre a essência sempre-incognoscível, e a igualmente invisível mas compreensível Presença (*Mulaprakriti*), ou Shekinah, *mais além* da qual e *através da qual* vibra o Som do *Verbum*, e a partir da qual surgem as inúmeras hierarquias de *Egos* inteligentes, de Seres conscientes e semiconscientes, *perceptivos* e *aperceptivos*, cuja essência é Força espiritual, cuja Substância são os Elementos e cujos Corpos (quando necessários) são os *átomos* - e a nossa doutrina está presente. Porque, diz Leibniz, “como o Elemento primitivo de cada corpo material é a Força, que não tem nenhuma das características da matéria (*objetiva*), ele pode ser concebido mas não pode jamais ser objeto de qualquer representação imaginativa”. Assim, para ele, aquilo que constituía o elemento primordial e último em cada corpo e objeto não eram os átomos ou moléculas materiais, necessariamente mais ou menos extensos, como os de Epicuro e Gassendi, mas, como Merz mostra, átomos imateriais e metafísicos, ‘pontos matemáticos’, ou *verdadeiras almas*, - como explicado por Henri Lachelier (*Professeur agrégé de Philosophie*), o seu biógrafo francês. “Aquilo que existe fora de nós em uma maneira absoluta, são Almas cuja essência é força”. (*Monadologia*, Introd.)

²⁸⁷ Em inglês, o nome do pensador é normalmente escrito com um “t”, *Leibnitz*. Neste ponto, Blavatsky coloca as seguintes frases como nota de rodapé: “A verdadeira ortografia do seu nome, tal como usada por ele, é *Leibniz*. Ele tinha origem eslava, embora fosse alemão de nascimento.” Como se sabe, a própria Blavatsky tinha origem eslava. (Nota do Tradutor)

Deste modo, a *realidade* no mundo manifestado é composta de uma *unidade de unidades*, digamos assim, imaterial (desde o nosso ponto de vista) e infinita. Leibniz chama isso de “Mônadas”, a filosofia Oriental de “*Jivas*”, e o Ocultismo, assim como os cabalistas e todos os cristãos, dá a isso uma variedade de nomes. Elas são, para nós, como para Leibniz, “a expressão do universo” ²⁸⁸, e todo ponto físico é apenas a expressão fenomênica do ponto numenal, metafísico. A distinção que ele faz entre *percepção* e *apercepção* é a expressão filosófica, embora vaga, dos ensinamentos Esotéricos. Os seus “universos reduzidos”, dos quais “há tantos quantos existem Mônadas” - é a representação caótica do nosso Sistema Setenário com as suas divisões e subdivisões.

Quanto à relação entre as suas Mônadas e os nossos Dhyan-Chohans, Espíritos Cósmicos, Devas e Elementais, podemos reproduzir brevemente a opinião de um teosofista erudito e profundo, o Sr. H. A. Bjerregaard, sobre o assunto. No excelente ensaio “On the Elementals, the Elementary Spirits, and the Relationship between them and Human Beings” (“Sobre os Elementais, os Espíritos Elementários, e a Relação entre eles e os Seres Humanos”), lido por ele na “Aryan Theosophical Society de Nova Iorque” (veja a revista PATH, números 10 e 11, janeiro e fevereiro de 1887), o Sr. Bjerregaard formula a sua opinião de maneira diferente “Para Spinoza, a substância é morta e inativa, mas para a mente perceptiva de Leibniz tudo é atividade viva e energia ativa. Ao defender esta visão, *ele chega infinitamente mais perto do Oriente que qualquer outro pensador do seu tempo, ou depois dele*. A sua descoberta de que *uma energia ativa forma a essência da Substância* é um princípio que *o coloca em relação direta com os Videntes do Oriente*.”

E o palestrante passa a mostrar que para Leibniz os átomos e os elementos são *centros de força*, ou mais precisamente “seres espirituais cuja própria natureza é agir”, porque as partículas elementares não estão atuando mecanicamente, mas a partir de um princípio *interno*. Eles são unidades espirituais incorpóreas (“substanciais”, mas não *imateriais* no nosso sentido) inacessíveis a todas as mudanças de fora, e indestrutíveis por qualquer força externa. As mônadas de Leibniz, acrescenta o palestrante, “são diferentes dos átomos nos seguintes detalhes, que é muito importante que nós lembremos, porque de outro modo não poderemos ver a diferença entre elementais e mera matéria” (.....) “Os átomos não se distinguem uns dos outros, eles são qualitativamente idênticos; mas uma mônada é diferente de todas as outras mônadas qualitativamente; e cada uma é um mundo peculiar em si mesma. O mesmo não ocorre com os átomos; eles são absolutamente semelhantes quantitativamente e qualitativamente e não possuem nenhuma individualidade própria.” ²⁸⁹ Novamente, os

²⁸⁸ “O dinamismo de Leibniz”, diz o Professor Lachelier, “ofereceria pouca dificuldade se a Mônada para ele tivesse permanecido um simples átomo de *força cega*. Mas” Podemos entender perfeitamente a perplexidade do materialismo moderno! (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁸⁹ Leibniz era um Idealista *absoluto* ao sustentar que “os átomos materiais são contrários à razão” (*Système nouveau*, Erdmann, p. 126, col. 2). Para ele, a matéria era uma simples representação da mônada, seja humana ou atômica. As mônadas, pensava ele (como nós pensamos), estão em todo lugar. Assim, a alma humana é uma mônada, e cada célula no corpo humano tem a sua mônada, tal como cada célula nos corpos animais, vegetais, e mesmo nos corpos (assim chamados) *inorgânicos*. Os *átomos* dele são as moléculas da Ciência moderna, e as mônadas dele são aqueles *simples átomos* em cuja existência a Ciência materialista acredita, embora ela nunca vá conseguir *conversar* com eles - exceto na imaginação. Mas Leibniz é bastante contraditório na visão que tem das Mônadas. Ele fala dos seus *Pontos Metafísicos* e

átomos (mais precisamente, as moléculas) da filosofia materialista podem ser considerados como dotados de extensão e divisíveis, enquanto as mônadas são meros pontos matemáticos, e invisíveis. Finalmente, e este é um ponto em que essas mônadas de Leibniz são muito semelhantes aos elementais da filosofia mística - estas mônadas são Seres representativos. Cada mônada reflete todas as outras. Toda mônada é um espelho vivo do universo dentro da sua própria esfera. E registre bem isto, porque disto depende o poder possuído por estas mônadas, e disto depende o trabalho que elas podem fazer por nós: ao serem espelho do mundo, as mônadas não são meros agentes passivos reflexivos, mas agentes *espontaneamente autoativos*; elas produzem as imagens espontaneamente, assim como a alma produz um sonho. Em qualquer mônada, portanto, o adepto pode ler tudo, até mesmo o futuro. Toda mônada ou *Elemental* é um espelho que pode falar”.²⁹⁰

É neste ponto que a filosofia de Leibniz deixa de funcionar. Não há previsão alguma, nem qualquer distinção é estabelecida entre a mônada “Elemental” e a mônada de um alto Espírito Planetário, ou mesmo a mônada ou Alma humana. Ele inclusive chega ao ponto de às vezes duvidar se “Deus fez alguma vez alguma coisa além de Mônadas ou coisas sem extensão”. (*Examen des Principes du P. Malebranche.*) Ele estabelece uma diferença entre Mônadas e Átomos²⁹¹, porque, tal como ele afirma repetidamente, “os corpos, com todas as suas qualidades, são apenas fenomênicos, como o arco-íris *Corpora omnia cum omnibus qualitativibus suis non sunt aliud quam phenomena bene fundata, ut Iris*” (Letter to Father Desbosses, *Correspondence*, letter xviii.) - mas pouco mais adiante ele encontra uma alternativa para isso em uma correspondência substancial, um certo laço metafísico entre as mônadas - *vinculum substantiale*. A filosofia esotérica, que ensina um Idealismo *objetivo* - embora veja o Universo objetivo e tudo que há nele como *Maya*, ilusão temporária - estabelece uma distinção prática entre ilusão coletiva, *Mahamaya*, desde o ponto de vista puramente metafísico, e as relações objetivas, nele, entre vários *Egos* conscientes enquanto dura esta ilusão. O adepto, portanto, *pode* ler o futuro em uma Mônada Elemental, mas ele tem que reunir para que este objetivo seja alcançado um grande número delas, já que cada mônada representa apenas uma parte do Reino a que pertence. “Não é o objeto, mas na modificação da cognição do objeto, que as Mônadas são limitadas. Todas elas vão confusamente para o infinito, para o todo, mas elas são todas limitadas e se distinguem pelos graus diferentes de percepções” (§ 60, *Monadologia*)²⁹². E conforme Leibniz

Átomos Formais em um momento como *realidades* que ocupam espaço, noutra ocasião como *ideias* puramente Espirituais; e num terceiro momento atribui outra vez a eles objetividade, e agregados, e posições, em suas correlações. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁹⁰ Toda mônada é um espelho. Esta frase está na metade superior da página 631 da edição original em inglês. A função das mônadas como espelho aparece também algumas linhas mais adiante, na página 632 da edição em inglês. Sobre o fato de que os seres humanos servem todos como *espelhos imperfeitos uns dos outros* - inclusive dentro do movimento teosófico - veja o artigo “[A Sala de Espelhos](#)”. (Nota do Tradutor)

²⁹¹ Os *átomos* de Leibniz, na verdade, só têm o nome em comum com os átomos dos materialistas gregos, ou mesmo com as *moléculas* da ciência moderna. Ele os chama de átomos *formais*, e os trata como comparáveis às formas substanciais de Aristóteles. (Veja *Système Nouveau*, Seção 3.) (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁹² Leibniz, como Aristóteles, chama as mônadas criadas ou *emanadas* (os Elementais saídos desde os Espíritos Cósmicos ou Deuses) de *Enteléquias* - ‘*Εντελέχεια*’ - “*autômatos* incorpóreos” (Seção 18, *Monadologia*). (Nota de H.P. Blavatsky)

explica, “Todas as partes do Universo estão nitidamente representadas nas Mônadas, *mas algumas partes são refletidas em uma mônada, e algumas em outra*”: mas um grande número de mônadas poderia representar simultaneamente os pensamentos de dois milhões de habitantes de Paris.

Mas o que dizem diante disso as Ciências Ocultas, e o que elas acrescentam?

Elas dizem que o que Leibniz chama de *Mônadas* no seu sentido coletivo - vistas de modo aproximado e eliminando do cálculo qualquer subdivisão, por enquanto ²⁹³ - podem ser separadas em três Hostes diferentes, as quais contadas desde os planos mais elevados, são, primeiramente, “deuses”, ou *Egos* conscientes, espirituais; os arquitetos inteligentes, que trabalham a partir do plano presente na *Mente Divina*. Depois vêm os Elementais, ou *Mônadas*, que formam coletivamente e inconscientemente os grandes Espelhos Universais de tudo o que está conectado com os seus respectivos reinos. Finalmente, os átomos, ou moléculas materiais, que são formados interiormente ²⁹⁴, por sua vez, pelas suas mônadas *aperceptivas*, assim como cada célula de um corpo é constituída e orientada da mesma forma. (Veja as páginas finais do Volume I da presente obra, na seção 18, “Resumo das Posições Mútuas”.) Há grandes grupos de tais átomos *orientados* que, por sua vez, constituem e orientam as moléculas; uma infinidade de Mônadas, ou Elementais, e incontáveis Forças espirituais - *destituídas de Mônadas*, porque são puras incorporalidades ²⁹⁵, exceto sob certas leis, quando assumem uma forma, *não necessariamente humana*. De onde vem a substância que os reveste, o aparente organismo que se desenvolve ao redor dos seus centros? As Radiações *Sem Forma* (“Arupa”), existem na harmonia da Vontade Universal, e constituem o que nós chamamos de coletividade ou agregado da Vontade Cósmica no plano do Universo subjetivo; elas reúnem uma infinidade de mônadas - cada uma das quais funcionando como o espelho do seu próprio Universo - e assim individualizam, durante algum tempo, uma mente independente, onisciente e universal; e pelo mesmo processo de agregação magnética elas criam para si corpos objetivos, visíveis, a partir dos átomos interestelares. Porque os átomos e as mônadas, associados ou dissociados, simples ou complexos, são, desde o momento da sua primeira diferenciação, apenas os

²⁹³ Estas três “subdivisões aproximadas” correspondem a *espírito*, *mente* (ou alma) e *corpo*, na constituição humana. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁹⁴ “Constituídos ou orientados”: no original, “informed”, também significa “formados interiormente”. (Nota do Tradutor)

²⁹⁵ O irmão C. H. A. Bjerregaard, em sua palestra já mencionada, alerta a sua audiência para que não veja os *Sefirot* muito como *individualidades*, mas evite ao mesmo tempo vê-los como *abstrações*. “Nunca chegaremos à verdade”, diz ele, “e muito menos a poder *relacionar-nos com aqueles seres celestiais*, enquanto não voltarmos à simplicidade e à ausência de medo das raças primitivas, quando os seres humanos se misturavam livremente com os deuses, e os deuses desciam para estar entre os homens e os guiavam na verdade e na sacralidade (*Path*, número 10, de 1887) “Há várias designações para ‘anjos’ na Bíblia, as quais claramente mostram que seres como os Elementais da Cabala e as mônadas de Leibniz devem ser entendidos através destes termos, melhor do que através do termo com que são geralmente designados. Eles são chamados de ‘estrelas da manhã’, ‘fogos flamejantes’, ‘os poderosos’, e São Paulo os descreve em sua visão cosmogônica como ‘Principados e Potestades’. Nomes como estes eliminam a ideia de personalidade, e somos compelidos a pensar em tais seres como Existências como uma *influência*, uma substância espiritual, ou *Força consciente*.” (Revista *Path*, número 11, no ano de 1887, p. 322) (Nota de H.P. Blavatsky)

princípios, corpóreos, psíquicos e Espirituais, dos “Deuses”, os quais são, eles próprios, Radiações da natureza primordial. Assim, aos olhos do Vidente, os Poderes Planetários mais elevados aparecem sob dois aspectos: o subjetivo - como *influências*, e o objetivo - como FORMAS místicas, as quais, sob a lei Cármica, se tornam uma *Presença*, pois o Espírito e a Matéria são Um, conforme tem sido repetidamente afirmado. O espírito é matéria *no sétimo plano*; matéria é Espírito - no ponto mais baixo da sua atividade cíclica; e ambos - são MAYA.

Os átomos são chamados de “Vibrações” em Ocultismo; e também de “Som”, coletivamente. Isto não interfere com a descoberta científica do Sr. Tyndall. Ele delineou, no degrau inferior da escada do ser monádico, todo o curso das *vibrações atmosféricas* - e isso constitui a parte *objetiva* do processo na natureza. Ele delineou e registrou a rapidez da movimentação e da transmissão delas; a força do seu impacto; a criação por parte delas de vibrações no tímpano e a transmissão destas vibrações para os otólitos, etc., etc., até que começa a vibração do nervo auditivo - e um novo fenômeno agora acontece: o *lado subjetivo* do processo ou *sensação de Som*. Ele percebe ou vê isso? Não; porque a sua especialidade é descobrir o comportamento da matéria. Mas por que um sensitivo psíquico não veria isso, um vidente espiritual cuja Visão interior está aberta, e que pode ver através do véu da matéria? As ondas e ondulações da ciência são todas produzidas por átomos que colocam as suas moléculas em atividade *desde dentro*. Os átomos preenchem a imensidão do Espaço, e através da sua contínua vibração eles *são* aquele MOVIMENTO que mantém as rodas da vida girando perpetuamente. É este trabalho interno que produz os fenômenos naturais chamados de correlação de Forças. Porém, na origem de cada uma destas “forças”, está o númeno *consciente* que a orienta - Anjo ou Deus, Espírito ou Demônio - o poder que a governa.

Segundo a descrição dos Videntes - que podem ver o movimento dos cardumes interestelares ²⁹⁶ e segui-los em sua evolução clarividentemente, eles são ofuscantes como flocos de neve que brilham à luz radiante do Sol. A velocidade deles é maior que a velocidade do pensamento, e eles são tão rápidos que nenhum olhar de um ser mortal pode acompanhá-los; e, até onde pode ser avaliado pela tremenda rapidez da sua trajetória, o movimento é circular Para alguém que esteja numa planície aberta, e mais especialmente no pico de uma montanha, e que olhe para o vasto céu acima a infinidade do espaço ao seu redor, a atmosfera inteira parece flamejante com eles, e o ar carregado com estas ofuscantes coruscações. Por vezes, a intensidade da sua movimentação produz clarões como as luzes do Norte durante a *Aurora Boreal*. A visão é tão maravilhosa que, enquanto o Vidente olha para este mundo interior e sente os pontos cintilantes que disparam passando por ele, é tomado por um assombro ao pensar em outros mistérios ainda maiores, que estão mais além, e mais no interior, deste oceano radiante

Por mais imperfeita e incompleta que seja esta explicação sobre “Deuses, Mônadas e Átomos”, pelo menos alguns estudantes e teosofistas sentirão, segundo esperamos, que de fato pode haver uma relação estreita entre a ciência materialista e o Ocultismo, que constitui o complemento e a alma que falta à ciência.

²⁹⁶ Cardumes interestelares: no original, *shoals*, palavra que também pode ser traduzida como “multidões”. No entanto, a metáfora do Cosmo como Oceano está por todo lado na teosofia clássica e na memória humana. Assim, nossos “aeroporos” são portos “aéreos”; a “aviação” é “navegação aérea”; um avião é uma “aeronave”, isto é, uma *nave aérea*. Etc. Faz sentido que haja Cardumes de Mônadas no Oceano Cósmico. (Nota do Tradutor)

16. A Evolução Cíclica e o Carma

([Volte para o Sumário](#))

É a evolução Espiritual do ser humano *interior*, imortal, que constitui o princípio fundamental das Ciências Ocultas. Para compreender este processo, mesmo vagamente, o estudante precisa acreditar, (a) na Vida Universal UNA, independente da matéria (ou daquilo que a Ciência considera matéria); e (b) nas inteligências individuais que animam as várias manifestações deste Princípio. O Sr. Huxley não acredita em “Força Vital”, outros acreditam. A obra “As Regards Protoplasm”, do Dr. J.H. Hutchinson, Sterling, teve um impacto devastador sobre esta negação dogmática. A posição do Professor Beale também é favorável à ideia do Princípio Vital; e as palestras do Dr. B. W. Richardson sobre o “Éter Nervoso” já foram citadas de modo suficiente. Assim, as opiniões estão divididas.

A VIDA UNA se relaciona de perto com a lei *una* que governa o mundo do ser - a lei do CARMA. Exotericamente, a expressão significa apenas e literalmente “ação”, ou melhor, uma “causa-que-produz-efeitos”. Esotericamente, é algo bastante diferente em seus complexos efeitos morais. É a infalível LEI DA RETRIBUIÇÃO. Dizer a aqueles que ignoram o verdadeiro significado, as características e a tremenda importância desta lei eterna e imutável, que nenhuma definição teológica de uma divindade pessoal pode dar uma ideia deste Princípio impessoal, e no entanto sempre presente e ativo, é o mesmo que falar em vão. Tampouco se pode chamá-lo de Providência. Porque Providência, para os teístas (ou pelo menos para os protestantes cristãos), é uma pessoa do gênero masculino, enquanto para os católicos romanos é uma potência feminina, “O Divino Prover regula as suas bênçãos de modo a obter os melhores efeitos”, diz Wogan. De fato “Ele” as regula, coisa que o Carma - um princípio sem sexo - não faz.

Por todas as duas Partes iniciais deste volume foi mostrado que, à primeira vibração da vida que renasce, Svabhavat, “a radiância mutável da Escuridão Imutável inconsciente na Eternidade” ²⁹⁷, passa, a cada novo renascimento do Cosmos, de um estado inativo para um estado de intensa atividade; que ele se diferencia, e então começa o seu trabalho através daquela diferenciação. Este trabalho é CARMA.

Os Ciclos são também subservientes aos efeitos produzidos por esta atividade. “O átomo cósmico uno se transforma em sete átomos no plano da matéria, e cada um deles se torna um centro de energia. Este mesmo átomo se torna sete raios no plano do espírito, e se torna as sete forças criativas da natureza, irradiando-se da essência-raiz.... seguem, um, o caminho da direita, o outro, o caminho da esquerda, separados até o fim do Kalpa, e no entanto, estão em estreita unidade. O que os une? CARMA.” Os átomos emanados a partir do Ponto Central emanam por sua vez novos centros de energia, os quais, sob a respiração potencial de *Fohat*, começam o seu trabalho de dentro para fora,

²⁹⁷ Svabhavat. Cabe lembrar: ao longo da presente obra, Blavatsky escreve esta palavra algumas vezes com “w”, *swābhāvat*, e outras vezes com “v”, *svābhāvat*. Na presente tradução, usamos a palavra sempre como “**svabhavat**”, eliminando também os acentos da edição original. (Nota do Tradutor)

e multiplicam outros centros menores. Estes, no curso da evolução e da involução, formam por sua vez as raízes ou as causas em desenvolvimento de novos efeitos, desde mundos e “globos-com-humanidades”, até os gêneros, as espécies, e as classes de todos os *sete* reinos ²⁹⁸ (dos quais *nós conhecemos apenas quatro*). Porque “os trabalhadores abençoados receberam o *Thyan-kam*, na eternidade” (Livro “*Os Aforismos de Tson-ka-pa*”).

“Thyan-kam” é o poder ou conhecimento de guiar os impulsos da energia cósmica na direção correta.

O verdadeiro budista, mesmo não reconhecendo nenhum “deus pessoal” nem qualquer “Pai” ou “*Criador* do Céu e da Terra”, acredita ainda assim em uma *consciência absoluta*, “*Adi-Buddhi*”; e o filósofo budista *sabe* que há Espíritos Planetários, os “*Dhyan Chohans*”. Mas embora ele admita a existência de “vidas espirituais”, no entanto, como elas são temporárias na eternidade, mesmo elas, de acordo com a filosofia do budista, são “a *maya* de um dia”, a *ilusão* de um “dia de Brahma”, um curto manvântara de 4.320.000.000 anos. O “*Yin-Sin*” não está ao alcance da reflexão humana, porque o Senhor Buddha proibiu enfaticamente qualquer investigação deste tema. Embora os *Dhyan Chohans* e todos os Seres invisíveis - os *Sete* Centros e as suas *Emanações* diretas, os centros *menores* de energia - sejam o reflexo direto da Luz UNA, ainda assim os homens estão muito distantes deles, já que o conjunto do Cosmos *visível* consiste de “seres *autoproduzidos*, as criaturas do *Carma*”. Assim, vendo um Deus pessoal “como apenas uma sombra gigantesca atirada sobre o vazio do espaço pela imaginação dos ignorantes” ²⁹⁹, eles ensinam que apenas “duas coisas são (objetivamente) eternas, isto é, *Akasha* e *Nirvana*”, e que elas são UMA em realidade, mas são *maya* quando divididas. “Os budistas negam a criação e não podem conceber um *Criador*”. “Tudo surgiu do *Akasha* (ou *Svabhavat* na nossa Terra) em obediência a uma lei do movimento que é inerente ao *Akasha*, e tudo, depois de uma certa existência, deixa de existir. Nada jamais veio do nada.” (Do livro *Catecismo Budista* ³⁰⁰.)

Se um brâmane vedanta da seita Advaita, quando perguntado se ele acredita na existência de Deus, sempre responderá provavelmente, como na resposta dada a Jacolliot, “Eu mesmo sou ‘Deus’ ”, um budista (especialmente se for cingalês) simplesmente riria, e diria em resposta, “Não há Deus; não há Criação”. No entanto, a filosofia básica dos eruditos advaitas é *idêntica* à dos eruditos budistas, e ambos têm o mesmo respeito pela vida animal, porque acreditam que cada criatura na Terra, mesmo pequena e humilde, “é uma parte imortal da matéria imortal” - já que a matéria, para eles, tem um significado bastante diferente do que tem para os cristãos ou para o materialista - e ambos acreditam que toda criatura está sujeita ao Carma.

A resposta do brâmane poderia ser a resposta de todo filósofo antigo, e qualquer cabalista e gnóstico dos primeiros tempos. Ela contém o exato espírito dos mandamentos délficos e cabalísticos, porque a filosofia esotérica já resolveu, longas eras atrás, o problema de o quê o ser humano *foi, é e será*; da origem do homem, do seu

²⁹⁸ Veja a Estância VI (Parte I do Volume I), e o seu Comentário. (Nota de H.P. Blavatsky)

²⁹⁹ “Catecismo Budista”, de H. S. Olcott, presidente da Sociedade Teosófica. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁰⁰ Obra publicada pela ed. IBRASA, em São Paulo, em 1983, com 132 pp. (Nota do Tradutor)

ciclo de vida - interminável na sua duração de sucessivas encarnações ou renascimentos - e finalmente da sua absorção na fonte de onde ele começou.

Mas não é à Ciência física que poderemos jamais pedir que faça uma leitura do ser humano para nós, nem que interprete o mistério do Passado, ou do Futuro; já que nenhum filósofo é capaz de dizer-nos nem mesmo o que o homem é, com base no que dele sabem a fisiologia e a psicologia. Diante da dúvida sobre se o ser humano era “um deus ou um animal”, ele agora é conectado com este último e visto como descendente de um animal. Seguramente a tarefa de analisar e classificar o ser humano como um *animal terrestre* pode ser deixada para a Ciência, a qual os Ocultistas, sem dúvida, veem com veneração e respeito. Eles reconhecem o campo de atuação da ciência e o trabalho maravilhoso feito por ela, o progresso alcançado em fisiologia, e mesmo - até certo ponto - em biologia. Mas a natureza *interna*, espiritual, psíquica, ou mesmo moral do homem não pode depender da generosa misericórdia de um arraigado materialismo; porque nem mesmo a mais alta filosofia psicológica do Ocidente é capaz, no seu caráter incompleto atual e na sua tendência de avançar na direção de um decidido agnosticismo, de fazer justiça ao homem interno; especialmente às suas capacidades e percepções mais altas, e a aqueles estados de consciência para os quais o caminho é interrompido devido a uma forte linha traçada por autoridades como Mill, que dizem, “você só irá até este ponto e não mais além”.

Nenhum Ocultista negaria que o homem - não menos que o elefante e o micróbio, o crocodilo e o lagarto, a folha de grama ou o cristal - é, na sua formação física, o simples produto das forças evolutivas da natureza através de uma série de inúmeras transformações; mas ele explica este fato de maneira diferente.

Não é contra as descobertas zoológicas e antropológicas, baseadas nos fósseis de seres humanos e animais, que todo místico e crente em uma alma divina se revolta interiormente; mas apenas contra as conclusões incongruentes, construídas com base em teorias preconcebidas e feitas sob medida para estarem de acordo com certos preconceitos. As premissas delas podem nem sempre ser verdadeiras; e como algumas destas teorias vivem pouco tempo, as deduções feitas a partir delas são sempre unilaterais em relação aos evolucionistas do materialismo. No entanto, é com base na força desta autoridade tão efêmera que a maior parte dos cientistas frequentemente recebe honras indevidas onde eles menos as merecem.³⁰¹

³⁰¹ A aqueles que possam ver esta afirmação como uma impertinência ou uma *irreverência* em relação à Ciência aceita, nós recomendamos a obra do Sr. James Hutchinson Stirling sobre “Protoplasm”, que é a defesa de um Princípio *vital* contra os Molecularistas - Huxley, Tyndall, Vogt, e outros - e um pedido a eles no sentido de que examinem se é verdadeiro ou não dizer que as premissas científicas podem não estar sempre corretas, mas que são aceitas, apesar disso, para preencher uma lacuna ou um buraco em algum passatempo predileto dos materialistas. Falando do protoplasma e dos órgãos humanos, “tal como vistos pelo Sr. Huxley”, o autor diz: “Provavelmente, então, em relação a qualquer continuidade no protoplasma de força, de forma ou de substância, nós temos visto lacunas em número suficiente. E mais que isso, o próprio Sr. Huxley pode ser citado como testemunha neste sentido. *Não é raro encontrarmos em seu ensaio admissões de PROBABILIDADE, em lugares em que só a CERTEZA é aceitável.* Ele diz, por exemplo: ‘É mais do que provável que *quando* o mundo vegetal estiver completamente explorado nós *descubramos* que todas as plantas estão de posse dos mesmos poderes.’ *Quando uma conclusão é decididamente anunciada*, é bastante decepcionante ouvir dizer, como neste caso, que *as premissas ainda precisam ser coletadas (!)* Novamente vemos aqui uma passagem em que ele tira a sua própria ‘base’ de sob seus pés. Depois de dizer que todas as

Para fazer com que o funcionamento do Carma nas renovações periódicas do Universo se torne mais evidente e mais inteligível para o estudante que chega à origem e evolução do homem, é preciso examinar agora o impacto dos Ciclos Cármicos sobre a Ética Universal. A questão é: será que aquelas misteriosas divisões do tempo, chamadas pelos hindus de Yugas e Kalpas, e chamadas de modo tão gráfico de **Κύκλος**, “ciclo”, anel ou círculo pelos gregos, têm qualquer impacto sobre, ou conexão direta com, a vida humana? Até mesmo a filosofia exotérica explica que estes círculos perpétuos de tempo estão sempre retornando sobre si mesmos, periodicamente, e de modo inteligente, no Espaço e na Eternidade. Há “Ciclos de matéria”³⁰², e há “Ciclos de Evolução Espiritual”. Há ciclos raciais, nacionais e individuais. A reflexão esotérica não pode nos permitir uma compreensão ainda mais profunda do funcionamento deles?

Esta ideia é expressada de maneira bela em um trabalho científico bastante lúcido:

“A possibilidade de alcançar uma compreensão de um sistema de coordenação de alcance tão superior, no espaço e no tempo, ao alcance das observações humanas, é uma circunstância que sinaliza a capacidade do homem de transcender as limitações da matéria mutável e inconsistente, e de afirmar a sua superioridade sobre todas as formas instáveis e perecíveis de ser. *Há um método na sucessão de eventos*, e na relação das coisas coexistentes, o qual a mente humana capta; e usando deste método como uma pista, ele recua ou avança por éons de história material dos quais a experiência humana não poderia nunca dar um testemunho. Os acontecimentos germinam e se desenvolvem. Eles têm um passado que se conecta com o seu presente, e nós com razão confiamos em que eles apontam para um futuro que estará conectado de modo similar com o presente e o passado. Esta continuidade e unidade da história se repetem diante dos nossos olhos em todos os estágios concebíveis de progresso. Os fenômenos nos dão a base para a generalização de duas leis que são verdadeiramente *princípios da adivinhação científica*, e só através deles a mente humana penetra os registros selados do passado e as páginas fechadas do futuro. O primeiro deles é a lei da evolução, ou, para expressá-lo de forma que sirva ao nosso propósito, *a lei da sucessividade correlacionada ou história organizada no indivíduo*, que é ilustrada nas fases cambiantes de todo sistema de resultados em processo de amadurecimento Estes pensamentos evocam à nossa presença de imediato o passado ilimitado e o futuro ilimitado da história material. Eles

formas de protoplasma consistem de carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio ‘numa união muito complexa’, ele continua: ‘A esta complexa combinação, *cujá natureza nunca foi determinada com exatidão (!)*, tem sido dado o nome de *proteína*.’ Isto, claramente, é uma identificação, da parte do próprio Sr. Huxley, do protoplasma e da proteína, e como o que é dito em relação a um deles é necessariamente verdadeiro em relação ao outro, segue-se que ele admite que a natureza do protoplasma nunca foi determinada com exatidão, e que mesmo desde o ponto de vista dele a questão ainda está *sub judice*. Esta confissão é fortalecida também por estas palavras: ‘Se nós usamos este termo - *proteína* - com tanta *cautela*, surgida provavelmente com razão a partir da nossa *comparativa falta de conhecimento* das coisas examinadas’ etc., etc. (pp. 33 e 34 da resposta ao Sr. Huxley em “Yeast”).

Este é o eminente Huxley, o rei da fisiologia e da biologia, comprovadamente praticando o jogo da cabra-cega com *premissas e fatos*. O que será que os “peixes miúdos” da ciência não poderão fazer depois disso! (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁰² “The Cycles of Matter” (“Os Ciclos de Matéria”) é o título dado pelo professor Winchell a um ensaio que ele escreveu em 1860. (Nota de H.P. Blavatsky)

parecem até abrir visões através da infinitude, e dar ao intelecto humano uma existência e uma visão livres das limitações do tempo e do espaço e livres de causas finitas, erguendo-o até uma compreensão sublime da Suprema Inteligência cujo lugar de moradia é a Eternidade.” (“World-Life”, obra de Winchell, pp. 535 e 548)

De acordo com os ensinamentos, Maya, ou a aparência ilusória da ordenação dos acontecimentos nesta Terra, muda, variando de acordo com as nações e os lugares. Mas as principais características da nossa vida estão sempre em harmonia com a “Constelação” sob a qual nascemos, ou, devemos dizer, com as características do seu princípio inspirador ou da divindade que preside cada homem nascido, quer a chamemos de *Dhyan Chohan*, como na Ásia, ou de Arcanjo, como nas igrejas grega e romana. No simbolismo antigo, era sempre o SOL (isto é, o Sol espiritual, não o Sol físico) que se supunha que mandava os principais Salvadores e Avatares. Por isso há a conexão entre os Buddhas, os Avatares, e tantas outras encarnações dos SETE mais elevados. Quanto maior a aproximação do seu *Protótipo* “no Céu”, melhor para o mortal cuja personalidade foi escolhida, pela sua própria divindade *pessoal* (o sétimo princípio), para ser sua moradia terrestre. Porque, a cada esforço de vontade na direção da purificação e da unidade com aquele “Deus-próprio”, um dos raios inferiores se rompe e a entidade espiritual do homem é atraída para mais e mais alto, até o raio que substitui o primeiro, e de raio em raio, até que o homem interior é atraído para o raio uno e mais elevado do SOL-Pai. Assim, “os eventos da humanidade ocorrem *de fato* coordenadamente com as formas dos números”, já que as unidades singulares da humanidade procedem em todos os casos da mesma fonte - o SOL *central* e a sua *sombra*, o SOL visível. Porque os equinócios e os solstícios, os períodos e as várias fases da trajetória Solar, expressados astronômica e numericamente, são apenas os símbolos concretos da verdade eternamente viva, embora eles realmente pareçam *ideias abstratas* para os mortais não-iniciados. E isso explica as extraordinárias coincidências numéricas com as relações geométricas, tal como demonstrado por diversos autores.

Sim; “nosso destino *está* escrito nas estrelas!” Porém, quanto maior for a união entre o reflexo mortal HOMEM e o seu PROTÓTIPO celestial, menos perigosas serão as condições externas e as subsequentes reencarnações - das quais nem os Buddhas nem os Cristos podem escapar. Isto não é uma superstição, muito menos *fatalismo*. Este último implica uma trajetória cega de uma força ainda mais cega, e o homem é um agente livre durante a sua estadia na Terra. Ele não pode escapar do seu Destino *regente*, mas ele tem a escolha entre dois caminhos que o levam naquela direção, e pode chegar ao mesmo sofrimento intenso - se tiver sido decretado assim - seja usando as vestes brancas do Mártir, seja vestido com as roupas sujas de um voluntário do caminho iníquo; porque há *condições externas e internas* que afetam a determinação da nossa vontade sobre nossas ações, e está em nosso poder seguir as internas, ou as externas. Aqueles que acreditam no *Carma* têm que acreditar necessariamente no *destino*, o qual está sendo tecido por todos os homens individualmente, fio após fio, desde o nascimento até a morte, tal como a aranha constrói sua teia; e este destino é guiado, seja pela voz celestial do *protótipo* invisível fora de nós, seja pelo nosso homem *astral* ou interno, mais íntimo, que é com demasiada frequência o gênio mau da entidade incorporada chamada homem. Ambos levam para a frente o homem externo, mas um deles deve prevalecer; e desde o começo deste conflito invisível a severa e implacável *lei da compensação* interfere e toma o seu curso, seguindo fielmente as flutuações. Quando o último fio já fez sua parte no processo de tecelagem, e o homem está aparentemente envolvido na rede que ele próprio construiu, então ele se vê

completamente sob o império deste destino *feito por ele mesmo*. Chegado a este ponto o destino o imobiliza como uma concha inerte sobre a rocha imóvel, ou o afasta dali como uma pluma em um redemoinho de vento produzido pelas suas próprias ações, e isto é - CARMA.

Um materialista, abordando as periódicas criações do nosso globo, descreveu este fato em uma só frase. “Todo o *passado* da Terra é apenas um *presente* não-desenvolvido.” As palavras são de Büchner, que ao escrevê-las repetia sem saber um axioma dos Ocultistas. É também verdade, conforme destaca Burmeister (citado em “*Force and Matter*”), que “a investigação histórica do desenvolvimento da Terra provou que o *tempo de agora* e o *tempo anterior* descansam sobre a mesma base; que o passado se desenvolveu da mesma maneira que o presente se desenvolve hoje; e as Forças que estavam em ação permaneceram sempre as mesmas.”

As “Forças” - ou melhor, os *númenos* delas - são as mesmas, é claro; portanto, as Forças fenomênicas devem ser as mesmas também. Mas como poderia alguém ter muita certeza de que os atributos da matéria não se alteram sob a influência da Evolução Proteana? ³⁰³ Como poderia qualquer materialista afirmar com tamanha confiança, como faz Rossmassler, que “esta eterna conformidade na essência dos fenômenos faz com que seja certo o fato de que o fogo e a água possuíram *em todos os tempos* os mesmos poderes e sempre irão possuí-los?” Quem são os que “escurecem o discernimento usando palavras sem conhecimento”, e onde estavam os Huxley e os Büchner quando as bases da Terra foram estabelecidas pela grande Lei? Constituem um princípio fundamental da filosofia Oculta, esta homogeneidade da matéria e esta imutabilidade das leis naturais, sobre as quais tanto insiste o materialismo; mas esta unidade tem como ponto de apoio a inseparabilidade do Espírito e da matéria, e, se os dois fossem separados, todo o cosmos cairia de novo no caos e no não-ser. Portanto, é absolutamente *falso*, e apenas uma demonstração adicional da grande arrogância da nossa era, afirmar (como fazem os cientistas) que todas as grandes mudanças geológicas e convulsões terríveis foram produzidas por *forças físicas comuns e conhecidas*. Porque estas forças foram apenas instrumentos e meios finais para a realização de certos propósitos, atuando periodicamente, e aparentemente de maneira mecânica, através de um impulso interior misturado com, mas situado além da sua natureza material. Há um propósito em cada ato importante da Natureza, e as ações dela são todas cíclicas e periódicas. Mas como as Forças espirituais têm sido usualmente confundidas com as forças puramente físicas, normalmente as Forças espirituais são negadas, e portanto continuam sendo desconhecidas pela ciência, porque não são examinadas. ³⁰⁴

“A história do mundo começa com o seu objetivo geral”, diz Hegel; “a compreensão da Ideia do Espírito - porém numa forma *implícita (an sich)*, isto é, como Natureza; um instinto extremamente oculto e inconsciente, e todo o processo da História está voltado para tornar este impulso inconsciente um impulso consciente. Assim, surgindo

³⁰³ “Proteana” - relativa a Proteus, deus marinho da mitologia grega antiga, conhecido por assumir qualquer forma que desejasse. (Nota do Tradutor)

³⁰⁴ Os cientistas dirão: “Nós negamos, porque nada parecido com isto entrou jamais no campo da nossa experiência.” Mas, tal como argumentado por Charles Richet, o fisiólogo: “Então está bem, mas vocês pelo menos demonstraram o contrário? Em todo caso, não neguem *a priori*. A verdadeira ciência *não está tão avançada que possa dar este direito a vocês.*” (“*La suggestion mentale et le calcul des probabilités*”). (Nota de H.P. Blavatsky)

na forma de uma existência meramente natural, e de uma vontade natural - aquilo que tem sido chamado de lado subjetivo - a ânsia física, o instinto, a paixão, o interesse privado, e a também opinião e a concepção subjetiva, se apresentam espontaneamente no próprio começo. *Esta vasta aglomeração de volições, interesses e atividades constitui o conjunto de meios e instrumentos usados pelo ESPÍRITO DO MUNDO para alcançar o seu objetivo*, trazendo-o à consciência e compreendendo-o. E este objetivo não é nada além de encontrar a si mesmo - voltar a si mesmo - e contemplar a si mesmo na realidade concreta. Mas estas manifestações de vitalidade por parte dos indivíduos e dos povos, através das quais eles seguem e satisfazem os seus próprios propósitos, são ao mesmo tempo *os meios e os instrumentos de um poder mais alto, de um propósito mais elevado e mais amplo do qual eles não sabem coisa alguma* - que eles compreendem inconscientemente -; e este fato pode ser objeto de um questionamento, ou melhor, tem sido questionado neste ponto eu anunciei o meu ponto de vista já no próprio início, e afirmei a nossa hipótese e a nossa convicção de que *a Razão governa o Mundo e consequentemente tem governado a sua história*. Em relação a esta existência independentemente universal e substancial - todo o resto está subordinado, é subserviente, e constitui os meios do seu desenvolvimento.”³⁰⁵

Nenhum metafísico ou teosofista poderia discordar destas verdades, que estão todas incorporadas nos ensinamentos esotéricos. *Existe* uma predestinação na vida geológica do nosso globo, assim como na história, passada e futura, das raças e das nações. Isto está diretamente relacionado com o que nós chamamos de *Carma* e os Panteístas Ocidentais de “Nêmesis” e de “Ciclos”. A lei da evolução está agora carregando-nos ao longo do arco ascendente do *nosso* ciclo, *quando os efeitos irão mais uma vez reemergir nele*, e transformar-se outra vez nas (agora neutralizadas) causas, e todas as coisas afetadas por isso recuperarão a sua harmonia original. Este será o ciclo da nossa “Ronda” especial, um momento na duração do grande ciclo, o *Mahayuga*.

É possível verificar que as excelentes observações filosóficas de Hegel têm sua aplicação nos ensinamentos da ciência Oculta, que mostra a natureza agindo em todos os momentos com um determinado propósito, cujos resultados são sempre duais. Isto foi afirmado nos nossos primeiros volumes Ocultos, em “Ísis Sem Véu” (Ed. Pensamento, SP, vol. I., p. 125), com as seguintes palavras:

“Tal como o nosso planeta gira todos os anos uma vez em redor do Sol e ao mesmo tempo uma vez a cada vinte e quatro horas sobre o seu próprio eixo, atravessando assim círculos menores dentro de outro maior, também a obra dos períodos cíclicos menores se cumpre e se reinicia nos limites do Grande Saros.”

“A revolução do mundo físico, segundo a antiga doutrina, é acompanhada de uma revolução análoga no mundo do intelecto - uma vez que tanto o mundo espiritual como o físico caminham por ciclos.”

“Vemos, dessarte, na História, uma sucessão alternada de fluxos e de refluxos na maré do progresso humano. Os grandes reinos e impérios do mundo, depois de atingirem o ponto culminante de sua grandeza, declinam, de acordo com a mesma lei que os faz ascenderem; até que, ao atingirem o ponto mais baixo, a Humanidade se reafirma e sobe

³⁰⁵ “On World History”, em “Philosophy of History”, p. 26 (versão em inglês de Sibree). (Nota de H.P. Blavatsky)

novamente, e a altura de seu esforço, devido a essa lei de progressão ascendente por ciclos, é um pouco mais elevada do que o ponto do qual ela tinha antes descido.”

Mas estes ciclos - rodas dentro de rodas, tão abrangentemente e tão criativamente simbolizadas pelos vários Manus e Rishis da Índia, e pelos Cabiros ³⁰⁶ no Ocidente ³⁰⁷ - *não afetam toda a humanidade a um só e mesmo tempo* - conforme explicado na *divisão Racial dos Ciclos* ³⁰⁸. Disso surge, como podemos ver, a dificuldade de compreender e discriminar entre eles, com relação aos seus efeitos físicos e espirituais, sem ter compreendido completamente as suas relações com, e sua ação sobre, as respectivas posições de nações e raças, em seu destino e evolução. Este sistema não pode ser compreendido se a ação espiritual destes períodos - *pré-determinados*, digamos assim, pela lei Cármica - for separada da trajetória física deles. Os cálculos dos melhores astrólogos falhariam, ou pelo menos permaneceriam imperfeitos, a menos que esta ação dual seja plenamente levada em consideração e administrada de acordo com estas linhas. E esta maestria só pode ser alcançada através da INICIAÇÃO.

O Grande Ciclo inclui o progresso da humanidade desde a aparição do homem primordial com uma forma etérea. Ele avança através dos ciclos interiores da evolução progressiva do homem desde o etéreo até, mais abaixo, o semi-etéreo e o puramente físico: até a redenção do homem em relação ao seu *casaco de pele* e de matéria, depois do quê, a evolução continua percorrendo a sua trajetória para baixo e depois novamente para cima, até encontrar a culminação de uma Ronda, quando a “Serpente” manvantárica “engole a sua cauda” e sete ciclos menores estão completos. Estes são os grandes Ciclos Raciais que afetam igualmente todas as nações e tribos incluídas em cada Raça especial; mas há ciclos menores e nacionais, assim como ciclos tribais dentro destes, os quais decorrem independentemente uns dos outros. Eles são chamados, no esoterismo Oriental, de ciclos *Cármicos*. No Ocidente, na medida em que a Sabedoria Pagã tem sido repudiada como algo nascido dos - e desenvolvido pelos - poderes obscuros que estão supostamente em constante guerra e em oposição ao pequeno deus tribal Jeová - o significado completo e terrível da NÊMESIS grega (Carma) foi inteiramente esquecido. Se não fosse assim, os cristãos teriam compreendido melhor a profunda verdade de que Nêmesis não tem atributos; de que, enquanto a temida deusa é absoluta e imutável como um Princípio, somos nós próprios - como nações e como indivíduos - que a impelimos à ação e damos impulso ao seu direcionamento. CARMA-

³⁰⁶ Cabiros - “Kabiri” no original em inglês. Cabiros, na mitologia grega, são gênios (espíritos) benfeitores. (Nota do Tradutor)

³⁰⁷ Tal simbolismo não anula o fato de que estes personagens agora aparentemente míticos governaram a Terra em épocas passadas, atuando sob a forma humana de viver, embora fossem homens realmente divinos e semelhantes a deuses. A opinião do Coronel Vallancey (e também do Conde de Gobelin) segundo a qual “*os nomes dos Cabiros parecem ser todos alegóricos e não parecem significar mais do que (?) um almanaque das vicissitudes das estações - calculado para as operações da agricultura*” - (Coronel Chas. Vallancey, *Collectanea. de Rebus Hibernicus*, 1770-1804, Vol. 4, pt. 1, número 13, Pref. Section 5, citado em Faber, *Dissertation*, etc., Vol. I, p. 7) é tão absurda quanto a sua afirmação de que Éon, Cronos, Saturno e Dagon são todos o mesmo, isto é, o “patriarca Adão”. Os Cabiros foram os instrutores da humanidade em relação à agricultura, porque eram os *regentes* das estações e dos ciclos cósmicos. Por isso eram eles que regulavam, como Espíritos planetários ou “Anjos” (mensageiros), os *mistérios da arte da agricultura*. (Nota de H.P. Blavatsky, com referências bibliográficas revisadas por Boris de Zirkoff)

³⁰⁸ Veja, na Parte II deste volume I, a Seção 7, intitulada “Os Dias e Noites de Brahmâ”. (Nota de H.P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

NÊMESIS é a criadora das nações e dos mortais, mas, uma vez criados, são eles que fazem dela uma fúria ou um Anjo recompensador. Sim -

“Sábios são aqueles que adoram Nêmesis” ³⁰⁹ -

conforme o *coro* afirma falando a Prometeu. E também, não são nada sábios aqueles que creem que a boa vontade da deusa pode ser conquistada por quaisquer sacrifícios e orações, ou que a roda da deusa pode ser tirada do seu caminho depois de começar a trilhá-lo. ³¹⁰ “As três Moiras e as sempre atentas Fúrias” são os atributos dela apenas na Terra, e são produzidas por nós mesmos. Não há possibilidade de reverter os caminhos que ela percorre; no entanto, estes caminhos são produzidos por nós próprios, porque somos nós, coletiva e individualmente, que os preparamos. Carma-Nêmesis é sinônimo de PROVIDÊNCIA, retiradas as ideias de *intenção*, de bondade e qualquer outro atributo ou qualificação *finitos*, que são atribuídos à PROVIDÊNCIA de maneira tão não-filosófica. O Ocultista, ou um filósofo, não falará da bondade ou crueldade da Providência; mas, identificando-a com Carma-Nêmesis, ele ensinará mesmo assim que ela protege os bons e vigia por eles nesta vida como nas vidas futuras, e ela pune os que agem mal - sim, até o seu sétimo renascimento. Em resumo, enquanto os efeitos do fato de que alguém provocou perturbação mesmo no menor átomo do Mundo Infinito da harmonia não tenham sido reajustados. Porque o único decreto do Carma - um decreto eterno e imutável - é absoluta Harmonia no mundo da matéria tal como no mundo do Espírito. Não é o Carma, portanto, que pune ou recompensa, mas somos nós que punimos ou recompensamos a nós próprios, com a natureza e através dela, conforme nós trabalhamos com a natureza, através dela e ao lado dela, obedecendo às leis das quais depende aquela Harmonia - ou quebramos as leis.

Os caminhos do Carma não seriam inescrutáveis se os homens trabalhassem em união e harmonia, em vez de desunião e conflito. Porque a nossa ignorância daqueles caminhos - que uma parte da humanidade chama de caminhos da Providência, obscuros e intrincados; enquanto outra parte da humanidade vê neles a ação de um Fatalismo cego; e uma terceira parte, simples acaso, sem que nem deuses nem demônios guiem estes caminhos - esta nossa ignorância iria simplesmente desaparecer, se nós apenas atribuíssemos todos eles à sua causa correta. Com conhecimento correto, ou pelo menos uma confiante convicção de que os nossos próximos não vão trabalhar para prejudicar-nos com mais intensidade do que nós pensaríamos em prejudicá-los, dois terços do mal do Mundo se desmanchariam no ar. Se nenhum ser humano quisesse prejudicar o seu irmão, Carma-Nêmesis não teria nem motivo para trabalhar, nem armas através das quais agir. É a constante presença entre nós de todo tipo de elemento de conflito e oposição, e a divisão de raças, nações, tribos, sociedades e indivíduos entre Caim e Abel, lobo e cordeiro, que constitui a principal causa dos “caminhos da Providência”. Nós criamos estes numerosos caminhos sinuosos em nossos destinos diariamente com nossas próprias mãos, enquanto pensamos que estamos criando um Caminho Real de

³⁰⁹ “... que *temem* Carma-Nêmesis” seria melhor. (Nota de H.P. Blavatsky)

³¹⁰ De fato, “a roda da deusa (do carma) não pode ser tirada do seu caminho depois de começar a trilhá-lo”. Porém o carma é também flexível e elástico e sua lei não deve ser entendida de modo fatalista. Nós mesmos criamos o nosso carma, conforme ensina Blavatsky. Poucas linhas acima, HPB afirmou que somos nós que damos impulso ao nosso carma. Assim, *cabe deixar de criar mau carma, e passar a criar bom carma*. Os maus pensamentos e as más ações devem ser compensados com os pensamentos e as ações corretos que são os seus opostos, segundo esclarecem os Ioga Sutras de Patañjali, livro II, aforismos 33 e 34. (Nota do Tradutor)

respeitabilidade e dever, e depois reclamamos dos caminhos do carma porque são tão obscuros e tão intrincados. Ficamos perplexos diante do mistério que nós mesmos produzimos, e dos enigmas da vida que *nós não* resolveremos, e depois acusamos a grande Esfinge de devorar-nos. Mas na verdade não há um só acidente em nossas vidas, um só dia infeliz, ou infortúnio, que não possa ser reconhecido como resultado de nossas próprias ações, nesta ou em outra vida. Se nós desobedecemos às leis da Harmonia, ou, segundo afirma um escritor teosófico, “às leis da vida”, devemos estar preparados para cair no caos que nós mesmos produzimos. Porque, de acordo com o mesmo escritor, “a única conclusão a que podemos chegar é que estas leis são as suas próprias vingadoras; e conseqüentemente, que cada Anjo vingador é apenas uma representação tipificada da reação delas”.

Portanto, se há alguém que está indefeso diante destas leis, não somos nós, os artífices dos nossos destinos, mas sim aqueles anjos, os guardiães da harmonia. Carma-Nêmesis não é mais do que o efeito dinâmico (espiritual) de causas produzidas e forças colocadas em atividade pelas nossas próprias ações. Uma lei da dinâmica oculta afirma que “uma determinada quantidade de energia gasta no plano espiritual ou astral produz resultados muito maiores do que a mesma quantidade de energia gasta no plano físico objetivo da existência”.

Este estado vai durar até que as intuições espirituais do ser humano estejam completamente abertas, o que não ocorrerá enquanto não lançarmos fora os nossos grossos casacos de matéria; enquanto não começarmos a agir desde *dentro*, ao invés de sempre seguirmos impulsos desde *fora*; concretamente, os impulsos produzidos pelos nossos sentidos físicos e pelo nosso corpo grosseiro egoísta. Até lá o único paliativo para os males da vida está na união e na harmonia - uma Fraternidade IN ACTU, e um *altruísmo* que não está limitado às palavras apenas. A supressão de uma só *causa* má irá suprimir não um, mas uma variedade de maus efeitos. E se uma Fraternidade ou mesmo um grande número de Fraternidades não forem capazes de evitar que as nações ocasionalmente cortem as gargantas umas das outras - ainda assim a unidade em pensamento e ação, e a pesquisa filosófica sobre os mistérios do ser, sempre irão impedir que alguns, enquanto tentam compreender aquilo que até aqui tem permanecido um enigma para eles, criem causas adicionais em um mundo já tão cheio de sofrimento e maldade. O conhecimento do Carma produz a convicção de que se

“..... A virtude maltratada e o vício triunfante
Transformam os seres humanos em ateus,” ³¹¹

é apenas porque a humanidade tem sempre fechado os olhos para a grande verdade de que o homem é, ele próprio, o seu salvador, assim como seu destruidor. De que ele não precisa acusar o Céu, os deuses, o Destino e a Providência pela aparente injustiça que reina no meio da humanidade. Ao invés disso, ele deve lembrar e repetir este fragmento da sabedoria grega, que alerta o homem para não fazer acusações contra *Aquilo* que

“Justo, embora misterioso, nos leva para adiante sem erro,
Através de caminhos sem marcos, desde a culpa para a punição

- que são agora os caminhos e a estrada pelos quais avançam as grandes nações europeias. Os arianos ocidentais, como qualquer nação e tribo, e como os seus irmãos

³¹¹ John Dryden, *Cleomenes* (1697), Ato IV, cena 1. (Nota de H.P. Blavatsky, ampliada por Boris de Zirkoff)

Orientais da Quinta Raça, tiveram as suas eras de Ouro e de Ferro, o seu período de relativa irresponsabilidade, ou a era Satya de pureza, enquanto agora, várias delas atingiram a sua Era de Ferro, o *Kali Yuga*, uma era NEGRA DE HORRORES

É verdade, por outro lado, que os ciclos exotéricos de todas as nações têm sido corretamente descritos como sendo derivados de movimentos siderais, e como sendo dependentes destes movimentos. As movimentações siderais estão inseparavelmente unidas aos destinos das nações e dos homens. Mas no seu sentido puramente físico, a Europa não conhece outros ciclos além dos astronômicos, e faz os seus cálculos com base neles. Ela tampouco quer ouvir falar sobre nada exceto círculos *imaginários*, ou circuitos nos céus estrelados que os rodeiam -

“Com ciclos e epiciclos cêntricos e excêntricos, mal traçados, esferas dentro de esferas ...”

Mas entre os pagãos, para os quais, conforme afirma Coleridge, “..... o Tempo, o tempo cíclico, era a sua abstração da Deidade...”, sendo que aquela “Divindade” se manifestava em coordenação com o Carma e só através do Carma, e sendo ela própria CARMA-NÊMESIS, os ciclos significavam algo mais do que uma mera sucessão de acontecimentos ou um espaço periódico de tempo, de uma duração mais ou menos prolongada. Porque eles estavam geralmente marcados por ocorrências periódicas de um caráter mais variado e mais intelectual do que se pode ver no retorno periódico das estações ou de certas constelações. A sabedoria moderna se satisfaz com cálculos astronômicos e profecias baseadas em leis matemáticas infalíveis. A Sabedoria Antiga acrescentava à fria casca da astronomia os elementos vivificantes da sua alma e do seu espírito - a ASTROLOGIA. E, como os movimentos siderais *de fato* regulam e determinam outros acontecimentos na Terra - além das batatas e da doença periódica deste útil vegetal - (uma afirmação que, não podendo ser objeto de uma explicação científica, é objeto apenas de zombaria, ao mesmo tempo que é aceita) - estes acontecimentos têm que ser predeterminados por simples cálculos astronômicos. Quem acredita em astrologia compreenderá o que estamos dizendo; os cétricos rirão da crença e zombarão da ideia. Assim eles fecham os seus olhos, tal como o avestruz, selando assim o seu destino (.....). ³¹²

³¹² Nem todos, no entanto, porque há cientistas acordando para a verdade. Isto é o que lemos: “Por onde quer que voltemos os nossos olhos encontramos um mistério tudo na Natureza é para nós *o desconhecido* No entanto, são numerosas aquelas mentes superficiais para as quais nada pode ser produzido por forças naturais, fora dos fatos observados há muito tempo, consagrados em livros e agrupados de maneira mais ou menos eficiente com ajuda de teorias cuja duração efêmera deveria, a esta altura, ter deixado clara a sua insuficiência (....). Eu não pretendo *negar a possibilidade de Seres invisíveis, de uma natureza diferente da nossa, e capazes de levar a matéria à ação*. Filósofos profundos admitiram esta possibilidade em todas as épocas como consequência da grande lei da continuidade que governa o Universo. Quanto a aquela vida intelectual que nós vemos começando de alguma maneira a partir do não-ser (*néant*) e gradualmente chegando até o ser humano, será que ela pode parar abruptamente no homem e reaparecer apenas no infinito, no soberano regulador do mundo? Isso é pouco provável.” Portanto... “eu não nego a existência de Espíritos, assim como não nego a existência da alma, ao mesmo tempo que tento explicar certos fatos sem estas hipóteses”. As palavras acima foram escritas por Albert de Rochas, um cientista bem conhecido na França, e a sua obra é um dos sinais dos tempos. (Ver “*Les Forces Non Définies*”, Recherches historiques et expérimentales, Paris, 1887, pp. 1-3.) (Nota de H.P. Blavatsky, com referências bibliográficas revisadas por Boris de Zirkoff)

Isso porque o pequeno período *histórico* deles, assim chamado, não lhes dá uma margem de comparação. O céu sideral está diante deles; e embora a visão espiritual deles esteja ainda fechada e o pó atmosférico de origem terrestre sele a visão deles, amarrando-a aos limites dos sistemas físicos, eles ainda percebem os movimentos dos meteoros e cometas e anotam o seu comportamento. Eles registram os adventos periódicos daqueles viajantes andarilhos e “mensageiros flamejantes”, e profetizam, em consequência disso, terremotos, chuvas de meteoritos, a aparição de certas estrelas, cometas, etc., etc. Eles são adivinhos, por causa disso? Não; são astrônomos eruditos.

Por que deveriam então ser desacreditados os ocultistas e astrólogos, igualmente eruditos, quando eles profetizam o retorno de algum evento cíclico com base no mesmo princípio matemático? Por que deveria ser ridicularizada a sua afirmação de que *sabem* do assunto? Como os antepassados e antecessores deles, registraram a recorrência de tais acontecimentos em suas respectivas épocas ao longo de um período que inclui centenas de milhares de anos, segue-se que a conjunção das mesmas constelações deve necessariamente produzir efeitos que, se não forem exatamente iguais, devem ser pelo menos similares. Será que as profecias são ridicularizadas por causa da afirmação sobre as centenas de milhares de anos de observação, e os milhões de anos das raças humanas? Por sua vez, a ciência moderna, com seus números geológicos e antropológicos muito mais modestos, é motivo de riso para aqueles que defendem a cronologia bíblica. Assim, o Carma ajusta até mesmo a risada humana às custas recíprocas das seitas, das sociedades eruditas, e dos indivíduos. No entanto, na prognosticação *destes* futuros eventos, pelo menos, todos previstos com base na autoridade das recorrências cíclicas, não há fenômenos psíquicos envolvidos. Não é nem *previsão*, nem *profecia*; assim como o ato de assinalar um cometa ou uma estrela vários anos antes da sua aparição. Trata-se simplesmente de conhecimento e de cálculos matematicamente corretos que permitem aos SÁBIOS ORIENTAIS prever, por exemplo, que a Inglaterra está às vésperas de uma catástrofe semelhante ou de outro tipo; que a França, aproximando-se deste ponto no seu ciclo, e a Europa em geral ameaçada por, ou melhor, na véspera de um cataclisma, coisa a que o próprio ciclo de *Carma racial* *a levou*. A confiabilidade desta informação depende, é claro, de aceitar ou rejeitar a afirmação de que há um período tremendamente grande de observação histórica. Os Iniciados do Oriente sustentam que eles mantêm registros do desenvolvimento racial e de acontecimentos de importância universal ininterruptos desde o começo da Quarta Raça - sendo que o anterior existe por tradição. Além disso, aqueles que acreditam em Vidência e poderes Ocultos não terão dificuldade em dar crédito ao aspecto geral, pelo menos, da informação dada, mesmo que seja por tradição, uma vez que esta última seja testada e corrigida pela corroboração da clarividência e do conhecimento esotérico. Mas na presente situação não se alega nem exige este tipo de crença metafísica como nosso apoio principal, mas é dada uma prova com base no que, para todos os Ocultistas, é uma evidência bastante científica - os registros preservados através do *Zodiaco* durante eras incalculáveis.

Está agora amplamente comprovado que mesmo os horóscopos e a astrologia judiciária não estão baseados apenas em ficção, e que as estrelas e constelações, como consequência, têm uma influência oculta e misteriosa sobre os indivíduos, e uma conexão com eles. E se têm uma ligação com os indivíduos, por que não a terão com as nações, as raças, e a humanidade como um todo? Isso, novamente, é uma afirmação feita com base na autoridade dos registros Zodiacais. Com sua permissão, nós veremos,

então, até que ponto o Zodíaco era conhecido pelos antigos, e até que ponto ele foi esquecido nos tempos modernos.

17. O Zodíaco e a Sua Antiguidade

[\(Volte para o Sumário\)](#)

“Todos os seres humanos tendem a desenvolver uma grande vaidade a respeito da sua própria compreensão, e a serem obstinados ao defenderem suas opiniões”, disse Jordan, com razão acrescentando: “e no entanto quase todos os homens *são guiados pelas compreensões de outros, e não pelas suas*; e pode-se dizer com mais razão que eles adotam, do que produzem, suas opiniões.”

Isto se torna duplamente verdadeiro na questão das opiniões científicas sobre as hipóteses oferecidas à consideração. Os preconceitos e ideias preconcebidas das chamadas “autoridades” com frequência decidem questões da mais decisiva importância para a história. Há várias opiniões predeterminadas deste modo entre os nossos eruditos Orientalistas, no entanto, poucas, entre elas, são mais injustas ou *ilógicas* do que o erro generalizado em relação à antiguidade do Zodíaco. Graças ao passatempo de alguns Orientalistas alemães, certos sanscritistas ingleses e norte-americanos aceitaram a opinião do professor Weber segundo a qual os povos da Índia não tinham nem ideia nem conhecimento do Zodíaco antes da invasão Macedônica ³¹³, e foi a partir dos gregos que os antigos hindus importaram o Zodíaco para seu país. Várias outras “autoridades” afirmam também que nenhuma nação oriental sabia do Zodíaco antes que os helênicos tivessem a bondade de contar a seus vizinhos sobre a sua invenção. *Isto*, diante do *Livro de Jó*, que eles mesmos declaram ser o livro mais antigo, no cânone hebraico, certamente anterior a Moisés, e que fala da *produção* “de Arcturus, de Órion e das Plêiades (*Ash, Kesil, e Cimah*) e das câmaras do Sul” (ix, 9); de Escorpião e dos *Mazzaroths* - os DOZE SIGNOS (XXXVIII, 31,32), e estas palavras, se significam alguma coisa, querem dizer que o Zodíaco era conhecido até mesmo pelas tribos árabes nômades. O *Livro de Jó*, dizem eles, é de pelo menos mil anos antes de Homero e Hesíodo - sendo que os dois poetas viveram cerca de oito séculos antes da era Cristã (!!). Por outro lado, alguém que prefira acreditar em Platão, que mostra Homero vivendo muito antes, poderia assinalar um número significativo de signos zodiacais mencionados na *Ilíada* e na *Odisseia*, nos poemas Órficos, e em outros lugares. Mas desde a hipótese fantasiosa de alguns críticos modernos dizendo que nem Orfeu nem Homero ou Hesíodo jamais existiram, parece ser uma perda de tempo sequer mencionar estes escritores arcaicos. O *Jó* árabe será o suficiente; a menos, é claro, que o seu volume de lamentações, junto com os poemas dos dois gregos, acrescentando-se a eles os de Linus, devam agora ser também declarados como fraudes patrióticas do judeu Aristóbulo. Mas se o Zodíaco era conhecido nos dias de Jó, como poderiam os civilizados e filosóficos hindus ter permanecido sem conhecimento dele?

Arriscando ser alvo das flechas da crítica moderna - de certo modo ineficientes pela falta de uso - o leitor pode ser avisado a respeito da erudita opinião de Bailly sobre o

³¹³ Macedônia é uma região da Grécia. Alexandre da Macedônia invadiu a Índia no ano de 326 Antes da Era Cristã. (Nota do Tradutor)

assunto. É possível demonstrar o erro de especulações deduzidas. Cálculos matemáticos se afirmam sobre territórios muito mais estáveis. Tomando como ponto de partida várias referências astronômicas em *Jó*, Bailly concebeu um meio bastante criativo de provar que os primeiros fundadores da ciência do Zodíaco pertenciam a um povo antediluviano primitivo. O fato de que ele parece disposto a ver em Thoth, em Seth e em *Fohi*, da China, alguns dos patriarcas bíblicos não interfere com a validade da sua prova em relação à antiguidade do Zodíaco.³¹⁴ Mesmo aceitando hipoteticamente como a era correta da ciência a sua cautelosa indicação de 3700 anos antes da era cristã, esta data prova da maneira mais irrefutável possível que não foram os gregos que inventaram o Zodíaco, pela simples razão de que eles ainda não existiam como nação 37 séculos antes da era cristã - pelo menos não existiam como uma raça *histórica* admitida pelos críticos. Bailly então calculou o período em que as constelações manifestaram a influência atmosférica que Jó chama de “doces influências das Plêiades”³¹⁵ (em hebraico, *Chimah*, veja Jó, 38:31); de *Cesil* (Órion); e a influência das chuvas do *deserto* em relação a Escorpião, a oitava constelação; e Bailly descobriu que na presença da eterna conformidade daquelas divisões do zodíaco e nomes de planetas aplicados na mesma ordem por toda parte e sempre; e na presença da impossibilidade de atribuir tudo isso ao acaso e à *coincidência*, “que nunca cria tais similaridades”, deve ser dada de fato uma grande antiguidade para o zodíaco. (Veja *Astronomie Antique*, pp. 63 a 74.)

Novamente, se a Bíblia é vista como autoridade em qualquer tema (e há alguns que ainda pensam assim, seja desde pontos de vista cristãos ou cabalísticos), então o zodíaco é claramente mencionado em II Reis, 23:5. Antes que o “livro da lei” fosse “descoberto” por Hilquias, o sumo-sacerdote (II Reis, 22), os signos do zodíaco eram conhecidos e adorados. Eles eram objetos da mesma adoração que o Sol e a Lua, já que os “sacerdotes, a quem os reis de Judá tinham dado ordens de queimar incenso para Baal, para o Sol, a Lua e os planetas, e para toda a hoste do céu”, ou os *doze signos* ou *constelações*, conforme explica uma nota à margem na edição da Bíblia em inglês (ver II Reis, 23:5), tinham seguido a determinação durante séculos. Eles foram levados a abandonar a sua idolatria apenas pelo rei Josias, em 624 antes da era cristã.

O Velho Testamento está cheio de referências aos doze signos zodiacais, e toda a sua estrutura está construída a partir deles - heróis, personagens, e acontecimentos. Assim, o sonho de José, que viu onze “estrelas” inclinando-se para a *décima segunda*, que era a *sua* “estrela”, se refere ao zodíaco. Os católicos romanos descobriram neste sonho, além disso, uma profecia sobre Cristo - que é aquela décima segunda estrela, dizem eles - e os *onze* apóstolos; sendo que a ausência do décimo segundo apóstolo é uma referência profética à traição de Judas. Os doze filhos de Jacó são também uma alusão ao zodíaco, como corretamente assinalado por Villapandus (*Temple de Jerusalem*, vol. II, segunda parte, cap. xxx). Sir James Malcolm, em sua obra *History of Persia* (cap. vii) mostra o *Dabestan*³¹⁶ ecoando todas estas tradições a respeito do Zodíaco. Ele atribui a invenção

³¹⁴ *Astronomie Antique*. (Nota de H.P. Blavatsky)

³¹⁵ As *Plêiades*, como todos sabem, são as sete estrelas além do Touro, que aparecem no início da primavera do hemisfério norte. Elas têm um significado muito oculto na filosofia esotérica hindu, e estão conectadas com o *som* e outros princípios místicos da Natureza. (Nota de H.P. Blavatsky)

³¹⁶ *Dabestan-e Mazaheb*, obra persa do século 17, que compara diversas religiões da Ásia e do Oriente Médio. (Nota do Tradutor)

do zodíaco aos dias prósperos da era dourada do Irã, destacando que segundo uma destas tradições, os espíritos dos planetas são representados sob as mesmas formas e figuras que eles haviam assumido quando *se tornaram visíveis como aparições para vários profetas sagrados*, e assim levaram ao estabelecimento de rituais baseados no Zodíaco.

Pitágoras, e depois dele Filo, o judeu, afirmava que o número 12 era muito sagrado. “O dodecaedro é um número PERFEITO.” É o único entre os signos do Zodíaco, diz Filo, que o Sol visita em doze meses, e é em homenagem a este signo que Moisés dividiu a sua nação em doze tribos, que estabeleceu as doze tortas (Levítico, 24:5) do *pão sagrado*, e colocou doze pedras preciosas em torno do *éfode* ³¹⁷ dos pontífices. ³¹⁸

De acordo com Sêneca, Beroso ensinava a profetizar os acontecimentos e cataclismas futuros através do Zodíaco; e o momento indicado por ele para a conflagração do mundo (*pralaya*), assim como outro momento para um dilúvio, corresponde ao tempo indicado em um antigo papiro egípcio. Ocorre a cada renovação do ciclo do ano sideral de 25.868 anos. Os nomes dos meses do Império Acádio eram iguais aos nomes dos signos do Zodíaco, e derivavam deles, e os próprios acadianos eram muito anteriores aos caldeus. Em sua obra *Myths and Marvels of Astronomy*, o sr. Proctor mostra que em 2.400 antes da era cristã os astrônomos antigos haviam adquirido um sistema extremamente exato de astronomia; os hindus contam o seu Kali Yuga a partir de uma grande conjunção periódica dos planetas 31 séculos antes da era cristã; e além de tudo, foram os gregos que faziam parte da expedição de Alexandre o Grande que ensinaram astronomia para os hindus arianos!

Quer a origem do Zodíaco seja ariana ou egípcia, ela tem de qualquer modo uma imensa antiguidade. Segundo Simplicio (século VI da era cristã) escreve, ele sempre ouviu dizer que os egípcios haviam mantido registros de observações astronômicas durante os últimos 630.000 anos. Esta afirmação parece assustar o sr. G. Massey, que assinala, sobre isso, em sua obra *Natural Genesis* ³¹⁹, “se nós lermos este número de anos como se fossem meses, palavra que Euxodus disse que os egípcios usavam para designar os anos, *isso* ainda daria a extensão de dois ciclos de precessão (ou 51.736 anos).” Diógenes Laércio atribuiu o começo dos cálculos astronômicos dos egípcios a 48.863 anos antes de Alexandre o Grande (*Proêmio*, 2). Martianus Capella corrobora a mesma ideia dizendo para a posteridade que os egípcios haviam secretamente estudado astronomia durante mais de 40.000 anos, antes de transmitirem o seu conhecimento para o mundo (conforme *Astronomy of the Ancients*, Lewis, p. 264).

Vários trechos valiosos são citados em *Natural Genesis* com a intenção de apoiar as teorias do autor, mas eles justificam muito mais a *Doutrina Secreta*. Por exemplo, é citada a obra *Life of Sulla*, de Plutarco, dizendo: “Um dia quando o céu estava sereno um som foi nele escutado de uma trombeta, tão alto, estridente e triste, que assustou o mundo. Os sábios toscanos disseram que o som *anunciava uma nova raça de seres humanos e uma renovação do mundo; pois eles afirmaram que havia uma*

³¹⁷ Éfode (*ephod* no original em inglês): vestimenta ornada com pedras preciosas, inclusive ônix, e usada em rituais israelitas. (Nota do Tradutor)

³¹⁸ Ver *De Fuga et Inventione*, de Philo (Filon de Alexandria), xxxiii. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

³¹⁹ *Natural Genesis*, Vol. II, p. 318. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

diversidade de oito tipos de homens, todos diferentes entre si em vida e em maneiras, e que o Céu havia dado a cada um o seu tempo, que era limitado pelo circuito do grande ano” (25.868 anos).

Isto nos faz lembrar fortemente das nossas sete raças, e do oitavo homem - o “homem animal” - descendente do período final da Terceira Raça; e também das sucessivas submersões e da destruição de continentes que finalmente eliminaram quase totalmente o conjunto daquela raça.

“Os assírios”, diz Jâmblico, “não só preservaram a memória de vinte e sete miríades de anos (270.000 anos), como Hiparco afirma que preservaram, mas também a totalidade das apocatástases e períodos dos sete governantes do mundo”. (Proclus em *Timaeus*, Livro I) Este é o cálculo da *Doutrina Esotérica*, embora pareça apenas aproximado. Porque um milhão de anos é atribuído à nossa atual Raça-Raiz (a Quinta), e cerca de 850.000 anos passaram desde a última submersão da última grande ilha (parte do continente), Ruta, da Quarta Raça, ou a raça dos Atlantes; enquanto Daitya, uma pequena ilha habitada por uma raça mista, foi destruída cerca de 270.000 anos atrás, durante o período glacial ou em torno dele (ver Volume II). Mas os Sete Governantes, ou as grandes Dinastias dos reis *divinos* pertencem às tradições de todos os grandes povos da antiguidade. Onde quer que o número doze esteja presente, trata-se invariavelmente dos doze signos do zodíaco.

O fato é tão evidente que os escritores católicos romanos - especialmente entre os ultramontanos franceses - têm tacitamente aceitado ligar os doze Patriarcas Judeus com os *signos* do Zodíaco. Isto é feito de uma maneira profética-mística, que soa, a ouvidos piedosos e ignorantes, como um sinal prodigioso, um reconhecimento divino tácito do “povo escolhido de Deus”, cujo dedo supostamente traçou no céu, desde o início da criação, os números destes patriarcas. Por exemplo, estes escritores (De Mirville entre outros) reconhecem, curiosamente, todas as características dos 12 signos do Zodíaco nas palavras expressadas por Jacob a seus filhos nos momentos anteriores à sua morte, e nas suas definições sobre o futuro de cada Tribo. (Veja o *Gênesis*, cap. XLIX.) Além disso, as respectivas bandeiras das doze tribos, segundo se afirma, exibiam os mesmos símbolos e os mesmos nomes que os signos, repetidos nas doze pedras de *Urim* e *Thummim*, e nas doze asas do querubim. Deixando a prova da exatidão da alegada correspondência a cargo dos místicos mencionados, o que acontece é o seguinte: O Homem ou o *Aquário*, está na esfera de Rubem, que é descrito como “tão instável como água” (na *Bíblia Vulgata* está “tão rápido como a água”); *Gêmeos*, na forte associação fraternal de Simeão e Levi; *Leão*, na imagem de Judá, o “Leão forte” de sua tribo, o “filhote de leão”; *Peixes*, em Zabulon, que “vai viver no porto do mar”; *Touro*, em Issachar, porque ele é “um asno forte deitado”, etc., e portanto associado com os estábulos; *Virgo-Escorpião*, em Dan, que é descrito como “uma víbora no caminho que morde”, etc.; *Capricórnio* em Naftali que é “uma corça (um cervo) que se libertou”; *Câncer*, em Benjamin, porque ele é “*esfomeado*”: *Libra*, a “Balança”, em Asher, cujo “pão será gordo”; *Sagitário* em José, porque “seu arco tinha grande força”. Para completar com o *décimo-segundo* signo, *Virgo*, signo tornado independente de *Escorpião*, é Diná, a única filha de Jacó. (Veja *Gênesis*, xlix.) A tradição afirma que as bandeiras das *supostas* 12 tribos continham os 12 signos. Mas além destes simbolismos, a Bíblia está cheia de símbolos e personificações teo-cosmológicas e astronômicas.

Ainda está por investigar e por perguntar: se o destino do verdadeiro Patriarca vivo estava tão indissolúvelmente ligado com o Zodíaco, porque é que, depois da perda das dez tribos, também não desapareceram miraculosamente dos campos siderais os dez

signos? Mas isso não é importante. É melhor dedicarmo-nos à história do Zodíaco em si.

Agora cabe chamar a atenção do leitor para determinadas opiniões sobre o assunto, expressadas por algumas das mais altas autoridades em Ciência.

Newton acreditava que a invenção do Zodíaco podia ser atribuída a uma data tão antiga quanto a expedição dos Argonautas; e Dulaure fixou a sua origem em 6.500 antes da era cristã, apenas 2.496 anos antes da criação do mundo segundo a cronologia da Bíblia.

Creuzer acredita ser muito fácil mostrar que a maior parte das teogonias estão intimamente conectadas com vários calendários, e aponta para o Zodíaco como a origem primária deles - se não idêntico ao Zodíaco que conhecemos hoje, pelo menos bastante análogo a ele. Ele tem certeza de que o Zodíaco e as suas relações místicas estão na base de todas as mitologias, de uma forma ou de outra, e de que o Zodíaco existiu na forma antiga durante eras anteriores; devido a uma singular coordenação de acontecimentos, ele assumiu definitivamente a atual forma astronômica. (*Creuzer*, Livro III, p. 930.)

Quer “os espíritos dos planetas” (nossos Dhyan Chohans das esferas supramundanas) tenham ou não aparecido diante de “profetas sagrados”, tal como se afirma no *Dabestan*, parece que grandes leigos e os grandes guerreiros foram de certa maneira favorecidos nos tempos antigos, quando a *magia* astrológica e a *teofania* andavam lado a lado na Caldeia. Porque Xenofonte, que não era um homem comum, afirma sobre Ciro que no momento da sua morte aquele rei estava fazendo ardentes agradecimentos a deuses e heróis por haverem transmitido *com tanta frequência, eles próprios*, instruções a ele sobre os *signos* no céu, *ἐν οὐρανίοις σημείοις*.³²⁰

A menos que se suponha que a ciência do Zodíaco seja da mais alta antiguidade e universalidade, como se pode explicar o fato de que os seus signos estão presentes nas teogonias mais antigas? Afirma-se que Laplace viu-se tomado de assombro diante do fato de que os dias da semana de Mercúrio (quarta-feira), de Vênus (sexta-feira), de Júpiter (quinta-feira), de Saturno (sábado) e outros estão relacionados com os dias da semana na mesma ordem e com os mesmos nomes, na Índia tal como no norte da Europa. “Tente, se puder, com o atual sistema de civilizações *autóctones*, tão em moda nos dias atuais, explicar de que modo nações sem ancestrais, sem tradições nem lugares de nascimento em comum, poderiam ter conseguido inventar uma espécie de fantasmagoria celestial, uma verdadeira *confusão* de denominações celestiais, sem sequência e sem objetivo, não tendo relação figurativa com as constelações que representam e, *aparentemente*, ainda menos com as fases da nossa vida terrestre que supostamente representam”, se não tivesse havido uma intenção *geral* e uma causa e uma crença *universais*, na fonte de tudo isso?³²¹ Seguramente Dupuis diz a mesma coisa: “Il est impossible de découvrir le moindre trait de ressemblance entre les parties

³²⁰ *Cyropaedia*, VIII, vii, 3. (Nota de H.P. Blavatsky revisada por Boris de Zirkoff)

³²¹ Aqui temos uma referência bibliográfica que merece atenção. A edição original de 1888 diz, em nota no meio da página, entre parênteses: *Pneumatologie*, Vol. IV., p. 61.” Boris de Zirkoff, por sua vez, afirma o seguinte em nota de rodapé na sua edição revisada: “De Mirville, *Des Esprits*, IV, pp. 59-61.” Na verdade, as duas notas falam da mesma obra, cujo título completo é o seguinte: “*Pneumatologie: Des Esprits Et De Leurs Manifestations Fluidiques*”. Quanto ao nome completo do autor citado, é *Jules Eudes de Mirville*, também conhecido como Marquês ou Marquis De Mirville. (Nota do Tradutor)

du ciel et les figures que les astronomes y ont *arbitrairement* tracées, et de l'autre côté; *le hasard est impossible*" ³²², afirma ele. (*Origine des Cultes*, "Zodiaque")

Não há dúvida de que o acaso é "*impossível*". Não existe "acaso" na Natureza, nela tudo é matematicamente coordenado e mutuamente relacionado em suas unidades. "O acaso", diz Coleridge, "é apenas um pseudônimo de Deus (ou da Natureza), para aqueles casos particulares em que Ele decide não colocar abertamente a sua própria assinatura manuscrita." Substitua a palavra "Deus" pela palavra *Carma* e isto corresponderá a um axioma oriental. Portanto, as "profecias" *siderais* do zodíaco, assim chamadas pelos místicos cristãos, nunca apontam para qualquer acontecimento particular, por mais solene e sagrado que ele possa ser para uma parte da humanidade, mas apontam para leis periódicas da natureza, sempre recorrentes, compreendidas apenas pelos Iniciados dos próprios *deuses* siderais.

Nenhum ocultista e nenhum astrólogo nascido no Oriente jamais concordará com os místicos cristãos, ou mesmo com a astronomia mística de Kepler, apesar da grande ciência e erudição deste último, simplesmente porque, embora as suas premissas estejam bastante corretas, as deduções que ele faz são unilaterais e estão distorcidas por preconceitos cristãos. Ali onde o cristão vê uma profecia apontando diretamente para o Salvador, nações não-cristãs veem um símbolo de uma lei eterna decretada para o atual manvântara. Por que ver em *Peixes* uma referência direta a Cristo - um dos vários reformadores do mundo, um Salvador para os seus seguidores diretos, mas para todos os outros apenas um grande e glorioso Iniciado - se aquela constelação brilha como um símbolo de todos os Salvadores Espirituais passados, presentes e futuros, que transmitem luz e dissipam a escuridão mental? Os simbologistas cristãos tentaram provar que este era o signo de Efraim (filho de José), o *eleito* de Jacó, e que, portanto, foi no momento em que o Sol entrava no signo do Peixe (de *Peixes*) que o Messias Eleito, o Ἰχθῦς dos primeiros cristãos, tinha que nascer. Mas, se Jesus de Nazaré era aquele Messias - será que ele nasceu de fato naquele "momento", ou foi apenas afirmado que nasceu naquele momento, graças a uma adaptação feita pelos teólogos, que tratavam somente de encaixar as suas ideias preconcebidas no meio dos *fatos* siderais e da crença popular? Todos sabem que a verdadeira data e ano do nascimento de Jesus estão totalmente esquecidos. E os judeus, cujos ancestrais fizeram com que a palavra *Dag* significasse ao mesmo tempo "peixe" e "Messias", durante o desenvolvimento forçado do seu idioma rabínico, foram os primeiros a negar esta pretensão cristã. E o que dizer do fato de que os brâmanes também conectam o *seu* "Messias", o eterno avatar Vishnu, com um *peixe* e o Dilúvio, e que os babilônios fizeram do seu *Dag-On* igualmente um peixe e um Messias, o Homem-Peixe e Profeta?

Há alguns iconoclastas entre os egiptologistas que dizem: "Quando os fariseus buscavam um ' *sinal do céu*', Jesus afirmou: '*Nenhum sinal será dado, além do sinal de Jonas*'. (Mateus: 14, 4) (.....) O sinal de Jonas é o sinal de Oan, o homem-peixe de Nínive. (.....) Seguramente não havia outro sinal além do sinal do Sol renascido em *Peixes*. A voz da Sabedoria Secreta diz que aqueles que estão procurando por sinais não podem ter outro sinal além do retorno do homem-peixe Ichthys, Oannes, ou Jonas - que não podia ser transformado em um ser de carne."

³²² "Não se consegue descobrir o menor traço de semelhança entre as diferentes partes do céu e as figuras que os astrônomos definiram arbitrariamente para elas; e por outro lado, *o acaso é impossível*." (Nota do Tradutor)

Ao que parece, Kepler sustentava ser um *fato* concreto que, no momento da “encarnação”, todos os planetas estavam em conjunção no signo de *Peixes*, chamado pelos judeus (cabalistas) de “Constelação do Messias”. “É nesta constelação”, segundo ele, “que estava situada a *estrela dos Magos*”. Esta afirmação, citada pelo Dr. Sepp (“*Vie de Nôtre Seigneur Jésus Christ*”, vol. I, p. 9), deu-lhe ânimo para destacar que “todas as tradições judaicas, enquanto anunciavam aquela *estrela*, que *muitas nações* têm visto” (!) ³²³, acrescentavam que “ela iria absorver os *setenta planetas* que presidem os destinos das várias nações deste globo.” ³²⁴ “Em virtude destas profecias naturais”, explica o Dr. Sepp, “estava escrito nas estrelas do firmamento que o Messias iria nascer no ano lunar do mundo de 4320, naquele ano memorável em que todo o coro dos planetas estaria celebrando o seu jubileu.”

Houve de fato intensas reclamações, no início do século 19, no sentido de que os hindus fizessem uma reparação pelo seu alegado roubo dos “deuses”, dos patriarcas e da cronologia dos judeus. Foi Wilford que reconheceu Noé em Prithi e em Satyavrata, Enos em Dhruva, e mesmo Assur em Ishwara. No entanto, depois de viverem muitos anos na Índia, alguns orientalistas, pelo menos, deveriam ter percebido que não eram apenas os hindus que tinham estes dados, ou que haviam dividido a sua grande era em quatro eras menores. Apesar disso, os autores de *pesquisas asiáticas* caíram no caminho cômodo das mais extravagantes especulações.

“Os teólogos cristãos pensam que é seu dever escrever contra os longos períodos da cronologia hindu”, argumenta com muita razão S. A. Mackey, o “filósofo, astrônomo e sapateiro” de Norwich. “Mas quando um homem de conhecimento crucifica os nomes e os números dos antigos, e os torce e retorce até que eles tomam uma forma completamente diferente da intenção dos autores antigos, mas que, assim mutilados, encaixam-se nas fantasias preexistentes em seu próprio cérebro, de uma maneira tão exata que ele parece *ficar admirado* diante de tamanha descoberta, eu não considero que ele deva ser facilmente perdoado” (*Key of Urania*).

Isso se dirige ao capitão (mais tarde coronel) Wilford, mas as palavras também podem ser aplicadas a mais de um dos nossos orientalistas modernos. Wilford foi o primeiro a coroar as suas especulações fracassadas sobre a cronologia hindu e os Puranas conectando os 4.320.000 anos com a cronologia bíblica, e para isso simplesmente reduziu o número a 4.320 anos (o suposto ano lunar da Natividade); o Dr. Sepp apenas plagiou a ideia deste valente oficial militar. Além disso, ele persistiu em ver a ideia como pertencente aos judeus, e ao mesmo tempo como uma profecia cristã, acusando desta maneira os arianos de haver adotado a revelação semítica, quando o que ocorreu foi o oposto. Os judeus, além disso, não devem ser acusados de despojar os hindus, cujas cifras Ezra provavelmente desconhecia por completo. Evidentemente, e de modo

³²³ Quer muitas nações tenham ou não visto aquela mesma estrela, todos nós sabemos que os sepulcros dos “três Magos”, que têm os nomes bastante alemães de Gaspar e Melchior, sendo Baltazar a única exceção, e os dois outros tendo muito pouca coisa de caldeus, são apresentados pelos sacerdotes na famosa Catedral de Colônia, onde não só se supõe que os corpos dos Magos estejam, mas acredita-se, firmemente, que foram enterrados. (Nota de H.P. Blavatsky)

³²⁴ Esta tradição sobre os *setenta planetas* que presidem os destinos das nações está baseada no ensinamento cosmogônico oculto segundo o qual, além da nossa cadeia-setenária de mundos-planetas, há muitas outras cadeias planetárias no sistema solar. (Nota de H.P. Blavatsky)

inegável, os judeus haviam tomado os números, junto com os deuses, emprestados dos Caldeus. Eles transformaram os 432.000 anos das Dinastias divinas ³²⁵ dos Caldeus em 4320 anos lunares desde a criação do mundo até a era Cristã; quanto aos deuses babilônicos e egípcios, eles, da mesma maneira modesta e silenciosa, os transformaram em Patriarcas. Todas as nações foram mais ou menos culpadas desta reformulação e adaptação de um Panteão universal (inicialmente comum a todas as nações), transformando-o em deuses e heróis nacionais, tribais. Era propriedade sua, na nova vestimenta do Pentateuco, e nenhum israelita nunca o impôs a outros povos, muito menos aos europeus.

Sem gastar tempo para observar além do necessário esta cronologia bastante anticientífica, podemos fazer algumas observações que talvez sejam percebidas como lúcidas. Estes números, de 4320 anos *lunares* do mundo (na Bíblia são usados anos *solares*) não são fantasiosos, em si mesmos, ainda que a sua aplicação seja completamente errada; porque eles eram apenas o eco distorcido da doutrina esotérica, e mais tarde da doutrina bramânica a respeito dos Yugas. Um “Dia” de Brahmá é igual a 4.320.000.000 anos, assim como também uma “Noite” de Brahmá, ou a duração do Pralaya, depois da qual um *novo* SOL ergue-se triunfantemente sobre um *novo* *manvântara*, para a cadeia setenária que ele iluminará. O ensinamento havia chegado à Palestina e à Europa séculos antes da era cristã (veja [Isis Unveiled, Volume II](#), p. 132, ou *Ísis Sem Véu*, Ed. Pensamento, SP, Vol. III, p. 123), e estava presente na mente dos judeus mosaicos ³²⁶, que basearam sobre este ensinamento o seu pequeno ciclo, embora ele só tenha sido completamente expressado através dos cronologistas da Bíblia, que o

³²⁵ Naturalmente, todos os eruditos estão conscientes de que os Caldeus adotavam os mesmos números (432 ou 432.000) para as suas dinastias divinas iguais aos números que os hindus adotam para o seu Mahayuga, isto é, 4.320.000. Portanto, o Dr. Sepp, de Munique, decidiu apoiar Kepler e Wilford na acusação deles segundo a qual os hindus haviam tomado emprestado as cifras dos cristãos, e os caldeus, dos judeus, os quais, segundo se alega, esperavam o seu Messias no ano lunar de 4320! Como estas cifras, segundo autores antigos, foram colocadas por Beroso sobre a base dos 120 Saros - e cada uma destas divisões, Saros, significava seis Neros de seiscentos anos cada, completando uma soma total de 432.000 anos - elas não parecem, portanto, peremptórias. Mas o piedoso professor de Munique explica os números *da maneira correta*. Ele afirma haver resolvido o mistério mostrando que “já que o saros é composto segundo Plínio de 222 meses sinódicos, ou seja, 18 anos e seis décimos”, o calculador naturalmente voltou às cifras “dadas por Suidas”, que afirmava que os 120 saros equivaliam a 2222 anos sacerdotais e cíclicos, ou seja, 1656 anos solares. (“*Vie de Nôtre Seigneur Jésus Christ*”, vol. II, p. 417.)

Na verdade, Suidas não disse nada parecido com isso, e, se tivesse dito, a afirmação não teria provado coisa alguma. Os *neros* e os *saros* eram o mesmo espinho cravado na carne dos escritores antigos *não-iniciados*, assim como o número apocalíptico “666” da “grande Besta” está cravado na carne dos autores modernos, e eles encontraram os seus infelizes Newtons, assim como aconteceu como os números acima. (Nota de H.P. Blavatsky)

³²⁶ Esta frase de HPB deixa claro o fato - totalmente inegável, aliás - de que *os judeus habitavam a Palestina na antiguidade*. O judaísmo, como todos sabemos, é bastante anterior ao cristianismo. O cristianismo, por sua vez, é claramente anterior ao islamismo. Se comparado com o judaísmo, o Islã é um recém-chegado ao Oriente Médio. O islamismo é o mais jovem e o mais inexperiente dos três monoteísmos. A ideia fantasiosa de que os judeus são estranhos à Palestina é um produto exótico de técnicas de propaganda moderna, usadas inicialmente por Hitler, e que tratam de cancelar o passado e apagar a história, ao mesmo tempo que ensinam o desrespeito pela verdade. (Nota do Tradutor)

adotaram, assim como adotaram a data de 25 de dezembro, o dia no qual se dizia que todos os deuses solares haviam encarnado. Qual é a surpresa, então, no fato de o Messias ser apresentado como *tendo* nascido “no ano *lunar* do mundo de 4320”? O “Filho do Espírito da Justiça e da *Salvação*” havia surgido mais uma vez e havia dissipado a escuridão do *pralaya* e o caos do *não-ser* no plano do nosso pequeno globo objetivo e da sua cadeia. Uma vez que o objeto da adoração estava estabelecido, era fácil fazer com que os supostos acontecimentos do seu nascimento, da sua vida, e da sua morte, se adaptassem às exigências e às velhas tradições zodiacais, embora elas tivessem de ser de certo modo remodeladas para a ocasião.

Assim, o que Kepler disse como grande astrônomo se torna compreensível. Ele reconheceu a grande importância universal de todas estas conjunções planetárias, “cada uma das quais” - conforme ele corretamente afirmou - “é um ano *crítico* para a Humanidade”.³²⁷ A rara conjunção de Saturno, Júpiter e Marte tem o seu significado e a sua importância em relação a *alguns grandes resultados* na Índia e na China assim como na Europa, segundo os respectivos místicos de todos estes países. E hoje certamente não passa de uma mera suposição dizer que a natureza tinha em consideração um só Cristo ao construir as suas constelações (para o profano) fantásticas e destituídas de significado. Se é alegado que não pode ter sido um mero acaso que levou os construtores arcaicos do Zodíaco, milhares de anos atrás, a marcar com o asterisco, (*a*) a figura de *Touro*, sem ter nenhuma prova melhor ou mais válida de que ela fosse *profética* do *Verbum*, ou de Cristo, do que o fato de que o *aleph* de *Taurus* significa “o UNO” e o PRIMEIRO, e Cristo também foi o *alfa* ou o UNO, então pode ser demonstrado de mais de uma maneira que esta “prova” não tem validade. Para começar, o Zodíaco existia antes da era cristã, de qualquer modo; além disso, todos os deuses solares estavam misticamente ligados com aquela constelação (de Touro) - Osíris, por exemplo - e eram chamados pelos seus respectivos seguidores de “o Primeiro”. Por outro lado, os compiladores dos epítetos místicos atribuídos ao Salvador Cristão estavam mais ou menos familiarizados com o significado dos signos zodiacais; e é mais fácil supor que eles tenham adaptado as suas afirmações de modo que correspondessem aos sinais místicos, do que pensar que os sinais místicos tenham brilhado como profecia para uma parte da humanidade, durante milhões de anos, sem dar atenção às inúmeras gerações que vieram antes, nem àquelas que viriam depois.

“Não foi o simples acaso”, afirma-se, “que colocou em certas esferas, no trono, a cabeça daquele *Touro* tentando empurrar para longe um *Dragão*, fazendo uso da *cruz ansata* em suas guampas; especialmente porque esta constelação de *Touro* era chamada de ‘*grande cidade de Deus e mãe das revelações*’, e também de ‘*intérprete da voz divina*’,

³²⁷ O leitor deve ter presente o fato de que a expressão “ano crítico”, quando é usada pelos Místicos e pelos Ocultistas, não está presa ao seu significado comum. Não se trata apenas de um período crítico, durante o qual espera-se periodicamente alguma grande mudança, seja na constituição humana ou na constituição do cosmos; mas diz respeito também às mudanças espirituais universais. Os europeus diziam que cada ano número 63 era “o grande ano crítico”, e talvez pensassem corretamente que estes anos fossem os números a que se chegava multiplicando 7 pelos números ímpares 3, 5, 7 e 9. Mas sete é a verdadeira escala da natureza, em Ocultismo, e 7 tem que ser multiplicado de uma maneira e com um método completamente diferentes, que até o momento são desconhecidos pelas nações europeias. (Nota de H.P. Blavatsky)

o *Apis pacis* de Hermoutis ³²⁸, no Egito, o qual (conforme os sacerdotes *patrísticos* mais tarde disseram) preferia oráculos que tivessem relação com o nascimento do Salvador” (*Pneumatologie*, IV., 71).

Há várias respostas para esta suposição teológica. *Em primeiro lugar*, a cruz ansata Egípcia, ou *tau*, a cruz Jaina, ou Suástica, e a cruz cristã, têm, todas, o mesmo significado. *Em segundo lugar*, nenhum povo ou nação, exceto as nações cristãs, deram ao dragão o significado que lhe é dado hoje. A Serpente era o símbolo da SABEDORIA; e o Touro (*Taurus*) era o símbolo da *geração* física ou terrestre. Assim, este último, ao empurrar para longe o Dragão, ou Sabedoria Divina *espiritual*, com o *Tau*, a Cruz - a qual esotericamente significa “a base e estrutura de toda construção” - teria um significado inteiramente *fálico*, fisiológico, se não possuísse ainda outro significado desconhecido dos nossos estudiosos e simbologistas bíblicos. De qualquer maneira, não há qualquer referência especial ao *Verbum* de S. João, exceto, talvez, num sentido geral. O *taurus* (o qual, naturalmente, não é um *cordeiro*, mas um touro) era sagrado em todas as Cosmogonias, entre os hindus assim como entre os zoroastristas, e para os caldeus assim como para os egípcios. Tudo isso é sabido por qualquer criança que vai à escola.

Talvez seja útil estimular a memória dos nossos teosofistas recomendando a eles o que foi dito a respeito da Virgem e do Dragão, e sobre a universalidade dos nascimentos e renascimentos periódicos dos Salvadores do Mundo - deuses solares - em *Ísis Sem Véu*, Ed. Pensamento, SP, vol. IV, pp. 123-124 ([*Isis Unveiled*, vol. II](#), p. 490), com referência a certas passagens do Apocalipse.

Em 1853, o *savant* conhecido como Erard-Mollien leu no Instituto da França um ensaio tentando comprovar a antiguidade do Zodíaco Indiano, em cujos signos foram encontradas a raiz e a filosofia de todos os festivais religiosos mais importantes da Índia. As cerimônias religiosas daquele país têm uma origem que só pode ser encontrada retrocedendo na noite do tempo até pelo menos 3.000 anos antes da era cristã, segundo o palestrante tentou demonstrar. O Zodíaco dos hindus, pensava ele, foi muito anterior ao Zodíaco dos gregos, e diferia dele enormemente em alguns aspectos. No Zodíaco dos hindus vemos o *Dragão* sobre uma árvore, aos pés da qual a “Virgem”, *Kanya-Durga*, uma das deusas mais antigas, está colocada sobre um *leão* que puxa atrás de si o carro *solar*. “Esta é a razão pela qual”, ele acrescenta, “esta Virgem *Durga* não é simplesmente o *registro memorial* de um fato astronômico, mas, de fato, a mais antiga divindade do Olimpo indiano. Ela é evidentemente a mesma de que falaram todos os livros Sibilinos, aquelas obras que foram a fonte de inspiração de Virgílio; é a virgem cujo retorno foi profetizado como um sinal da renovação universal e por que razão”, acrescentou ele, “quando nós vemos até hoje os meses do ano sendo nomeados em função dos nomes de divindades deste Zodíaco solar entre as pessoas que falam o idioma malaiala, no sul da Índia - por que razão aquelas pessoas teriam abandonado o seu Zodíaco ancestral para adotar o Zodíaco dos gregos? Ao contrário, tudo indica que estes símbolos zodiacais foram transmitidos aos gregos pelos Caldeus, que os obtiveram dos brâmanes.” (Veja *Recueil de l'Académie des Inscriptions*, 1853.)

Mas tudo isto é um testemunho bastante precário. Lembremos, no entanto, também o que foi dito e aceito pelos contemporâneos de Volney, o qual, na sua obra “Ruins of

³²⁸ *Apis pacis* era um Touro-Deus, e Hermoutis era uma localidade no Egito antigo. (Nota do Tradutor)

Empires”, p. 360, destaca que, como *Áries* estava no seu décimo quinto grau no ano de 1447 antes da era cristã, segue-se que o primeiro grau de “Libra” não poderia ter coincidido com o equinócio vernal depois do ano de 15.194 antes da era cristã, e se você acrescentar 1790 anos desde Cristo, resulta que se passaram 16.984 anos desde a origem do *Zodiaco*.

O Dr. Schlegel, além disso, em sua obra *Uranographie Chinoise*, atribui à Esfera Astronômica Chinesa uma antiguidade de 18.000 anos. (Veja as pp. 54, 196 e seguintes.)

No entanto, como opiniões citadas sem provas adequadas têm pouca utilidade, pode ser mais útil que nos voltemos para as evidências científicas. O sr. Bailly, o famoso astrônomo francês do século 18, Membro da Academia, etc., etc., afirma que os sistemas hindus de astronomia são de longe os mais antigos, e que a partir deles os egípcios, os gregos, os romanos e mesmo os judeus derivaram os seus conhecimentos. Em apoio deste ponto de vista, ele diz ³²⁹:

“Os astrônomos anteriores a 1491 são, primeiro, os gregos alexandrinos; Hiparco, que estava no auge da sua carreira 125 anos antes da era cristã, e Ptolomeu, 260 anos depois de Hiparco. Na sequência vieram os árabes, que fizeram com que revivesse o estudo da astronomia no século nove. Estes foram sucedidos pelos persas e pelos tártaros, aos quais nós devemos as tábuas de Naceradim de Tus ³³⁰ em 1269, e as de Ulug-beg em 1437. Esta é a sucessão de acontecimentos na Ásia tal como conhecida antes da época indiana de 1491. O que é, então, uma época? É a observação da longitude de uma estrela em determinado momento, o lugar do céu onde ela foi *vista*, e que serve como um ponto de referência, um ponto inicial a partir do qual se pode calcular tanto as posições passadas como as posições futuras da estrela, a partir do seu movimento observado. Mas uma época é inútil a menos que o movimento da estrela tenha sido determinado. Um povo que seja novato em ciência e seja obrigado a adotar uma astronomia estrangeira não tem dificuldade de fixar uma época, já que a única observação necessária é a que se pode fazer a qualquer momento. Mas o que um tal povo necessita acima de tudo, e é obrigado a tomar emprestado, são aqueles elementos que dependem de uma determinação exata, e que requerem uma observação contínua; sobretudo, aqueles movimentos que dependem do tempo e que só podem ser determinados com precisão uma vez que haja séculos de observação. Os dados sobre estes movimentos, então, devem ser tomados emprestados de uma nação que fez as devidas observações, e que tem como patrimônio seu o trabalho de séculos. Concluimos, portanto, que um povo novo não adotará as épocas de um povo antigo sem tomar emprestado também as ‘movimentações médias’. Trabalhando com base neste princípio, veremos que as épocas hindus 1491 e 3102 não poderiam ter derivado das épocas nem de Ptolomeu nem de Ulug-beg.” ³³¹

³²⁹ Aqui começa uma longa citação que ocupa várias páginas. Adotamos o uso de aspas conforme a edição revisada de Bóris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

³³⁰ Naceradim de Tus, em português. Massireddin, na edição original de 1888. *Nasir al-Din al-Tusi*, na edição revisada de Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

³³¹ O leitor deve ter claro, ao longo de toda esta discussão, que em astronomia a palavra “época” significa uma época de referência, ou seja, um ponto de referência que serve para observar, calcular, registrar e compreender fatos ao longo do tempo. (Nota do Tradutor)

“Há ainda a suposição de que os hindus, comparando as suas observações de 1491 com as observações feitas antes por Ulug-beg e Ptolomeu, usaram os intervalos entre estas observações para determinar ‘as movimentações médias’. A data de Ulug-beg é demasiado recente para uma tal determinação, enquanto as datas de Ptolomeu e Hiparco tinham antiguidade escassamente suficiente. Mas se as movimentações de fonte hindu tivessem sido determinadas por estas comparações, as épocas estariam ligadas entre si. Começando a partir das épocas de Ulug-beg e Ptolomeu nós deveríamos chegar a todas as datas dos hindus. Porém isso não ocorre. Portanto, ou as épocas estrangeiras foram desconhecidas pelos hindus, ou elas foram inúteis para eles.”³³²

“A isso nós podemos acrescentar outra consideração importante. Quando uma nação é obrigada a tomar emprestados dos seus vizinhos os métodos ou as movimentações médias das tábuas astronômicas deles, ela tem uma necessidade ainda maior de adotar, além disso, o conhecimento das desigualdades dos movimentos dos corpos celestes, dos movimentos do apogeu, dos nodos, e da inclinação da eclíptica; em resumo, todos aqueles elementos cuja determinação requer a arte de observar, algumas práticas instrumentais, e grande quantidade de trabalho. Todos estes elementos astronômicos, tendo diferenças maiores ou menores entre os gregos de Alexandria, os árabes, os persas e os tártaros, não possuem semelhança alguma com os elementos astronômicos dos hindus. Estes últimos, portanto, não tomaram coisa alguma emprestada dos seus vizinhos.”

Resumindo as observações de Bailly, ele chega às seguintes conclusões:

“Se os hindus não tomaram emprestada a época deles, então eles devem ter possuído uma época real e sua própria, baseada em suas próprias observações; e esta deve ser; ou a época do ano 1491 da nossa era, ou a época do ano 3102 antes da nossa era, esta última estando 4592 anos antes da época 1491. Precisamos escolher entre estas duas épocas e decidir qual delas está baseada em observações. Mas antes de colocar os argumentos que podem e devem decidir a questão, pedimos licença para fazer alguns comentários dirigidos a aqueles que talvez estejam inclinados a acreditar que foram as observações e cálculos modernos que tornaram possível aos hindus determinar as posições passadas dos corpos celestes. Não é nada fácil determinar os movimentos celestes com precisão suficiente e subir o fluxo do tempo 4592 anos, e descrever os fenômenos que devem ter ocorrido no período.”

“Nós hoje possuímos excelentes instrumentos. Nos últimos dois ou três séculos foram feitas observações exatas que já nos permitem calcular com considerável precisão os movimentos médios dos planetas; nós temos as observações dos Caldeus, de Hiparco e de Ptolomeu, as quais, devido à sua distância do tempo presente, nos permitem fixar estas movimentações com uma segurança maior. Ainda assim não podemos descrever com exatidão invariável as observações ao longo de todo o extenso período entre nós e os Caldeus; e ainda seria mais difícil para nós determinar com exatidão acontecimentos que ocorreram 4592 anos antes do tempo presente. Cassini e Maier determinaram - cada um independentemente do outro - o movimento secular da Lua, e eles diferiram por 3m e 43 segundos. Esta diferença daria em 46 séculos uma incerteza de cerca de 3 graus

³³² Veja uma prova científica desta conclusão na página 121 da obra do sr. Bailly, onde o assunto é discutido tecnicamente. (Nota de H.P. Blavatsky)

quanto ao lugar da Lua. Sem dúvida uma destas determinações é mais exata que a outra; e cabe a observações muito antigas decidir qual delas é melhor. Mas em períodos muito remotos, em que não há observações, o resultado é que não temos certeza quanto aos fenômenos. Como, então, poderiam os hindus ter feito cálculos recuando desde o ano 1491 da nossa era, até o ano 3102 antes da nossa era, se eles começaram a estudar astronomia em um passado recente?”

“Os orientais nunca foram o que nós somos. Por mais positiva que seja a nossa avaliação do conhecimento deles, com base na sua astronomia, não podemos supor que eles tiveram jamais a grande quantidade de instrumentos que caracteriza os nossos observatórios modernos, e que é resultado de um progresso ocorrendo simultaneamente em várias artes, e tampouco poderiam eles ter possuído o espírito de descoberta que desde então parece ser exclusivo da Europa, o qual, ao longo do tempo, causa o rápido progresso da ciência e da inteligência humana. Se por um lado os asiáticos têm sido poderosos, eruditos e sábios, foi o poder e o tempo que produziram o mérito e o êxito deles em todas as áreas. O poder fundou ou destruiu os impérios deles; num momento o poder construiu prédios imponentes pelo seu volume, e no outro momento, o poder os destruiu e os reduziu a ruínas veneráveis; e enquanto estas vicissitudes se alternavam, a paciência acumulava conhecimento, e a experiência prolongada produzia sabedoria. É a antiguidade das nações do Oriente que gerou a sua fama científica.”

“Se os hindus possuíam em 1491 um conhecimento suficientemente exato dos movimentos celestes para que fossem capazes de calcular 4592 anos na linha do passado, segue-se que eles só poderiam ter obtido este conhecimento com base em observações muito antigas. Admitir que eles tinham este conhecimento, e ao mesmo tempo negar a existência das observações que lhes permitiram ter este conhecimento, é acreditar numa impossibilidade; seria equivalente a pensar que no início da sua trajetória eles já tinham feito a colheita do tempo e da experiência. Por outro lado, se supomos que a época deles de 3102 é real, segue-se que os hindus tinham simplesmente acompanhado o ritmo dos séculos sucessivos até o ano 1491 da nossa era. Assim, o próprio tempo foi professor deles; eles conheciam os movimentos dos corpos celestes durante estes períodos, porque os haviam visto; e a duração do povo hindu na Terra é a causa da fidelidade dos seus registros e da exatidão dos seus cálculos.”

“Aparentemente o problema de saber qual das duas épocas é real, 3102 ou 1491, deveria ser resolvido graças a uma consideração, isto é, que os antigos em geral, e especialmente os hindus, calculavam, e portanto observavam, apenas eclipses.”

Bailly afirma:

“Ora, não houve eclipse do Sol no momento da época 1491; e não houve eclipse da Lua 14 dias antes ou depois daquele momento. Portanto a época 1491 não está baseada em observação. Quanto à época 3102 antes da era cristã, os brâmanes de Tirvalour³³³ a colocam no amanhecer de 18 de fevereiro. O Sol estava então no primeiro ponto do Zodíaco de acordo com a sua verdadeira longitude. As outras tábuas mostram que na meia-noite anterior a Lua estava no mesmo lugar, mas de acordo com a sua longitude média. Os brâmanes contam-nos também que este primeiro ponto, a origem do Zodíaco

³³³ *Tirvalour*: a palavra está escrita assim na edição de 1888. A edição de Zirkoff tem *Tiruvapur*, mas ficamos com a versão de 1888. (Nota do Tradutor)

deles, estava, no ano 3102, 54 graus atrás do equinócio. Segue-se que a origem - o primeiro ponto do Zodíaco deles - estava portanto no sexto grau de Aquário.”³³⁴

“Ocorreu, portanto, em torno desta época e lugar, uma conjunção média; e de fato esta conjunção é indicada em nossas melhores tábuas: a tábua de La Caille para o Sol e a de Maier para a Lua. Não houve eclipse do Sol, porque a Lua estava muito longe do Nodo dela; mas catorze dias mais tarde, como a Lua havia chegado perto do Nodo, deve ter havido eclipse. As tábuas de Maier, usadas sem a correção da aceleração, indicam este eclipse; mas elas colocam o eclipse durante o dia, quando ele não poderia ter sido observado na Índia. As tábuas de Cassini indicam o eclipse como ocorrendo à noite, o que mostra que os movimentos de Maier são demasiado rápidos para séculos distantes, quando a aceleração não é levada em conta; e isso também prova que apesar do progresso do nosso conhecimento nós ainda não temos certeza quanto ao real aspecto do céu em tempos passados.”

“Portanto, acreditamos que, das duas épocas hindus, a verdadeira é a do ano 3102, porque ela foi acompanhada por um eclipse que podia ser observado, e que deve ter servido para determinar a época. Esta é uma primeira prova do caráter verdadeiro da longitude atribuída pelos hindus ao Sol e à Lua neste instante; e esta prova seria talvez suficiente, se esta antiga determinação não adquirisse a maior importância para a verificação dos movimentos destes corpos, e ela deve portanto ser confirmada por todas as provas possíveis da sua autenticidade.”

“Notamos, em primeiro lugar, que os hindus parecem ter combinado duas épocas para chegar à definição do ano 3102. Os brâmanes de Tirvalour fazem os seus registros basicamente a partir do primeiro momento do Kali-Yuga; mas eles têm uma segunda época colocada 2 dias, 3 horas, 32 minutos e 30 segundos mais tarde. Esta última é a verdadeira época astronômica, enquanto a primeira parece ser uma era civil. Mas se esta época do Kali Yuga não fosse real, mas fosse simplesmente o mero resultado de um cálculo, por que deveria ela estar assim dividida? A época astronômica calculada se teria tornado a época de Kali Yuga, que teria sido colocada na conjunção do Sol e da Lua, como ocorre nas épocas das outras três tábuas. Eles devem ter tido algum motivo para distinguir as duas; e este motivo só pode ser devido às circunstâncias e ao tempo da época; os quais, portanto, não podem ser resultado de cálculo. Isso não é tudo; começando desde a época solar determinada pelo nascimento do Sol em 18 de fevereiro de 3102, e, retrocedendo até os acontecimentos de 2 dias, 3h, 32min e 30seg antes, chegamos a 2h, 27min e 30seg da manhã de 16 de fevereiro, o que constitui o instante do começo do Kali Yuga. É curioso o fato de que o começo desta era não foi atribuído a nenhuma das quatro divisões do dia. Se poderia pensar que a época fosse meia-noite, e que o momento de 2h, 27m e 30s fosse uma correção do meridiano. Mas seja qual for a razão para fixar este momento, fica claro que se esta época fosse resultado de cálculos, teria sido muito fácil tê-la antecipado para a meia-noite, de modo a fazer com que esta época correspondesse a uma das quatro divisões do dia, ao invés de colocá-la num momento fixado por uma fração de um dia.”

“Em segundo lugar. Os hindus afirmam que no primeiro momento do Kali-Yuga houve uma conjunção de todos os planetas; e as tábuas deles mostram esta conjunção enquanto

³³⁴ Na edição de 1888, Libra. Seguimos aqui a edição revisada de Bóris de Zirkoff: Aquário. (Nota do Tradutor)

as nossas mostram que a conjunção realmente pode ter ocorrido. Júpiter e Mercúrio estavam exatamente no mesmo grau da eclíptica; Marte estava a 8 graus de distância deste grau da eclíptica, e Saturno a 17 graus de distância. Segue-se que em torno deste tempo, ou cerca de catorze dias depois do começo do Kali-Yuga, os hindus viram quatro planetas surgirem sucessivamente a partir dos raios solares; primeiro Saturno, depois Marte, depois Júpiter e Mercúrio, e estes planetas apareciam unidos em um espaço de certo modo pequeno. Embora Vênus não estivesse entre eles, o gosto pelo que é maravilhoso fez com que o fato fosse anunciado como uma conjunção de todos os planetas. O testemunho dos brâmanes aqui coincide com o das nossas tábuas; e esta evidência, resultado da tradição, deve estar fundada em observação direta.”

“Em terceiro lugar. Podemos destacar que este fenômeno era visível cerca de catorze dias depois da época, e deve ter sido observado exatamente no momento do eclipse da Lua, o que serviu para fixar a época. As duas observações confirmam uma à outra mutuamente, e quem quer que seja que tenha feito uma delas, deve ter feito a outra também.”

“Em quarto lugar. Podemos acreditar ainda que os hindus fizeram ao mesmo tempo uma determinação do lugar do Nodo da Lua; isto parece estar indicado pelo cálculo deles. Eles dão a longitude deste ponto da órbita lunar para o tempo da época deles, e a isso eles acrescentam como uma constante 40m, que é a movimentação do Nodo em 12 dias e 14 horas. É como se eles afirmassem que esta determinação foi feita 13 dias depois da sua época, e que para fazer com que ela correspondesse à sua época, nós devêssemos acrescentar 40m, através dos quais o Nodo retrogradou neste intervalo.”

“Esta observação é, portanto, da mesma data que o eclipse lunar; assim, existem três observações, que se confirmam mutuamente.”

“Em quinto lugar. Parece, pela descrição do Zodíaco Hindu feita por M. C. Gentil, que nela os lugares das estrelas chamadas ‘O Olho de Touro’ e ‘A Espiga de Trigo de Virgo’ podem ser determinados para o começo do Kali Yuga.”

“Ora, comparando esses lugares com as posições reais, reduzidas pela *nossa* precessão dos equinócios ao momento em questão, vemos que o ponto de origem do Zodíaco Hindu tem que estar entre o quinto e o sexto grau de Libra. Os brâmanes, portanto, estavam certos ao colocá-lo no sexto grau daquele signo, inclusive porque esta pequena diferença pode ser devida à própria movimentação das estrelas, que ainda é desconhecida.”

“Assim, foi ainda outra observação que guiou os hindus nesta determinação bastante exata do primeiro ponto do seu Zodíaco móvel.”

“Não parece possível duvidar da realização, na antiguidade, de observações desta data. Os persas dizem que quatro belas estrelas estavam colocadas como guardiãs nos quatro cantos do mundo. Ora, acontece que no começo do Kali Yuga, 3000 ou 3100 anos antes da era cristã, o ‘Olho do Touro’ e o ‘Coração do Escorpião’ estavam exatamente nos pontos equinociais, enquanto o ‘Coração do Leão’ e o ‘Peixe Austral’ estavam bastante perto dos pontos solsticiais. Uma observação do nascimento das Plêiades depois do entardecer, sete dias antes do equinócio de outono, também pertence ao ano 3000 antes da era cristã. Esta observação e outras similares, reunidas nos calendários de Ptolomeu, embora ele não indique os seus autores - estas observações, mais antigas que as dos

Caldeus, bem podem ter sido feitas pelos hindus. Eles estavam bem familiarizados com a constelação das Plêiades, e embora nós a chamemos vulgarmente de ‘*Poussinière*’³³⁵, eles a chamam de *Phillaloo-codi*, isto é, ‘Galinha e pintinhos’. Este nome tem passado, portanto, de povo para povo, e vem até nós desde as nações mais antigas da Ásia. Vemos que os hindus devem ter observado o nascimento das Plêiades, e o usaram para regular os seus anos e os seus meses; porque esta constelação também é chamada de *Krittika*. Ora, eles têm um mês com este mesmo nome, e a coincidência só pode ser devida ao fato de que este mês era anunciado pelo nascimento ou pelo pôr da constelação de que estamos falando. Mas o que é ainda mais decisivo na comprovação de que os hindus observavam as estrelas, e faziam isso do mesmo jeito que nós, marcando a posição delas pela sua longitude, é um fato mencionado por Augustinus Riccius, que, de acordo com observações atribuídas a Hermes, e feitas 1985 anos antes de Ptolomeu, a brilhante estrela em Lira e a estrela no Coração da Hidra estavam cada uma sete graus adiante das suas posições determinadas por Ptolomeu.”

“Esta determinação parece bastante extraordinária. As estrelas avançam regularmente em relação ao equinócio; e Ptolomeu deveria ter encontrado longitudes superiores em 28 graus às longitudes de 1985 anos antes do seu tempo. Além disso, há uma notável peculiaridade em relação a este fato; o mesmo erro ou diferença é encontrado na posição de ambas as estrelas; portanto o erro foi devido a alguma causa que afetava igualmente as duas estrelas. Foi para explicar esta peculiaridade que o árabe Thebith imaginava que as estrelas tinham um movimento oscilatório, o qual fazia com que elas avançassem e retrocedessem alternadamente.”

“Tal hipótese foi facilmente eliminada; mas as observações atribuídas a Hermes permaneceram inexplicadas. No entanto, a explicação para elas pode ser encontrada na astronomia hindu. Na data fixada para estas observações, 1985 anos antes de Ptolomeu, o primeiro ponto do zodíaco hindu estava 35 graus além do equinócio; portanto as longitudes estabelecidas para este ponto estão 35 graus além das longitudes estabelecidas a partir do equinócio. Mas depois do decurso de 1985 anos, as estrelas teriam avançado 28 graus, e permaneceria uma diferença de apenas sete graus entre as longitudes de Hermes e as longitudes de Ptolomeu, e a diferença seria a mesma para as duas estrelas, o que resulta da diferença entre os pontos iniciais do zodíaco hindu e do zodíaco de Ptolomeu, que faz os seus registros a partir do equinócio. Esta explicação é tão simples e tão natural que deve ser verdadeira. Não sabemos se Hermes, tão celebrado na antiguidade, era um hindu, mas sabemos que as observações atribuídas a ele são realizadas à maneira hindu, e concluímos que elas foram feitas pelos hindus, os quais, portanto, eram capazes de fazer todas as observações que enumeramos antes, e que nós vemos anotadas nas tábuas deles.”

“Em sexto lugar. A observação do ano 3102, que parece ter fixado a época deles, não foi difícil de fazer. Vemos que os hindus, tendo determinado uma vez a movimentação diária da Lua de 13 graus, 10 min., e 35 seg., fizeram uso disso para dividir o Zodíaco em 27 constelações, relacionadas com o período da Lua, que gasta cerca de 27 dias para completar-se.”³³⁶

³³⁵ *Poussinière*: gaiola de pintinhos, em francês. (Nota do Tradutor)

³³⁶ Aqui estamos pouco antes do final da página 664 da edição original de 1888. Em questões técnicas, neste trecho e até o final do capítulo, geralmente optamos por seguir o texto final da edição revisada de Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

“Foi através deste método que eles determinaram as posições das estrelas neste Zodíaco; foi assim que eles descobriram que uma certa estrela de Lira estava em 8s 24°, ³³⁷ o Coração da Hidra em 4s 7°, longitudes que são atribuídas a Hermes, mas que estão calculadas no zodíaco hindu. De modo similar, eles descobriram que a ‘Espiga de Trigo de Virgo’ forma o começo da sua décima quinta constelação, e o ‘Olho de Touro’ o final da quarta; sendo que uma destas estrelas está em 6s 6° 40, e a outra em 1s 23° 20 do Zodíaco hindu. Tendo isso em conta, o eclipse da Lua que ocorreu 14 dias depois da época de Kali Yuga aconteceu em um ponto entre a ‘Espiga de Trigo’ de Virgo e a estrela θ da mesma constelação. Estas estrelas foram aproximadamente uma constelação à parte, uma começando a décima quinta, a outra, a décima sexta. Assim, não seria difícil determinar o lugar da Lua medindo a distância dela a partir de uma destas estrelas; disso eles deduziram a posição do Sol, que está em oposição à Lua, e então, sabendo as suas movimentações médias, eles calcularam que a Lua estava no primeiro ponto do Zodíaco, de acordo com a longitude média dela, na meia-noite entre 17 e 18 de fevereiro do ano de 3102 antes da era cristã, e que o Sol ocupava o mesmo lugar seis horas depois de acordo com a verdadeira longitude dele; um evento que fixa o começo do ano hindu.”

“Em sétimo lugar. Os hindus afirmam que, 20.400 anos antes da era de Kali Yuga, o primeiro ponto do seu Zodíaco coincidia com o equinócio vernal ³³⁸, e que o Sol e a Lua estavam em conjunção ali. Esta época é obviamente fictícia ³³⁹, mas nós podemos investigar a partir de que ponto, desde que época, os hindus partiram para estabelecê-la. Tomando os valores hindus para a revolução do Sol e da Lua, isto é, 365 dias, 6 horas, 12m e 30s, e 27 dias, 7 horas, 43m e 13s, nós temos –

$$\begin{aligned} 20.400 \text{ revoluções do Sol} &= 7.451.277 \text{ dias e 2 horas.} \\ 272.724 \text{ revoluções da Lua} &= 7.451.277 \text{ dias e 7 horas.} \end{aligned}$$

“Este é o resultado obtido começando a partir da época de Kali Yuga; e as afirmações dos hindus, no sentido de que havia uma conjunção no momento indicado, estão nas tábuas deles; mas se, usando os mesmos elementos, nós começarmos a partir da era do ano 1491, ou de outro lugar situado no ano 1282, do qual falaremos mais adiante, haverá sempre uma diferença de quase um ou dois dias. É ao mesmo tempo justo e natural, ao verificar os cálculos hindus, tomar entre os elementos deles aqueles que dão o mesmo resultado a que eles próprios haviam chegado, e partir desde aquela época - entre as épocas deles - que nos capacita a chegar à época fictícia em questão. Assim, já que para fazer este cálculo eles devem ter partido desde a época real deles, a época que estava baseada em uma observação, e não desde qualquer uma das épocas derivadas da primeira com base neste cálculo, podemos deduzir que a época real deles era a do ano 3102 antes da era cristã.”

³³⁷ Boris de Zirkoff, cuja edição estamos seguindo em matéria de detalhes técnicos, explica em nota de rodapé: “Quando são abordadas longitudes, a letra ζ representa todo um signo do zodíaco, com 30 graus do arco”. (Nota do Tradutor)

³³⁸ Equinócio da primavera no hemisfério norte, isto é, o primeiro grau do signo de Áries. (Nota do Tradutor)

³³⁹ Por que motivo seria “fictícia” é algo que os cientistas europeus *nunca* conseguem explicar. (Nota de H.P. Blavatsky)

“Em oitavo lugar. Os brâmanes de Tirvalour ³⁴⁰ dão a movimentação da Lua como sendo de 7s, 2° 0’ 7” no Zodíaco móvel, e 9s 7° 45’ 1” com referência ao equinócio em um grande período de 1.600.984 dias, ou 4.383 anos e 94 dias. Acreditamos que este movimento foi determinado por observação; e devemos afirmar inicialmente que este período tem uma extensão que o torna pouco propício para o cálculo das movimentações médias.”

“Nos seus cálculos astronômicos, os hindus usam períodos de 248, 3.031, e 12.372 dias; mas, além do fato de que estes períodos, embora muito curtos, não apresentam a inconveniência do anterior, eles têm um número exato de revoluções da Lua, com referência ao seu apogeu. Na realidade são movimentos médios. O grande período de 1.600.984 não é uma soma de revoluções acumuladas; não há razão para que ele tenha 1.600.984 dias ao invés de 1.600.985 dias. Parece que só a observação deve ter fixado o número de dias e marcado o começo e o fim do período. Este período termina no dia 21 de maio de 1282, da era cristã, às 5h, 15m, 30 seg., em Benares. A Lua estava então em seu apogeu, de acordo com os hindus, e a longitude dela era 7s 13° 45’ 1”.

Maier indica a longitude de ----- 7s 13° 53’ 48”.

E coloca o apogeu em ----- 7s 14° 6’ 54”.

“Deste modo, a determinação do lugar da Lua por parte dos brâmanes difere da nossa apenas por nove minutos, e a determinação do apogeu, por vinte e dois minutos, e fica bastante evidente que eles só poderiam ter obtido este acordo com as nossas melhores tábuas e esta exatidão nas posições celestiais através de observação. Caso, então, a observação tenha fixado o final deste período, temos todas as razões para acreditar que ela determinou o seu começo. Mas então esta movimentação, determinada diretamente e a partir da natureza, estaria necessariamente em concordância bastante exata com as verdadeiras movimentações dos corpos celestes.”

“E de fato o movimento hindu durante este longo período de 4.383 anos não difere nem por um minuto do de Cassini, e concorda igualmente com o de Maier. Assim, dois povos, o hindu e o europeu, situados nas duas extremidades do mundo, e talvez igualmente distantes em suas instituições, obtiveram precisamente os mesmos resultados em relação aos movimentos da Lua; e uma concordância que seria inconcebível, se não estivesse baseada na observação e na imitação mútua da natureza. Devemos destacar que as quatro tábuas dos hindus são todas cópias da mesma Astronomia. Não é possível negar que as tábuas siamesas existiam em 1687, quando foram trazidas da Índia pelo M. de la Loubère. Naquela época as tábuas de Cassini e Maier ainda não existiam, e deste modo os hindus já conheciam os movimentos exatos contidos nestas tábuas, enquanto nós ainda não tínhamos este conhecimento.” ³⁴¹ Deve

³⁴⁰ Tirvalour: também grafado como *Tiravalore*. Como vimos em nota anterior, Boris usa *Tiruvarur*. Na tradução de qualquer idioma que não use originalmente o nosso alfabeto, há sempre inúmeras palavras cuja ortografia em idiomas ocidentais não foi sistematizada. Isso inclui até o quechua e o aymara andinos. (Nota do Tradutor)

³⁴¹ O que se segue é uma resposta a aqueles cientistas que poderiam suspeitar que a nossa Astronomia foi levada à Índia e transmitida aos hindus pelos nossos missionários. *Primeiro*. A astronomia hindu tem as suas próprias formas peculiares, que se caracterizam por sua originalidade; se ela fosse uma versão da nossa astronomia, teriam sido necessários grande conhecimento e grande habilidade para disfarçar o roubo. *Segundo*. Ao adotar o movimento médio da Lua, eles teriam adotado também a inclinação da eclíptica, a equação do centro do

admitir-se, portanto, que a exatidão deste movimento hindu é o ponto de observação. Ele é exato ao longo de todo este período de 4383 anos, porque foi tirado do próprio céu; e se a observação determinou o seu final, ela fixou também o seu começo. É o período mais longo já observado e cujos registros estão preservados nos anais da Astronomia. Tem sua origem na época do ano 3102, antes da era cristã, e é uma prova demonstrativa daquela época.”³⁴²

Bailly é citado de modo tão extenso porque ele é um dos poucos cientistas que tentaram ser completamente justos em relação aos arianos. Desde John Bentley até “Surya-Siddhanta”, de Burgess, nenhum astrônomo foi suficientemente justo para com o povo mais culto do Antiquidade. Por mais distorcida e mal compreendida que seja a Simbologia Hindu, nenhum ocultista pode deixar de fazer justiça a ela, uma vez que ele conheça alguma coisa das Ciências Secretas; ele tampouco pode deixar de lado a interpretação metafísica e mística que eles fazem do Zodíaco, ainda que todas as Plêiades das Sociedades Reais de Astronomia se levantem em armas contra a apresentação matemática que eles desenvolvem. A descida e a re-ascensão da Mônada ou Alma não pode estar desconectada dos signos zodiacais, e parece mais natural, no sentido da adequação geral das coisas, acreditar em uma misteriosa simpatia entre a alma metafísica e as constelações brilhantes, e na influência das constelações sobre a alma, do que na noção absurda de que os criadores do Céu e da Terra tenham colocado no céu os tipos simbólicos de doze judeus viciosos. E se, como afirma o autor de “*The Gnostics*”, o objetivo de todas as escolas gnósticas e dos platonistas mais recentes “era adaptar a antiga fé à influência da teosofia budista, *cujá própria essência estava no fato*

Sol, e a extensão do ano; estes elementos diferem completamente dos nossos, e são notavelmente exatos no que diz respeito à época de 3102; enquanto eles estariam radicalmente errados se tivessem sido calculados para o último século. *Terceiro*, finalmente, os nossos missionários não poderiam ter transmitido as tábuas de Cassini aos hindus em 1687, porque naquele ano elas ainda não existiam; eles só poderiam ter conhecido apenas os movimentos médios de Tycho, Riccioli, Copérnico, Boulliau, Kepler, Longomontanus, e os movimentos médios das tábuas de Alphonso. Vou dar agora uma visão gráfica destes movimentos médios para 4383 anos e 94 dias:

Tábua	Movimento Médio					Diferença dos Hindus		
	s.	o	'	”		o	'	”
Alphonso.....	9	7	2	47		-	0	42 14
Copérnico	9	6	2	13		-	1	42 48
Tycho Brahe.....	9	7	54	40		+	0	9 39
Kepler.....	9	6	57	35		-	0	47 26
Longomontanus	9	7	2	13		-	0	42 48
Boulliau [Bouilland].....	9	6	48	8		-	0	58 53
Riccioli.....	9	7	53	57		+	0	8 56
Cassini.....	9	7	44	11		-	0	0 50
Hindus	9	7	45	1				

Nenhum destes movimentos médios, exceto o de Cassini, concorda com os dos hindus, os quais, portanto, não tomaram emprestados os seus movimentos médios, já que os seus números coincidem apenas com os de Cassini, cujas tábuas ainda não existiam em 1687. Este movimento médio da Lua pertence, portanto, aos hindus, que só podem tê-lo obtido por observação. (Nota de rodapé de Bailly)

³⁴² J. S. Bailly, “*Traité de l’Astronomie Indienne et Orientale*”, Paris, 1787, “Discours Préliminaire”, pp. XX a XXXVII. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

de que os inumeráveis deuses da mitologia Hindu são apenas nomes das ENERGIAS da Primeira Tríade, com os seus sucessivos AVATARES ou manifestações entre os homens”, onde podemos ir para chegar à verdadeira raiz destas ideias teosóficas, se não à antiga sabedoria indiana? Afirmamos novamente; o Ocultismo arcaico permaneceria incompreensível para todos, se não fosse apresentado através dos canais mais familiares do budismo e do hinduísmo. Porque o budismo é a emanção do hinduísmo, e ambos são crianças de uma mesma mãe, a antiga sabedoria lemuro-atlante.

18. Resumo das Posições Mútuas

[\(Volte para o Sumário\)](#)

A questão toda já foi apresentada ao leitor desde os dois pontos de vista, e cabe a ele decidir se este resumo nos favorece ou não. Se existisse coisa tal como um vazio, um *vacuum* na natureza, poderíamos verificar que ele foi produzido, de acordo com uma lei física, nas mentes dos admiradores desorientados das “luzes” da ciência, que passam o seu tempo destruindo os ensinamentos uns dos outros. Se em algum momento a teoria segundo a qual “duas luzes somadas produzem escuridão” encontrar uma aplicação prática, será neste caso, em que metade das “luzes” impõe as suas Forças e seus “modos de movimento” no sistema de crença dos fiéis, e a outra metade se opõe à própria existência das Forças. “Éter, Matéria, Energia” - a sagrada trindade hipostática, os três princípios do verdadeiramente *desconhecido* Deus da Ciência, chamado por eles de NATUREZA FÍSICA!

A Teologia é criticada e ridicularizada por acreditar na união de três pessoas em uma Divindade - um Deus quanto à substância, três pessoas quanto à individualidade; e os teosofistas são motivo de riso por sua crença em doutrinas não comprovadas e impossíveis de comprovar, em Anjos e Demônios, Deuses e Espíritos. E, de fato, o que fez com que os cientistas vencessem a batalha contra a teologia no “Grande Conflito entre Religião e Ciência” foi precisamente o argumento de que nem a identidade daquela substância, nem a suposta tríplice individualidade, depois de terem sido concebidas, inventadas e produzidas nas profundidades da Consciência Teológica, puderam ser comprovadas por qualquer processo indutivo de raciocínio científico, e muito menos com base na evidência dos nossos sentidos físicos. A religião deve morrer, afirma-se, porque ela ensina mistérios. *Mistério é a negação do Sentido Comum*, e a Ciência o repele. De acordo com o sr. Tyndall, a metafísica é *ficção*, assim como a poesia. O cientista *não aceita coisa alguma com base na confiança*; rejeita tudo o que *não for comprovado diante dele*, enquanto o teólogo aceita *tudo com base na fé cega*. O teosofista e o ocultista, que não aceitam nada com base na confiança, nem sequer a ciência *exata*, assim como o espírita que nega o dogma mas acredita em espíritos e *em influências invisíveis porém potenciais*, todos recebem o mesmo desprezo. Muito bem, então; o que precisamos fazer agora é examinar pela última vez se a ciência *exata* não age exatamente da mesma maneira que a Teosofia, o Espiritismo e a Teologia.

Em uma obra do sr. S. Laing que é considerada um padrão de livro em ciência, “Modern Science and Modern Thought”, cujo autor, de acordo com a avaliação elogiosa do *Times*, “mostra com grande força e efeito as imensas descobertas da ciência, e as suas numerosas vitórias sobre antigas opiniões, sempre que ELAS COMETERAM A

IMPRUDÊNCIA DE DESAFIAR AS CONCLUSÕES CIENTÍFICAS”, podemos ler no capítulo III, “On Matter”, o seguinte:

“DO QUE É COMPOSTO O UNIVERSO MATERIAL? ÉTER, MATÉRIA, ENERGIA” é a resposta.

Neste ponto nós paramos para perguntar: “O que é Éter?” E o sr. Laing responde em nome da ciência:

“O Éter na verdade não é conhecido por nós ATRAVÉS DE QUALQUER TESTE DO QUAL OS SENTIDOS POSSAM TER CONHECIMENTO, mas é um tipo de substância matemática cuja existência SOMOS FORÇADOS A SUPOR para podermos explicar os fenômenos da luz e do calor.”

E o que é matéria? Você sabe mais sobre ela do que sabe sobre o agente “hipotético”, o Éter?

“Falando de modo plenamente estrito, é verdade que as pesquisas químicas não podem dizer COISA ALGUMA DIRETAMENTE sobre a composição da matéria viva, e também é claramente verdade que NADA SABEMOS sobre a composição de QUALQUER CORPO (material) SEJA COMO FOR QUE ELE EXISTA.” (“Lecture on Protoplasm” - “Palestra Sobre Protoplasma” - do sr. Huxley.)

E a Energia? Seguramente você pode definir a terceira pessoa da Trindade do seu universo Material?

“A ENERGIA É AQUILO QUE NÓS SÓ CONHECEMOS POR SEUS EFEITOS.”
(*Livros Sobre Física.*)

Por favor, explique, porque isto está um pouco vago.

“EM MECÂNICA HÁ ENERGIA REAL E ENERGIA POTENCIAL: TRABALHO REALMENTE REALIZADO, E A CAPACIDADE DE REALIZÁ-LO. QUANTO À NATUREZA DA ENERGIA MOLECULAR OU FORÇAS, OS VÁRIOS FENÔMENOS QUE OS CORPOS APRESENTAM MOSTRAM QUE AS SUAS MOLÉCULAS ESTÃO SOB A INFLUÊNCIA DE DUAS FORÇAS CONTRÁRIAS - UMA QUE TENDE A REUNI-LAS, E A OUTRA, A SEPARÁ-LAS A PRIMEIRA FORÇA É A ATRAÇÃO MOLECULAR, E A SEGUNDA É DEVIDA À *vis viva*, OU FORÇA DO MOVIMENTO.”..... (*Physics*, de Ganot)

Precisamente: é a natureza desta *força do movimento*, a *vis viva*, que nós queremos conhecer. O que é ela?

“NÓS NÃO SABEMOS!” - É A RESPOSTA INVARIÁVEL. “É UMA SOMBRA VAZIA DA MINHA IMAGINAÇÃO”, explica o sr. Huxley em sua obra *Physical Basis of Life*.

Assim, toda a estrutura da Ciência Moderna foi construída sobre uma espécie de “abstração matemática”, sobre uma “Substância Proteana que foge aos sentidos físicos” (Dubois Reymond) e sobre *efeitos*, o vago e elusivo fogo-fátuo de *alguma coisa* inteiramente desconhecida pela ciência e fora do alcance dela, átomos que “*se movimentam por si mesmos*”! Sóis, planetas e estrelas que *se movimentam por si*

mesmos! Mas quem, então, ou o que, são eles todos, se são dotados de movimento próprio? Por que então deveriam vocês, físicos, rir e zombar do nosso “ARQUEU que se movimenta por si mesmo”? O Mistério é rejeitado e desprezado e o “MISTÉRIO é a fatalidade da Ciência”, conforme o Padre Félix disse com razão ... “a Ciência não pode escapar dele!” A linguagem do pregador francês é a *nostra* linguagem, e nós o citamos em “*Ísis Sem Véu*” ³⁴³. Quem, entre vocês, cientistas, ele pergunta -

“Quem foi capaz de penetrar no segredo da formação de um corpo, da geração de um simples átomo? O que existe aí, não direi no centro de um Sol, mas no centro de um átomo? Quem sondou até as profundezas o abismo que existe num grão de areia? O grão de areia, senhores, foi estudado durante milhares de anos pela ciência, ela se voltou várias vezes para ele; ela o divide e o subdivide; ela o atormenta com toda sorte de experimentos; ela o irrita com questões que visam extrair dele a palavra final relativa ao segredo da sua constituição; ela lhe pergunta com uma curiosidade insaciável; ‘Posso dividir-te infinitesimalmente?’ E, suspensa sobre esse abismo, a ciência então hesita, cambaleia, deslumbra-se, entontece e diz, em desespero: ‘EU NÃO SEI’.”

“Mas, se sois fatalmente ignorantes da gênese e da natureza oculta de um grão de areia, como podeis ter uma intuição quanto à geração de um simples ser vivo? Donde vem a vida desse ser vivo? Onde ela começa? Qual é o princípio vital?” ³⁴⁴

Será que os cientistas negam todas estas acusações? Não, de modo algum, porque aqui está uma confissão de Tyndall, que mostra como a ciência é destituída de poder, até mesmo em relação ao mundo material.

“A primeira aglomeração organizada de átomos, da qual depende toda ação subsequente, deixa perplexo até mesmo um poder maior do que o de um microscópio.” “Através do puro excesso de complexidade, e muito antes que a observação pudesse dizer qualquer coisa a respeito, o intelecto mais altamente treinado, a imaginação mais refinada e disciplinada, *recua perplexa diante da contemplação do problema*. Ficamos mudos devido a uma surpresa que nenhum microscópio pode reduzir, e duvidamos não só do poder do nosso instrumento, mas duvidamos também se temos os elementos intelectuais que em algum momento poderão nos capacitar para o exame da estrutura última das energias da natureza.”

De fato, o quão pouco se sabe do universo material é algo que se suspeita já há vários anos, com base na própria confissão destes cientistas. E agora há alguns materialistas que gostariam até de ver-se livres do Éter - ou seja como for que a ciência chama a Substância infinita, o númeno que os budistas chamam de Svabhavat -, assim como ver-se livres dos átomos, que são demasiado perigosos tanto por causa das suas antigas conotações filosóficas quanto as suas dimensões cristãs e teológicas atuais. Desde os primeiros filósofos cujos registros passaram à posteridade, até a nossa época de hoje, a qual, ao mesmo tempo que nega a existência de “Seres invisíveis” no Espaço, não pode jamais ser tão doida ao ponto de negar algum tipo de *plenum* - a *plenitude* do universo

³⁴³ Aqui HPB indica a fonte em inglês: [Isis Unveiled, Volume I](#), pp. 338-339. Em português, veja “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, SP, volume II, capítulo X, pp. 48-49-50, mais especialmente 50. (Nota do Tradutor)

³⁴⁴ “*Le Mystère et la Science*”, Conférences, Père Félix de Notre Dame; des Mousseaux: “*Hauts Phen. Magiques*”. (Nota de H.P. Blavatsky)

era uma crença aceita. E ficamos sabendo o que se dizia que o *plenum* continha através de Hermes Trismegisto (na adequada versão da Sra. Kingsford). São atribuídas estas palavras a Hermes Trismegisto:

“Em relação ao vazio o meu julgamento é que ele não existe, nunca existiu e jamais vai existir, porque todas as várias partes do universo estão preenchidas, assim como a Terra também está completa e cheia de corpos, diferentes na qualidade e na forma, tendo as suas espécies e suas magnitudes, uma maior, uma menor, uma sólida, uma tênue. As maiores são facilmente percebidas; as menores são difíceis de captar, ou totalmente invisíveis. Sabemos da sua existência apenas através da sensação do sentimento, e por esta razão *muitas pessoas negam que tais entidades sejam corpos, e as veem como simplesmente espaços* ³⁴⁵, mas é impossível que houvesse tais espaços. Porque se houvesse de fato alguma coisa fora do Universo então seria um espaço ocupado por seres inteligentes análogos à divindade (do universo) Falo dos espíritos, porque afirmo que eles moram conosco, e falo dos heróis que vivem acima de nós, entre a Terra e os ares mais elevados; nos quais não há nem nuvens nem qualquer tempestade” (p. 84).

E nós “afirmamos” isto também. Só que, como já foi dito, nenhum Iniciado Oriental falaria de esferas “*acima* de nós, entre a Terra e os ares”, nem mesmo as esferas mais elevadas, porque não existe uma tal divisão ou medição na linguagem *oculta*, nem “*acima*” nem “*abaixo*”, mas um eterno “*dentro*”, *dentro de dois outros dentro*, pois os planos de subjetividade se misturam gradualmente com o plano da objetividade terrestre - sendo que este é para o *ser humano* o último plano, o seu próprio plano. Esta necessária explicação pode ser concluída aqui reproduzindo, segundo as palavras de Hermes, a crença neste ponto particular de todo o mundo dos místicos:

“Há muitas ordens dos deuses; e em todas elas há uma parte inteligente. Não se deve supor que eles não vêm até onde alcançam os nossos sentidos; ao contrário, nós os percebemos melhor do que aqueles que são chamados de visíveis Há portanto deuses superiores a toda aparência; depois deles vêm os deuses cujo princípio é espiritual; estes deuses são sensíveis, em conformidade com a sua dupla origem, *manifestam todas as coisas* por uma natureza sensível, e cada um deles ilumina as suas obras uma pela outra. ³⁴⁶ O Supremo Ser do Céu, ou tudo o que se entende sob este nome, é Zeus, porque é pelo Céu que Zeus dá vida a todas as coisas. O Supremo Ser *do Sol é Luz*, porque é pelo disco do Sol que nós recebemos o benefício da luz. Os trinta e seis horóscopos das estrelas fixas têm por Supremo Ser ou Príncipe aquele cujo nome é *Pantomorphos*, o que tem todas as formas, porque ele dá formas divinas a diversos tipos. Os sete planetas, ou esferas viajantes, têm como supremos espíritos a Fortuna e o

³⁴⁵ Vejam só o trabalho dos Ciclos e o retorno periódico deles! Aqueles que negavam que tais “Entidades” (Forças) fossem corpos e as chamavam de “Espaços”, eram os protótipos do nosso público moderno “dominado pela ciência” e dos seus professores oficiais, que falam das Forças da natureza como sendo a energia imponderável da matéria e modos de movimento, e no entanto sustentam que a eletricidade (por exemplo) é *tão atômica quanto a própria matéria* (Helmholtz). A incoerência e a contradição reinam tanto na ciência oficial como na ciência heterodoxa. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁴⁶ “Hermes aqui inclui como deuses as *Forças sensíveis* da natureza, os elementos e os fenômenos do Universo”, comenta a sra. A. Kingsford em uma nota de rodapé explicando a questão muito corretamente. A filosofia oriental diz o mesmo. (Nota de H.P. Blavatsky)

Destino, que sustentam a eterna estabilidade das leis da natureza durante toda a incessante transformação e perpétua agitação. O éter é o instrumento ou meio pelo qual tudo é produzido.”

Isto é bastante filosófico e está de acordo com o espírito do esoterismo Oriental: porque todas as forças, como a Luz, o Calor, a Eletricidade, etc., etc., são chamadas de “Deuses”, esotericamente.

Deve ser isso mesmo, já que os ensinamentos esotéricos no Egito e na Índia eram idênticos. E, portanto, a personificação de *Fohat* sintetizando todas as forças que se manifestam na natureza é um resultado legítimo. Além disso, como será mostrado na divisão que se segue a esta, as forças reais e *Ocultas* da natureza só agora começam a ser conhecidas - e mesmo neste caso, pela ciência heterodoxa, e não ortodoxa (veja também a seção 10 desta Parte III, *A Próxima Força*), embora a existência delas, em um caso pelo menos, seja corroborada e confirmada por um número imenso de pessoas cultas e mesmo por alguns cientistas oficiais.

Esta frase, além do mais, na Estância VI, “Fohat coloca em movimento os germes-do-Mundo primordiais, ou a agregação da matéria e dos átomos cósmicos, alguns de um modo, outros de outro modo, na direção oposta” - parece bastante ortodoxa e científica. Porque há, em todo caso, um fato que apoia esta posição plenamente reconhecida pela ciência, e é o seguinte. As chuvas meteóricas (periódicas em novembro e agosto) pertencem a um sistema que se movimenta numa órbita elíptica em torno do Sol. O afélio ³⁴⁷ deste anel fica 1,732 milhões de milhas além da órbita de Netuno, o seu plano é inclinado, em relação à órbita da Terra, num ângulo de 64° 3', e a direção do enxame meteórico que se move em torno desta órbita é *contrária à direção da revolução da Terra*.

Este fato, reconhecido somente em 1833, resulta ser a redescoberta moderna de algo conhecido numa era muito antiga. Com suas duas mãos, *Fohat* faz girar em direções contrárias a “semente” e os “coalhos” ³⁴⁸, ou matéria Cósmica; em linguagem mais clara, está fazendo girar partículas altamente tênues, e nebulosas.

Fora das fronteiras do sistema solar, são outros Sóis, e especialmente o misterioso “Sol central” (a “Residência da divindade invisível”, segundo dizem certos reverendos senhores) que determinam o movimento e a direção dos corpos. Este movimento serve também para diferenciar a matéria homogênea, ao redor e entre os vários corpos, formando elementos e sub-elementos desconhecidos em nossa Terra, que são vistos pela ciência moderna como elementos individuais distintos, mas são apenas aparências temporárias que mudam a cada pequeno ciclo dentro do Manvântara, e algumas obras esotéricas os chamam de “Máscaras Kálpicas”.

Em Ocultismo, *Fohat* é a chave que abre e decifra os símbolos multiformes e as respectivas alegorias na chamada mitologia de cada nação; assim, demonstra a filosofia maravilhosa e a percepção profunda dos mistérios da natureza, nas religiões egípcias e caldaicas, tanto quanto nas religiões arianas. Fohat, mostrado em seu verdadeiro caráter,

³⁴⁷ Afélio - o ponto da órbita celeste em que um planeta do sistema solar está mais afastado do Sol. (Nota do Tradutor)

³⁴⁸ Coalhos - no original, “curds”, coalhos ou coágulos. (Nota do Tradutor)

comprova como era profundo o conhecimento de todas aquelas nações pré-históricas em todas as ciências da natureza, agora chamadas de ramos químicos e físicos da filosofia natural. Na Índia, Fohat é o aspecto científico de Vishnu e Indra, este último mais velho e mais importante no Rig Veda do que o seu sucessor sectário; enquanto no Egito Fohat era conhecido como Toun, que surgiu de Noot ³⁴⁹, ou Osiris em seu caráter de um deus primordial, criador do céu e dos seres (ver o capítulo xvii do “*Livro Egípcio dos Mortos*”) ³⁵⁰. Porque Toun ³⁵¹ é considerado um deus *Proteano* que *gera outros deuses* e dá a si mesmo a forma que quer; o “mestre da vida” que “dá o vigor aos deuses” (capítulo lxxix). Ele é o *supervisor* dos deuses, e é “quem cria espíritos e dá a eles forma e vida”; ele é “o vento norte e o espírito do oeste”; e finalmente “o pôr-do-Sol da Vida”, ou a força vital elétrica que deixa o corpo no momento da morte, porque o *defunto* implora que Toun dê a ele o alento da sua narina *direita* (eletricidade positiva) para que ele possa viver em sua *segunda* forma. Tanto o hieróglifo como o texto do capítulo LXII, do *Livro dos Mortos* egípcio, mostram a identidade de Toun com *Fohat*. O hieróglifo representa um homem de pé com o símbolo *das respirações* em suas mãos. O *Livro dos Mortos* diz:

“Eu abro para o chefe de An (Heliópolis), eu sou Toun. Eu atravesso a água derramada por Thoth-Hapi, o senhor do horizonte, e sou *aquele que divide a Terra*” (Fohat divide o Espaço e, com os seus *Filhos*, divide a Terra em sete zonas) “Eu atravesso os céus, e eu sou os dois Leões. Eu sou *Ra*, eu sou *Aam*, eu devorei o meu herdeiro. ³⁵² Eu deslizo sobre o solo do campo de *Aanru* ³⁵³, que me foi dado pelo mestre da eternidade sem limites. Eu sou o germe da eternidade. Eu sou Toun, a quem foi dada eternidade.....”.

³⁴⁹ “Oh, Toun, Toun! Saído da grande (fêmea) que está no seio das águas” (o grande Abismo ou *Espaço*) “Tu, luminoso através dos *dois Leões*” (a Força dual ou o Poder dos dois *olhos solares*, ou as forças eletropositivas e eletronegativas). (Veja o *Livro dos Mortos* egípcio, III, e o *Egyptian Pantheon*, capítulo II.) (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁵⁰ Livro Egípcio dos Mortos: não confundir com a falsa obra “Livro Tibetano dos Mortos”, um texto de feitiçaria da pior espécie, da linhagem antiteosófica dos chamados “Ningma”. Leia os artigos “[O Livro Tibetano dos Mortos é Ningma](#)” e “[A Teosofia e o Bardo Thodol](#)”. (Nota do Tradutor)

³⁵¹ Os termos *Toun* e *Noot* também são grafados como *Tum* e *Nut*. (Nota do Tradutor)

³⁵² Uma imagem que expressa a sucessão de funções divinas, a substituição de uma forma por outra, ou a *correlação de forças*. *Aam* é a força eletropositiva, que devora todas as outras, assim como Saturno devorou os seus filhos. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁵³ *Aanru* [*Anroo*] está no domínio de Osiris, um campo dividido em *catorze* seções, “rodeado por uma cerca de *ferro*, dentro da qual cresce o *grão da vida até sete* côvados de altura”, o *Kama-Loka* dos egípcios. Entre os mortos, apenas aqueles que sabem os nomes dos zeladores dos “sete salões” serão admitidos no Amenti *para sempre*; isto é, aqueles que passaram pelas sete raças de cada *ronda* - caso contrário eles descansarão nos *campos inferiores*; e isso representa também os sete sucessivos Devachans, ou *lokas*. Em Amenti a alma se transforma em puro espírito para a eternidade (xxx, 4); enquanto em Aanru “a alma do espírito”, ou o defunto, é *devorada* a cada vez por Uræus - a serpente, filho da Terra (em outro sentido os princípios vitais primordiais do Sol), isto é, o corpo Astral do morto, ou “Elementário”, dissolve-se ou desaparece no “Filho da Terra”, o tempo *limitado*. A alma sai dos campos de Aanru e vai para a Terra sob qualquer forma que queira assumir. (Veja o capítulo XCIX, *Livro dos Mortos* egípcio.) (Nota de H.P. Blavatsky)

São as mesmas palavras usadas por Fohat no Livro XI, e os mesmos títulos dados a ele. Nos papiros egípcios, toda a Cosmogonia da Doutrina Secreta está espalhada em frases isoladas, e também no “Livro dos Mortos”. O número sete é objeto de igual insistência e é tão enfatizado neste Livro como no *Livro de Dzyan*. “A Grande Água (o Profundo ou o Caos), afirma-se, tem *sete* côvados de profundidade” - “côvados” aqui significam naturalmente divisões, zonas e princípios. Ali, “na grande mãe, todos os Deuses, e os *sete grandes* nascem.” (Veja o capítulo CVIII, 4, *Livro dos Mortos* egípcio, e *Egyptian Pantheon*.) Tanto Fohat como Toum são chamados de os “Grandes das Sete Forças Mágicas”, os quais “derrotam a serpente *Apap*”, ou Matéria.

Nenhum estudante de Ocultismo, no entanto, deve deixar-se iludir pela fraseologia geralmente usada nas traduções das Obras Herméticas, de modo a acreditar que os antigos egípcios ou antigos gregos falavam e se referiam, como se fossem monges, a todo momento em suas conversas a algum Ser Supremo, Deus, “Pai Único e Criador de tudo”, etc., como podemos ver em cada página de tais traduções. De fato não ocorre tal coisa; e tais textos *não são os textos originais egípcios*. Eles são compilações gregas, a mais antiga das quais não recua além do período inicial do neoplatonismo. Nenhuma obra Hermética escrita por egípcios (veja o “Livro dos Mortos”) falaria do Deus único universal dos sistemas Monoteístas. A causa una *Absoluta* de tudo era tão não-mencionável e tão impronunciável na mente do antigo filósofo do Egito quanto ela é para sempre *Incognoscível* na concepção do sr. Herbert Spencer. Quanto ao egípcio em geral, como o sr. Maspero destaca corretamente, sempre que ele “chegava à noção da Unidade divina, o Deus Uno nunca era simplesmente ‘Deus’. E Lepage Renouf com toda razão observou que a palavra *Nouter, nouti*, “deus”, nunca deixou de *ser um nome genérico* entre os egípcios, e, além disso, jamais se tornou um nome pessoal. Todo e qualquer Deus era o “Deus vivo e único” entre eles. “O monoteísmo [deles] era puramente geográfico. Se o egípcio de Mênfis proclamava a unidade de Ptah com a exclusão de Amon, o egípcio de Tebas anunciava a unidade de Amon com exclusão de Ptah”, assim como agora vemos acontecer na Índia no caso dos Shaivas e dos Vaishnavas. “*Rá*, o ‘Único Deus’ em Heliópolis não é o mesmo que Osíris, o ‘Único Deus’ de Abidos, e pode ser adorado lado a lado com ele, sem ser absorvido pelo seu vizinho. O deus único é apenas o deus do *nomo*, da cidade, *noutir, noutti*, e não exclui a existência do deus único daquela cidade ou da localidade (*nomo*) vizinha. Em resumo, sempre que falamos do monoteísmo egípcio, devemos falar dos Deuses ‘Únicos’ do Egito, e não do deus único.” (Maspero, no *Guide au Musée de Boulak*.) É por esta característica, eminentemente egípcia, que a autenticidade dos diversos assim chamados *Livros Herméticos* deveria ser testada; e esta característica está completamente ausente dos fragmentos gregos conhecidos como *Livros Herméticos*. Isso prova que algum neoplatônico grego, ou mesmo algum cristão, teve uma participação que não foi de modo algum pequena na edição destas obras. Naturalmente a filosofia fundamental está nelas, e em muitos lugares está intacta. Mas o estilo foi alterado e tornado mais suave na direção do monoteísmo, tanto quanto, se não for mais do que o caso do Gênesis hebraico, nas suas traduções grega e latina. Elas *podem* ser obras *herméticas*, mas não são obras escritas por nenhum dos dois Hermes - ou melhor, por Thoth (Hermes), a inteligência diretora do Universo (veja o cap. XCIV do *Livro dos Mortos* egípcio), nem por Thoth, a sua encarnação terrestre, chamado Trismegisto, na pedra de Roseta.

Mas tudo é dúvida, negação, iconoclasmo e brutal indiferença, em nossos tempos de centenas de “ismos” e ausência de religião. Todos os ídolos são quebrados, exceto o Bezerro de Ouro.³⁵⁴

Infelizmente, nenhuma nação pode escapar do seu destino cármico, assim como não podem escapar as partes da nação, nem os indivíduos. A própria História é tratada pelos assim chamados historiadores de modo tão inescrupuloso quanto a sabedoria tradicional das lendas. Por isso, Augustin Thierry encontrou uma *solução honrosa*, se podemos acreditar nos seus biógrafos. Ele lamentou o princípio errôneo que fez com que todos eles (os *supostos* historiadores) perdessem o rumo, de modo que cada um pretendia corrigir a tradição, “aquela *vox populi* que em noventa por cento dos casos é a *Vox Dei*”³⁵⁵; e ele finalmente admitiu que *só nas lendas é que está a verdadeira história*; porque “lenda”, diz ele “é a tradição *viva*, e em três casos, de cada quatro, ela é mais verdadeira do que aquilo que nós chamamos de História.”³⁵⁶

Ao mesmo tempo que os materialistas negam tudo no universo exceto a matéria, os arqueólogos estão tratando de fazer encolher a antiguidade, e tentam destruir todas as alegações de que existe uma Sabedoria antiga através da falsificação da cronologia. Os orientistas e autores sobre História dos nossos dias são, para a História antiga, aquilo que as formigas brancas são para os prédios na Índia.³⁵⁷ Mais perigosos até mesmo que aquelas térmitas, os arqueólogos modernos - as “autoridades” do futuro em relação à História Universal - estão preparando para a história das nações do passado o mesmo destino de alguns prédios em países tropicais: “A História vai desmoronar e dividir-se em átomos durante o século vinte, e será devorada até seus alicerces pelos seus analistas”, disse Michelet. Muito em breve, de fato, devido a seus esforços combinados, a História vai ter o mesmo destino que aquelas cidades em ruínas de ambas Américas, que estão profundamente enterradas sob florestas virgens pelas quais é impossível caminhar. Os fatos históricos ficarão igualmente ocultos e longe do campo visual devido à selva impenetrável das hipóteses modernas, das negações e do ceticismo. Mas felizmente a *verdadeira* História repete a si própria, porque ela avança como todas as outras coisas, em ciclos; e fatos e acontecimentos mortos, deliberadamente afogados no mar do ceticismo moderno, irão subir outra vez e reaparecer na superfície

Em nosso Volume II, o próprio fato de que uma obra com pretensões filosóficas e que é uma exposição dos problemas mais abstrusos precisa começar com um esboço da evolução da humanidade a partir de *Espíritos* que *são* considerados seres sobrenaturais, despertará as críticas mais maléficas. Os que creem na Doutrina Secreta e a defendem terão que suportar acusações no sentido de que são loucos e acusações *ainda piores* com uma atitude tão filosófica, e durante tanto tempo, quanto a autora destas páginas tem feito. Sempre que um teosofista é acusado de loucura, ele deve responder citando

³⁵⁴ Bezerro de ouro - imagem bíblica que simboliza o materialismo e a adoração do dinheiro. (Nota do Tradutor)

³⁵⁵ O ditado “*vox populi, vox Dei*” significa “a voz do povo é a voz de Deus”. (Nota do Tradutor)

³⁵⁶ *Revue des Deux Mondes*, 1865, pp. 157 e 158. (Nota de H.P. Blavatsky)

³⁵⁷ As formigas brancas devoram madeira de uma maneira extraordinária. (Nota do Tradutor)

Montesquieu em suas “*Lettres Persanes*”: “Quando oferecem com tamanha frequência os seus asilos de doidos aos seus supostos loucos, os homens apenas tratam de confirmar uns para os outros que eles próprios não estão doidos”.

Final do Volume I.

000

Este ponto da obra corresponde à metade superior da p. **677** do volume I na edição original em inglês, na numeração feita com algarismos arábicos. A numeração arábica começa apenas na abertura do Proêmio, naquela edição. Antes do Proêmio, há 47 páginas iniciais numeradas com algarismos romanos.

Clique para ver a Abertura da obra, onde estão os links das partes já publicadas de “[A Doutrina Secreta](#)”:

<https://www.filosofiaesoterica.com/a-doutrina-secreta/>

000